

REVISTA CULTURAL

Orpheu
laredes



2025

FICHA TÉCNICA

DIREÇÃO

Alexandre Almeida, Presidente
da Câmara Municipal de Paredes

COORDENAÇÃO

Beatriz Meireles, Vereadora da Cultura
da Câmara Municipal de Paredes

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria Antónia Silva

CONCEÇÃO E PAGINAÇÃO

Tiago Gaspar, Gabinete de Comunicação
da Câmara Municipal de Paredes
Flávio Marques Ribeiro (Dicionário
das Figuras Históricas de Paredes)

COLABORAÇÃO

Daniela Couto

REVISÃO

Cidália Pacheco Neto Geada

PROPRIEDADE

Pelouro da Cultura,
Município de Paredes,
Parque José Guilherme 4580-130
Paredes
Telefone 255 788800
cmparedes@cm-paredes.pt

IMPRESSÃO

Gráfica de Paredes, Lda

DEPÓSITO LEGAL

452562/19

ISSN

2975-8653

TIRAGEM

1000 Exemplares

CAPA

Acácio Viegas, vencedor do Prémio de
Artes Plásticas Henrique Silva

CONVIDADOS

A.fe.
Acácio Viegas
Adolfo Barros
Adriano Rocha
Agostinho Santos
Aires Montenegro
Alberto Péssimo
Albino Brito
Alda Neto
Alexandra Micaela Duarte
Alexandre Almeida
Alexandre Rola
Américo Castro

Ana Azélio
Ana Maria Fernandes
Ana Neves
Ana Sofia Nunes
Ana Viegas
Anabela Machado
André Furtado
Ângelo César Neto
António Aresta
António Assunção
António Barbosa Pacheco
António Cabral Pinto
António Costa
António Luís Crespi
António Macedo
Artur Penedos
Artur Pereira da Silva
A. Sinai
Ayra Matir
Balbina Mendes
Beatriz Meireles
Belmiro Sousa
Benilde Gaião
Bernardo Santos
Bianca Tavares
Branca Mendes
Bruna Magalhães
Carlos A. Barros Castro
Carlos Almeida
Carlos Ferraz
Carlos Moura
Celeste Ferreira
César Martiniano
Cláudia Passarinho
Cristiano Marques da Costa
Dalila D'Alte
Daniel Bastos
Daniel Lemos
Diana Gonçalves
Diogo Goes
Donzília Martins
Dulce Barata Feyo
Eduardo Alberto Correia Ribeiro
Eliana Penedos
Elisa Leal
Elisabete Bárbara
Elisabete Brito
Eva Mota
Felícia de Sousa
Fernanda Araújo
Fernanda Cunha
Fernanda Pereira
Fernando Leão
Fernando Pereira
Fernando Santos
Filomena Campos
Filomena Silva
Gabriela Frade
Henrique Coelho
Henrique de Jesus Leite
Henrique do Vale

Hugo Vasconcelos
Inês Cardoso
Inês Margarida
Isabel Alves Pereira
Isabel Patim
Isabel Ponce Leão
Jiôn/Kiim
João Gonçalves
João Luís Durães
João Vieira
Joaquim Costa
Joaquim Régio Lopes
Joel Ribeiro
Jorge Campos
Jorge Coelho
José Albano
José Borges
José Carlos Barbosa
José Cunha
José da Silva Rodrigues
José Mendonça Costa
José Moreira
José Moreira e Família
José Pedro Leite
José Queiroga
José Rosinhas
José Valle Figueiredo
Juan Nordlinger
Júlio Rodrigues
Kravchenko
Lara Reis
Laura Guimarães
Levi Guerra
Lino Fernandes
Luís Aguiar
Luís Ângelo Fernandes
Luís Filipe Barbosa
Luís Lourenço
Luís Miguel Leão
Mafalda Rocha
Manuel Abranches Soveral
Manuel Fialho
Manuel Mota
Manuela Ruão
Margarida Negrais
Margaz
Maria Albertina Matos
Maria Ana Horta
Maria Antónia Jardim
Maria Antónia Silva
Maria Cândida Costa
Maria Eduarda Silva
Maria Ilda Figueiredo
Maria Isabel Ferreira
Maria Lamas
Maria Rosalina Santos
Maria Victória Figueiredo
Mariana Machado Silva
Mariana Moreira
Miguel Correia
Miguel Gomes

Miguel Neves Oliveira
Nassalete Miranda
Natália Félix
Nazaré Rosendo
Nelson Carvalho
Norberto Ribeiro
Norberto Valério
Nuno F. Silva
Nuno Higinio
Nuno Serra
Olesya Mohosh
Olinda Loureiro
Olinda Ribeiro
Orlando Castro
Patrícia Pinto
Paula Barbosa
Paula Silva
Paulo Costa
Paulo Machado
Rafael Borges
Raquel Silva
Rúben Zacarias
Rui Ferreira
Rui Guedes
Salomé Santos
Sara Leal
Serafim Ferreira
Sérgio Mendes
Sérgio Raimundo
Sílvia Sá Pinto
Sofia Minfen Zhang
Sónia Duarte
Susana Nunes
Telmo Ferraz
Teresa Carvalho
Tiago André Magalhães
Tiago Sousa
Tomás Guedes
Vanda Cardeal
Vasco Santos
Vitor Moreira
Volker Schnuttgen
Xosé M. Salgado Mosquera
Zeferino Silva
Zulmiro de Carvalho

* Os textos são da
responsabilidade dos
autores, que podem
não seguir as normas do novo
acordo ortográfico.

2 • ESTAMOS ALEGRES MAS DE FORMA ALGUMA
4 • SETE ANOS DE CAFÉ LITERÁRIO
7 • E SE AS HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS PASSASSEM A SER DE LEITURA OBRIGATÓRIA PARA OS ADULTOS?
9 • HORA DO CONTO: UM ANO DE HISTÓRIAS NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE PAREDES
10 • DIVISÃO DA CULTURA E TURISMO - ELOGIO À LIBERDADE
12 • 500 ANOS DE LUÍS VAZ DE CAMÕES • CONFERÊNCIA LUÍS DE CAMÕES, 500 ANOS DEPOIS
14 • CAMÕES E COUTO: O ENCONTRO HISTÓRICO NA TORNA-VIAGEM PARA O REINO
19 • O PAPEL E IMPORTÂNCIA DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS
20 • CAMÕES NA ESCOLA
22 • EXPOSIÇÃO DE PINTURA E DOCUMENTAL: OLHAR, PENSAR E ASSINALAR CAMÕES
23 • O QUINGENTÉSIMO ANO DO NASCIMENTO DE CAMÕES
24 • OS LUSÍADAS NA FIGURAÇÃO DE LEVI GUERRA
25 • UM OLHAR PRÓXIMO • DIA DO AUTOR PORTUGUÊS: CAMÕES
26 • LUÍS DE CAMÕES
27 • TEMPO DE ASCENSÃO E GLÓRIA
28 • A VIDA DE CAMÕES PELA PENA DE MANUEL DE FARIA E SOUSA
29 • SE, DEPOIS DE EU MORRER, QUISEREM ESCREVER A MINHA BIOGRAFIA, NÃO HÁ NADA MAIS SIMPLES: NEM AS DATAS TEM
30 • LER OS LUSÍADAS AOS JOVENS DE HOJE, UM DESAFIO?
31 • 100 ANOS MÁRIO SOARES: O PAI DA DEMOCRACIA PORTUGUESA
33 • 50 ANOS, 25 DE ABRIL DE 1974
38 • PRÉMIO LITERÁRIO ANTÓNIO MENDES MOREIRA • EFEITOS SECUNDÁRIOS
40 • AS CINZAS DA LIBERDADE DO PADRE MARCOS ARAÚJO
43 • A VELHA LOUCA
45 • ABRIL ESTÁ NA RUA
47 • DESPERTAR NA REVOLUÇÃO
49 • PRÉMIO ARTÍSTICO HENRIQUE SILVA
51 • COMUNICAR ATRAVÉS DA ARTE
54 • EXPOSIÇÕES 2024
55 • EXPOSIÇÃO ARTISTAS VALE DO SOUSA
58 • WORKSHOP PATRIMÓNIO E PINTURA: SETE ANOS • ENCONTRO COM A ARTE NA TORRE DOS ALCOFORADOS
60 • ORPHEU PAREDES SOCIAL
61 • INCLUSÃO SOCIAL PELA CULTURA
62 • PRIMAVERA FESTIVAL DA FLOR 2024
64 • AMIGOS DA CULTURA DE PAREDES
66 • DESCOBRIR PAREDES: REDES DE PERCURSOS
67 • PROMOÇÃO DO TURISMO EM FEIRAS
68 • BIENAL INTERNACIONAL DAS ARTES EM MADEIRA DE PAREDES
70 • DISCURSOS, NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES DAS ARTES EM MADEIRA - VISITAS GUIADAS 'PATRIMÓNIO, MADEIRA E ENOTURISMO'
72 • VIII ESPALHAR MAGIA POR PAREDES
74 • CALENDÁRIO DO ADVENTO: ALGUNS POEMAS
78 • MEMÓRIAS DO CENTRO PORTUGUÊS DE NYCKELHARPA - PAREDES
80 • YOUNG GUITAR MASTERS PAREDES: UMA JORNADA MUSICAL DE EXCELÊNCIA

82 • MEMÓRIAS DA NOSSA TERRA
84 • CULTURA NUM MINUTO
86 • APONTAMENTOS DA NOSSA HISTÓRIA: A MINA DE ESTANHO DE REBORDOSA
88 • CHAMINÉ INDUSTRIAL DE CRISTELO: CONTRIBUTOS PARA O SEU ESTUDO
90 • ADÉLIA COELHO DE BARROS: UMA POETISA PAREDENSE
94 • O LUGAR DO CRUZEIRO, ANTIGA SEDE PAROQUIAL DE BITARÃES?
95 • ALBERTO LEAL COELHO BARBOSA (1876-1927) - CONTADOR DA COMARCA DE PAREDES
97 • UMA RIVALIDADE FUTEBOLÍSTICA NA VILA DE PAREDES: ONZE ESTRELAS FUTEBOL CLUB PAREDENSE E UNIÃO SPORT CLUB DE PAREDES
101 • TRILOGIA DO MÊS: UMA PEÇA! UM DOCUMENTO! UM LIVRO!
102 • TREMOÇOS: FITOGEOGRAFIA DO GÉNERO LUPINUS
106 • ETNOGRAFIA: OS SILLEIROS DE TÓRDEA, UNHA DESCONHECIDA TRADIÇÃO DO MOBLE NA GALIZA
108 • HÁ MUITO POR SABER SOBRE A CARQUEJA E AS NOSSAS CARQUEJEIRAS!
114 • HISTÓRIA: A ICONOGRAFIA MUSICAL NO CONCELHO DE PAREDES: ASSUNÇÃO E COROAÇÃO DA VIRGEM PELA SANTÍSSIMA TRINDADE, NA CAPELA-MOR DA IGREJA DE SÃO CRISTÓVÃO DE LOUREDO
117 • ENTRE LOUSADA E PAREDES (PARTE I) SACERDOTES, PARÓQUIAS E LEGADOS
120 • PATRIMÓNIO: CAPELAS DE CASTELÕES DE CEPEDA: CAPELA DE NOSSA SENHORA DA GUIA (PARTE II)
122 • IGREJAS E CAPELAS: A MARCA DOS BRASILEIROS DE TORNA-VIAGEM EM PAREDES E NOUTRAS LOCALIDADES
128 • MOSTEIRO DE SANTO ESTEVÃO DE VILELA, PAREDES: UM LUGAR COM HISTÓRIA. UM PATRIMÓNIO A REDESCOBRIR
131 • PERSONALIDADES: LEONARDO COIMBRA E ASTROMIL
133 • DANIEL FARIA E ANTÓNIO RAMOS ROSA: O SILÊNCIO DOS POETAS
136 • PAREDES - DO ABSOLUTO DA TERRA EM DANIEL FARIA
140 • DIA DE CONCERTO
142 • APOTEGMA
143 • A VELHA LUZ
145 • POESIA E IA: UM ESTUDO HÍBRIDO
150 • SOU
151 • PRAIA NOVA
152 • TITO, O ENGENHEIRO DE CARRINHOS DE ARAME
153 • CARTAS A UMA MÃE AUSENTE (II)
154 • "BEM-TE-VI..."
155 • E HAVIA MULHERES IMPERECÍVEIS
156 • SEM TÍTULO
157 • MENINO REI
158 • COM POEMAS TUDO SE ACENDE
159 • ENTRE SILÊNCIO E CHAMA
160 • SÃO NÓMADAS
161 • LIVROS
162 • QUERO VIVER NO SOL DAS SEARAS
163 • CASA DA LUA FEITICEIRA
164 • OS DESÍGNIOS DA NUDEZ
167 • PARTISTE SEM AVISAR. ...
168 • SOZINHOS NO DESEJO
169 • SEM TÍTULO
170 • 25 DE ABRIL, TUDO A COMEMORAR!
171 • POEMA AO CUIDADOR
172 • SÍMBOLOS HERÁLDICOS DE REBORDOSA



Foto: Gabinete de Comunicação, Município de Paredes

A edição de 2025 da Revista Municipal – Orpheu Paredes está ainda muito marcada pelas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril de 1974.

De qualquer forma, outro tema muito presente são as comemorações dos 500 anos do nascimento de Camões, que arrancaram em 2024 e vão até 10 de junho de 2026.

Celebrar Camões é enaltecer o orgulho nacional, mas também a responsabilidade de continuar a honrar a nossa língua, a nossa cultura, a nossa identidade.

Nas páginas da “Orpheu Paredes” foi uma vez mais dada a oportunidade a vários artistas e autores, mais ou menos conhecidos de honrar a nossa língua.

A Orpheu Paredes continua a ser um espaço de convívio entre autores consagrados e autores desconhecidos.

Uma vez mais, a Orpheu Paredes de 2025 ilustra para a posterioridade muito do trabalho cultural desenvolvido durante o ano de 2024.

O ano de 2024 ficou também marcado pela inauguração do novo espaço cultural de referência em Paredes – o CCP – Centro Cultural de Paredes. Desde outubro de 2024 que os três novos espaços deste equipamento cultural têm trazido uma nova dinâmica cultural ao Concelho de Paredes. Foram realizados nestes espaços concertos musicais, peças de teatro, concertos de orquestras musicais, seminários, galas, etc.

Como o primeiro ano de programação completa neste novo equipamento cultural de excelência só será em 2025, a Revista Orpheu Paredes de 2026 será muito centrada na nova vida cultural que este novo equipamento trouxe a Paredes.

Alexandre Almeida

Presidente da Câmara Municipal de Paredes

ESTAMOS ALEGRES MAS DE FORMA ALGUMA

Beatriz Meireles, Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Paredes

Tenho sido Vereadora da Cultura de Paredes desde outubro de dois mil e dezassete, faz este ano oito anos. Na altura, tinha trinta e dois anos, alguma ingenuidade e um comprometimento igual ao de hoje, querendo ajudar a mudar o mundo e também Paredes. De alguma forma, estou certa de que ajudámos, e muito, a transformar, eu transformei-me ao longo deste processo. Falo agora positivamente no plural, já que ninguém consegue alterar nada sozinho, como eu não o fiz, mas sempre fui levando o barco por águas ora mais serenas, ora mais agitadas.

Para cumprir o desiderato, entre outros projetos, nasceram dois bastante importantes, pois permitiam-nos despertar nos nossos munícipes e visitantes, outrora adormecidos, a consciência crítica, para além do gosto pela escrita e pela leitura, o conhecimento da nossa história e raízes: a revista cultural, Orpheu Paredes, lançada sempre nos aniversários do Café Literário.

Assim, em março de dois mil e dezanove, nasceu a Orpheu Paredes, uma nova geração de cultura, nova no sentido de querermos conquistar terreno nunca dantes conquistado, pois havia escasso público cultural, para não dizer praticamente inexistente, mas mantinha-se uma geração velha de valores e princípios que nos nortearam, cuja identidade, património cultural material e imaterial estiveram sempre subjacentes às decisões.

Para além de todos estes objetivos, a revista cultural prestou contas do trabalho por nós realizado em conjunto, agradecendo, com justiça e incentivo, aos Amigos da Cultura de Paredes, aos autores, aos poetas, aos artistas,

aos historiadores, aos investigadores, aos colaboradores...

Mas, como, nas palavras de um dos nossos, "é preciso começar a ler logo de manhã. As palavras estão a nascer é preciso ver-lhes o crescimento. É assim na minha aldeia | às tardinhas | o sol vai adormecendo em sabedoria", pouco antes de sermos infligidos pela pandemia, trouxemos, em março de dois mil e vinte, a lua brilhante de Ricardo Reis, continuando a pôr o que somos no mínimo que fizemos e fazemos. Quando nos apareceu também uma carta, uma espécie de Jane Austen, apaixonada, então pedi que continuássemos a criar o mais bonito jardim que alguma vez Paredes teve!

Com os três anos de aniversário do Café Literário e da Revista Cultural Orpheu Paredes, no ano de dois mil e vinte e um, viveu a luz das palavras, mas vivemos nós, que recusámos viver adormecidos, criámos uma programação cultural em casa e, sempre que possível, de forma presencial, adaptando-se os projetos à realidade pandémica. Fizemos coisas realmente extraordinárias, descobriu-se ainda mais Paredes e, corajosos, brandos, estivemos à frente de muitos Municípios que ficaram realmente estacionados. Nós não, mostrámos o enorme poder coletivo da ternura humana, da insubmissão, da entrega às causas, que



Duas Árvores
José Queiroga
Tinta da China s/ papel

também é esta, fazendo um programa em direto, inédito, para a apresentação desta singela revista cultural.

Continuou a operar em nós a revigorante transformação por caminharmos bem mais acordados, apenas para não vivermos adormecidos, atormentados pelas pestes das nossas mentes, sem expetativas, sem conhecimento, sem pensamento, obstaculizados pelo medo absurdo de perdermos, de não conseguirmos.

A nossa responsabilidade coletiva fez-nos conseguir, uma vez mais. Pelo quarto ano do Café Literário, a revista cultural Orpheu Paredes saiu, em dois mil e vinte e dois, e com ela trouxe as flores do nosso jardim, recuperado da pandemia. Ousámos exaltar Sophia de Mello Breyner Andresen e afirmar, convictos, que estávamos realmente a construir o mais belo jardim que alguma vez Paredes teve, com a dedicação de todos, havia muitas magnólias, jasmims, rosas, jacarandás, tulipas, gladiolos, cravos e camélias, de uma paleta de tons intermináveis.

Voámos longe, muito longe, como as andorinhas, repousámos como borboletas no ano de dois mil e vinte e três. No quinto aniversário do Café Literário, na revista cultural Orpheu Paredes, conseguimos ver as meninas de verde do meu sonho, erámos e somos muito maiores, trouxemos até nós pessoas com dedicações culturais mais profundas que nos ensinaram imenso. Vestidos e vestidas de verde celebrámos o sacrifício, a dedicação, a criatividade, o talento ou a genialidade, pois foi sempre com nitidez e coerência, não ao de leve como quem manda o vento embora, que analisámos os nossos erros, o nosso trabalho, mesmo quando era muito acima da capacidade humana.

Deambulámos até dois mil e vinte e quatro. Herdámos mais um cravo vermelho das mãos de abril, no ano em que se comemoraram cinquenta anos da revolução, a sexta edição da Revista Cultural Orpheu Paredes, no sexto aniversário do Café Literário, defendendo-se democráticos e legítimos valores culturais e humanos, colocando na cultura todo o poder e o futuro.

Em seis anos, éramos mais, somos muitos mais, centenas e centenas de pessoas, cada uma delas especial à sua maneira, com histórias, percursos e origens diversos, das freguesias do concelho, do país ou do mundo, pois a Orpheu Paredes procurou e conseguiu a expansão à lusofonia, prova disso é a origem dos candidatos atuais aos Prémios de Artes Plásticas, Henrique Silva, ou Literário, António Mendes Moreira.

Algumas vezes, para não vivermos adormecidos e nada autênticos, tenho de vos

confessar, tivemos muitos pesadelos vivos, cuja voz oprimida é, aos poucos, descoberta pela luz. A insubordinada mão que pintou as ilustrações desta Revista é a salvação do artista, a insubordinada mão que escreve é a minha salvação e a vossa, a voz suplicante que, por fim, nos transporta para o lado da luz, para o lado bom.

Com sublimação, crescemos e vivemos talvez para sempre nas páginas da sétima revista, na memória do sétimo aniversário do Café Literário, entre a luz e a sombra destas três árvores, à custa da mão de abril e de todos os outros meses dos quase oito anos. O poema foi sempre resistindo ao naufrágio, tamanha a nossa maior força, o poder da sensibilidade. Nas palavras das três Marias, Isabel Barreno, Teresa Horta, Velho da Costa, nas Novas Cartas Portuguesas, “estamos alegres mas de forma alguma”, há sempre mais árvores a plantar e mais mar a navegar.



Árvore
José Queiroga
Tinta da China s/papel

2018

AIRES MONTENEGRO
NUNO SILVA
IVO RAFAEL
RUI GUEDES
DONZÍLIA MARTINS
JOSÉ ORLANDO ROCHA
SERAFIM FERREIRA
FERNANDA DE QUEYROZ

2019

MARISA PEDROSA
MADALENA OLIVEIRA
LINO AUGUSTO TAVARES DIAS
ADELINO GOMES
MANUEL ANDRADE
TIAGO SÁ BALÃO
ANA DAMIÃO
ANA MARIA FERNANDES
ROSÁRIO PESTANA
IGNÁCIO PIGNATELLI

2020

ZEFERINO SILVA
ANTÓNIO ASSUNÇÃO
ANTÓNIO ARESTA
GRACINDA RAMOS
CARLOS ALBERTO DIAS
AUGUSTO FILIPE GONÇALVES
SÍLVIO SILVA
SÍLVINA CONCEIÇÃO RODRIGUES
JÚLIO A. B. FERNANDES

2021

VÍTOR HUGO MOREIRA
JOÃO VASCONCELOS
OLÍVIA CLARA PENA
MIGUEL GOMES
EMANUEL MENDES
RICARDO BARBOSA
RUI PINTO FERREIRA
MARIA IRENE MENDES MOREIRA
JORGE LAGE
GUILHERME FIGUEIREDO

2022

NUNO HIGINO
JORGE CASTRO
ORLANDO CASTRO
SÓNIA FERNANDES
MARIA CECÍLIA BARBOSA
PEDRO MOREIRA
NORBERTO RIBEIRO
MARISA PEDROSA
RUBEN ZACARIAS
AGOSTINHO SANTOS
ANDRÉ FURTADO
AURELINO COSTA

2023

VALTER HUGO MÃE
TIAGO SOUSA
AUGUSTO CANETAS
JOÃO MANUEL RIBEIRO
NASSALETE MIRANDA
RAQUEL PATRIARCA
JOSÉ RUI TEIXEIRA
ELENA MIGUÉIS
ILDA FIGUEIREDO
MARIA ANTÓNIA JARDIM

2024

GONÇALO M. TAVARES
MARIA MANUELA AGUIAR
SÉRGIO LIZARDO
MARIA JOÃO CASTRO
RODRIGO COSTA
SUSANA PAIVA
RICARDO BOLÉO
MARGARIDA NEGRAIS
MIGUEL CORREIA
PEDRO MATOS SOUSA
ANDRÉ RUBIM RANGEL
RUI LUZES CABRAL

JOSÉ PEDRO SOARES
NUNO F. SILVA
JORGE BRAGA
RUI COUCEIRO



Gonçalo M. Tavares (janeiro 2024)



Manuela Aguiar (fevereiro 2024)



Sérgio Lizardo (março 2024)



Maria João Castro (abril 2024)



Aniversário (maio 2024)



Aniversário (maio 2024)



Aniversário (maio 2024)



Rodrigo Costa (junho 2024)



Susana Paiva (julho 2024)



Ricardo Boléo (setembro 2024)



Margarida Negrals (outubro 2024)



Maratona - Miguel Correia (novembro 2024)



Maratona - Pedro Matos Sousa (novembro 2024)



Maratona - André Rubin Rangel (novembro 2024)



Maratona - Rui Luzes Cabral (novembro 2024)



Maratona - José Pedro Leite (novembro 2024)



Maratona - Nuno F. Silva (novembro 2024)



Maratona - Jorge Braga (novembro 2024)



Rui Couceiro (dezembro 2024)



João da Silva (janeiro 2025)

E SE AS HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS PASSASSEM A SER DE LEITURA OBRIGATÓRIA PARA OS ADULTOS?

Elisabete Brito, Autora

E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar?

José Saramago, em *A maior flor do mundo*

A leitura é um instrumento fundamental para qualquer pessoa e um exercício humano intrincado.

A etimologia latina, *legere*, supõe a capacidade de colher, mas envolve igualmente, e principalmente, a habilidade de eleger o que conduz ao exercício de julgar e de intervir (Nascimento, A., 2006). A leitura é diálogo e um ato de criação permanente, em que o indivíduo concebe e reproduz o seu sentido do mundo, esboçando a sua personalidade enquanto leitor.

Afinal, **ler é uma relação, de dentro para fora**, muito mais do que apenas um descodificar de palavras. É uma atividade que envolve uma relação profunda entre o leitor e o texto, uma troca de experiências e significados que podem transformar a forma como percebemos o mundo.

A maior flor do mundo, de José Saramago, tem uma forte mensagem, para qualquer idade, do poder do amor, da dedicação e da entrega quando nos conta, de modo muito simples, a história de um menino, cansado dos mesmos lugares de sempre, que rumo ao desconhecido e aí encontra uma flor que decide salvar. Nessa simplicidade acontece o imprevisível. As histórias que José Saramago refere serem para crianças devem ter esta simplicidade, sem deixarem de falar de tudo, mesmo dos temas mais complexos e profundos, de forma acessível e cativante.

Uma história infantil que só pode ser apreciada por crianças não é uma boa história infantil (Lewis, C. S.). Ela deve, na sua simplicidade, ser envolvente para captar a atenção do adulto.

Aliás, não podemos medi-la pela sua capacidade de entretenimento porque não é disso que se trata; deve envolver, cativar, encantar e inspirar qualquer pessoa de qualquer idade e, conseqüentemente, emocionar. Emoção e fruição são palavras basilares na literatura infantil. A leitura por fruição não tem como objetivo ensinar, mas seduzir. Esta sedução aplica-se a crianças e a adultos, independente-

mente do tema, sem tabus porque as histórias fluem como a vida.

A literatura infantil desempenha um papel fundamental na formação e no desenvolvimento das crianças (sabemos que lhes acrescenta vocabulário, que estimula a linguagem, a imaginação, a criatividade, a compreensão, a memória e que também regula as emoções), mas igualmente os adultos podem usufruir dos seus benefícios. Ela desperta a imaginação, promove e transmite valores e lições de vida e, acima de tudo, torna-nos mais humanos. As histórias infantis deveriam ser lidas e relidas pelos adultos, sendo esta uma forma de recapturar a pureza e a essência da infância, assim como a criatividade, a imaginação, inspirando-os para explorarem novas formas de pensar e de ver o mundo.

Além disso, permite ainda o desenvolvimento da empatia. Muitas são as vezes em que nos deparamos com mensagens de tolerância, de respeito e de bondade, que permitem o incremento da empatia e da compreensão para com os outros, fundamentais para a construção de um mundo mais justo e solidário. Histórias como esta estão repletas de valiosos exemplos e valores basilares, tantas vezes ignorados. Quiçá transformariam tantos pais, professores, líderes e cidadãos. É verdade que muitos adultos se consideram demasiado crescidos para esta literatura. Preconceito deles! Deviam olhá-la como oportunidades de crescimento e aprendizagem, que enriquecem. Afinal, nunca somos demasiado velhos para aprendermos com as histórias que têm sido contadas ao longo de séculos. Quem não gosta de ouvi-las na narração oral pelos exímios contadores ou pela voz de outra pessoa ao nosso lado?

Revisitar estas narrativas permitir-lhes-á enxergar tudo com outros olhos, estimulando a reflexão sobre elementos que tantas vezes negligenciamos. Esta leitura não é apenas um ato de entretenimento, pois permite educar, transmitir valores essenciais e recuperar, internalizando, lições essenciais, que a rotina diária e as responsabilidades crescentes dos adultos teimam em ignorar.

Também estes momentos de leitura entre crianças e adultos permitem a partilha, a proximidade, a criação de

8 laços, restaurando verbos essenciais como parar, escutar, ver e sentir. São instantes de fruição e de relaxamento. Neste caso particular da partilha com a criança, o adulto precisa de dar exemplo lendo porque, tal como disse Benjamim Franklín, “envolve-me e aprenderei”. Mediante esta partilha não aprenderão ambos?

A literatura infantil aborda temas universais como o amor, a amizade, a coragem, a resiliência, entre tantos outros e estas temáticas são transversais a todas as idades, possibilitando, no caso dos adultos, uma reflexão acerca das suas experiências pessoais e, em alguns casos podem acrescentar algum conforto ou orientação. Deste modo, a literatura infantil tem em si uma fonte inesgotável de benefícios para os adultos. É fulcral que estes reconheçam e valorizem a sua relevância não somente para as crianças, mas igualmente para o seu enriquecimento pessoal e intelectual. Esta pode ser uma experiência transformadora para os mais velhos, que têm muito a ganhar com este mergulho neste universo mágico e inspirador porque ler

faz bem à mente e ao coração.

Para tal é fundamental quebrar amarras no pensamento que nos permitem erguer da ignorância.

As histórias “nascem de um mistério que toca a própria imaginação silenciosa” e, assim, temos de “deixar de lado tudo o que nos limita” (Back, Richard, 2023). O que perdemos quando não lemos, neste caso literatura infantil? No sentido daquilo que também defende Michel Desmurget, a resposta é simples: perdemos uma parte substancial daquilo que nos torna humanos. Reitero a ideia que defendi anteriormente na *Carta aos pequenos leitores* de que em cada livro caminham histórias-abraço, histórias-sorriso, histórias-espanto, histórias às avessas, histórias do arco-da-velha, histórias-selva, histórias intermináveis, histórias... As histórias não têm idade. Leiam, contem, deitados, sentados, de pernas para o ar, voem nas asas de cada uma! **Ler é inspirar! Ler é alimentar! Ler é imaginar! Ler é AMAR!**



Lurdes Gonçalves (fevereiro 2024)



Sérgio Firmino Mendes (abril 2024)



Maria Luísa Santos (maio 2024)



Nuno Hígino (junho 2024)



Elisabete Brito (outubro 2024)



Arménio Santos (novembro 2024)



Richard Zimler (dezembro 2024)



HORA DO CONTO: UM ANO DE HISTÓRIAS NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE PAREDES

Paula Silva, Técnica Superior na Biblioteca Municipal de Paredes

A Biblioteca Municipal de Paredes tem sido um lugar de encontros mágicos e inesquecíveis com a literatura. No terceiro sábado de cada mês, a “Hora do Conto” transforma o espaço numa verdadeira festa da imaginação, reunindo crianças e adultos em torno de histórias que encantam, ensinam e provocam reflexões.

Desde setembro de 2023, este ciclo de histórias tem maravilhado o público sob o tema “Páginas da Imaginação”. A cada encontro, são partilhados contos de autores consagrados e obras menos conhecidas, mas igualmente inspiradoras, criando um universo de descobertas literárias. A iniciativa tem atraído leitores de todas as idades, proporcionando momentos de partilha que transcendem a leitura, fomentando a criatividade e o pensamento crítico.

O ciclo “Páginas da Imaginação” culminou em agosto de 2024, com uma exposição especial que celebrou todo o percurso literário realizado ao longo do ano. A exposição foi composta por trabalhos das crianças, inspirados nas histórias apresentadas durante o ciclo, proporcionando aos participantes a oportunidade de refletir sobre o impacto das narrativas nas suas vidas. Desenhos criativos foram

exibidos, revelando como as histórias contadas durante o ano estimularam diferentes formas de expressão.

Com o encerramento deste ciclo, a Hora do Conto não se despediu, mas sim renovou-se. Em setembro de 2024, teve início o novo tema: “Histórias Encadeadas”. Este ciclo, que se prolongará até agosto de 2025, promete ser ainda mais envolvente, levando os participantes a uma viagem por narrativas interligadas, onde cada conto se entrelaça com o próximo, criando um fio condutor que manterá a curiosidade e o entusiasmo ao longo de todo o ano.

A Hora do Conto na Biblioteca Municipal de Paredes não é apenas um evento mensal, é uma celebração contínua do poder das histórias e da imaginação. Ao longo de cada ciclo, gera-se um espaço para a comunidade se encontrar, dialogar e sonhar, demonstrando como a literatura pode, de facto, aproximar pessoas e transformar vidas.

Se ainda não participou, reserve na sua agenda o próximo encontro e prepare-se para ser transportado para o maravilhoso mundo das narrativas na companhia de outros apaixonados pela leitura. A entrada é gratuita e as portas da imaginação estão sempre abertas!



DIVISÃO DA CULTURA E TURISMO (DINAMIZAÇÃO CULTURAL E TURISMO, PATRIMÓNIO CULTURAL, MATERIAL E IMATERIAL, BIBLIOTECA E ARQUIVO) ELOGIO À LIBERDADE

Maria Antónia Silva, Chefe de Divisão

O Pelouro da Cultura, durante o ano de 2024, não podia deixar de assinalar os 50 anos do 25 de abril de 1974, tendo iniciado logo, a publicação de textos e poemas alusivos ao tema, na revista Orpheu, apresentada em maio desse ano. Mas a importância desta efeméride levou a que as unidades orgânicas deste Pelouro se unissem, na dinamização de diversas atividades culturais e artísticas que decorreram na Casa da Cultura, Loja interativa de Turismo e Biblioteca Municipal. Para celebrarem o espírito de liberdade e democracia associado à Revolução dos Cravos, surgiram: exposições artísticas sobre a personalidade de Mário Soares, sobre a liberdade e livros proibidos; concertos de intervenção e espetáculo com dramatização da liberdade; declamação de poesia, instalação de um mural coletivo e edição de pormenor em serigrafia; edição de um documentário com testemunhos e experiências vivas, edição de um jornal e de um livro com declarações de munícipes e autarcas do nosso concelho, que destacam o percurso histórico da Revolução de Abril. Estas atividades foram projetadas para atingir um público diverso e inclusivo.

No ano em que se celebraram os 500 anos do nascimento de Luís de Camões, o Pelouro da Cultura também se associou a esta efeméride com uma mostra bibliográfica e documental, desenhos e pinturas originais, que procuram dar um rosto ao Poeta e, ainda, uma tarde com conferências. “Os Lusíadas na figuração de Levi Guerra” foi também uma exposição do médico-artista, com reconhecida utilidade cultural e pedagógica.

O dia 8 de maio de 2024 marcou um momento histórico para a Biblioteca Municipal de Paredes, uma vez que passou a integrar oficialmente a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, constituída até à data por 237 bibliotecas em todo o país. Esta integração representa um importante passo na promoção de um serviço público de qualidade, fortalecendo o diálogo e a cooperação entre bibliotecas e garantindo um acesso mais amplo e eficiente ao conhecimento, à cultura e à informação. A 13 de maio de 2024, foi assinado o acordo de cooperação para a constituição da Rede Metropolitana das Bibliotecas Públicas da Área Metropolitana do Porto

(AMP). Este compromisso reflete o esforço conjunto das autarquias para desenvolverem redes intermunicipais de bibliotecas, com o objetivo de elevar as competências de literacia das populações e fomentar o gosto pela leitura, pelo saber e pela cidadania ativa.

A fortalecer a pertença as estas Redes, a Biblioteca Municipal tem desempenhado um papel essencial na promoção da cultura e do conhecimento, adotando uma prática de abertura a cidadãos de todas as idades. Tem garantido o acesso à informação, incentivado o gosto pela leitura, com destaque para o Café Literário que, há sete anos é moderado pela Vereadora do Pelouro da Cultura, Beatriz Meireles, fomentando a interação entre autores e leitores. Além disso, a biblioteca dedica especial atenção ao público infantil com o Café Literário Júnior e a Hora do Conto, que reforçam a proximidade com a literatura, criando momentos de partilha e descoberta que enriquecem a comunidade.

A melhoria da literacia dos cidadãos de todas as idades e condições, incluindo os mais desfavorecidos e vulneráveis, é uma prioridade para o Pelouro da Cultura. A edição de livros preserva a memória de momentos, personalidades, tradições e demonstrações culturais. Assim, foram publicados dois livros infantojuvenis que celebram figuras notáveis do concelho de Paredes. Um deles dá a conhecer Henrique Silva, um dos maiores artistas plásticos nascidos em Paredes, enquanto o outro homenageia Daniel Faria, um dos melhores poetas contemporâneos, natural de Baltar, Paredes. Para o público adulto, foi editada a obra “A História do Teatro de Revista em Paredes”, da autoria de Luiz Oliveira. Este livro perpetua o nome do mentor deste género no concelho, José Mendonça, e valoriza uma tradição cultural enraizada na comunidade paredense. A apresentação desta obra foi na programação das “Noites Negras”, tendo decorrido para crianças, o Halloween na Biblioteca e a revelação dos vencedores do Prémio Literário António Mendes Moreira ao qual concorreram 178 textos e 170 candidatos, provenientes de norte a sul de Portugal, Itália, EUA e Brasil.

Por sua vez, o “Livro da Bienal Internacional das Artes em Madeira de Paredes” reúne e celebra as inúmeras obras de arte criadas no âmbito deste evento, com a participação de artesãos, designers e industriais detentores deste “saber-fazer”, de tradição local. Outras formas de aproximação e de divulgação foram a realização do “Binómio das conversas inclusivas”, o espetáculo “Dentro da madeira que soa”, o seminário das Artes em Madeira e a colaboração com a AMP na concretização do Seminário subordinado ao tema: Património Cultural Imaterial. Inventariar, Preservar e Valorizar, sessão que contou com a presença da Secretária de Estado da Cultura, Maria de Lurdes Craveiro.

Quanto ao Património Cultural assinalou-se o DIMS com uma visita dos Amigos da Cultura ao Castro do Mózinho e ao Castro do Muro de Vandoma, bem como as JEA com a visita orientada à Torre do Castelo de Aguiar de Sousa. Enquanto parceiros do Roteiro das Minas e Pontos de Interesse Mineiro e Geológico de Portugal, participou-se no Encontro Anual na Mina do Lousal, Grândola e acolhemos a exposição itinerante “Mineiro. Um Coletivo”, de São Pedro da Cova.

Ainda associado ao património acolhemos, na freguesia de Sobrosa, a 7ª edição do “Sons no Património” com a participação de Bia Maria, precedida por um périplo às Casas Senhoriais e seus jardins e a experiência de uma desfolhada, degustação de sabores locais e um “recital” de toque dos sinos, verdadeira expressão de património imate-

rial. Pelo património arquitetónico religioso passaram, também, os concertos do Young Guitar Masters e do Centro Português de Nyckelharpa.

Para além da música, a arte, igualmente, esteve associada ao património, tendo decorrido, mais uma vez, o Workshop Património e Pintura, num ambiente medieval do Mosteiro de Cete e da Torre dos Alcoforados.

“Cerâmicas Castrejas da Idade do Ferro de Castros do Concelho de Paredes” foi o título do poster apresentado no colóquio sobre A Cerâmica Castreja na Região do Porto, promovido pelo CERPOR, na Faculdade de Letras da UP e no Museu de Arqueologia do Reservatório do Porto. “Serviços Educativos no Concelho de Paredes: ver, ouvir e mexer” foi o contributo apresentado nas II jornadas de Serviços Educativos promovidas pela Rede de Arquivos do Algarve.

Chegados a dezembro, o programa Espalhar Magia fez-se sentir por todo o concelho, proporcionando momentos de alegria tanto para crianças quanto para adultos. O encantamento começou com passeios de comboio com o Pai Natal. Foi mágico o encontro na Casa do Pai Natal, a animação de rua, espetáculos, música e carrosséis. O calendário do advento poético, as rifas, o concurso de montras e o mercado de Natal contribuíram para animar e fomentar o comércio local. A grande árvore de Natal, iluminada, foi o símbolo da temporada e um ponto de encontro para todos que celebraram o encanto desta época tão especial.



500 ANOS DE LUÍS VAZ DE CAMÕES

Teresa Carvalho, Técnica Superior de Comunicação

No âmbito das comemorações do quingentésimo aniversário de Camões, decorreram na Biblioteca Municipal de Paredes exposições e uma conferência que reuniu um grupo de oradores, que abordaram grandes temas em torno da figura de Camões. Foi moderador de António

Aresta, Professor de Filosofia e teve a participação de Eduardo Ribeiro, Jurista e investigador Camoniano, Nassalete Miranda, Diretora do Jornal As Artes entre as Letras, Daniel Bastos, Historiador da Emigração e Comunidades Portuguesas e Manuel Ferreira Coelho, jornalista.



CONFERÊNCIA LUÍS DE CAMÕES, 500 ANOS DEPOIS

António Aresta, Professor e Investigador

*Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado.
Luís de Camões, Os Lusíadas, X.154*

2024 é ano em que se comemoram os 500 anos do nascimento de Luís de Camões, um pouco por todo o País, mas estranhamente à míngua de iniciativas oficiais com grande envergadura para mobilizar as Escolas e a juventude. E sem esquecer as escolas portuguesas no estrangeiro e as comunidades portuguesas e de luso-descendentes espalhadas pelo mundo.

Parece-nos útil e pedagógico lembrar estas avisadas palavras de Teófilo Braga [um grande camonista, cujo centenário da morte passou discretamente este ano], escritas em 1884 - “o sentimento de veneração é uma das principais forças coordenadoras das sociedades humanas”, porque ao estudarmos a sua vida e a sua obra encontraremos valores

éticos e morais para replicar, uma inteligência fulgurante para apreciar, uma cultura enciclopédica para admirar e uma coragem para emular.

Camões, para além da lenda e da história, é o arquétipo vivo dos Descobrimentos, simbolizando igualmente o arrojo, a temeridade e a capacidade científica e tecnológica de uma nação pequena, que protagonizou uma das mais historiáveis gestas marítimas intercontinentais de todos os tempos.

Luís de Camões tem a sua efígie estampada em notas, em moedas, é patrono de Escolas, tem estátuas em espaço público, o seu nome está em avenidas, ruas ou praças, em prémios, em medalhas e em institutos, em condecorações e, recentemente, soube-se que terá mesmo um aeroporto internacional com o seu nome. Há filmes e documentários dedicados à sua vida aventureira, repartida pelos quatro cantos do mundo. Os exames nacionais de língua portu-

guesa utilizam, frequentemente, poemas seus. Os estudos camonianos são uma floresta com milhares e milhares de títulos e em vários idiomas. As traduções da sua obra também se encontram na esmagadora maioria das línguas. O seu nome está associado ao Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas.

Apesar de tudo, continua a ser mal amado.

É impossível não convocar aqui a terrível objurgatória de Jorge de Sena, intitulada *Camões dirige-se aos seus Contemporâneos*:

Podereis roubar-me tudo:
as ideias, as palavras, as imagens,
e também as metáforas, os temas, os motivos,
os símbolos, e a primazia,
nas dores sofridas de uma língua nova,
no entendimento de outros, na coragem
de combater, julgar, de penetrar
em recessos de amor para que sois castrados.
E podereis depois não me citar,
suprimir-me, ignorar-me, aclamar até
outros ladrões mais felizes.
Não importa nada: que o castigo
será terrível. Não só quando
vossos netos não souberem já quem sois
terão de me saber melhor ainda
do que fingis que não sabeis,
como tudo, tudo o que laboriosamente pilhais,
reverterá para o meu nome. E mesmo será meu,
tido por meu, contado como meu,
até mesmo aquele pouco e miserável
que, só por vós, sem roubo, haveríeis feito.
Nada tereis, mas nada: nem os ossos,
que um vosso esqueleto há-de ser buscado,
para passar por meu. E para outros ladrões,
iguais a vós, de joelhos, porem flores no túmulo.

Jorge de Sena, camonista insigne, apresenta aqui as desventuras, as incongruências, as invejas, o desamor e os desvarios que a vida e obra de Camões sofreram. Mas, segue a pergunta incômoda – Camões é lido e estimado fora dos obrigatórios programas escolares? O épico? O lírico? O dramaturgo? A sua obra não pode ser um pretexto para animar saudosismos políticos e ideológicos, nocivos para a vitalidade ontológica do ser português. Está acima de tudo isso.

Esta singela evocação de Luís de Camões, promovida pelo Município de Paredes, é uma luta contra a indiferença e contra o esquecimento, assenta em três iniciativas complementares: uma pequena mostra bibliográfica, com diversas edições de *Os Lusíadas*, algumas traduções e um feixe de estudos mais significativos; um conjunto de desenhos e de pinturas, originais, em busca do rosto do Poeta; uma conferência, “Camões e Diogo do Couto: o providencial e histórico encontro de ambos em Moçambique na torna-viagem para o Reino”, proferida por Eduardo Ribeiro, magistrado e investigador independente com uma obra de

referência, já publicada, sobre Camões no Oriente.

O grande épico sempre contou com inúmeros admiradores, eruditos fora do circuito escolar, que muito fizeram pela divulgação da sua obra e da sua vida. Na nossa região destacaram-se três grandes camonistas: em Felgueiras, Manuel de Faria e Sousa, em Paredes, António Moreira Cabral e em Penafiel, Zeferino de Oliveira.

E este é o espaço e o tempo apropriados para se fazer uma homenagem a um camonista dedicado, António Moreira Cabral [1833-1911], natural de Cête, em Paredes, um honrado comerciante e um burguês ilustrado, daquela estirpe que Camilo Castelo Branco transplantava para os seus romances.

António Moreira Cabral foi construindo ao longo dos anos uma grande livraria, com mais de sete mil volumes, recheada de preciosidades bibliográficas, avultando entre elas uma magnífica coleção de edições de *Os Lusíadas* [1584, 1597, 1609, 1613, 1626, 1639, 1670 e muitas outras até ao ano de 1910]. Possuía traduções de *Os Lusíadas* em diversas línguas: espanhol, italiano, francês, inglês, alemão, etc. Foi um dos fundadores, em 1880, no Porto, da “Sociedade Nacional Camoniana”, juntamente com o Conde de Samodães, o historiador Oliveira Martins e os professores Augusto Luso e Joaquim de Vasconcelos. António Moreira Cabral publicou diversas obras, entre as quais se destacam: “O Passamento de Camões”, 1888; “O Naufrágio de Camões”, 1889; “A Camões – comemoração ao aniversário 310º do seu passamento”, 1891; “O Regresso de Camões”, 1898. Alguns destes raros espécimes encontram-se expostos neste certame.

Ler Camões e estudar a sua obra é aprender a cultivar e a amar a língua portuguesa e, por arrastamento, o conhecimento pluridimensional da cultura portuguesa.

Os seus contemporâneos não se esquecem da meditação que se pode extrair desta redondilha do grande poeta:

Esparsa Ao Desconcerto do Mundo

Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos;
E para mais me espantar,
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado,
Fui mau, mas fui castigado:
Assim que, só para mim
Anda o mundo concertado.



Sem Título
Alexandra Micaela Duarte
Caneta s/papel
2024

CAMÕES E COUTO: O ENCONTRO HISTÓRICO NA TORNA-VIAGEM PARA O REINO ENCONTRO E CONVIVÊNCIA

Eduardo Alberto Correia Ribeiro, Jurista e Investigador Camoniano

Pouco ou nada saberíamos da biografia de Camões no Oriente se não fosse o encontro do Poeta com Diogo do Couto na ilha de Moçambique, em 1569, que foi, de resto, um reencontro. De facto, já haviam convivido em Goa uns anos antes, naqueles anos que vão da chegada de Couto à Índia portuguesa em 1559, até à partida de Camões para Macau (China) em 1562.

Quando se conheceram em Goa, tinha o nosso Poeta 35 anos, e já havia cumprido os três anos de alistamento compulsivo, de 1553 a 1556, ao passo que Diogo do Couto começava então a sua carreira como soldado, com apenas 17 anos. A diferença de idades era de dezoito anos.

A convivência entre eles não terá durado mais do que três anos (1559-1562) e terá ocorrido apenas nos intervalos das campanhas militares em que o soldado Diogo do Couto esteve envolvido, durante dez anos (1559-1569), como membro da milícia do Estado da Índia. Esses inter-

valos ocorriam, mormente, na chamada época de inverno, que decorria «de maio a finais de agosto». «Fechavam-se os portos, e as tropas navais recolhiam-se em Goa», ficando suspensas as missões militares.

Foram encontros conviviais admitidos por historiadores ou investigadores como Rodrigues Lapa, Maria Augusta Lima Cruz, Rui Manuel Loureiro, Vítor Aguiar e Silva, Costa Ramalho ou Vasco Graça Moura, com base, de resto, no que o próprio Couto deixa entrever na *Década 8ª da Ásia*.

De facto, Luís de Camões e Diogo do Couto foram, em Goa, «matalotes muitos tempos de casa e meza», segundo o cronista, isto é, terão «partilhado a mesma habitação e as mesmas refeições muitas vezes».

É mesmo possível que «nalgum dos colégios ou estabelecimentos religiosos de Goa (jesuítas ou dominicanos) tenham frequentado preleções e/ou estudos que a apetência cultural de ambos, não obstante a diferença de idades, os

faria procurar» (CRUZ, 2011). É óbvio que ambos terão convivido com outros amigos e vivido modestamente, em Goa, «numa dessas repúblicas em que (...) era costume associarem-se os reinóis» (Loureiro, 1997)¹.

Camões em Macau

A partir do momento em que Luís de Camões embarca com o capitão Pero Barreto para Macau, em 1562, nunca mais se terão encontrado, até esse feliz e providencial reencontro na ilha de Moçambique, em maio de 1569. Sete anos sem saberem um do outro!

Não admira, pois, que Camões, provavelmente debilitado e acamado devido a uma daquelas violentas febres provocadas pelo inóspito clima do pouco saudável porto de Moçambique, e sôfrego de gente sua e amiga, mal soube ter arribado à barra a frota de que era capitânia a nau *Chagas* e que trazia a bordo, entre outros, Diogo do Couto e o poeta Heitor da Silveira, mandou ao futuro cronista um soneto² a anunciar a sua presença na ilha e o miserável estado em que estava.³

Como Coimbra Martins aponta, é atitude e são palavras que valem como «comprovação de grande amizade». Revelam prévio conhecimento mútuo que só pode ter sido edificado e consolidado em Goa no período, já mencionado, em que ambos ali conviveram.

Sabemos tudo isto, e o mais que iremos ver, graças a este encontro histórico e a quem dele deu testemunho: Diogo do Couto.

Durante séculos a biografia macaense do Épico esteve envolvida em mistério e salvaguardada apenas pela memória coletiva, passada oralmente de geração em geração. A factualidade foi-se esfumando sem documentação e passou a mera tradição e, mal-pecado, de tão etérea se foi tornando, que passou a ser apontada, erradamente, pela historiografia macaense, como tendo sido nos anos 1550. Não foi.⁵

¹ Uma curiosidade: Luís de Camões ter-se-á cruzado com o pai de Diogo do Couto, Gaspar do Couto, muitos anos antes, quando este, ao serviço do infante D. Luís, filho de D. Manuel I, o acompanhou na expedição de Túnis, em 1535, e aí se distinguiu sendo armado cavaleiro. Enfim, um «fidalgo de fresquíssima data e feito um pouco à pressa», na expressão de Rodrigues Lapa. De facto, segundo a tradição, Luís de Camões, antes de ter ido servir para casa do paço de D. Francisco de Noronha em S. Martinho do Bispo (Coimbra), terá participado, como pajem, no séquito que D. João III enviou a Barcelona, de auxílio à expedição que Carlos V fez vitoriosamente a Tunes.

² *Amado Couto o largo e poderoso/ Ceo por quem todo o mundo he governado/ agora hum golpe tem descarregado/ depois de mil e muy bem dispiadoso. Etc.*

³ CRUZ, I, 1993, pp. 470 e 812, n. 470; II, 1994, p. 199.

⁴ MARTINS, 2001, p. 264.

⁵ Genericamente, são três as hipóteses relativas à estadia do Vate em Macau para a historiografia macaense tradicional: meados de 1556 a princípios de 1558 (Juromenha), fins de julho de 1558 a princípios de 1560 (STORCK) e entre 1557 e 1559 (Teófilo BRAGA) – vd. REGO, 1980, p. 6. Segundo DOMINGUES (1980, p. 383), T. Braga defende 1558 como data-limite porque seria o último ano dos «cinco anos de serviço militar na Índia»!

Por outro lado, até 1567,⁶ ano em que sabemos o Poeta ter seguido com Pero Barreto para Moçambique,⁷ quando Barreto foi assumir a capitania de Sofala e Moçambique, nada se sabia da biografia oriental do Poeta: por onde teria ele andado, o que teria feito de 1560 a 1567? Nada. Um hiato clamoroso.

Ora, é justamente ao reencontro de Couto com Camões em 1569 em Moçambique que devemos poder, com razoável certeza, acertar alguns dados dessa sua biografia oriental. Sem Couto, esse hiato manter-se-ia no limbo da ignorância.

Providência

O curioso é que o encontro entre Couto e Camões tem tanto de histórico como de providencial. De facto, ao fim dos seus dez anos de milícia, o soldado Couto, agora com 27 anos, parte para o Reino na armada de D. Antão de Noronha desejoso de apresentar ao rei o seu *Diálogo do Soldado Prático*, espécie de manual de governança terminada⁸ durante o vice-reinado de D. Antão de Noronha (1562-1564), fidalgo «com quem mantinha um excelente relacionamento pois fazia parte do grupo de fidalgos ‘e outros cavaleiros honrados’ a quem o vice-rei cessante dava mesa».⁹

Neste primeiro diálogo, dos tempos de juventude, otimista e popular, a personagem do soldado prático, isto é, aquele que pratica ou conversa sobre a sua experiência no Estado da Índia, é obviamente uma espécie de *alter ego* de Diogo do Couto, com o qual este almejava obter uma tença régia ou «uma promoção a um melhor posto civil ou militar».¹⁰ Dez anos de milícia ao serviço do Estado da Índia na Ásia deram-lhe a experiência e a *honra*. Contava agora obter a *riqueza* e o *proveito* junto da Coroa.

Acontece que a armada do Vice-rei encontrou *ventos contrários* por alturas do que acharam ser já o Cabo da Boa Esperança e decidiram voltar para trás, justamente a Moçambique, onde chegaram em maio (de 1569), passando aí a invernar.¹¹

E, ao fim de tantos anos, quem é que Couto foi ali encontrar, na nova fortaleza aí construída? O nosso Vate! A exci-

⁶ Pero Barreto deve ter ocupado o cargo em fins de 67 ou inícios de 68...» (CRUZ, Diogo do Couto..., vol. I, p. 812).

⁷ «por querer pô-lo em estado de se poder ir para o Reino por estar muito pobre».

⁸ Interessante a ideia lida em Vila-Santa, cit., de que este primeiro Diálogo possa ter sido uma proposta reformista para o Estado da Índia então a braços com a crise político-militar de 1565-1575, aspeto ainda reforçado pelo facto de em 1568 D. Sebastião, numa das suas primeiras decisões governativas, ter indigitado D. Luís de Ataíde como vice-rei da Índia com uma missão claramente reformista no âmbito da referida crise.

⁹ LOUREIRO, *A Biblioteca...*, p. 59.

¹⁰ LOUREIRO, MARTIN, p. 10.

¹¹ A armada era composta de quatro naus e saíram de Cochim a 2 de fevereiro de 1569 e o «vice-rei assentou com os oficiais retornar a Moçambique» já em maio, depois de passada a ilha de S. Lourenço (Madagáscar) e o Cabo das Agulhas e estarem já naquilo que «o piloto e oficiais afirmavam ser o Cabo da Boa Esperança» (CRUZ, vol. I, p. 465).

16 tação de quererem saber um do outro após tanto tempo decorrido foi tanta que, conta Couto, Camões lhe enviou um soneto onde, desde logo, começa por narrar ao *Amado Couto* as vicissitudes por que havia passado nesses anos, a tal ponto, diz ele, que após um último *tão duro golpe*, seu braço, habitualmente *tão forçoso, jaz agora por terra espedaçado*.

Camões já ali se encontrava desde, pelo menos, janeiro de 1568, tendo ido lá encontrar o forte da Ilha construído, edificado que havia sido em 1558, substituindo Sofala como o centro principal de operações dos portugueses na região. Ora, ambos vão conviver em Moçambique até embarcarem, juntos, na Santa Clara, em novembro de 1569¹². A esses cerca de sete meses de convívio devemos acrescentar os restantes cinco meses de viagem até à chegada a Cascais, em abril de 1570.

Tendo o jovem dialogista embarcado em 1571 de regresso às partes do Oriente, a bordo de um dos navios de D. António de Noronha, o 11º vice-rei da Índia (1571-1573)¹³, não é insensato pensar que, durante esse mais um ano, dialogista e poeta tenham continuado a conviver nas «tascas da Ribeira e do Mal Cozinhado à beira do Tejo, onde há vinho e sardinhas assadas»,¹⁴ como sabemos ter feito com Fernão Mendes Pinto e Luís Franco Correia «numa taberna que havia ao fundo da rua onde morava» o Poeta, segundo o testemunho deste último, um dos três velhos veteranos do Oriente.

Troca de informações: o Primeiro Soldado Prático

Ora, está visto que durante esse tempo de são e amigável convívio, puseram-se acordados sobre as novidades de um e do outro acerca dos anos de ausência e, felizmente, é disso que Couto se faz eco para a posteridade, a começar logo pelo *Diálogo do Soldado Prático* que leva consigo para apresentar ao rei.

Muitas décadas depois (1615/1616), quando narra os feitos dos portugueses, na *Década 8ª da Ásia*,^{15 16} não deixa

de mencionar a desventura da armada onde segue para o Reino,¹⁷ a começar pela do próprio Vice-rei, que morre antes de retornar a Moçambique,¹⁸ e o reencontro, nessa feitoria, com o seu confrade de tertúlias e ideias, Luís Vaz de Camões.

Mas comecemos por avaliar o testemunho de Couto nesse primeiro *Soldado Prático* (1569),¹⁹ plasmado no capítulo 25, dedicado à China. No capítulo 25, imagine-se, quase a fechar!

O tema do Diálogo é a de um experiente soldado, veterano da Índia, em conversa com um vice-rei, sem conhecimento da Índia, prestes a partir para a sua alta missão no Oriente. Falam da jornada, da armada, da nau, dos homens, de pilotos, de costumes, do que é costume fazer-se, de como é melhor proceder, dos religiosos, do registo geral chamado Matrícula, dos fidalgos, do hábito do nepotismo dos antecessores, das finanças, do físico-mor, etc., etc.

«Sempre com a mesma segurança de um assunto ao outro, o soldado fala com desassombro que chega às raíais da insolência, se não da provocação».²⁰

Prosseguem o diálogo abordando temas como os inimigos do Estado (a questão da expansão no Achém, o Turco em Baçorá, a precariedade das nossas posições no Ceilão), a força naval na Índia, a expedição regular da carga de pimenta, a necessidade de trocar Goa por Baçaim, a posse de Damão, a corrupção que o trato provoca nos homens e, pior, a generalização dele no próprio Estado, etc, etc.

¹⁷ Na versão Porto/Madrid (versão extensa) a narrativa termina em Moçambique com o episódio sobre Luís de Camões e é completada com a *versão resumida* que descreve o final da viagem, ou seja, o percurso de Moçambique a Portugal. (CRUZ, vol. II, p. 195.)

¹⁸ A *Década 8ª* é clara: «e chegando a Moçambique foi desembarcado com pompa funérea com a irmandade da Misericórdia, com os frades de S. Domingos e clérigos da sé, o capitão da fortaleza Pero Barreto e todos os fidalgos da armada...». Não é aceitável dizer-se, como vi escrito, que «ainda antes da chegada a Portugal, Diogo do Couto e Camões assistiram ao falecimento a bordo de D. Antão». O vice-rei faleceu a bordo antes de retornar a Moçambique, o corpo deitado ao mar, e o braço direito, cortado pelo cotovelo, enterrado em Nossa Senhora do Baluarte, e ali ficou numa cova coberta com veludo preto até o tornarem a embarcar para o Reino» (Déc. 8ª, v. extensa, vol. I, pp. 466-467)

¹⁹ A primeira versão do *Soldado Prático* é o primeiro escrito de Diogo do Couto. Não alcançou publicação em sua vida, mas circulou manuscrita na Ásia e no Reino e teve grande sucesso. O segundo Diálogo, editado em 1790, é o mais conhecido. Sendo ambos «duas obras distintas, aparentadas no tema, diferentes em estilo e talvez também no objetivo», o primeiro Diálogo teve uma edição parcial, com extratos tirados por cópia, intitulado *Poder dos inimigos, ou o risco dos empregos públicos*, edição de Luís Pinto de Andrade Varela (Lisboa: impressão régia, 1811), e só veio a ser revelado pela investigação de Coimbra Martins que, na sua edição do mesmo, dado à estampa em 2001, optou pela designação de *O Primeiro Soldado Prático* e o restituiu, «como obra autónoma, à bibliografia coutiana», com a «vantagem de indicar a prioridade da redação, sem despojar o segundo diálogo do título consagrado pela tradição literária» (MARTINS, p. 19).

²⁰ MARTINS, *O Primeiro...*, p. 22.

¹² «Não deixa de ser curioso notar o facto de, numa mesma viagem, dois soldados terem sido portadores de textos tão importantes como os manuscritos d'*Os Lusíadas* e o do *Primeiro Soldado Prático*, este último o diálogo que, desde 1563, Couto viera escrevendo nas horas vagas» (CRUZ, 2011). «Frutos da Índia levados de presente ao rei de Portugal», no dizer de Coimbra Martins.

¹³ D. António de Noronha nomeou-o à chegada feitor dos armazéns de Goa e tinha o hábito de se aconselhar com ele de matérias políticas (Couto, *Década 9ª*).

¹⁴ COUTO, 2003, p. 166.

¹⁵ «A *Década 8ª* é aquela que cobre a história dos sucessos dos portugueses na Índia de meados de 1564 a meados de 1571» (CRUZ, 2011, p. 135) e contém a referência à viagem que o cronista fez da Índia para Lisboa em 1569, a mesma que trouxe o Poeta de regresso à Pátria a partir de Moçambique.

¹⁶ Terminada em 1614-1615, terá sido iniciada em 1608. O próprio cronista nos dá conta de ter sido furtada em 1615, nunca tendo sido encontrado o original. O que chegou aos nossos dias foi a versão resumida, publicada em 1673, e duas versões manuscritas (códices Porto/Madrid), uma de 1917 e a outra de 1971, cada qual designada por versão extensa da *Década 8ª*, ambas contendo «passos relevantes sobre a vida e a obra de Luís de Camões» (CRUZ, 1994, vol. II, p. 195).

Antes de terminar com uma edificação moral do vice-rei, o dialogista surpreende o leitor com uma menção do Celeste Império, falando da inconveniência do atrativo da China, explicando que não devem os portugueses fazer assento em porto daquele Império. Ora, tendo o soldado Diogo do Couto, ora dialogista, desenvolvido «sobretudo atividades de caráter bélico por toda a costa ocidental do Indostão», ²¹ nunca tendo, sequer, atingido Malaca, percebe-se que o que o Soldado diz sobre a China nesse capítulo 25 não vem diretamente da sua experiência pessoal, do dialogista, mas antes de testemunho de outrem, de alguém com quem se cruzou.

Não é tanto o Soldado dizer que a China é agora «um valha-couto dos tocados da enfermidade da Santa Inquisição», ou mostrar preocupação que «daqui a poucos tempos a Índia será China», isto é, que «o país a que os Portugueses afluirão será a China e não mais a Índia», ²² não!

O que espanta são detalhes como o da identificação do «capitão-mor» que «se achou em um Domingo com seiscientos homens ouvindo missa», em traje de ver a Deus, com «capas de escarlata», em «um porto da China», de tal modo que o editor de *O Primeiro Soldado Prático*, António Coimbra Martins, em 2001, não teve dúvidas em anotar os seguintes comentários:

que «o capitão-mor» «João Barreto» não é «João», «está escrito João em vez de Pero», «por lapso do copista», pois «a personagem em apreço» «seria Pero Barreto Rolim, muitas vezes designado apenas por Pero Barreto», e que o mencionado «porto da China trata-se de Macau certamente». ²³

Mas o detalhe do informe do Soldado do Primeiro Diálogo não acaba aqui, pois chega a mencionar a existência de uma «embaixada de Sua Alteza ao Rei da China para assentar paz», só podendo essa embaixada ser, na opinião de Coimbra MARTINS, a de Gil Góis, cunhado de Diogo Pereira, que foi investido da dignidade de embaixador pelo vice-rei D. Francisco Coutinho, e que deu à vela em Abril de 1563.

Ora, o entrelaçamento de todos estes dados permitem-nos identificar o «porto da China» em que o episódio da missa ocorreu como tendo sido Macau, no ano de 1562, quando Pero Barreto foi o capitão da *Viagem pera a China e o Japão* e levou consigo nessa *Viagem* o nosso Luís Vaz de Camões como provedor dos defuntos, como defendo desde 2012. ²⁴

Assim, de novo, ao questionarmos sobre a fonte de toda esta informação, ele, Diogo do Couto, que se ufana de recolher «a informação mais fresca e limpa que aqueles que vivem a muitas léguas de distância», ²⁵ só podemos concluir que foi sobretudo de Camões, mas também do capitão Pero Barreto, que o dialogista obteve estes informes, na ilha de Moçambique, a caminho do Reino, em 1569.

Foi, pois, graças a este encontro histórico na capitania de Moçambique que Diogo do Couto pôde ter legado à posteridade a informação sobre o momento em que Camões esteve na China, com quem para lá foi e que o porto da China em que o nosso Poeta tocou e estanciou foi Macau.

Troca de informações: a Década 8ª da Ásia (códices Porto/Madrid)

Mas é curioso como, antes de, por fortuna minha, ter adquirido o meu exemplar de *O Primeiro Soldado Prático*, editado em 2001 por Coimbra Martins, num alfarrabista do Chiado (a primeira edição publicada do Primeiro Diálogo), já eu tinha chegado a essa conclusão. Porque, na verdade, Diogo do Couto deixou idêntico testemunho de tudo isso na *Década 8ª*, concluída muitos anos mais tarde, em 1614-1615, mas só descoberta em 1917.

No manuscrito encontrado na Biblioteca Municipal Pública do Porto nesse ano de 1917 e hoje conhecido como *versão extensa* da *Década 8ª*, ²⁶ Diogo do Couto, «num passo inédito sobre Camões», ²⁷ diz quanto interessa ao Poeta e à sua estada na China:

que ali, na Ilha de Moçambique, para onde Camões tinha ido aquella fortaleza [Moçambique] em companhia de Pero Barreto Rolim quando [Rolim] foi entrar naquella capitania, porque desejou elle [Rolim] de lhe fazer bem, e o pôr em estado de se poder ir pera o Reyno por estar muito pobre porque [por causa] da viagem que [com ele] fez à China por provedor dos defuntos que lhe o governador Francisco Barreto [um dos muitos erros desta versão extensa: D. Francisco Coutinho] deu, vindo de là se foi perder na costa do Sião (...)

Nesses «passos relevantes sobre a vida e obra» do Poeta, a que alude Maria Augusta Lima Cruz, e descontada a menção errada do governador (num dos muitos erros e descuidos comuns nesta época e particularmente nesta *Década 8ª*), podemos constatar o seguinte:

- que sim, que Camões foi para a China, que foi com Pero Barreto, que foi como provedor dos defuntos;
- que no regresso naufragou e conseguiu salvar *Os Lusíadas*, mas não a moça china que com ele vinha;

²¹ LOUREIRO, *A Biblioteca...*, p. 58. «Indostão» está usado como sinónimo de Índia. Sabemos pelas *Décadas da Ásia* do próprio Diogo do Couto, e com razoável precisão, por onde e quando, e a mando de quem, o nosso soldado andou a militar de 1559 a 1568.

²² COIMBRA, *O primeiro Diálogo...*, p. 540

²³ Idem, pp. 539 e 144.

²⁴ Segundo a lista dos capitães-mores de Macau entre 1557 e 1566. Por todos: RIBEIRO, Eduardo: *Camões em Macau-Uma Verdade Historiográfica*, 2012 (1ª edição) e 2021 (2ª edição, revista e atualizada, com prefácio do Historiador João Paulo Oliveira e Costa).

²⁵ CRUZ, vol. II, p. 45.

²⁶ Em 1971 foi revelada a existência de outro, em Madrid, por António Coimbra Martins (CRUZ, vol. I, p. XII), com «caraterísticas semelhantes» ou «afinidade textual», pelo que são ambos conhecidos como os códices Porto/Madrid, ou a «versão extensa» da *Década 8ª*, em oposição à «versão resumida» conhecida desde que foi, pela primeira vez, editada em 1673 (e em 1736 e 1786, integrada em coleções). (CRUZ, vol. II, p. 15ss.).

²⁷ CRUZ, vol. II, p. 195.

– que foi levado para Moçambique por Pero Barreto e aí dedicou a Couto um soneto;

– que pediu a Couto para fazer um comentário ao Poema Épico e que, sim, ele, Couto, chegou a fazê-lo até ao final do canto IV;

– que o *Parnaso de Luís de Camões* desapareceu-lhe no Reino (na versão resumida afirma-se que lhe foi roubada).

Ora,

– sabendo que foi Pero Barreto o capitão da *Viagem pera a China e Japão* no ano de 1562, ficamos a saber o ano e com quem o Poeta foi para a China;

– sabendo que o porto da China em 1562 onde os mercadores portugueses faziam a veniaga já era única e exclusivamente Macau, facilmente se percebe que se deu um grande passo em frente.

Com a nova leitura da Década 8^a, associada à leitura atenta da edição de Coimbra Martins do *Primeiro Soldado Prático*, percebemos que foi Camões a fonte principal, se não a única, do dialogista/cronista quanto aos factos ocorridos em Macau em 1562.

Ora, o curioso é que já em 1979 Arthur Lee-Francis Askins havia tido essa intuição, ao escrever numa das notas à sua edição do *Cancioneiro de Cristóvão Borges*:²⁸

... o historiador [Diogo do Couto] teria recebido informes ... diretamente do poeta antes de 1570 e muito provavelmente durante a sua estadia em Moçambique ou na viagem de regresso a Lisboa. Teria também conhecido as linhas gerais, se não todos os detalhes, do período de Camões em Macau, as razões do mesmo e os acontecimentos que se seguiram no regresso a Goa: tudo isso recorda mais tarde, talvez perfeitamente, talvez com imperfeições, na preparação da Década... (tradução do inglês minha)

Graças ao duplo testemunho do grande historiador, conhecido um desde 1917 e o outro desde 2001, podemos finalmente colmatar alguns hiatos no que toca à biografia de Camões no Oriente, respondendo à grande dúvida da historiografia camonianiana: por onde andou Camões nos anos 1560?

Assim, tendo sido libertado pelo vice-rei D. Francisco Coutinho, logo que este foi investido em setembro de 1561 no governo do Estado da Índia, embarca em abril, de 1562, na Nau do Trato com Pero Barreto, na *Viagem pera a China e Japam* desse ano, permanece em Macau os dois anos que a tradição consagra, deixa Macau em 1564 (ou, no mais tardar, em 1565, dependendo das monções) e sofre o naufrágio na latitude do Mecon (mar da China), então pertencente ao império de Camboja, governado pelo rei Barom Reachea I (1566-1576).

Nessa altura, o litoral desta região, que os portugueses

designaram por Cochinchina, era frequentado pelos portugueses ou por necessidade de escala, enquanto aguardavam a mudança da monção, ou por comércio, corso, temporal e desvio de rota, naufrágio, missão diplomática ou de evangelização e, em algumas situações, para apanhar transporte que os levasse a outro destino (THOMAZ, 1994, p. 256; MOURÃO, 2005, p. 230; DAUPHIN-MEUNIER, 1961, p. 63).

Nessa região, então Camboja, o nosso vate terá sido acolhido por compatriotas, após o naufrágio, e recebido cuidados de saúde de monges budistas [a isso se referirão as estâncias 79 e 80 (v. 2) do canto VII e estâncias 127 (vv. 6-8) e 128 do canto X, ap. STORCK, 1897, pp. 594-95, que entende ainda que o Poeta os apelida de “*indiscretos*” porque nutrem crenças ilusórias sobre a migração das almas através de corpos de animais e homens (ibidem). DOMINGUES (1980, p. 393) fazendo-se eco desta caridade budista.

Após tempo indeterminado, o nosso Vate terá seguido para Malaca numa *qualquer nau de mercadores portugueses ou mesmo num baixel de indígenas* que para lá o tivesse conduzido (STORCK, cit., p. 595).

Chegado, por fim, à costa do Malabar, embarcou, em finais, de 1567, com Pero Barreto para Moçambique.

É curioso, mas não surpreende, como o historiador francês Achille Dauphin-Meunier (1961, p. 64) não deixa de evocar a tradição da passagem do nosso Vate pelo Camboja, na sua *Histoire du Cambodge*. Não surpreende porque estou em crer que ele não desconheceria que é o próprio Camões que fala do naufrágio naquela latitude n’ *Os Lusíadas*. Por isso, o que é absolutamente surpreendente é como ele diz mais qualquer coisa (itálico meu):

Sous le règne de Barom Reacha, le grande poète portugais Camoens, l’auteur des Lusiades, aborda au Mékong. Son navire fit naufrage dans le Mékong, mais Camoens put sauver des eaux le manuscrit de son épopée et, reconnaissant, il consacre au Cambodge e ‘aux bords hospitaliers’ de son fleuve une vingtaine de vers.

A novidade aqui, claro, está na surpreendente indicação do período de tempo do estanciamento de Camões pelo Camboja: no reinado de Barom Reachea I, que começou em 1566, e durante o qual o Camboja lançou uma contra-ofensiva contra o Sião e veio a recuperar as províncias do noroeste, transferindo de novo a capital para Angkor, em 1570 (<https://en.wikipedia.org/wiki/Baraminreachea>).

Isócrates de Oliveira, diplomata e escritor brasileiro (1975, p. 85), ao mencionar essa *tradição nascida no Camboja*, exulta com a menção feita pelo historiador francês, dizendo que a *informação é valiosa*, mas cai no pecado de duvidar que possa ter sido durante o reinado de Barom Reachea, por este, diz ele, só ter começado a governar em 1566, isto é, Isócrates de Oliveira estará a raciocinar com a cabeça orientada para a errada historio-

²⁸ *The Cancioneiro...*, p. 216.

grafia tradicional dos anos 1550.

Como se deduz, foi o historiador francês que, na minha opinião, acertou na *mouche*, como diria na sua língua. Não consegui descortinar qual terá sido a fonte de Dauphin-Meunier (não a indica, provavelmente por integrar a própria narrativa da tradição), mas, de facto, foi mesmo durante o reinado de Barom Reachea I (1566-1576) que Camões, perdido o seu navio, teve de ficar por *hospícios alheios degradado* (*Lus.*, VII-80) durante um longo período de tempo:

Camões de facto permaneceu largo tempo no Camboja (...), durante um longo período, talvez até anos. (...). Teve mesmo tempo de conviver com o povo e aprender dele as suas crenças, que na época representavam um sincretismo de ritos animistas e ensinamentos budistas: a gente dele crê, como indiscreta / (sem discernimento) que pena e glória têm depois da morte / os brutos animais de toda sorte (X – 127) (OLIVEIRA, 1975, p. 85).

Por tudo quanto foi exposto, não faz qualquer sentido duvidar da força historiográfica da tradição secular do estanciamiento de Camões em Macau, alicerçada na memória coletiva de gerações de Macau, em documentos e em duas obras de um dos nossos maiores cronistas, o *autêntico* Diogo do Couto.

Conclusão

Se não se tivessem encontrado em Moçambique, em 1569, os dois amigos, irmãos de armas e letras, não teriam trocado a informação que Diogo do Couto plasmou no *Primeiro Soldado Prático* e nos códices Porto/Madrid da *Década 8ª* e o mundo não saberia, com certeza histórica, que Camões esteve em Macau (China), com quem para lá foi, em que ano, o cargo que exerceu e outros detalhes, que lhe dão contextualização e cunho de verdade historiográfica.



Camões Múltiplo
Balbina Mendes
Técnica mista s/ telas
2024

O PAPEL E IMPORTÂNCIA DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

Daniel Bastos, Historiador da Diáspora

O Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas é celebrado anualmente a 10 de junho, data da morte do poeta Luís de Camões. Neste dia presta-se homenagem a Portugal, aos portugueses, à cultura lusófona e à presença portuguesa por todo o mundo.

No decurso da última década, no âmbito da conceção de obras que tenho realizado sobre as temáticas da Emigração

e da História, e que têm impulsionado sessões de apresentação no território nacional e além-fronteiras, tenho tido o privilégio de contactar de perto com a realidade cultural, económica, política e social das comunidades portuguesas.

Esta experiência enriquecedora e profícua, ligada a um percurso pessoal e literário essencialmente alicerçado no seio da diáspora, tem-me possibilitado, desde logo,

20 conhecer *in loco* os percursos migratórios de inúmeros compatriotas que demandam no estrangeiro o direito a uma vida melhor.

Assim como, o empreendedorismo, a resiliência e a solidariedade das comunidades lusas, a riqueza do seu movimento associativo, e as enormes potencialidades culturais, económicas e políticas que as mesmas representam nas pátrias de acolhimento e de origem.

Numa pátria que nem sempre compreende e respeita o esforço dos seus filhos, que partiram e se instalaram nos quatro cantos do mundo, os seus anseios, dificuldades e frustrações, a emigração não corresponde somente a uma imagem de sucesso. No espelho da vida da emigração portuguesa, entreveem-se percursos de vida coroados de sucesso, mas também várias trajetórias de concidadãos envoltos em dificuldades e confrontados com situações de precariedade, doença, desemprego, abandono ou solidão. Tem sido a partir desta mundividência do fenómeno migratório nacional, nas palavras sapientes de Vitorino Magalhães Godinho, “uma constante estrutural da história portuguesa”, que ao longo dos últimos anos tenho procurado assumir um olhar de compromisso com os emigrantes portugueses, os mais genuínos embaixadores do país. Não obstante, os desafios coletivos que a emigração coloca ao país, como por exemplo, ao nível da demografia e nati-

dade, tanto que Portugal é uma das nações mais envelhecidas da Europa e os portugueses são dos povos que mais emigram no Velho Continente. Como assinala Eduardo Lourenço, na obra *O Labirinto da Saudade*, a emigração “é um fenómeno complexo que põe em causa, a diversos níveis, de maneira indirecta, a imagem de nós mesmos, mas por isso deve ser apreendida na sua verdade, de maneira adulta e não servir de pretexto como serve a muita gente, a fantasmas colectivos, uns positivos outros negativos, que têm pouco a ver com ela e tudo com a boa ou má consciência com que aqueles que não emigraram a utilizam”. Tanto assim que tradicionalmente país de emigração, Portugal tem assistido nas últimas décadas a um incremento de fluxos regulares de imigrantes, provenientes do Brasil, da Europa Central e de Leste, da África Lusófona e da Ásia, que têm contribuído de forma positiva para a realidade socioeconómica nacional.

Nesse sentido, no ano em que se assinalam os 500 anos do nascimento de Camões e em pleno mês de celebração do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, a presente conferência constitui um reconhecimento e homenagem às comunidades portuguesas espalhadas pelos quatro cantos do mundo, indubitáveis portugueses onde remanesce a cultura e língua portuguesas, elos comuns da identidade lusófona.



Sem Título
A.fe
Técnica mista
2024

CAMÕES NA ESCOLA OS LUSÍADAS E EU

Nassalete Miranda, Diretora do Jornal As Artes entre as Letras

1.Os Lusíadas e uma miúda curiosa

As armas e os Barões assinalados...Sim... E o que é que eles fizeram? Oh! O texto não diz... Diz: que da Ocidental praia Lusitana... Ah! Deve ser de Portugal... por mares

nunca dantes navegados...Claro! Foram por mar onde ainda ninguém tinha ido...Passaram ainda além da Taprobana. Taprobana? Taprobana... O que será isto? Dicionário, vou ver o significado. Oh! Não aparece!

- Papá, papá! O que é Taprobana? Não vem no dicionário!

- Pois... Vês ali a enciclopédia? Ora procura lá!

- Ena, já sei!

E logo, no “caderno de significados”, peça essencial das aulas de Língua e História Pátria, tomar nota: na coluna da esquerda, Taprobana e na coluna da direita, na linha paralela, logo após o traço vermelho vertical, nome romano com que se designava a ilha do Ceilão. Ceilão? Mas isso é na Ásia! Caramba, é longe! Olhem onde é que eles foram! Vou ver ao globo: que longe! E de barco! Mas vou continuar: Em perigos e guerras esforçados/ mais do que prometia a força humana,/ Entre gente remota edificaram Novo Reino ... Ah, ah! Entendi: As armas e os barões portugueses foram por mar edificar um novo reino!

Agora vou ler o que vem a seguir: E também as memórias gloriosas daqueles reis que foram dilatando / A Fé, o Império, e as terras viciosas / De África e da Ásia andaram devastando Também? Querem ver que não foram só as armas e os barões que fizeram algo? As memórias gloriosas dos reis também?! Vou continuar: E aqueles, que por obras valerosas se vão da lei da morte libertando.

- Papá, papá! O que é a lei da morte de que alguns se libertam?

Tinha havido uma escapadela estratégica do papá. Ficou a dúvida. Ou procurava esclarecer-me a mim, sozinha, e não estava a ver como, ou tinha que parar e esperar que o papá chegasse.

Aventurei-me e lá continuei...

Resumindo, até agora tenho: as armas e os barões, as memórias gloriosas dos reis e aqueles que se vão libertando da lei da morte, seja isto lá o que for... Sim: e o que é que Camões vai fazer com este grupo? Continuo a ler. Cantando espalharei por toda a parte. Ah! Já sei! Encontrei finalmente! Vai espalhar, ou seja, contar tudo, cantando, e no caso de conseguir!

Este era o «*modus faciendi*» de uma miúda curiosa que gostava de ler, que lia tudo o que estivesse à mão, mesmo que não fosse específico para a sua idade. Ler era uma aventura, uma descoberta. Além disso gostava de quebrar-cabeças, de enigmas de todo o tipo, de resolver charadas, adivinhas, de decifrar o que lia e não percebia.

O Senhor Mello. Nós não lhe chamávamos Doutor Mello ou Professor Mello. Para nós era o Senhor Mello. E, naquela designação de Senhor, vinha incluída distância, respeito, consideração, mas também, para mim, a possibilidade de ler com ajuda em sala de aula e o Senhor Mello tinha a sapiência de um oráculo. Sei que a maioria da turma se aborrecia mortalmente e eu também tinha às vezes desses momentos. É que, a partir de certa altura do ano lectivo, abandonava-se a *Selecta Literária* e só se levava para a aula o volume de *Os Lusíadas*. Não era lido integralmente, mas estudava-se uma parte muito considerável da obra, tantos episódios! Eu gostei em particular do episódio de Fernão Veloso e do dos Doze de Inglaterra. Aquela «*lady*» inglesa, à

espera do Magriço para a desagrar e ele que se lembrou de ir para Inglaterra por terra e nunca mais chegava. Já ela vestia de luto quando ele chegou, esbaforido! Como não gostar de *Os Lusíadas*? O episódio de Inês de Castro, porém, deixava-nos a chorar! Não tínhamos as páginas do canto nono agraçadas, como sei hoje que se fazia, mas sabíamos do conteúdo sem ser necessário darem-nos explicações... Mas achar o sentido daquelas construções arrevesadas e difíceis de penetrar, conhecer tantas palavras novas que transpúnhamos para o nosso Caderninho de Significados, obter as explicações necessárias para perceber toda a corte celestial de deuses gregos e romanos, era uma tal experiência!

Creio que não é a passagem do tempo que está a adoçar e a transformar em mito a minha experiência inicial com *Os Lusíadas*. Estou certa de que posso dizer que gostei, em idade jovem.

2. *Os Lusíadas* e uma professora inexperiente

O tempo passou e, alguns anos volvidos, cerca de oito ou nove, eis-me transmutada de Senhor Mello. Talvez um tanto mais moderna (já tinha acontecido o Maio de 68...), mas diante de três turmas do terceiro ano do Curso Geral, (o nono de agora), como procedi para cumprir o programa no que respeitava aos conteúdos de *Os Lusíadas*?

Naturalmente, segundo os modelos que tinha tido, ou seja, tal como tinha visto fazer. Com modificações pontuais, mas não imensamente relevantes. As alterações metodológicas que me propus fazer diante de rostos com ar enfadado relacionaram-se com a minha experiência de infante, onde fui beber alguma inspiração. Sobretudo ter em conta uma verdade insofismável: gosta-se (ou não...) porque se compreende e, também neste caso, compreende-se porque se aprende a ler. E *Os Lusíadas* são uma obra extraordinária de que se aprende a gostar se se aprender a ler. Uma vez seduzidos os alunos, como eu me senti seduzida em miúda, era tempo de referir outros aspectos mais sérios, como sejam os valores intemporais aí contidos, tão actuais: a justiça social, a alavancagem da pessoa pelo seu valor, a valorização do sonho de ir mais longe...

E feito este trabalho, era mais fácil penetrar nos itens do programa e cumprir a tarefa.

Mais fácil, mas sempre custoso para a maioria. Hoje percebo que a falta de hábitos de leitura dificulta muito aquilo que eu, em jovem, apreciei. Era reduzido o número de alunos dispostos a achar graça à aventura de encontrar um sentido àquilo que liam...

3. *Os Lusíadas* e a professora amadurecida

Alguns anos depois fiz o estágio pedagógico num grande liceu do Porto e aprendi muito para além do que vinha fazendo e como vinha fazendo... No entanto, a pesquisa da linearidade sintáctica que era, ao fim e ao cabo, o que eu procurava em miúda, nunca a abandonei, assim como sempre tentei mostrar que o texto nos informava de tudo, apenas tínhamos de ler em profundidade e fazer a

22 passagem da ordem alterada das palavras nas frases para a ordem directa e isto apesar da alteração do paradigma educativo. Sejam quais forem os modismos que surjam no evoluir do tempo, ter como objectivo primordial que o aluno seja um bom utilizador da linguagem é um norte a procurar sempre, quando em causa está a língua materna. E não deve ser preocupação apenas do professor de Português, mas de todos os docentes de todas as disciplinas.

Depois, um outro aspecto que me parece importante é mostrar à evidência aos nossos alunos que estão diante de um texto que, ainda que mudem as linhas de orientação do contexto sócio-político, ele permanece, dado o seu riquíssimo carácter plurissignificativo; ou seja, a usura do tempo não o consome, pois, mesmo que haja passagens envelhecidas, a actualidade do texto globalmente considerado é flagrante.

Tomemos o exemplo do excelente livro de Vasco Graça Moura “Os Lusíadas para gente nova”, onde o grande poeta que é, entra em diálogo com o texto camoniano que é muito complexo e, mantendo a fidelidade à obra, consegue reescrevê-lo no que entende que é fundamental, de uma forma moderna, tornando-o de uma compreensão mais fluida para as novas gerações.

São de um ilustre Mestre meu estas palavras que perfilho integralmente e que são de uma lucidez sem mácula, absolutamente límpida, sobre a questão de Os Lusíadas na Escola e em nós como país:

“ Desde há dois séculos, pelo menos, que o significado mítico-simbólico de Os Lusíadas é indissociável do destino de Portugal. Sempre que esse destino está, ou parece estar, sob ameaça, externa ou interna, Os Lusíadas resplendem como estrela polar da comunidade nacional, ressoam como o canto sagrado da pequena casa lusitana, quer na sua dimensão épico-memorial, quer na sua dimensão épico-futurante. Os aproveitamentos ideológicos e político-partidários, algumas vezes sob o signo da hipocrisia, da ignorância e do oportunismo, do capital mítico-simbólico de Os Lusíadas são o subproduto inevitável da grandeza sem par, na língua, na memória e no imaginário dos portugueses, no poema. – Silva, Vítor M. Aguiar – O “naufrágio” de Os Lusíadas no ensino secundário, pág.250, In SILVA, V. M. A.- *As Humanidades, os estudos culturais, o ensino da literatura e a política da língua portuguesa*, pp. 249-254. Coimbra, Livraria Almedina, 2010.

Dito isto, e por imposições de espaço, não precisarei de acrescentar mais: Os Lusíadas são necessários na Escola aos jovens deste país e que a tutela apoie sempre os professores com todos os meios conducentes à implementação com sucesso do autor, seja o épico, seja o lírico.

Texto da autoria de Dra. Margarida Negrais

Publicado no *Jornal As Artes entre as Letras* e lido na sessão dos 500 anos do nascimento de Camões.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA E DOCUMENTAL: OLHAR, PENSAR E ASSINALAR CAMÕES



O QINGENTÉSIMO ANO DO NASCIMENTO DE CAMÕES

Isabel Ponce de Leão, Professora Catedrática da Universidade Fernando Pessoa

Numa altura em que o governo central parece, reitero, parece deslembado do quingentenário do nascimento do maior escritor de língua portuguesa, sucedem-se as iniciativas num âmbito mais restrito a prenunciar a tão falada descentralização. A título de exemplo, refiro eventos como o da Foz Literária (UFAFDN), da Cooperativa Árvore – "porque quem não sabe arte não na estima" –, da Câmara Municipal de Constância – sarau na Casa-Memória de Camões (ICAFG), da notável iniciativa do Real Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro, das manifestações nas escolas, das acções na Casa Comum e na FEAA, enfim, uma saudável e entusiástica agitação evocadora do nosso quinhentista. Referi estas iniciativas porque nelas estou implicada, mas a consulta do site luísdecamoes.pt dá a verdadeira dimensão do que os portugueses e o mundo são capazes para acarinhar a memória de quem terá dito ao agonizar "Ao menos morro com a Pátria".

Não morreste. Não morremos, Camões! E "Se lá no assento etéreo, onde subiste, / Memória desta vida se consente," entenderás que a tua Pátria ainda vive, também por ti e contigo, apesar de certos dislates de Bacos tementes da "água do esquecimento", ou da bárbara, mas irrelevante, geração woke. "O peito ilustre lusitano", esse, está e estará sempre contigo. Poderá ir "descalç[o] para a fonte", mas irá, e lá o encontrarás firme, seguro e convicto.

Como é seu apanágio, a Câmara Municipal de Paredes e o Jornal As Artes entre as Letras, sempre atentos ao estado da cultura em Portugal e na região, uniram esforços desencadeando uma série de actividades – conferências, leituras, cafés literários, apresentações de livros – que confirmam o que atrás disse.

Delas faz parte a Exposição "Nos 500 anos do nascimento de Camões", com inauguração prevista para 7 de Junho, estendendo-se, pelo menos, até final do mês, onde, para além de se exibirem postais, medalhas e o espólio de Moreira das Neves, colaboram artistas plásticos de referência, com obras inéditas, numa celebração ecuménica daquele que, através de "um som alto e sublimado, / Um estilo grandiloquo e corrente", profeticamente alertou para o "gosto da cobiça e da rudeza / Duma austera, apagada e vil tristeza".

Alexandra Micaela Duarte, Ana Maria Fernandes, Balbina Mendes, Carlos Silva, Emerenciano, Luísa Prior, Mafalda Rocha e Olesya Mohosh entenderam o alerta e puseram a sua arte ao serviço da memória do artista polifacetado, cultor das correntes tradicional, greco-latina e renascentista, em textos líricos, épicos, dramáticos e epistolográficos.

Os trabalhos que enformam a Exposição Nos 500 anos do nascimento de Camões refletem novas questões e definem horizontes que desafiam o cânone, quer através dos materiais e técnicas usados, quer das formas e da perspectiva crítica por vezes em feição de comentário. Chamam, assim, a atenção para o papel de Luís de Camões numa perspectiva global, usando a arte como ferramenta.

Distanciando-se do Modernismo de Greenberg, e insinuando a Land Art ou a Pop Art, exploraram a arte para além das técnicas tradicionais, numa diversidade de meios, sentidos e contextos pós-modernos ou optaram por legados de continuidade, usando o talento como mensagem e não desdenhando a Arte Conceptual, o Neofigurativismo ou o Neoexpressionismo. Esta pluralidade conduz ao revivalismo na arte expressa em novas e renovadas configurações que nunca desdenham o seu epicentro. Não há regras nem limites que a restrinjam. É uma espécie do saudável "vale tudo". Não se alheando da Teoria Institucional da Arte de George Dickie, os artistas traduzem emoções individuais e coletivas em torno do artista maior e apelando às várias linguagens da arte. Sim, com eles, o mar continua revolto, os amores frustram-se, *Os Lusíadas* são salvos e, neles, também a língua que Vénus "Com pouca corrupção crê que é latina". Igualmente com eles se perpetua aquele olhar vítreo de Camões, a quem um olho foi suficiente para atentar mais longe do que todos os que, para o bem e para o mal, o rodearam.

Os artistas acima mencionados, as iniciativas da Câmara Municipal de Paredes e os cidadãos em geral negam, com veemência, que o dia ora celebrado "deitou ao Mundo a vida / Mais desgraçada que jamais de se viu". Fazem-no com manifestações simples, mas sentidas, talvez aquelas que Camões mais apreciava. Desgraça na vida; Glória para quem, através da sua obra, se foi "da lei da morte libertando".

EXPOSIÇÃO: OS LUSÍADAS NA FIGURAÇÃO DE LEVI GUERRA

Levi Guerra, Médico, Pintor e Autor



Devo ao meu Professor Primário, Francisco Oleastro, o conhecimento de Luís de Camões, porém, só já no liceu estudei “Os Lusíadas”. Há quem, posteriormente, pegando na Obra, a admire, já pela genialidade da composição poética, já pela matéria tratada, a história de Portugal, particularmente a viagem do descobrimento do caminho marítimo para a Índia. Poema épico, exalta, sobretudo, a grande heroicidade dos portugueses nesse feito espantoso, mas também outras figuras grandes da história pátria, sem esquecer tristes factos passados.

A exaltação gloriosa que, sobretudo, faz dos portugueses com justiça e grandeza, tornam os “Os Lusíadas” o “catecismo” da portugalidade. Assim o considerando eu também, decidi figurar a Obra, em dez telas, a acrílico, apoiado pela escritora e professora de português, Margarida Negrais, minha esposa, que me ajudou a definir os itens a pintar, em função da sua centralidade relevante, em cada canto.

Restou-me, com humildade, a esperança de que o meu labor pudesse ser um instrumento cultural e pedagógico a ser utilizado no ensino secundário, bem como pretexto para que mais portugueses lessem esta obra extraordinária que está entre as maiores jamais publicadas.

A exposição das pinturas iniciada em 2018, na Reitoria da

Universidade do Porto, muito bem acolhida pelo alto espírito de universitário do seu Reitor, Doutor Sebastião Feyo de Azevedo, tem, sucessivamente e sem parar, percorrido Terras de Portugal, tendo estado presente em instituições públicas – museus, bibliotecas e fundações – e com reconhecida utilidade cultural e pedagógica. Escolas aproveitaram a presença da exposição para que, sob a orientação dos professores, os alunos praticassem atividades variadas e reconhecidamente úteis.

Esta presença na Biblioteca Municipal de Paredes é a décima primeira vez que vem a público, na itinerância a que nos propusemos lançá-la progressivamente pelo País, já com pleno apoio do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, ao qual as pinturas estão doadas, e numa proximidade empenhada e colaborante com o seu presidente, o Professor José Carlos Seabra Pereira. São, por isso, justificados os meus agradecimentos à Câmara Municipal de Paredes na pessoa da sua Vereadora da Cultura, Dra. Beatriz Meireles, bem como à Dra. Nassaete Miranda, insigne diretora do prestigiado quinzenário cultural “*As Artes entre as Letras*”, que teve uma intermediação decisiva para que esta exposição acontecesse em Paredes.

UM OLHAR PRÓXIMO

Margarida Negrais, Professora e Autora

“Outros muitos verias, que os pintores Aqui também por
certo pintariam;

Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores: Honra, prémio,
favor, que as artes criam.”

Os Lusíadas, VIII, 39, vv 1-4

Por tal, não lhe faltam pincéis, não lhe falta a paleta das cores. Estas aparecem em novas, fortes e inesperadas combinações, aqueles são de todos os tamanhos, espessuras e formatos; tintas e pincéis tombam sobre várias superfícies ávidas, que o génio do artista descobre no vasto mundo de que é testemunha curiosa e participativa.

A Terra, o Homem, o Divino são as suas grandes temáticas.

Aqui um seixo expulso do mar, ali um pedaço de concha que a maré trouxe à praia; um graveto caído da árvore, uma folha seca que o vento outonal faz correr. Não só a tela, não só o cartão, não só papel; não só carvão, não só grafite, não só óleo, não só acrílico, não só pastel ou aguarela. Também a tinta de choco, o molho de colorau (!!!), também a pedra que salta à sua frente ao caminhar, também a garrafa vítrea e

estranhamente corcovada da moderna vitrina. Também a nuvem longínqua que, no alto, toma a seus olhos forma de urso, de cão, de galo e que, se não estivesse tão inacessível, receberia uma pincelada chagalliana conferida pelo pincel de Levi Guerra.

E agora Os Lusíadas, sugestão infantil que viajou com o artista até hoje e que congrega em si as referidas três grandes temáticas que este “garimpeiro da vida” já não pôde adiar mais. O pincel, mergulhado nas cores, percorre a tela e nascem, imponentes, “As armas e os barões assinalados”, a etérea Vénus Cytéria, o invejoso Baco, o fero Júpiter que vibra os raios de Vulcano, o destemido Gama, o forte Marte; do pincel ágil de Levi Guerra brota o horrendo Adamastor, a fúria da tempestade, Eólo e os ventos, a divina Ilha dos Amores... Longe da ditosa pátria, surge Melinde, descobre-se Calecu.

Dez quadros repletos de História e de histórias, o sonho deste que foi infante, realizado agora pelo homem que ama a Pátria e que é exemplo de cidadania cultural.

DIA DO AUTOR PORTUGUÊS: CAMÕES

CAMÕES E A ALMA LUSÍADA: ANALOGIAS E PARADOXOS

Benilde Gaião, Professora

Em 2024 celebra-se o quinto centenário do nascimento de Luís Vaz de Camões. Não se trata de mais uma efeméride, pois a história detém uma racionalidade muito própria, presente naquilo a que chamamos “coincidências”. Recuando cinco séculos, é notória a concordância entre esse período histórico, o de maior grandeza desta nação, e a voz do poeta que a traduziu num discurso tecido pelos áureos fios da universalidade e intemporalidade.

Por esta razão, de forma exaustiva, porém, jamais esgotada, muito se tem escrito e debatido sobre a vida e a obra de Camões, símbolo indiscutível da Portugalidade, da identidade nacional, ou seja, do que é ser português. Contudo,

ao refletirmos acerca desta figura incontornável da nossa cultura e literatura, inevitavelmente se sobrepõem múltiplas facetas: soldado, poeta, trovador apaixonado que “em variadas flamas variadamente ardia”, e... imensas lacunas. A par da multiplicidade de dados, deparamo-nos com inúmeras suposições e conjunturas, desde a data e local de nascimento, culminando na verosímil possibilidade de a ossada depositada, em 1880, no túmulo no Mosteiro dos Jerónimos não ser a do poeta, devido a danos causados pelo terramoto de 1755 na Igreja de Sant’Ana, onde fora primeiramente sepultado. Tal teoria, defendida por Vítor Aguiar e Silva, investigador e académico dedi-

26 cado aos estudos camonianos, ao invés de atenuar o valor simbólico da personalidade e obra do poeta, terá de certo modo contribuído para adensar o misticismo que sempre o envolveu.

Se a época de ouro da nação comunga com a genialidade do escritor, também o óbito deste em 1580, data oficialmente celebrada como o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, coincidiu com o seu desmoronamento, ditado pelo domínio filipino. Tal “coincidência”, ou racionalidade histórica, revela-se paradoxalmente significativa pelo simbolismo implícito. É que o declínio no plano físico, associado à regência filipina e à morte do poeta, deu origem à transmutação a nível espiritual que se seguiu: o acalantar da forte crença na regeneração da Alma Lusíada foi responsável pela sua elevação ao estatuto de mito (todavia sebastianista, impregnado de um saudo-

sismo messiânico cujas semelhanças apenas encontramos no povo hebraico), que paira até aos dias de hoje.

Como foi referido inicialmente, a história apresenta uma racionalidade própria. Assim, no dia cinco de junho do ano em que se celebram os cinco séculos do nascimento de Camões foi emitida uma moeda comemorativa, desenhada pelo escultor alcobacense José Aurélio, de valor facial de cinco euros, representando o poeta e, no reverso, o escudo com as cinco quinas. Torna-se, portanto, evidente a repetição do algarismo cinco, que é considerado desde Pitágoras o símbolo do humanismo, da ordem e da perfeição, da união e da harmonia entre o ser humano e o universo. Que sejam estes os valores que, em tempos conturbados, nos permitam celebrar e viver Camões e, entre múltiplas analogias e paradoxos, saibamos igualmente espelhar a genuína identidade da Alma Lusíada.

LUÍS DE CAMÕES

Cláudia Passarinho, Autora

Luís de Camões é um dos maiores escritores da literatura portuguesa, no Dia do Autor Português, é imperativo honrar a vida e obra deste poeta que não só influenciou a literatura do seu tempo, mas também moldou a identidade cultural de Portugal.

Camões viveu durante o período áureo dos Descobrimentos Portugueses, sendo profundamente influenciado por este contexto de exploração e aventura, que inspirou grande parte da sua obra.

A biografia de Camões é pontuada por eventos dramáticos e viagens extensas. Passou muitos anos em regiões de África e do Oriente, experiências que enriqueceram a sua visão do mundo e a sua poesia. “*Se os antigos Filósofos, que andaram / Tantas terras, para ver segredos delas, / As maravilhas que passei, passaram, / A tão diversos ventos dando as velas, / Que grandes escrituras que deixaram!*”¹

A obra-prima de Luís de Camões, “*Os Lusíadas*”, publicada em 1572, é uma epopeia que celebra as aventuras marítimas e as conquistas de Portugal, especialmente a viagem de Vasco da Gama à Índia. Composta por dez cantos e mais de mil estrofes, “*Os Lusíadas*” é uma homenagem à coragem e à determinação dos navegadores portugueses. Camões utiliza uma rica combinação de mitologia clássica e eventos históricos para criar uma narrativa épica que exalta o espírito nacionalista e a glória de Portugal.

Além de “*Os Lusíadas*”, Camões escreveu uma vasta coleção de líricas, incluindo sonetos, canções, elegias e odes. A sua poesia lírica é marcada pela reflexão sobre

o amor, a beleza e a transitoriedade da vida. Camões demonstrou uma mestria técnica notável, combinando formas poéticas tradicionais com uma linguagem rica e expressiva, “*Se a tanto me ajudar engenho e arte...*”² Teve engenho! Teve arte! Por isso, a influência de Luís de Camões na literatura portuguesa e mundial é imensurável. Comparado a outros grandes poetas épicos, como Homero e Virgílio, o seu trabalho transcende o tempo e o espaço, refletindo as complexidades da condição humana. Neste ano de celebração dos 500 anos do seu nascimento, honramos não apenas um autor, mas um poeta cuja visão e talento continuam a iluminar os caminhos da literatura e da cultura portuguesas. Que o Dia do Autor Português sirva como um lembrete do poder duradouro das palavras e da importância de preservar e celebrar o nosso património literário.

“*Cantando espalharei por toda a parte...*”³

^{1 2 3} Citação da obra «*Os Lusíadas*».

TEMPO DE ASCENSÃO E GLÓRIA

Donzília Martins, Escritora

Já lá vão 500 anos de ascensão e glória daquele que na vida foi ignorado, quando merecia ser honrado nos altares da poesia como o maior e mais insigne poeta de todos os tempos.

Como nasceu em Lisboa no seio de intelectuais da época, tinha o domínio total da cultura clássica, cantando-a divinamente na sua epopeia de experiências feita, nas suas andanças pelo mundo. Homem de cultura e saberes, regista-os nos mais variados géneros literários, desde a lírica, à épica e ao teatro, num maravilhamento magistralmente cantados para que fossem imortais e caminhassem inteiros e vivos até cinco séculos depois onde se irá inscrever imortalidade e universalidade. Foi ele a medida de todas as coisas, desde o quotidiano até à história da Pátria, numa obra magistral, "Os Lusíadas". Aqui, sentindo-se incapaz do grandioso feito, pede às musas inspiração, aos ventos que se acalmem, ao mar que o salve, às gentes que acordem, à Pátria que não desista para que, luminosa, viva para sempre.

Homem irrequieto, insatisfeito e eterno amante do belo e do amor, dá-se sem peias e barreiras, o que lhe traz dor,

desenganos e desencantos da vida. Sofredor, cai e levanta-se, mas o impulso da alma desfaz-lhe o coração em auroras impossíveis e amores ardentes: "Erros meus, má fortuna, amor ardente/ em minha perdição se conjuraram/ os erros e a fortuna sobejaram/ que para mim bastava amor somente."

Tudo isto lhe faz ter medo do amor e, quando a ele se entrega, o mar impiedoso lho traga: "alma minha gentil que te partiste/ tão cedo desta vida descontente/ repousa lá no céu eternamente / e viva eu cá na terra sempre triste".

Pobre e triste, sentindo o fim, ainda a alma lhe canta a dor: "Morro, mas morro com a Pátria"... Porém os poetas não morrem porque deixam as palavras, a dor, o amor, a beleza e a cor gravadas nas pedras. Por isso cada dia o ressuscitamos numa dimensão que abarca a universalidade e os infinitos de todos os tempos. Hoje e sempre te cantaremos, ó imortal poeta! Que a tua dor floresça e te seja bálsamo na eternidade para que sempre os teus servos te cantem.



[III, est.20, vv.1-4]

[III, est.21, vv.1-4]

Levi Guerra

Acrílico s/ tela



[VII, est.3]

Levi Guerra

Acrílico s/ tela

A VIDA DE CAMÕES PELA PENHA DE MANUEL DE FARIA E SOUSA

Joaquim Luís Costa, Historiador

Manuel de Faria e Sousa nasceu no couto de Pombeiro, atualmente freguesia de Felgueiras, em 18 de março de 1590, tendo sido um dos portugueses mais eruditos de seiscentos. Ele foi um incansável homem de letras, muito devido à sua facilidade para a escrita. Como escritor, é sobretudo conhecido pelos trabalhos de historiador, poeta e comentador. Enquanto comentador, a sua atenção foi direcionada para Luís Vaz de Camões (c. 1524-1580).

O escritor nunca escondeu a admiração por Camões, estando expressa em diversas obras, das quais destacamos *Lusiadas* de Luiz de Camoens, *Príncipe de los Poetas de España*, de 1639, e *Rimas varias de Luis de Camoens, príncipe de los poetas heroycos y lyricos, de España...*, publicada em 1685, a título póstumo. Em cada uma destas obras há um capítulo muito semelhante entre ambas, designado por *Vida del Poeta*, no qual é narrada a vida de Camões.

Nesses capítulos, Faria e Sousa ensaia uma narrativa sobre Camões, procurando evidenciar as suas qualidades e eliminar uma imagem menos positiva que dele existia na época, devido a atos censuráveis que cometera. Tentou, assim, dar a sua visão do poeta e “limpar” as máculas que sobre si pendiam, apresentando sempre argumentos a favor. Exponhamos alguns exemplos.

Faria e Sousa começa por tentar justificar a nobreza sanguínea da linhagem de Camões como sendo um “Cavallero por sangre, de la ilustre de los Reynos de Galicia, i Portugal”, argumentando que descendia da família Caamaños, uma antiquíssima família galega.

Quanto ao local de nascimento, o escritor aponta vários locais, como Coimbra, Santarém e Lisboa, embora defenda que nasceu na última localidade, pois os seus pais viviam na Mouraria. Já a sua juventude teria sido passada em Coimbra, onde estudou.

No que respeita aos amores, teve vários, mas um deles muito especial, uma paixão ardente pela chamada “Dama de Palacio”, que possivelmente seria D. Catarina de Ataíde.

Contudo, foi um amor impossível, atribuindo Faria e Sousa as culpas deste insucesso a terceiros.

O seu serviço militar foi em Ceuta, onde perdeu o olho direito em combate, ao serviço do reino. Depois, teve as suas aventuras além-mar, em Goa e em Macau, argumentando Faria e Sousa que estas se devem a ter ficado desiludido com Lisboa e com a Pátria. Esta decepção estaria associada a atitudes desprestigiadas que tomou, como sucedeu numa procissão do Corpo de Deus, em Lisboa, quando feriu Gonçalo Borges e, por este delito, esteve preso. Mas Faria e Sousa tenta “limpar” este passado, criticando escritores que o denegriram, como Pedro de Mariz, que escreveu “con muchas ignorancias” e o acusou de andar com pessoas desqualificadas.

Segundo o escritor, Camões morre em Lisboa, num hospital ou na humilde casa onde vivera, na miséria, sendo enterrado na Igreja de Santa Ana.

Em jeito de síntese final, Faria e Sousa destaca, novamente, os seus méritos: foi um claríssimo poeta, um nobilíssimo cavaleiro e soldado, com costumes adequados às suas qualidades, logo uma figura ímpar do reino. Mas o escritor também escreve que Camões teve contra si, em certos momentos, uma Pátria ingrata.

Na nossa opinião, uma forma de se conhecer o poeta maior português é através dos comentários de Faria e Sousa, embora tenhamos de ter a consciência de que era um devoto camonista, o que condicionou a interpretação da vida e da obra de Camões, pois procurou justificar o que de menos bom prejudicava a figura do poeta. Para Faria e Sousa, Camões tinha de ser perfeito.

Apesar desta parcialidade no escrever, conseguimos depreender desses comentários um Camões de “carne e osso”, com defeitos como todos nós – o que é saudável –, algo que, por vezes, não nos é transmitido por parte da bibliografia em circulação, porque só nos é passado o seu lado de génio literário, evidente n’Os Lusíadas.

SE, DEPOIS DE EU MORRER, QUISEREM ESCREVER A MINHA BIOGRAFIA, NÃO HÁ NADA MAIS SIMPLES: NEM AS DATAS TEM

Elisabete Bárbara, Professora e Diretora do Agrupamento de Escolas de Aguiar da Beira

Os *Lusíadas* glorificam e condenam, elogiam e criticam. São a euforia e a disforia e, nessa medida, são uma epopeia que contém em si a sua própria negação. Curiosa esta ideia, a de uma epopeia antiépica, como uma Máquina do Mundo tão perfeita que compreenda também em si o descontentamento e o desconcerto que se conjuram para a destruir.

O descontentamento chega-nos, sobretudo, pela voz do Poeta, e é nas suas lamentações que o sentimos pulsar como a verdade autobiográfica que o leva, no último Canto do seu Poema, a dizer «Nô mais, Musa, nô mais» (X.145), recusando continuar o canto.

É com uma formulação semelhante que Camões termina a sua *Canção X* – décimo Canto, décima *Canção* – dizendo, para terminar um texto que parece querer ser entendido como autobiográfico e não resultado poético da imaginação, «Nô mais, *Canção*, nô mais», recusando continuar a *canção*.

No entanto, se podemos fazer corresponder Musa a *Canção*, ou *Canção* a Musa, as razões que justificam a dupla negação em ambas as ocorrências são diferentes: em *Os Lusíadas*, o Poeta explica que o seu desânimo decorre de «Cantar a gente surda e endurecida»; na *Canção X*, o Poeta explica que, estando a falar de si, poderiam passar mil anos sem que desse tempo se apercebesse. Com esta explicação, justifica a longa extensão da *canção*, corroborada pelos versos «E se acaso/te culparem de larga e de pesada, /não pode ser (lhe diz) limitada/a água do mar em tão pequeno vaso.»

É assim a vida de Camões a «água do mar», contida nos treze vasos das estâncias que compõem esta décima *canção*. Espreitando o conteúdo desses vasos, neles encontramos várias referências, mais ou menos explícitas, à obra do Poeta, mostrando que essa água é, em grande parte, composta pelas suas próprias composições. É deste modo que, por exemplo, os elementos «o doce e piadoso/mover d'olhos» e «ervas mágicas que o Céu/me fez beber» remetem de imediato para o soneto *Um mover d'olhos, brando e piadoso*; que o verso «noutro ser me tiveram transformado» aponta para *Transforma-se o amador na cousa amada*; que a expressão «Enfim, não houve transe de fortuna» evoca «Enfim, não houve forte Capitão», em *Os Lusíadas* (Canto V, estância 97); e que «o confuso/regimento do mundo» replica «do confuso mundo o regimento»

do soneto *Verdade, Amor, Razão, Merecimento*.

Ora, se é esta a composição da «água do mar» da vida de Camões, talvez possamos interpretar os versos que rematam a *Canção X* – «explicando/puras verdades já por mim passadas. / Oxalá foram fábulas sonhadas!» – não tanto como uma prova da natureza autobiográfica do poema, mas como prova de que são os textos de Camões a sua biografia.

Camões não mente: todos os textos que escreveu – e que não cabem em «pequeno vaso» – são «puras verdades» por si vividas, porque por si criadas. Não há maior verdade biográfica do que a verdade poética da criação.



[VI, est. 92]
Levi Guerra
Acrílico s/ tela

LER OS *LUSÍADAS* AOS JOVENS DE HOJE, UM DESAFIO?

Susana Nunes, Professora

Ler, cantando, a epopeia e estudá-la com os jovens de hoje é “navegar em mar alto”, pois muitos são os escolhos nos tempos alucinantes em que vivemos, sendo preciso parar, refletir e compreender um texto que levanta resistência logo no início. Neste breve ensaio, esboçam-se alguns possíveis caminhos para tão “árdua” tarefa.

Começemos por: **apelar à narrativa de heróis que prevalece no mundo atual.**

Os heróis conhecidos pelos alunos vivem aventuras assombrosas, conquistando universos imaginários com os seus poderes, vencendo monstros horripilantes e seres fantásticos, enfrentando perigos vários e obstáculos constantes... Para quem leu a epopeia, ou partes dela, não encontra semelhanças? Os Lusitanos não conquistaram o desconhecido, não uniram dois mundos pelo mar (Ocidente e Oriente), não venceram o Adamastor, não desbravaram novos territórios, não lutaram contra povos irados, não atingiram a “ilha angélica”, sita num universo paralelo? Os feitos dos portugueses foram a demonstração evidente da “força humana”, do domínio da inteligência e da experiência sobre a Natureza e sobre os mitos da Antiguidade.

Recorramos ao maravilhoso pagão como processo admirável de dramatizar as ações dos heróis.

As histórias dos deuses, os amores de Vénus e Marte, as lutas entre Júpiter e os Gigantes, as suas discussões tumultuosas nos consílios são aspetos que dialogam com as epopeias da Antiguidade Clássica (de Homero e de Virgílio) e atraem o imaginário dos jovens. Parece incongruente, à partida, a inclusão da mitologia pagã quando Camões pretendia cantar “puras verdades”; no entanto, esta “comédia dos deuses” (no dizer de António José Saraiva) convoca nos leitores um mundo de ficção, não sendo difícil perceber a coexistência do cristão e do pagão. Atente-se que a presença do maravilhoso proporciona ao poeta, novamente, a exaltação do povo português cujas “cousas futuras” são discutidas no Consílio dos Deuses. Não minoremos um dos planos que anda de mãos dadas com o plano central (o da viagem) e que culmina num dos episódios mais belos do poema – a Ilha dos Amores. Inúmeras vezes os nossos marinheiros foram salvos ou ajudados pela sua protetora, Vénus, que impede ciladas, acalma tempestades e, no fim, recompensa os cansados navegantes com uma “Ilha angélica” onde recebem “deleitosas/Honras que a vida fazem sublimada” (IX, 89). Já fora anunciado na

Proposição: para o poeta, o verdadeiro prémio que promete é a sua Poesia, a escrita da epopeia. Estes heróis do século XV não morreram miseravelmente esquecidos, uma vez que dominaram a Lei da Morte e atingiram o esplendor da Ilha de Vénus, vedada aos que não realizam o “caminho da virtude”.

Trabalhemos a visão humanista do homem Luís Vaz de Camões.

As reflexões do poeta são várias: a visão crítica de alguém desalentado com a sociedade do seu tempo, percorrendo sobre temáticas hodiernas e pedagógicas: a fragilidade do Homem, “o bicho da terra tão pequeno”, face às adversidades; a ignorância e o desprezo pela arte, advertindo os seus contemporâneos para os perigos da decadência que resultam do menosprezo pela cultura, que não conciliam o saber e a experiência, tendo a história e a vida como mestras; a denúncia dos abusos dos poderosos e das injustiças; o poder corruptor do dinheiro. São dados exemplos, conselhos, avisos, dentro do espírito humanista, assumindo-se como *vate* – o que profetiza e orienta. O verdadeiro objetivo do poeta não seria criar um modelo de Homem que se coadunasse com o conceito de heroísmo que defende e explicita ao longo da narrativa?

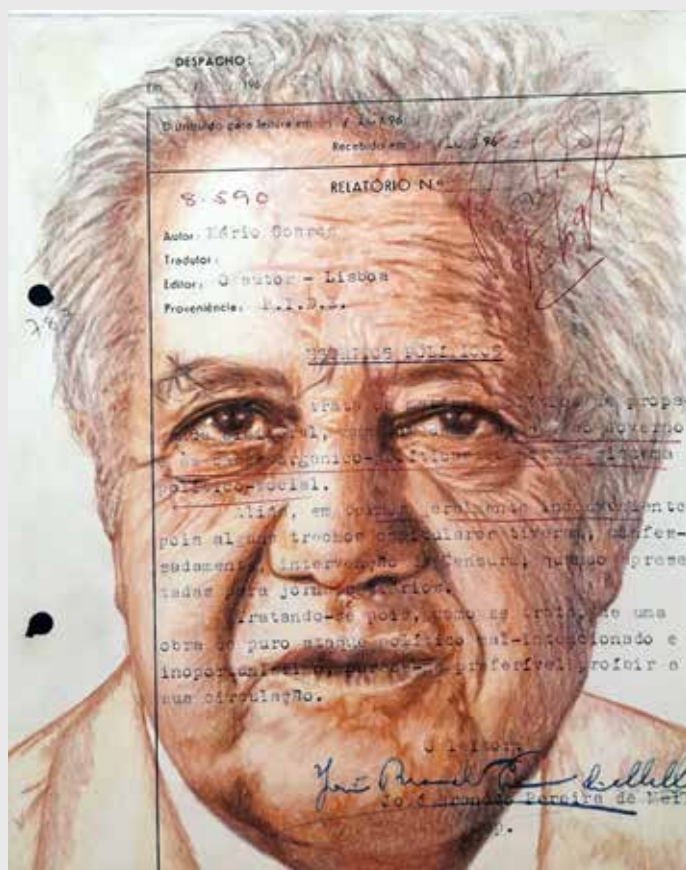
Ensinar a estimar *Os Lusíadas* é a razão de ser deste texto. Cabe-nos ajudar os jovens a compreender o significado da epopeia, transmitindo-lhes os valores que encerra, e, acima de tudo, é nosso dever para com os nossos antepassados, contar aos mais novos uma história singular.

Volvidos cinco centenas de anos, cantemos, com emoção, a Proposição, viajemos até à Índia a bordo da nau de Vasco da Gama, partilhemos as dores do poeta ao dar a conhecer, pela voz de Vasco da Gama, os amores trágicos de Pedro e Inês; choremos, conjuntamente com as mães e esposas, na Praia das Lágrimas, apoiemos o Capitão na inquirição ao Gigante Adamastor, oremos à Divina Guarda por proteção e desfrutemos, com os nautas, os prazeres da Ilha dos Amores.

Sejamos merecedores de tamanha dádiva literária!

100 ANOS DE MÁRIO SOARES O PAI DA DEMOCRACIA PORTUGUESA

Artur Penedos, Ex-Deputado



Liberdade Sempre! Mário Soares, vida e obra

Mafalda Rocha

Pintura a Lápis s/ texto impresso a jacto de tinta em papel muncken
2024

Os capitães de abril são os pais do 25 de abril, mas Mário Soares é, incontestavelmente, o pai da Democracia portuguesa.

Como se recordarão alguns, todos os líderes partidários integraram os governos provisórios, ou de salvação nacional, mas o único ministro com pasta foi Mário Soares!

Interrogar-se-ão muitos dos nossos compatriotas sobre o porquê de ele ter tido tratamento diferenciado, mas as razões dessa discriminação positiva são fáceis de explicar.

O general Spínola – apesar de erros graves cometidos e que, objetivamente, procuravam atrasar o processo democrático – sob o ponto de vista geopolítico, percebeu que o único que tinha excelentes relações com a maioria dos Chefes de Estado europeus era Mário Soares e, com ele a tutelar o Ministério dos Negócios Estrangeiros, poderia acautelar eventuais reações menos favoráveis à revolução e obter apoios extremamente importantes, para que

podéssemos consolidar a democracia.

Mário Soares tinha o apoio de François Mitterrand, Willy Brandt, Felipe González, Olof Palme, entre muitos outros. Soares não era apenas FIXE, mas, igualmente, um homem muito inteligente, culto, determinado e sem medo do que quer que fosse.

Poderia referir inúmeros exemplos, mas creio que demonstrar que foi um homem sem medo é coisa bastante.

Quando o seu progenitor faleceu, Soares estava exilado. O comum dos cidadãos, com o receio natural de poderem ser presos, torturados e, provavelmente, deportados, lamentaria a morte, mas deixava-se ficar onde estava.

Soares desprezou todos os riscos e foi ao funeral. Felizmente, durante as cerimónias, não foi incomodado pela PIDE, mas no dia seguinte foi chamado e convidado a regressar ao exílio, o que acabou por fazer, para não ser detido de novo.

Conheci e convivi com todos os ex-primeiros ministros socialistas. Conheci, também, os não socialistas, como Cavaco Silva, Passos Coelho, Durão Barroso e Santana Lopes.

Recordo com muito respeito e emoção que Mário Soares não tem paralelo na nossa sociedade democrática.

De cada vez que deixava o cargo de primeiro-ministro e concorria a novas eleições, sendo eleito deputado, ocupava o lugar e ficava no plenário para dar a cara e enfrentar todos quantos o quisessem combater ou criticar.

De Soares a António Costa, passando por António Guterres, só ele assumiu o cargo de deputado em legislaturas posteriores àquelas em que se verificou a queda dos governos a que presidiu.

Outra característica que mostra bem a sua coragem reside no facto de, no dia imediatamente a seguir àquele em que deixava de ser primeiro-ministro, poder ser encontrado nas ruas de Lisboa, sem qualquer tipo de segurança diferente do cidadão comum, em livrarias ou alfarrabistas à procura de novos livros ou novas publicações que pudessem enriquecer o seu conhecimento. Notável!

Um dia, estava eu em Setúbal, no cais de embarque para fazer a travessia do Sado, a fim de participar numa mega reunião em Tróia, onde os socialistas iam decidir sobre a constituição da nova central sindical, a UGT, e encontrei Mário Soares que, também, esperava a hora de embarcar.

Atónito, perguntei-lhe: o camarada está sozinho num ambiente tão hostil, pouco depois de ter deixado de ser primeiro-ministro? Ele, paternalmente, respondeu-me



Cartaz de homenagem do PS/Porto a Mário Soares,
por Eliana Penedos

que não via qualquer hostilidade nos cidadãos e, se a visse, pouco lhe importaria. Era um cidadão português, na plenitude de todos os seus direitos e nem no tempo da ditadura tinha exibido qualquer medo!

Fiquei boquiaberto e sem resposta! A solução foi juntar-me a ele e seguir viagem ao seu lado.

Mas falemos do seu papel na construção da democracia.

Quando digo que Soares é o pai da democracia portuguesa não tenho o menor receio de ser contrariado.

Logo a seguir ao 25 de abril e quando se vislumbrava a tentativa de uma deriva totalitária, foi Mário Soares que levou o seu partido, o PS, para a rua e para o combate ao PCP e ao PREC (processo revolucionário em curso), que começou com a nacionalização da banca, em 11 de março de 1975, e terminou em 25 de novembro do mesmo ano.

Recordo o célebre debate televisivo entre Mário Soares e Álvaro Cunhal, com este último à defesa, mas que perdeu, a refugiar-se na célebre expressão “olhe que não, olhe que não”. As imediações dos estúdios da TV estiveram sempre ruidosas, com os apoiantes comunistas a tentarem “abafar” a admirável prestação do socialista.

Nesse ano, os socialistas dedicaram-se à criação de Comissões de Trabalhadores, que só em 1979 tiveram lei reguladora. O objetivo foi combater o poder sindical do PCP no interior das empresas e acabar com a demanda das perseguições, saneamentos e ocupações de empresas.

A contestação promovida por Mário Soares, pois foi ele e o seu partido que enfrentaram, sozinhos, o estado em que se vivia, levou-o a avançar em direção ao Porto para ali realizar um comício, logo confrontado com as celebér-rimas barricadas ao longo de todo o percurso.

Se pensavam que conseguiam parar Soares, enganaram-se!

Ninguém conseguiu impedi-lo de chegar à nossa cidade. Instalámo-lo no hotel e daí seguiu para o Estádio das Antas. Para fazer o percurso entre o Grande Hotel da Batalha e o Estádio das Antas, tínhamos um automóvel para o transportar. Quando desceu, os responsáveis pela organização meteram-no nesse automóvel e, para espanto geral, saiu pela porta oposta e perguntou se pensávamos que iria de carro com a imensidão de pessoas que ali se encontrava e que seguiria para o comício, a pé, acrescentando:

Nem pensem! Vou com o povo que aqui se juntou e que connosco vai mostrar ao país que não aceita o estado das coisas a que querem conduzir-nos!

Ao comício do Porto, seguiu-se o de Lisboa e aí foi realizada uma ação política memorável.

A Fonte Luminosa encheu e estima-se que tenha lá estado mais de um milhão de pessoas. Era preciso lutar contra toda e qualquer tentativa de passar da ditadura salazarista para outro qualquer regime autoritário/totalitário e o povo não faltou à chamada.

Ao mesmo tempo que lutava contra o PREC, Soares foi preparando o partido para o combate político que estava em marcha e que necessitava de cidadãos aptos para construir uma democracia participativa e representativa do povo.

Na altura, criou duas Fundações, a Antero de Quental e a José Fontana, sendo a primeira virada para a formação dos autarcas e a segunda, para a formação sindical e laboral.

Ainda a propósito da «paternidade» da democracia portuguesa, convém referir que foi Mário Soares quem levou o país a aderir à CEE, hoje União Europeia e a ela permaneceremos para, com a sua ajuda e apoio, modernizarmos e transformarmos a sociedade portuguesa.

Uma das coisas que mais valorizei no Dr. Mário Soares foi a Coragem demonstrada na forma como enfrentava todas as situações e a sua disponibilidade para servir Portugal e os portugueses.

Depois de ter sido ministro, primeiro-ministro e Presidente da República, quando foi solicitado por António Guterres para encabeçar a lista de eurodeputados, não hesitou! Mais tarde, com José Sócrates, aceitou mais um combate e foi de novo candidato à Presidência da República!

Quantos cidadãos terão esta disponibilidade para servir o seu país? Arrisco-me a dizer que serão muito poucos.

Mário Soares, que homenagem de forma singela, era um homem de desafios, pois todos os combates que se lhe afigurassem bons para o povo e para o país eram bem-vindos e assumidos com entusiasmo. Era um amante devoto da democracia e essa ideia fundava-se na certeza de que a liberdade traria ao nosso país e aos portugueses o direito de pensar, de exprimir a sua opinião, a sua criatividade e de lutar, sem medo, pelas suas convicções na construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária.

50 ANOS, 25 DE ABRIL DE 1974

ITINERÁRIO DA LIBERDADE EM PROGRAMA

Beatriz Meireles, Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Paredes

Para que os homens e as mulheres de abril chegassem à democracia, passaram por inúmeras privações de liberdade, colecionando ideais para depois os colocarem em prática. Do sonho à ação é uma obrigação de qualquer gestor da *res publica*, um itinerário que se completa até existir necessariamente outro a completar. O poeta nascido em Baltar, Paredes, Daniel Faria refere que “nunca cumpras todas as promessas. É um modo muito triste de morrer.” Neste contexto, cremos que não poderíamos descrever de outra forma o sonho da liberdade de abril, em permanente renovação.

Em Paredes, a programação dos cinquenta anos de 25 de abril de 1974, para além de extensa e representativa, foi de uma enorme riqueza e qualidade culturais.

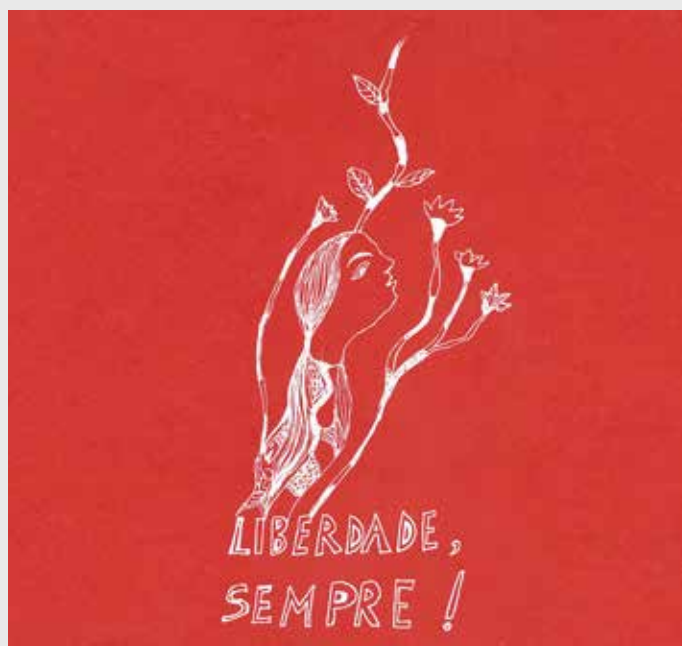
O café literário do mês de abril recebeu, na Biblioteca Municipal de Paredes, Maria João Castro, com a presença dos Amigos da Cultura de Paredes, inaugurando-se igualmente a exposição “A Casa dos Livros Proibidos”, com a curadoria do presidente da Cooperativa do Povo Portuense, Paulo Jorge Teixeira, e de Sandra Melo. A exposição foi encerrada com uma conferência sobre o cooperativismo em Paredes, marcando presença o nosso Centro Português de Nyckelharpa.

A Casa da Cultura desta cidade teve patente uma exposição coletiva “50 anos – itinerário da liberdade”, com a curadoria de Agostinho Santos. O grupo Cantares Masculinos de Paredes, na inauguração, trouxe às pessoas presentes músicas de abril que muito tocaram a todos. No encerramento da exposição, Ilda Figueiredo apresentou igualmente um livro de artista, de Agostinho Santos, seguindo-se a atuação musical dos jovens paredenses, os Artichtas.

Houve também lugar para a apresentação de um livro editado pelo Município, “25 de abril, 50 anos – 50 textos”, de vários autores, e por parte dos Presidentes e representantes das Juntas de Freguesia do concelho de Paredes.

A sessão evocativa dos 50 anos do 25 de abril terminou com um magnífico concerto, “Acordai”, de talentosos filhos da terra na área da música: Fátima Neto, Cátia e Mário Soares e Renata.

Na plataforma cultura, cidadania e inclusão, consideraram-se quatro projetos participativos de uma enorme relevância, que muitos meses precisaram para nascer antes da sua estreia, em abril e maio. Assim, surgiram a peça de teatro “Liberdade, Liberdade, Liberdade”, com direção artística da companhia de teatro profissional Astro



Liberdade, Sempre!
Agostinho Santos
Desenho
2024

Fingido, integrando o projeto o Conservatório de Música de Paredes e os nossos grupos amadores de teatro do concelho; o concerto “Cantar Abril”, com José Manuel David, Ruben Portinha, Vasco Sousa, André Correia, os elementos da comunidade cigana de Paredes e as bandas filarmónicas de Baltar, Cete e Vilela; o mural coletivo “Celebrar abril – 50 anos”, da Cooperativa Árvore, dos artistas José Emídio, Acácio Carvalho e Susana Bravo, bem como dos alunos e dos professores de artes da Escola Secundária de Paredes; o documentário “50 anos – 50 minutos”, produzido por Blue Lemur Productions & Ocean Pace Visuals, com música de Alexandre Centeio e os testemunhos de quem viveu abril em Paredes.

Findámos a programação dos 50 anos de abril com o sexto aniversário do Café Literário e a apresentação da sexta Revista Cultural Orpheu Paredes (edição especial), com a declamação de poesia por parte dos alunos das escolas de Paredes e a instalação sonora de João Ricardo.

Em 2024, comemorámos de forma alargada a efeméride, mas, para que não desapareça da memória de quem a viveu, deixamos estas palavras e imagens, com o sentimento de que interessará daqui a mais cinquenta anos a quem a irá viver e terá outros sonhos a realizar, a bem da democracia e de Paredes.

Testemunhos de Abril...



“Foi grande o desenvolvimento que se verificou nos últimos 50 anos em todos os setores da sociedade, no entanto, ao que parece, não foi feito com a sustentabilidade que seria de exigir e já são notórias brechas que começam a levar alguns (muitos) setores a entrarem em rotura”.

Presidente de Junta de Freguesia
Baltar, Jorge Coelho

“O legado deixado pela Revolução de abril é inestimável e refletiu-se em todas as áreas da sociedade, com uma melhoria visivelmente generalizada das condições de vida do povo português”.

Presidente de Junta de Freguesia
de Beire, José Carlos Barbosa



“Os testemunhos dos que vivenciaram a passagem política que a Revolução de abril permitiu falam da revolução contra o medo, contra a opressão e o início de uma nova Era da nossa Sociedade Portuguesa: a liberdade de pensamento, de opinião, de expressão, de iniciativa e de reunião...”

Presidente de Junta de Freguesia de
Duas Igrejas, Luís Filipe Barbosa

“Às mulheres que lutaram no 25 de abril de 1974 e aquelas que continuam no presente a lutar pela igualdade dos direitos entre ambos os sexos, devem ser, por todos nós, vistas como exemplos que as gerações futuras devem ter como modelo para as lutas que se avizinham”.

Presidente de Junta de Freguesia
de Gandra, Sílvia Sá Pinto

“À medida que os cravos vermelhos são distribuídos e as pessoas se reúnem para celebrar o fim da ditadura, uma nova era nasce em Portugal. Amanhã diferente transforma-se num marco histórico que será lembrado e comemorado por gerações futuras”.

Presidente de Junta de Freguesia
de Aguiar de Sousa, Fernando Santos

“O papel do presidente de junta também é, agora, ajudar a garantir que todos os direitos das pessoas são respeitados. Trabalhar para que as escolas e jardins-de-infância funcionem na sua plenitude, pela atenção aos mais idosos, sozinhos e desfavorecidos (...)”.

Presidente de Junta de Freguesia
Astromil, José Moreira



“Portugal tem trilhado um caminho de progresso e desenvolvimento, consolidando os alicerces de uma sociedade democrática e pluralista. Os valores de igualdade, justiça e solidariedade, consagrados na Constituição da República Portuguesa, continuam a orientar as nossas ações e aspirações coletivas”.

Presidente de Junta de Freguesia
de Cete, Adriano Rocha

“É importante não esquecer o passado, nem as lutas que foram necessárias para conseguir a Democracia e o Desenvolvimento, que hoje temos. Porém é mais do que necessário revisitar o espírito desta Revolução, o passado e continuar a laborar pela freguesia e pelo país”.

Presidente de Junta de Freguesia
de Cristelo, José da Silva Rodrigues





“Abril tornou-se um símbolo de resistência e luta pela democracia, um lembrete eterno do poder do povo unido à procura de justiça e igualdade. E embora as gerações futuras possam não compreender completamente a magnitude desse evento histórico, é importante que nunca esqueçam o sacrifício e a coragem daqueles que lutaram por um Portugal livre e democrático”.

Presidente de Junta de Freguesia de Parada de Todeia, Tiago André Magalhães

“Os censores não eram muito cultos nem muito inteligentes. Por isso, é muito divertida a lista dos livros proibidos, que chegou a incluir livros técnicos de agricultura ou medicina só por se achar suspeito o nome do Autor”.

Presidente de Junta de Freguesia de Rebordosa, Salomé Santos



“A intervenção cívica conheceria uma nova fase na década seguinte com o surgimento de várias associações culturais, desportivas e recreativas. Os ideais da Revolução de abril são o garante da livre participação popular nos vários movimentos sociais que desde então surgiram”.

Presidente de Junta de Freguesia de Sobrosa, Américo Castro

“Muitas lutas se seguiram depois desta e certamente muitas mais estarão por vir, mas é importante nunca afastar das nossas memórias que “a união faz a força”, que a junção de um povo é capaz de derrubar todas as barreiras e todos os muros”.

Presidente de Junta de Freguesia de Vandoma, José Cunha

“Foi a expressão máxima de um desejo coletivo por liberdade, justiça e igualdade. A queda da ditadura e a subsequente instauração de um regime democrático abriram caminho para uma sociedade que se queria mais justa, inclusiva e livre”.

Presidente de Junta de Freguesia de Lordelo, Nuno Serra

“Ficará para sempre na memória como um dos melhores trechos da nossa história, tanto aos nossos olhos, como aos do mundo inteiro e servirá de exemplo, pois foi uma revolução onde não foi derramada uma única gota de sangue”.

Presidente de Junta de Freguesia de Louredo, José Borges



“Tempo e momento de enaltecer as mulheres e homens que, por valores inexpugnáveis, nunca se vergaram ao medo e à opressão e com coragem lutaram, venceram e, em nome de um país, lhe garantiram um futuro onde as cores da Liberdade e igualdade passassem a fazer parte da sua bandeira”.

Presidente de Junta de Freguesia de Recarei, Belmiro Sousa

“Graças à Revolução de abril e à integração na União Europeia, o Portugal de 2024 é um Portugal moderno e com indicadores de desenvolvimento acima da média Europeia; o Concelho de Paredes está em franco desenvolvimento em todos os domínios em que o mesmo se afere”.

Presidente de Junta de Freguesia de Sobreira, João Gonçalves

“Os 50 anos do 25 de abril representam a vocação do ser humano para ser livre! De nada teria valido a coragem dos capitães de abril para derrubar o regime, se o desejo profundo do povo português não fosse a liberdade”.

Presidente de Junta de Freguesia de Vilela, Mariana Machado Silva

36 “A ansiedade era total, uns incrédulos e atemorizados, outros felizes e expectantes, mas todos de ouvido na rádio para perceber o que exatamente se passava. Naquela noite e nos dias que se seguiram os acontecimentos surgiam em catadupa e foram vários os dignos de uma novela”.

Presidente de Junta de Freguesia de Paredes, Artur Pereira da Silva



Abril deu-nos mais saúde, deu-nos mais e melhor educação, deu-nos mais e melhores condições de trabalho e deu-nos acima de tudo a noção que o povo é mesmo quem mais ordena.

Representante de Madalena, Joel Ribeiro

As nossas instituições são hoje representativas de um sentimento de inclusão, de igualdade, de oportunidade e esperamos que as mesmas possam muito mais progredir. Somos hoje um país diferente do Portugal fascista do Estado Novo. Somos um povo diferente também, somos inovadores, valorosos e empenhados.

Representante de Gondalães, Sérgio Mendes



À mulher dava-se o papel de cuidar da família e estar em casa. Apesar de ser cuidadora da família, o estatuto de chefe de família era dado ao homem. O 25 de abril veio romper com esta limitação instituída, ainda que o caminho se tenha mostrado longo e em algumas situações, ainda o é.

Representante de Vila Cova de Carros, Sara Leal

Cinquenta anos passados, e não sentindo que tenhamos a nossa democracia em causa, é muito importante para todos nós que Abril seja sempre lembrado quer nos Direitos adquiridos, mas também nos Deveres que temos para enquanto sociedade, continuarmos a usufruir da liberdade que hoje dispomos.

Representante de Besteiros, Paulo Machado

O acesso à educação para todos talvez seja a maior das conquistas de Abril. Se é verdade que não há democracia de barriga vazia, não é menos certo que não há liberdade sem escolaridade. O acesso generalizado ao conhecimento abriu as portas do elevador social, fator de importância absoluta para uma sociedade mais justa.

Representante de Bitarães, Paulo Costa



Que nos possamos unir em solidariedade, inspirados pela coragem e pela determinação daqueles que fizeram história há meio século e que continuemos a trilhar o caminho da liberdade, da democracia, da igualdade e da justiça para as gerações futuras.

Representante de Mouriz, Nazaré Rosendo





PRÊMIO LITERÁRIO ANTÔNIO MENDES MOREIRA 50 ANOS DO 25 DE ABRIL

Teresa Carvalho, Técnica Superior de Comunicação

O Município de Paredes promoveu a sexta edição do Prémio Literário “António Mendes Moreira”, com o propósito de contribuir e estimular a produção e divulgação literárias junto da população em geral, que contou com uma participação massiva de cerca de 180 candidaturas, sendo a temática para esta edição o “25 de abril”.

Recorde-se que o Prémio Literário “António Mendes Moreira” destina-se a distinguir textos inéditos, a editar pela Câmara de Paredes, na Revista Orpheu Cultural de Paredes e consiste na atribuição dos seguintes prémios: (1.º Prémio - 500 euros; 2.º - 250 euros e o 3.º prémio tem o valor de 100 euros), tendo sido ainda atribuídas duas Menções Honrosas.

Com 178 textos submetidos por 170 participantes, o concurso atraiu concorrentes de diversas regiões de Portugal e também de países como Brasil, Itália e Estados Unidos, ampliando o seu alcance e visibilidade.

A edição deste ano teve como tema “25 de Abril” e contou com um júri composto por Isabel Alves Pereira, Nassaete Miranda e Vieira Duque.

A temática para 2025 será “Os amores de Camilo” Castelo Branco, no ano em que se assinala o segundo centenário do seu nascimento.



Abril está na Rua!

Alexandre Rola
Técnica mista s/ tela
2024

1º Prémio EFEITOS SECUNDÁRIOS

Ayra Matir

1.

José Filipe pousou o auscultador do telefone, olhou para o espelho e ajeitou o cabelo. – Mãe, o pai da Raquel morreu. Vou até lá.

À hora a que o meu pai morreu eu estava no cabeleireiro a pedir que me cortassem o cabelo como o da Mia Wallace do Pulp Fiction. Lembro-me perfeitamente da minha mãe entrar em casa com um ar muito abatido e comentar fugazmente o novo corte. Não me disse nada sobre o meu pai e eu também não perguntei, porque sabia que as notícias não seriam boas. Ao jantar, comi uma omelete. Quando estava a arrumar o meu prato, a minha mãe entrou na cozinha

e disse. “O pai morreu”. A minha irmã começou a gritar e a dizer que se atirava da janela. Eu fui telefonar ao José Filipe e ele disse que já vinha.

Andámos um bocadinho pela cidade e, a dada altura, entrámos numa pequena galeria comercial. Não me lembro qual foi a desculpa dele para subirmos a escada que dava acesso ao posto médico do primeiro andar. Lembro-me do cheiro a amoníaco, da luz ser automática, desligando ao fim de meio minuto, e do ruído da respiração ofegante dele quando me encostou a uma parede e se enfiou dentro de mim, sem me deixar sequer refletir sobre o que pela primeira vez me estava a acontecer.

Depois do funeral e de cumpridas as formalidades, Raquel teve de regressar a Lisboa. Um dia, à saída do trabalho, parou no quiosque dos jornais. Em baixo, pousada no chão, estava uma embalagem grande de cartão, com cerca de meio metro de largura e uma bonita imagem de uma casinha de madeira. “Casa de Bonecas – a nova publicação da Salvat. Com o número um, grátis o número dois”.

O quarto que Raquel habitava em casa da prima Ivone tinha treze metros quadrados, um postigo alto que dava para um saguão, uma cama, uma mesinha de cabeceira, um armário de tecido a fazer a vez de roupeiro, uma secretária e uma cadeira. Também tinha duas prateleiras na parede, por cima da secretária.

A primeira casa de bonecas ocupou por inteiro uma dessas prateleiras e impregnou para sempre a vida de Raquel com o cheiro da cola de madeira. Era uma casa de dois andares, sala e cozinha no rés do chão, dois quartos e uma casa de banho no primeiro andar.

Raquel assinou a coleção da Salvat e passou a frequentar feiras de usados e de antiguidades. Nesse mês não foi visitar a família, nem o José Filipe e concluiu a sua primeira obra de arquitetura de interiores – a sala do rés do chão transformada em casa mortuária com duas pequenas urnas, a cozinha com o seu propósito, um quarto com cama de casal e, no segundo quarto, um berçário muito esmerado. Na cozinha, em cima da mesa, uma miniatura de jornal aberto na necrologia que anunciava a “trágica morte de pai e filha ocorrida no mesmo dia, em tão diferentes circunstâncias. Paz às suas almas”.

Tenho muito medo de voltar a cortar o cabelo daquela maneira e de comer omeletes ao jantar. Já usei o cabelo de muitas maneiras, agora uso assim, apanhado, para não me atrapalhar na construção das casas, nem o sujar com cola. Também já cortei muito curto, mas não gostei de me ver. Omeletes como, mas nunca à noite.

As casas de bonecas acumulavam-se no pouco espaço do quarto da casa da prima Ivone. Quando a correspondência começou a chegar apenas com o nome dos destinatários, o carteiro, um antigo Playmobil desbotado, que transportava as cartas numa pequeníssima bolsa de crochet, sugeriu a Raquel que pusesse nome nas ruas e números nas portas. Esta organização foi extraordinariamente importante para os trabalhos de reconstrução que se seguiram aos diversos terramotos que viriam a assolar esta comunidade.

2.

Antes do vinte e cinco de abril, eu brincava quase sempre debaixo de uma mesa. Era uma mesa de madeira, redonda e com uma base na qual havia um buraco para uma braseira que nunca existiu porque era um perigo, dizia a minha mãe. A mesa estava coberta por uma toalha cor-de-cocó que era muito grossa, mas que deixava ver pela trama dos fios, se eu encostasse os olhos ao tecido que cheirava a outono.

Nessa altura havia visitas quase todos os dias. Às vezes ficavam lá pessoas a dormir, no sofá-cama da salita ou nos divãs do sótão.

A casa tinha duas grandes varandas – uma virada para a Rua de Santiago e outra, nas traseiras, que dava para o cemitério.

Quando apareciam os amigos dos meus pais, eu sabia que tinha de ir brincar para debaixo da mesa. Os homens iam para a varanda das traseiras, as mulheres para a da frente. Só muitos anos mais tarde percebi a encenação: eles sentavam-se na varanda de trás a ouvir a emissão da rádio Argel em onda média e elas ficavam conversando e fumando na varanda da frente, à espera de ver ao fundo da rua o carro-patrolha com as antenas que detetavam as ondas de rádio. Assim que eu ouvia – “Vai lá, Raquel” –, sabia que tinha de responder “sim, mamã”, sair debaixo da mesa e ir a correr dizer ao meu pai a frase “eles andam aí”.

Um dia adormeci debaixo da mesa. Não era suposto nenhuma das mulheres abandonar abruptamente a varanda para não dar nas vistas. Como eu não respondi ao sinal, a minha mãe teve de atravessar a casa a correr, regressar à salita, virar ao contrário a jarra que estava em cima da mesa sob a qual eu dormia, pegar na chave do sótão, correr lá acima a abrir a porta e ordenar a fuga dos homens para lá.

Talvez este meu comportamento tenha aborrecido muito o meu pai.

3.

Quem estivesse na Rua de Santiago e olhasse de frente para o prédio, encontrava a varanda da casa do seu lado direito. Na consola das campainhas, à esquerda da porta de entrada do prédio, o botão que fazia soar lá em cima também estava indicado como sendo terceiro direito. A correspondência chegava sem erros e o recibo da renda, religiosamente trocado pelo cheque da caixa no valor de mil e duzentos escudos, também referia terceiro direito.

Tenho problemas de orientação que com certeza, surgiram de tanto ouvir o meu pai dizer – “Rua de Santiago, cento e treze, terceiro direito, quem sobe é esquerdo” – quando sussurrava ao telefone ou quando me levava às cavalitas pela baixa da cidade e cumprimentava homens e mulheres que eu nunca tinha visto, mas que sabia que iria voltar a ver.

Mais tarde, quando passei a ter de escrever a minha morada nas fichas da escola, acrescentava sempre esse detalhe entre parêntesis. Nunca ninguém me corrigiu. Mudámo-nos quando eu tinha quinze anos para um outro prédio sem direitos nem esquerdos, fomos viver para o segundo B.

4.

Noutro dia fui buscar a minha sobrinha à escola. Entrei no edifício e reconheci o cheiro e as cores. Não reconheci o tamanho, tudo me parecia desproporcional. Os cabides

40 alinhados ao longo do corredor estavam colocados num nível muito baixo, as janelas de guilhotina eram minúsculas, a sala de aula tinha encolhido muito. O estrado do professor, junto ao quadro que agora era branco, parecia ter metade da altura. As mesas eram novas e diferentes, mas as cadeiras eram quase iguais às aquelas onde me sentara há mais de trinta anos, pois estas eram miniaturas perfeitas das antigas.

Tive o mesmo professor durante os quatro anos da escola primária, que um dia me bateu porque eu escrevi um texto com letras muito pequeninas.

Quando a miniatura da escola finalmente chegou, já Raquel tinha moldado e pintado uma figura masculina de dedos amarelados pelos cigarros que fumava durante as aulas.

Passou vários dias a construir o edifício e a fazer a distribuição das pequeníssimas mesas e cadeiras pelas quatro salas (duas no rés-do-chão e duas no primeiro andar). Terminada a obra, contemplou-a e mandou entrar o homem de barro:

– Bom dia, senhor professor! – ouviu-se o coro de vinte e quatro crianças da turma do segundo ano.

O professor era tão grande que, de pé, não cabia na sala. As

pernas eram de barro e não dobravam. Então, Raquel fê-lo cheirar uma miniatura de gaze embebida num mililitro de éter, esperou um microssegundo pelo efeito e deitou o homem grande no chão da sala pequena.

5.

Na casa que Raquel habita agora, há um cheiro permanente a cola. Ao fim de quase um ano ainda há caixotes por abrir, que se amontoam num canto da sala, por baixo de uma das janelas.

A casa tem uma sala e dois quartos – o quarto de Raquel e o outro, onde dezenas de pequeníssimos operários reconstroem a cidade perdida. Na Rua de Santiago as árvores já têm folhas e Raquel mandou construir de raiz um lar para idosos onde agora vive a sua mãe.

A irmã do José Filipe pediu-me muito que o acolhesse no lar, coitado. Andou pelo mundo e apanhou um mal nas pernas e na cabeça. "Está assim!" – e apontou para um corpo disforme numa cadeira de rodas.

Suspensa a partir do teto, na casa nova de Raquel, vê-se uma réplica do módulo de comando da Apollo 13 e vários astronautas que se esforçam por alinhar os astros celestes.

2º Prémio

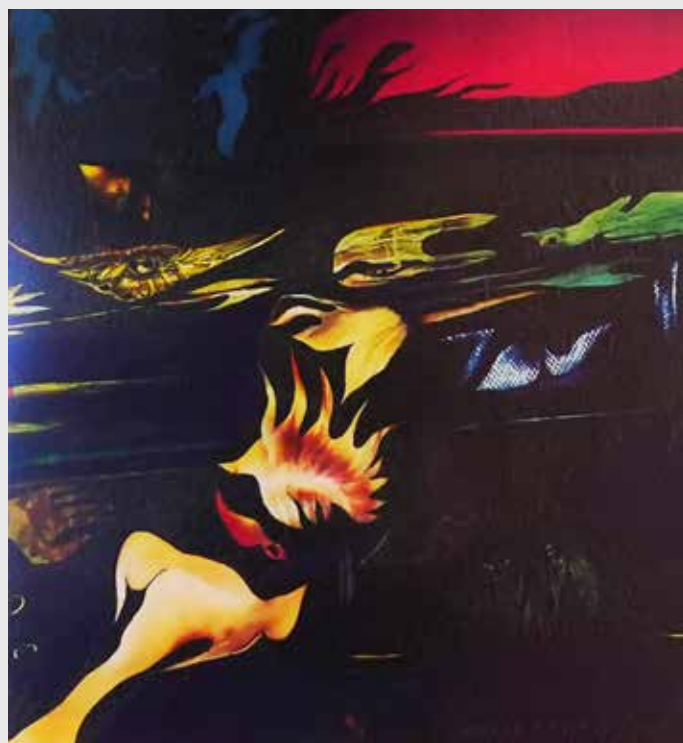
AS CINZAS DA LIBERDADE DO PADRE MARCOS ARAÚJO

Sérgio Raimundo (pseudónimo Angelina Simão Gomes)

chegam hoje, de moçambique, as cinzas do padre marcos araujo; estamos todos aqui à espera. disseram-nos que chegavam ao meio dia e já são duas da tarde e nenhum sinal. enquanto não chegam as cinzas do padre, distraímos a nossa atenção assistindo a duas senhoras gordas, armadas de esfregonas e baldes, que vão apagando passos de gente que não pára de circular no corredor do aeroporto. e ainda há dois pombos que escoltam com autoridade duas crianças e em troca recebem côdeas finas de bolo de arroz. a voz estendida no tecto do aeroporto anuncia dois passageiros atrasados, dois passageiros perdidos e penso dentro de mim.

– a liberdade é isto: estar perdido e haver quem procure por nós!

os padres que vão limpar todos os possíveis pecados das cinzas do padre marcos araujo, encostados ali ao canto da sala de espera do aeroporto, enrolando enormes serpentes de terços entre os dedos como mágicos indianos, já mostram um ar de cansaço; basta ver os seus olhos drogados de sono que pingam dos aros dos seus óculos, basta olhar a paciência que perderam de arrastar as suas enormes batinas pelas mãos e, agora, passam por sobre as



Dalila D'Alte
Pintura

cantinas como autênticos aladins em tapetes; tropeçam em silêncio sobre as batinas, mas um espírito santo qual-quer lhes segura a ponta dos pés e não caem.

padre marcos aráujo chega hoje, numa caixinha, totalmente transformado em pó, em cinza; ele que fora enviado a moçambique, muito jovem, para abençoar a guerra colonial, espiar pela janela da igreja os traidores e denunciar a todos que no lugar de lutar ocupavam-se em trair a igreja e o estado. chegou a moçambique com duas tarefas nos versículos do seu evangelho: orar e proteger o estado e a igreja.

em moçambique, na capela da sua diocese, abençoava todos os jovens militares portugueses que eram enviados para lutar pelo esplendor de portugal e a sua vida mudou de rumo quando descobriram que ele, às escondidas, baptizava e ensinava a ler os indígenas da cidade da beira e trocava cartas com outros padres que não olhavam com bons olhos a colonização. conheci-o nos tempos de colégio, era quieto e nada mostrava que seria padre. enquanto as aulas de moral e cívica aconteciam, passava anos e anos em silêncio a escarafunchar o nariz. os professores não o suportavam e confesso: não sei como ficou padre.

padre marcos aráujo, homem amante de geometria descritiva, de platão, na cidade da beira, em moçambique, foi rodeado por espões na diocese, sofreu nas mãos da pida quando uma vez escreveu uma carta a um cardeal de lisboa na qual relatava um massacre que tinha vitimado milhares de jovens portugueses em combate.

– é cruel o que se passa aqui! os negros sempre me falam de mortes e ataques. semana passada, senhor cardeal, testemunhei um massacre que o regime nunca vai divulgar: milhares de jovens assassinados num distrito próximo. esta guerra só mostra a nossa pequenez humana: matamos, mas também somos mortos todos os dias. que progresso, que nação, que futuro que queremos construir com todo este sangue?

nunca mais teve paz, o padre marcos aráujo: dias e dias sendo embrulhado em injúrias, perseguido pela autoridade da igreja, metido em julgamentos onde não tinha direito à palavra e audições na conferência episcopal. no dia 01 de janeiro de 1972, quando se assinalava em toda a igreja católica o dia mundial da paz, padre marcos aráujo rezava a sua última missa perante uma numerosa assembleia de colonos europeus. “a guerra não é um bem que agrada a deus”, era o coro de toda a homilia. todos ficaram boquiabertos pela coragem do padre durante a homilia: denunciava a violência colonial, os massacres contra população civil indefesa, o abandono das forças coloniais no teatro da guerra, os jovens portugueses que morriam de paludismo com armas nos ombros em nome da nação valente, as prisões prolongadas sem julgamento, os seus colegas padres que tinham sido expulsos sem espaço para serem ouvidos e destacava, em cada amén, que a guerra não era um bem que agradava a deus.

essa foi a última missa do padre marcos aráujo, porque depois sumiu, ninguém mais soube dele na diocese. passou meses e meses aferrolhado de silêncio num esconso de um quartel de colonos e todos os dias atulhado de insultos e chibatadas de cuspos e desprezo. vivia como um bicho. quase enlouqueceu, mas resistiu porque teve sempre as muletas da bíblia. de quando em quando, era visto, em roupas enormes, com o cabelo raspado, totalmente cheio de ossos, em pequenas reuniões de clérigos colonos em lourenço marques. e nós também sofremos aqui em lisboa. eu próprio, caro leitor, sofri imenso quando vi a minha mãe a ser presa por ter sido encontrada com um isqueiro sem licença. o isqueiro era do meu pai, mas a minha mãe foi detida. dias e dias sem a minha mãe, era novo, mas sofri imenso, pois na mesma semana o meu pai se suicidou. era pequeno, mas ainda me recordo de tudo ao pormenor: o luto, os nossos tios com os rostos diluídos em lencinhos e as suas lágrimas que gotejavam no meio de tosses. e sempre justificaram:

– esta gripe não passa!

continuamos aqui, à espera das cinzas do padre marcos aráujo. depois de orações e canções de louvor, as cinzas deverão ser atiradas sobre o rio tejo e vão seguir totalmente dispersas diversos destinos que só as águas sabem. se calhar as cinzas serão atiradas sobre o tejo para que a alma, em pó, do padre marcos aráujo arrefeça eternamente de todas as dores ardentes que teve em vida.

enquanto não chegam as cinzas, continuo a narrar o que era padre marcos aráujo antes de ser transformado em cinzas. quem me dera vê-lo a levantar-se das cinzas a cumprimentar um a um e a interrogar-nos.

– a quem propósito estão todos aqui com esse olhar fúnebre?

padre marcos aráujo participou com outros padres anónimos, totalmente em silêncio, na idealização do 25 de abril a partir das colónias, tinha ligações com padres de angola e guiné-bissau. quando explodiu o 25 de abril, aqui em portugal, padre marcos aráujo disse adeus aos quartéis, disse adeus aos milhares de olhos que piscavam em silêncio em sua volta e voltou à sua pobre diocese. comemorou o 25 de abril em moçambique, sentia-me moçambicano e fixou-se nesta cidade da beira. na cidade da beira era padrinho de diversas crianças pobres, era pai de todos e amigos de todos. a última carta, que por intermédio de um sargento chegou às mãos da mãe, confessava a vida alegre que levava, os obstáculos que travava todos os dias e despedia-se de forma carinhosa.

– fica bem, minha querida mãe. que deus nos guarde!

e deus guardou o padre marcos aráujo, por isso, hoje, aqui estamos à espera das suas cinzas. tentou diversas vezes voltar a portugal, mas foi logo alertado pelo destino

42 do que o esperava por cá; não tinha medo da prisão e nem da morte, mas tinha medo de estar inútil mesmo estando livre. a partir de moçambique sentia-se mais livre e tinha mais consciência do que se passava em todos os cantos de portugal.

continuando, quando começou a guerra civil, em moçambique, ainda com o cravo de 25 de abril no sorriso, padre marcos araújo sofreu sequestros, foi entulhado com diversos vândalos com a etiqueta de feroz agente do inimigo, viu o seu nome embrulhado em diversos crimes que não sabia. nunca teve descanso essa pobre alma, caro leitor! nos calabouços da guerra civil, continuava o seu trabalho de evangelizar, transmitir o que ele chamava o sentimento mais puro que existe: a justiça.

um dia, padre marcos araújo foi visto ensinar a anatomia do corpo humano a uma rapariga negra numa base militar onde ambos estavam enclausurados. tinha a mão estendida sobre a anca da rapariga. e não demorou, foi lavrado um processo e ele foi acusado de tentativa de violência sexual.

– informamos, respeitável coronel, que o agente do inimigo, branco, disfarçado de homem de deus, de portugal, que está sob nossa custódia, aqui na nossa base da unidade nacional, foi visto acariciando uma pobre prisioneira indefesa e inocente. tinha um objectivo: violentar sexualmente a pobre rapariga.

vieram os castigos que tornaram os dias do padre marcos araújo mais amargos; o padre foi evacuado para os ditos campos de reeducação em niassa, campos feitos especialmente para prostitutas, desempregados, traidores políticos, bêbados e desertores. e lá esteve meses e meses, debaixo do sol, a desbravar matas, a ajudar na construção de pequenas aldeias e, em tempos vagos, servia de professor de caligrafia e música coral. enfrentava tudo com a total naturalidade.

há vezes que sonhava com lisboa, sentia ao longe o vento de liberdade que soprava no mastro do 25 de abril, mas continuou em moçambique. foi em moçambique que soube do falecimento da mãe derivado a um problema nos rins e o seu pai, que era um fiel seguidor do regime ditatorial, que tinha um importante cargo político, depois de 25 de abril, sumiu-se; nunca mais se teve informações dele. há um afiador de facas, encantador assobiador de canções tristes, que trabalhava, antes do 25 de abril, numa fábrica de construção civil na frança que confessava depois de umas taças de vinho.

– o engenheiro senhor araújo morreu em paris durante um incêndio na fábrica de colchões onde trabalhava. morreu tal como os outros do antigo regime que não conseguiram matar este país. morreu pobre e desgraçado. eu acompanhei tudo. e morreu chamando pelo seu único filho perdido nas capelas de áfrica.

e finalmente, ali chegou o avião que transportava as cinzas do padre marcos araújo. não são apenas cinzas, são

restos completos de um ser que vem para sentir os degraus da liberdade trazidos pelo 25 de abril, são cinzas que depois de tantas convulsões merecem neste pedaço de sossego um pouco de paz. são cinzas que não viram de perto o 25 de abril, mas arderam a cada momento dessa data. há ali dois familiares, se calhar tios, se calhar padrinhos, se calhar amigos de infância, que desenterram das algibeiras lencinhos e embrulham as lágrimas que lhes caem pelos rostos, previnem em silêncio que ninguém deve ser as suas lágrimas. os padres começam, saem da esconsos do cansaço e cantam coros bordados de latim enquanto desce a cinza do padre.

chega em cinzas o padre marcos araújo, porque andou doente e não quis ser enterrado em moçambique apesar de que já se sentia moçambicano. deixou imensas famílias em moçambique, amigos e companheiros de luta. ensinou a fé e a justiça a muitos. volta em cinzas a portugal, porque mesmo dentro de uma caixinha quer arder o infinito fogo da liberdade. desembarca neste aeroporto, que um dia deixou de rosto caído, para abençoar o horror nas colónias e hoje volta em cinza para melhor experimentar cada vento dessa liberdade de 25 de abril.

a liberdade é isto: estar perdido e haver quem procure por nós! e cá estamos vasculhando a caixinha perdida que nos traz a cinza quente do nosso querido padre. os coros em latim, continuam a elevar-se, as duas senhoras gordas cansaram-se de apagar pegadas e estão, do lado de fora, a disputar uma chama de isqueiro para acender dois cigarros; ainda bem que tivemos o 25 de abril! os dois pombos sumiram e agora, somos nós, no meio de passos apressados que cortejamos a caixinha com as cinzas da liberdade do padre marcos araújo em troca de lágrimas e consolos.

3º Prémio

A VELHA LOUCA

Ana Sofia Nunes (pseudónimo Equinácea)

Foi por gostar de conversar com pessoas desconhecidas que conheci a louca. Ela estava sentada no banco de jardim onde me sentei para conseguir abrir a mochila e tirar o passe. Eu não tinha pressa. Por isso, quando ela me disse que a árvore ali em frente era uma figueira, sorri, anuí e peguei na meada da conversa, dando-lhe mais fio: “é uma árvore sagrada em algumas culturas”.

Contou-me que desde a reforma tinha o hábito de ir ali observar as pessoas. Achei engraçado porque também eu gosto de observar as pessoas, mas, como estou longe de ser reformada, aproveito as esperas: a espera pelo comboio e pelo metro, a espera pelo café, a espera pela chegada da minha vez quando vou ao pão, a espera pela consulta naquelas salinhas com meia dúzia de revistas e panfletos, a espera para pagar as compras na caixa do supermercado. Bem vistas as coisas, toda a vida parece vivida em espera. O que esperamos?

A louca, como lhe chamavam, tinha um ar muito simpático, sorria sempre que falava. Devia ter setentas. Era magra, de estatura mediana. Tinha uma postura muito correta no seu sentar de pernas traçadas, onde caía o vestido de malha escarlate. “Escarlate”, pensei. “Gosto da cor e da palavra”. Emolduravam-lhe o rosto uns canudos bem grisalhos, com uma vivacidade invejável, pendiam das orelhas uns brincos de madeira. “Gostava de ser uma velha assim”.

Achava irónico chamarem-lhe louca. Chamavam-lhe isso por ela falar com os patos e os pombos, as árvores e os arbustos. Não achei que fosse louca. Pensava que ali estava uma mulher verdadeiramente livre. Até porque quem lhe chamava louca eram os que andavam realmente lixados da cabeça. Todos fritam a mioleira em algum ponto da vida porque andam sempre a correr: correm para o trabalho, correm para sair do trabalho, correm para a reunião, correm para ir fazer o jantar. Eles é que andavam sempre a correr atrás de coisas invisíveis, e a velha, que falava com seres vivos como patos e árvores, é que era maluca. Vivemos a vida sempre a correr e sempre à espera de alguma coisa.

A velha louca não esperava por nada, não corria para nada. A velha louca dava sentido ao verbo viver, palavra para ação continuada enquanto há lucidez (e ritmo cardíaco) em compasso acertado. A menos que haja arritmia (mas vive-se na mesma). Aquela mulher podia ser a personificação do verbo viver, ao mesmo tempo que me ilustrava o conceito de liberdade.

A condescendência com que muita gente a olhava causava-me urticárias intensas ao nível do pensamento. Talvez esteja na nossa génese esse sentimento de superioridade



Diogo Goes
Pintura

em relação aos outros. É que é precisamente aí que se começam ligeiros movimentos de abafamento a quem ressalta da multidão. E a velha ressaltava. Formiga que sai do carreiro não vai em direção ao formigueiro.

Quando me ia levantar do banco, ela olhou-me e disse “venha outra vez amanhã”. Fui, mas ela não estava. Estranhei porque sabia que era um hábito matemático, uma rotina implementada. Já que ali estava, sentei-me. Respirei fundo, olhei em volta, dei-me ao luxo de ficar cinco minutos só a olhar. “Uma mulher sentada num banco de jardim sozinha, à tarde, para apreciar a vegetação apenas porque lhe apetece, é um ato revolucionário”, pensei. Em tempos idos, seria conotada como puta. Lembrei-me da velha. Atualmente, passa por louca. Mas ao contrário dos que lhe chamam louca, tem a sanidade que os dias presentes não lhe roubaram. Levantei-me e fiz-me ao caminho.

*

Só voltei a passar no jardim na semana seguinte. Lá estava ela. Quando cheguei, cumprimentei-a com “boa tarde” e ela abriu aquele sorriso luminoso. Disse-lhe que me tinha deixado pendurada, ao que me respondeu que perdera as horas, “fiquei a escrever”. E foi aí que me entregou uma folhinha escrita à mão. Acrescentou “leia depois”. Guardei o papel. Ficámos uns vinte minutos a conversar sobre as

44 observações que tínhamos feito recentemente. Ambas gostávamos de escutar as conversas alheias e os seres humanos são possuidores de uma sapiência brutal, emitem sentidos para a vida como quem bebe um café, afirmam a sua individualidade como quem arrota: “É pá posso não ter nada, nem guita, nem tabaco, mas o meu isqueiro não me pode faltar”, “se é normal, vives”, “dividir para conquistar é dividir para enfraquecer”. O sentido da vida e a filosofia da existência em conversas de café, de metro, de esquinas de prédios.

Dei conta das horas e despedi-me com “então até para a semana”. Segui caminho até ao metro. Nunca mais me lembrei de que me tinha dado o papel escrito. Envolvi-me nas rotinas de final de tarde: dar banhos a filhos, brincar, jantar, lavar dentes, fazer chichi, ler histórias na cama, apagar a luz. Acabei por adormecer na cama do mais velho, pelo que acordei com dores nas costas, deviam ser umas duas da manhã. Fui à casa de banho e bebi um copo de água. Quando olhei para a minha mochila, lembrei-me de que tinha lá o papel e não fui capaz de não o ler:

“O que me fascina e atormenta no mundo e na vida é existir tanta coisa para ver e aprender e tão pouco tempo para o fazer. Há quem diga que o tempo não existe. Mas a nossa vida é finita.

Por ter vivido a minha juventude em regime, muitas vezes sinto que me devem tempo. Devem-me! Alguém me está a dever tempo que podia ter vivido em liberdade e não vivi.

Aurora na Madrugada”

Depois de ler estas palavras tive muita dificuldade em voltar a adormecer e fiquei a matutar no assunto. Semanas antes tinha tido pesadelos horríveis em que homens de fato entravam pela minha casa dentro, dizendo que vinham fazer uma inspeção. Reviravam-me o trabalho todo, dos esboços aos rascunhos de textos, aconselhando-me a ponderar se queria mesmo levar à cena a peça de teatro que andava a escrever.

*

De manhã, deixei os miúdos na escola, fui para a faculdade, tive aulas, dei aulas. Deixei-me levar pelo impulso e fui ao jardim na esperança de encontrar a mulher. Lá estava ela. Sorriu quando me viu. Disse-lhe que tinha ficado a pensar nas palavras que tinha escrito, na tentativa de puxar conversa. Não precisei de puxar muito. A mulher começou a falar da vida dela, era um livro aberto. Entre várias coisas, contou-me que na sua juventude tinha pertencido ao movimento estudantil de 1968 e que na altura estava mesmo no epicentro da coisa, pois vivia e estudava em Coimbra. A família, de classe privilegiada, era de lá e tinha tido a oportunidade de estudar na universidade. Fez parte dos grevistas aos exames. Olhou-me a aliança e perguntou-me se era casada, mas nem esperou a

resposta. Adiantou-se, desabafando que nessa altura tinha vivido um amor que provavelmente ia dar em casamento. Mas descobriu que ele era PIDE, que compactuava com o regime. “Foi uma tristeza... eu gostava muito dele. Foi uma escolha entre dois amores: o dele ou o da luta.”

Havia pesar na voz e no olhar da mulher. Eu naturalmente disse-lhe que lamentava que assim tivesse sido. Perguntei-lhe como soube que ele era PIDE e como se tinham conhecido. Disse-me “ele era cinco anos mais velho do que eu e trabalhava na biblioteca da universidade. Já na altura eu gostava de escrever. Dedicava-me bastante à poesia e ele também gostava. Na tarde em que o vi a sair da sede, feliz e contente com os capatazes, o meu coração gelou. Ainda pensei que pudesse ser um bufo, mas dias depois os meus colegas mais envolvidos na política confirmaram que era mesmo um PIDE. Isto aconteceu na semana em que descobri que estava grávida. Nunca lhe disse. A minha mãe e a minha irmã mais velha tinham conhecimentos e consegui fazer um desmanche na surdina de uma noite.”

Fiquei sem saber o que dizer. Olhámos para os patos que passeavam quase aos nossos pés em busca de migalhas. Disse-lhe “também a minha avó materna fez mais que um desmanche na vida dela. Contou-me a minha mãe que o pior de todos foi um de gémeos. A minha avó ia morrendo.”

A louca olhou-me muito séria. “A sua avó ia morrendo e eu também. Fazia-se com uma agulha de crochet, sabe? Sentia-se tudo. Fiquei muito doente. Quando recuperei vim para Lisboa acabar os estudos e foi cá que refiz a minha vida. Nunca mais o vi.”

O movimento das pessoas que passavam pelo jardim envolveu aquele momento. Tirei o meu caderno da mochila e comecei a rabiscar a paisagem que tinha diante dos olhos. Enquanto isso, a mulher foi falando da inquietação interior que viveu na altura, das decisões tomadas (e que não foram de ânimo leve). Falou que não suportava a ideia de gerar o filho de uma pessoa que compactuava com as ideias contra as quais ela lutava. “Vendem-nos que o amor vence tudo, mas não é verdade. Jamais casaria com um PIDE”.

Acabei por me lembrar da história que uma colega me contou, sobre um casal do Montijo que apenas se conheceu verdadeiramente depois do 25 de Abril, pois usavam nomes falsos. Tinham casado, tinham tido filhos, mas naquele tempo imperava a insegurança, a desconfiança, o medo. Até dentro da própria cama. Temendo que o outro compactuasse com o regime, nunca foram completamente honestos entre si até ao dia da Revolução.

*

Quando acordei na manhã seguinte, senti o impulso da escrita. Peguei num papel ao calhas em cima da mesa da cozinha e escrevi:

“Às vezes gostava de me conseguir dobrar como uma folha de papel. A seguir, desdobrava-me e via as marcas. Na verdade, é assim que se constroem origamis: dobrando as marcas feitas previamente. As rugas que me vão aparecendo no rosto também são marcas das dobras que o tempo vai fazendo. Que origami seria eu se me dobrasse pelas marcas do meu corpo?”

Vesti-me, coloquei o meu cravo-pregadeira ao peito, pintei os lábios de vermelho vivo. Era dia de eleições. Antes de ir à mesa de voto, passei pelo jardim. Sentei-me no banco a admirar a vegetação e os pássaros. Achei piada aos

patos que vinham ter comigo e disse-lhes “Olá, andam a ver se vos cai qualquer coisinha, não é?”. Levantei-me e fui andar um bocado, esticar as pernas envolvidas pelo vestido de malha escarlate. Fui até ao lago ver os patos bebés que tinham nascido há pouco tempo.

A manhã estava fresca e agradável. Os habitantes do lago do jardim viviam a sua vida despreocupada (como muitas vezes deveriam ser as nossas). Antes de sair do jardim para ir votar, olhei o meu reflexo na água: uma mulher madura, de acinzentados cabelos, canudos vigorosos. Sorri brilhantemente a minha liberdade. Ser a velha louca é coisa de uma leveza única.



Menção Honrosa

ABRIL ESTÁ NA RUA

Luís Lourenço (pseudónimo Mário Maris)

«Abril é o mês mais cruel»

T. S. Eliot

Abril, o anunciado mês cruel de flores que se rasgam,
onde a terra estremece em sílabas mudas,
e o céu, tingido de púrpura, sangrava a cada ano já
pelos cravos nascidos das mãos antes vazias e agora cheias de alegria.

Abril era já um sol que crescia por entre as fendas,
um astro durante anos Encoberto de promessas antigas,
muitas vezes quebradas, mas que ainda assim crescia
mais a cada solstício nos campos,
onde os corpos se curvavam e erguiam em silêncio,
mas nutridos já pela música interna de um grito
que subia e subia a cada quarto, e mais cruel, mês do ano.

Abril era já o mês que gritava, sim, com uma voz quebrada,
trazendo na sua voz ainda o peso escuro de Saturno – o devorador das gerações –
e, sem saber, também a leveza de um cravo que rebentava em silêncio
no peito tantas vezes exausto dos cantores.
E quantos não cantaram no nevoeiro das madrugadas naufragadas
a espera do Encoberto Abril cruel que não vinha!
Mas havia igualmente um novo brotar,
uma flor que nascia no asfalto frio da manhã, rompendo
a crosta dura da espera, as grades dos anos cercados.



Mas veio esse dia em que desequilibraste apenas de respirar!

Veio Abril e fez de novo uma rua de alegre infância descalça
para a nossa tão pura alegria, que, em passos compassados,
sentiu também, nessa hora principal do Sol,
o peso e o sentido todo da história num segundo,
que era saber que somos uma terra que gira e uma nação que se solta
das amarras do medo e da crueldade encoberta do grito calado.

Abril é o cravo que nasceu do ventre da terra e do sorriso das crianças,
a alegria vermelha aberta em flor no peito e no sorriso descoberto do soldado,
no centro do corpo inconsunto da madrugada.
Abril é o vento novo, feito de pólvora e canto, que soprava o rubro das flores
por entre as ruas desusadas, onde as noites antes se consumiam em silêncio.

Como a Terra em redor do Sol, girávamos nós, num ciclo vagaroso
de espera, de sombra, de fado consumido à espera do Encoberto, mas Abril,
Abril veio, com pés de criança, azul e olhos de Sol,
romper as correntes de névoa da estação parada.
Abril veio como um dia completo de mãos que empunharam espingardas em flor,
mãos jovens em que sustinham o peso inteiro da história,
o aço inconsútil da revolta e o calor mais puro da Primavera.

Abril é a luz atravessando as grades da noite,
como quem rasga o ventre da escuridão,
e, no entanto, a dor dos anos sitiados ainda persistia
nas sombras que dançam entre um e outro passo.

Mas é também cruel, Abril,
porque a liberdade, quando rebenta, cerze,
como a lâmina afiada de um sonho, que estava já esquecido
nas esquinas da memória e acorda a antiga Poesia,
que está sempre por fazer: o concerto popular das vozes!

Mas sim, Abril é cruel, porque houve tantos anos feitos
de todos os meses sem Abril,
que é sempre o mês em que a terra rasga
o ventre para gerar o alimento e a efémera beleza das flores,
em que o sangue antigo derrama
a última gota para fertilizar o novo.
Abril cruel é o parto da esperança,
a dor que antecede a plena liberdade do pólen.
E assim como a Terra, girávamos
em torno de um encoberto astro cruel que nem sempre víamos.
Mas na noite do Abril mais verdadeiro
o sol ergueu-se cor de cravo em cada lábio antes cosido,
até ser um dia pleno nas bocas em coro:

a palavra que não mais se calava: ABRIL!

E assim, como estrelas que nascem do peso mais perfeito
da paixão acumulada dos milhões e milhões de anos sem nome,
a voz de um povo ergueu-se como uma azul constelação pássaros,
traçando no céu da história um mapa de luz e sangue,
onde cada cicatriz contava uma Revolução
que, sem saber, rodava já em redor de ABRIL, ainda encoberto.

O universo, tal como a Terra, gira num ciclo eterno,
onde cada estrela é uma faísca de vida
e cada vida um eco da luta que se repete, incansável,
no silêncio das galáxias e, no dia mais completo,
no grito cor de sol das praças.

É certo que a história do mundo não é só nossa,
é da matéria, é do Sol e do vento, é da luz que percorre o vácuo,
é do pó estelar que se junta e forma
planetas, palavras, promessas.

Assim, os povos, feitos de poeira e de sonho,
escrevem no tempo a sua Revolução,
uma órbita que não conhece fim,
tal como o Sol que renasce em cada ABRIL,
cruel no seu brilho, mas sempre pleno de promessa.

E ali, na madrugada da liberdade,
entre o cravo e a estrela, no umbigo da noite,
estava a verdade mais simples:
nada se faz sem dor,
mas tudo se renova na alegria
de um futuro que sempre espera,
a cada dia:

que o verdadeiro ABRIL descoberto
de novo

saía à rua.

Menção Honrosa
DESPERTAR NA REVOLUÇÃO
Gabriela Frade (pseudónimo Fabiana Gomes)

Disseram-me que devia ficar sentado, comer queijo, chouriço, pão, mas não pedir prato nenhum caro, que eles não estavam para isso. Beber, só água. A ideia era ouvir todas as músicas mal cantadas daquele estabelecimento. Cuspia uma casca de tremço que tinha entrado por engano enquanto pensava: «Como é que foram escolher logo a pessoa que odeia fado para controlar estes tipos?». Ia escrevendo, discretamente, o nome de um ou outro que

ousavam cantar com entoação de crítica, que falavam de fome – e nós com tanto que comer, tolos -, ou que simplesmente, para mim, cantavam mal e deviam ter a sua licença revogada. Entretanto, nas últimas notas lânguidas que saem da garganta sufocada deste fadista que se encontra no palco, começo a notar uma sensação estranha que entoa no fundo da minha cabeça. Noutra história qualquer poderia ser amor, saudade ou lamechice, mas esta

48 não é essa história, porque o que sentia era uma sonolência descontrolada. Mas eu não tinha bebido. Estes idiotas deviam ter-me topado e colocado algo na bebida. Deixo cair o copo e a carteira no chão, debruço-me para os apanhar e aterro com a testa no chão.

Sinto uma dor lancinante no pé, sinto o joelho a estalar, sinto um dente pontapeado, estou no meio de uma multidão e todos me pisam, a vida continua igual, portanto.

Levanto-me empurrando os que estão a minha volta, pois já o meu pai dizia que nunca ninguém conseguiu nada de outra forma. As pessoas estão descontroladas e tento levantar a mão a dizer: «Mas que raio de história é esta, tudo para as vossas casas, são proibidas grandes reuniões!», grito eu para as centenas de pessoas à minha volta. Olho para o horizonte e as cabeças não acabam. "Tudo descontrolado, como foi que o Balazar permitiu isto?" Este pensamento que foi pensado e dito, levou um velho de bigode arrebitado que passava por mim a dizer «Ó homem, o Balazar já morreu! Então não sabe que caiu na banheira, bateu na beira com a testa e morreu? Mas em que mundo vive o senhor?». Gostava de ter parado um pouco neste momento, tirar o momento para refletir sobre a palhaçada que acabara de escutar, mas nem para isso tenho permissão; é que a multidão não pede autorização – e esta era a parte que Balazar odiaria se estivesse por cá – e leva-me consigo, na sua animação, entusiasmo e...será que estou a detetar felicidade? Mas que merda de dia.

Eventualmente consigo escapar da fúria da alegria e percorro as ruas para ver se converso com alguém que não esteja na multidão, um sério trabalhador. Porém parece que tiraram todos o dia para não fazer nada. Olhando para os prédios, consigo situar-me, a mesma suja cidade só a uns quarteirões de distância. Os fadistas vadios devem ter-me arrastado até aqui, não é que pese muito nos dias de hoje com o que eles me deixam pedir todas as noites. Nem só de tremoços deveria viver um homem. Sentava-me num banco, mas esta cidade não tem nenhum, alguém deve ter pensado que em bancos, sentados, conviveriam os saloios e conspirariam contra o governo. Muita consideração têm eles por essa tal "capacidade de se organizarem", mas pessoas que nunca saíram da situação de pobreza iam pensar o quê? Nem eles nem os riquinhos que os ajudam, nenhum deles vale grande coisa. Eu tive de me fazer homem cedo, já em criança ajudava os polícias da aldeia, denunciando um ou outro patife. Quando eles os levavam para a cadeia, seguia-os, atirando pedras. Que soubessem bem que tipo de pessoa eu era, que não andassem em patifarias à minha frente.

Debruço-me e apanho uma folha de jornal que está no chão: «A revolução está na rua, viva a Revolução!» Tenho de ir ter à sede, eles saberão o que fazer. Vou andando e levando encontrões por todos os lados, sem que alguém demonstre uma pinga de respeito. Se soubessem o que lhes poderia acontecer, se eu tomasse nota dos nomes deles...

Se ao menos eu soubesse os nomes deles! Se ao menos esta cidade não fosse sempre a subir, para depois descer, alivando a gota que escorre da testa até ao bigode, para logo depois subir outra vez, perguntando-me que raio de vida é esta onde nos fazem subir para descer, mostrando-nos o que poderia ser, para logo nos dizer que ainda temos de sofrer um pouco mais. A turba já ia diminuindo, mas não se via o fim ainda. Estes corpos todos juntos fizeram-me pensar no dia em que se soubera que o Balazar iria discursar, no modo como as pessoas se juntaram em torno do pequeno palco montado, um palco pouco elevado, para dar a impressão de que este se aproximava do povo, de que estava com eles, mesmo que olhando-os de cima, sempre de cima. Claro que a maioria dos que ali estavam tinham sido coagidos, ou de povo nada tinham. Quando terminou o seu discurso e se ouviram os vivas, não muito vivos, tentei intercetá-lo a caminho do carro, estender a minha mão transpirada e dizer que era parte desta grande máquina do Estado e que estava com ele. Passou por mim sem olhar, empurrando a mão morta, carregada de humilhação e reverência. Como costumam andar de mãos dadas estas duas coisas, presas nas mãos contidas tantas vezes ao longo dos anos, as mãos que enrijecidas se fecham em punho cerrado!

Cheguei à porta da sede, tento chamar os polícias que costumam aqui estar, mas o sítio parece fechado. A umas ruas de distância encontra-se a prisão, decidi caminhar para lá, pois ao menos ali teria de estar alguém. Mesmo que de ontem para hoje algo tivesse sucedido, nunca chegaria tão cedo às prisões imundas, afogadas em sujidade e burocracia. Mas a burocracia havia corrido mais velozmente que o último cavalo em que apostara, galopando de caneta em caneta e a prisão encontrava-se vazia. Impossível!

O mundo não podia ter mudado tanto em apenas um dia, o mundo que eu conhecia, o desta cidade, a sul até ao Montijo, a norte até Mafra, pouco mais para os lados, esse não podia ter mudado assim tanto. Ontem ouvira fado e comera chouriço, certo de que o mundo era o que era, certo de que bem ou mal este nunca mudaria. Ontem, 25 de abril de 1939 o mundo era aquilo que mais nos conforta, previsível. Hoje...que raio se passa hoje! «Ó, ó amigo, sabe-me dizer que dia é hoje?». «Claro, amigo, como não saberia! Hoje é dia 25 de abril de 1975, celebramos um ano da nossa Revolução» e seguiu o seu caminho, a assobiar. Olhei em volta, sentei-me nos degraus sujos da cadeia e pousei a cabeça nas mãos. Qualquer pessoa pensaria que tinha a cabeça às voltas, que me passavam mil teorias pela cabeça. Enganam-se. Sentei-me bem sentado e repousei a cabeça. Para quê perder tempo com o que não ia entender? O que eu não dava agora por uns tremoços.

PRÊMIO ARTÍSTICO HENRIQUE SILVA 6ª EDIÇÃO



1º Prémio

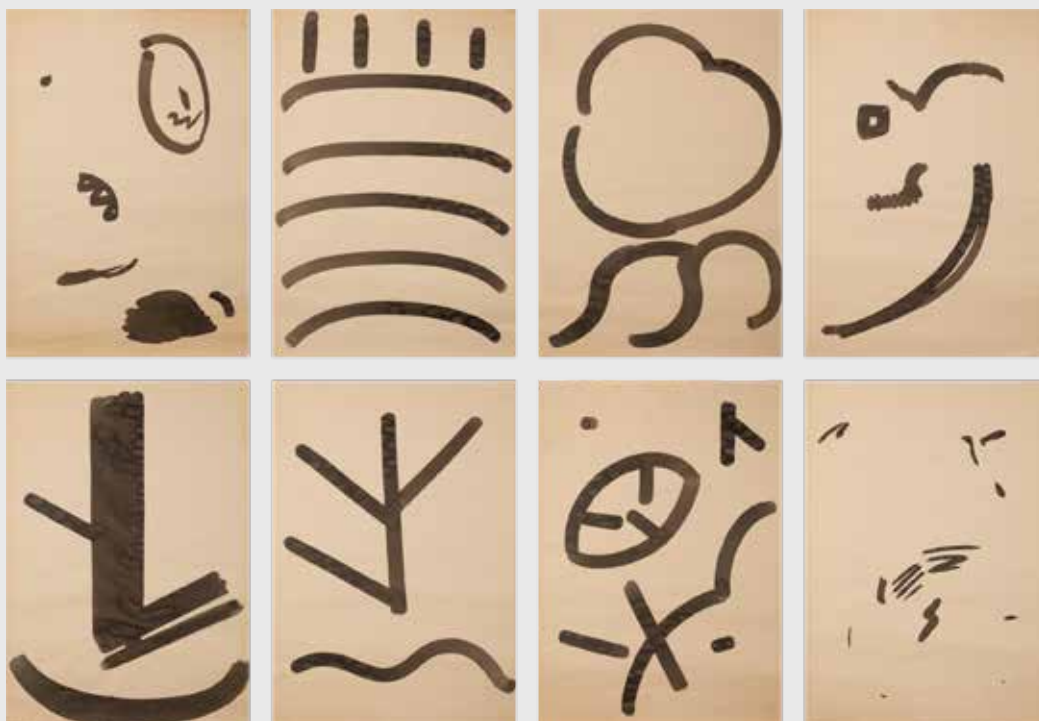
"Livres de quê?"

Acácio Viegas

Instalação

Peça retangular - 1200 x 300 x 5,8 cm

Peça circular - D13 x 3,6 cm



2º Prémio

"Diálogo entra as Pedras e as Rosas Negras"

Jiôn / Kiim

Tinta sumi sobre papel
80 x 60 cm / cada



3º Prémio

"Nature is ART"

Mariana Moreira

Técnica mista sobre tela
100 x 80 cm

COMUNICAR ATRAVÉS DA ARTE

Isabel Patim, Professora Universitária e Curadora

Inaugurou-se, no passado dia 14 de dezembro, na Casa da Cultura de Paredes, a exposição das 24 obras selecionadas pelo júri da edição de 2024, constituído por António Ponte, Helena Mendes Pereira e José Emídio, para a atribuição do Prémio Artes Plásticas Henrique Silva, tendo sido divulgados os nomes dos artistas vencedores nesse ano na vernissage.

Na senda da promoção da cultura e, mais especificamente, das artes plásticas, o Município de Paredes promoveu mais uma edição do prémio Artes Plásticas Henrique Silva, dando cumprimento ao objetivo do prémio ao 'estimular e contribuir para o aparecimento de novas obras no domínio das artes plásticas', ao oferecer a cada Artista a possibilidade de concorrer com apenas uma obra inédita.

Este duplo propósito anunciado no regulamento do prémio é sublinhado na Revista Cultural Orpheu Paredes (2023:41) por Fernando Salvador, e associado à difusão da identidade cultural de Paredes, que se projeta, assim, no local e no global, no movimento de pessoas, ideias e artes, por geografias diversas. A referência identitária recorda-nos, em primeiro lugar, não só a biografia e o percurso do Artista Maior que nos reúne aqui, mas também o equipamento municipal onde a exposição das obras selecionadas está patente, para seguidamente se expandir a Paredes como referência na Cultura e nas Artes para além da cidade e da zona metropolitana do Porto. Créditos e admiração são devidos à Senhora Vereadora Dr.^a Beatriz Meireles!

Dos setenta trabalhos a concurso recebidos nesta edição, foram selecionados, por um júri de reconhecido mérito na área das artes plásticas, vinte e quatro obras. Agradecemos aos elementos do júri António Ponte, Helena Mendes Pereira e José Emídio, a disponibilidade e contributo, sublinhando o quanto o vosso percurso e as vossas geografias profissionais e artísticas iluminam a afirmação da missão maior deste prémio e da identidade cultural e artística de Paredes. Nascido em 1933, em Paredes, recorda-se nestas geografias partilhadas que o artista plástico Henrique Silva foi Diretor Executivo da Árvore Cooperativa de Atividades Artísticas de 1978 a 1995 e, posteriormente, Cofundador e Diretor da Bienal de Cerveira, entre 1995 e 2008.

Após a informação dos Serviços da Cultura sobre quais as obras selecionadas para o prémio, Equipa a quem saúdo, inicia-se o trabalho de curadoria da exposição, ou de mediação cultural se preferirmos, com a narrativa expositiva. À data do texto redigido para o Catálogo, não tinha conhecimento da identidade dos 24 Autores das obras selecionadas, mas sim das Obras com que concorriam ao prémio. Impôs-se, então, nesse texto, uma narrativa invertida, em que parti das Obras para os Autores, ou melhor, dos

respetivos títulos e ficha técnica para a hipotética narrativa expositiva identificada. Posteriormente, por autor, situando-me num espaço *in-between*, i.e. aquele em que as obras existiam, mas ainda não ocupavam o equipamento municipal que acolhia este acervo cultural, nem dialogavam ainda entre si no espaço de exposição, a sala do 1.º andar da Casa da Cultura.

Sabia, no entanto, que, ao lerem o texto do catálogo, estaríamos perante essa narrativa expositiva já materializada no espaço aos vossos olhos, exibida no equipamento municipal para tal escolhido, habitado com as obras selecionadas para a seleção dos vencedores. Dos trilhos possíveis deste caminho, que iniciámos em prolepse narrativa até à vernissage, dissertámos sobre as técnicas e os títulos das obras expostas, e à titularidade do prémio e do júri, sucedeu-se nesse texto breve, a titularidade das obras.

Em modo de criativa metalepse, tomámos o texto do catálogo referido, antecedente, pelo texto aqui vertido, consequente.

Um título pode ser uma palavra, frase, expressão, ou citação utilizada para identificar e distinguir uma determinada obra de arte. Estes títulos podem ser descritivos quando indicativos do conteúdo ou do tema da obra, ou mais abstratos e abertos à interpretação. Para muitos artistas, o título da obra pode ser uma forma de comunicar a sua intenção, a mensagem, ou o conceito por detrás da obra de arte, sendo que essa titularidade da obra pode fornecer aos Observadores um contexto valioso ou danoso, útil ou inútil, de informações sobre o processo e o pensamento do Artista no ato criativo, ajudando ou prejudicando os Observadores na compreensão da obra a um nível mais profundo.

De entre títulos de obras mais descritivos, conceptuais ou referenciais, sobre os quais discorro, ressalta a evidência do questionamento do Eu e do/com o Outro na relação com o Mundo. Notem-se características como: o recurso ao idioma Inglês, eventual predileção estética discursiva ou opção de comunicação global; o recurso a provérbios portugueses, raízes da nossa cultura que ilustram vivências; a recriação inspirada de obras de referência; o abrigo de conceitos e emoções como dor, culpa, entrega, paixão, amor, vaidade, liberdade; a representação de memórias e de desejos; o discurso do 'presente' ausente, ou o discurso de figuras humanas em movimento, nossa expressão no plano terreno.

Inspirada no texto de Henrique Silva 'Viagem ao Mundo das Artes Visuais', aproximámo-nos das obras selecionadas para o Prémio Artes Plásticas em 2024. Convicta do papel primordial da comunicação como 'factor de predominante da sobrevivência', em formas que variam 'entre os sons,

52 os cheiros, a escrita, a palavra e a visão.', convocámos os contributos das Artes Visuais, nas palavras do Mestre: "As Artes Visuais têm o papel de transmitir uma percepção individual para lá da própria natureza, criando um mundo novo através da cor, da imagem e das formas, que permitem respirar uma outra forma de vida." A empatia do 'mais íntimo entre o artista e o espectador' expõe-se: "Entre a escultura, a pintura, a fotografia, as artes digitais, as instalações, os criadores comunicam uma visão do que está escondido em cada um de nós." (Henrique Silva, 2024:102)

Como observadora, usufruí, na narrativa expositiva patente na Casa da Cultura de Paredes até 11 de janeiro de 2025, da emoção que cada obra me proporciona, da cor, do assunto convocado por cada uma, ou da inspiração de cada criador. Neste observar da obra total de cada autor, inclui-se os títulos que constituem a textualidade desse mundo criativo de cada um. Nesta linha, ser-nos-á prazeroso percorrer o conjunto das obras expostas com palavras, vertidas em títulos e memórias descritivas das obras, escutá-las, num ousado devaneio de recriar um 'mundo novo'.

Como refere António Quadros Ferreira, no texto 'Henrique Silva: Histórias de um Paredense Emigrado', texto publicado no Catálogo da Exposição de Pintura de Henrique Silva, em Paredes, em 2018, "Inusitadamente Henrique Silva atribui títulos aos assuntos da sua pintura. Sempre com o intuito de tornar a sua pintura ainda mais legível, o que quer dizer, mais simples e mais direta." (2019:9)

Nesta comunicação autor-observador, entre imagens e formas, perspetivemos as obras em exposição inspirados nos seus Títulos interligados por segmentos narrativos que evocam emoções, um determinado assunto ou tema, uma outra obra/autor de inspiração ou homenagem, ou uma memória, quer individual quer coletiva.

A quase ausência de cor no *Autorretrato* da artista Teresa Guedes contribui para acentuar a natureza introspetiva e profundidade emocional da obra, através das nuances de sombra e luz. Não sendo campo exclusivo das artes plásticas, mas um campo de estudos, que abrange diversas disciplinas, a autorrepresentação está presente na dita Literatura Confessional, associada à expressão da intimidade, emergindo como prática discursiva, em que o sujeito se toma a si próprio como objeto de conhecimento. De forma similar, encontrámos nas artes plásticas autorretratos (ex. Frida Kahlo) que expressam condições emocionais. Esta é uma composição aparentemente simples, mas de uma força e comunicação sublimes.

Sara Oliveira recria a autorrepresentação do sujeito, retratado na sua tela, com um título que situa a sua obra mais na descrição do que na tipologia representacional. Em 'Devorada por pensamentos', a artista expressa a condição emocional da figura humana que se questiona sobre o peso dos pensamentos, opiniões e conceções sociais no indivíduo e na sua liberdade, para se questionar 'Serei livre de pensar?'

Acácio Viegas, vencedor do 1º prémio Artes Plásticas

Henrique Silva 2024, num diálogo construído nas linhas deste texto, parece responder quando nos questiona com o título da sua instalação escultórica sensorial, 'Livre de quê?'. Acionado o jogo de luz e sombra com um sensor de proximidade e de movimento do observador, a obra plástica do artista materializa essa mesma pergunta em termos corpóreos, no sentido em que nos parece querer sugerir que a prisão/liberdade emocional acontece dependendo do ponto de vista, ou localização da nossa percepção, tal como a luz da instalação se liga e ilumina, ou se apaga se dela nos afastamos. A escultura exhibe-se, chama-nos e questiona-nos. A intervenção artística vai além do painel em caixa de alumínio, em linhas e formas em movimento que anunciam caminhos livres. A natureza introspetiva da instalação procura transcender os limites do visível, convidando à experimentação e à exploração do subconsciente individual e coletivo.

Neste jogo de narrativa textual aqui encetado, sucede-se a obra plástica de Albertina Santos, intitulada 'Nas tuas mãos começa a liberdade', numa clara relação interartes, convocada pelo título da obra plástica que transcreve o último verso do soneto 'As mãos' de Manuel Alegre. Remete para o coletivo, com o cravo em aço corten carcomido pelo tempo, levado como símbolo da imperiosa luta, contra ameaças à liberdade, que está nas nossas mãos.

Asérie de 8 desenhos de **Jiôn/Kim**, vencedora do 2º prémio Artes Plásticas Henrique Silva 2024, intitulada 'Diálogo entre as Pedras e as Rosas Negras', constitui-se uma instalação em diálogo entre as partes, que inscrevem no papel propriedades do meio natural, num jogo de representações e propriedades do vento, água, fogo, terra, ouro, elementos que em conjunto se contaminam e dialogam entrelaçados. Desenhos como expressão de elementos naturais, não deixam de convocar na minha mente inquieta, através do título da instalação, o filme da realizadora Margarida Gil (1992) *Rosa Negra*, uma cidade que se encaixa na serra, um filme sobre os ciclos da vida, que a natureza tão bem conhece.

Mariana Moreira, vencedora do 3º prémio Artes Plásticas Henrique Silva 2024, reitera o tema do título da obra com uma mensagem textual em idioma dito global, na sua obra visual: 'DONT KILL ART' porque 'Nature is ART'. Apresenta-se hiper-realista e surrealista alerta-nos para o impacto da humanidade na natureza, numa provocatória sinestesia da fusão invertida do mundo do humano e do mundo animal natural, advertindo-nos para o espaço concedido ao passado e à memória, ao presente nas nossas mãos e ao futuro na ação.

'Coleção de Falhas' é um conjunto de 8 trabalhos fotográficos, com direção artística de Maria Helena e fotografia de Joaquim Leal, que se constitui interativa, com um acervo de conteúdos de realidade aumentada nos 8 painéis fotográficos, visíveis através da aplicação móvel gratuita *Artvive*. Cada fotografia, edificada por um intérprete, subordinada à temática da 'falha', desenvolve a performance falhada,

celebrando-a e configurando à falha a possibilidade de 'enaltecer os erros e abraçar as inevitáveis imperfeições do ser humano', bem como o potencial de impulso para 'o potencial humano ilimitado'. A interseção do analógico com o digital resulta na possibilidade de criação de um novo contexto à narrativa visual, para a qual é necessária a ação do Observador e a Visualização da performance através da Aplicação digital.

'Leite e Vinho faz do Velho Menino', de Magriço, funde elementos clássicos e contemporâneos, explorando os temas do elixir da juventude e do fruir das coisas boas da vida: reinterpreta a pintura 'O pequeno Baco a beber' (1623) de Guido Reni, ao mesmo tempo que se inspira no dito popular que dá título à obra em exibição.

A tela composta de Alexandre Rola apresenta uma homenagem a Pablo Neruda, com várias telas unidas e várias colagens que ecoam a diversidade poética e apaixonada do poeta-diplomata e político, autor da coleção de poemas *Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada* (1924) que celebram um século. Da inspiração de Rola sobressai a emoção do Poeta: o amor, o erotismo, e a natureza.

Afonso António exibe em tela uma ode à obra *Cordeiro Pascal* (também conhecida como *Cordeiro Místico* ou *Agnus Dei*), de Josefa de Óbidos, pintada entre 1660 e 1670. Nesta composição contemporânea intitulada 'Guilt', não existe a moldura floral, apenas uma linha, sugerindo uma possibilidade de superação, uma saída desse sentir na contemporaneidade.

Isabel Ribas convida-nos a interagir com o objeto da sua criação artística numa instalação que exibe a desconstrução da Cruz de Cristo, na presença oculta de Maria Crucificada sob o chão coberto pelo seu manto branco, para destacar a dor da crucificação, para a mãe e para o filho. O apelo às rosas em vez de cravos lembra-nos a desconstrução proposta pela artista e sublinha o questionar da percepção da fé e da vida sobre a morte.

A memória como tema na arte contemporânea é indissociável das questões de identidade e de tempo. Na produção artística de Cláudio Penas Ferreira, 'Memória Deambulante', o tempo flui e a memória flutua no desenho escultórico em arame. A constante mudança do Eu, espelhada em Rostos, sobrepõe memórias que se perdem no tempo, deambulantes.

A memória individual e coletiva, construída por imagens no universo do digital e das redes sociais, é questionada por Elisa Leal, no vídeo 'Vaidade social'. Propõe-se uma reflexão sobre o papel das redes sociais na construção e no desenvolvimento da identidade individual e das relações interpessoais. A memória fugaz, o julgamento mútuo nas relações sociais e a necessidade de validação imediata nas redes sociais são a matéria da obra em formato videoarte. Margaz, com a peça escultórica 'Auto-Sabotage', remete-nos para o nosso próprio descontentamento e para o inconsciente, abordando a incapacidade do nosso cérebro de por vezes controlar as nossas ações, fragilidade repre-

sentada nas conexões do arame recozido da obra.

A memória doce do amor é esculpida e celebrada na escultura em pedra e madeira de Carlos Costa, intitulada 'Quero ressuscitar no teu jardim'. Na escultura de Ana Raquel Silva, o tema do amor faz-se conceito ao invocar a relação entre dois seres que se fundem num equilíbrio de forte fragilidade, unidos e sustidos num só para se libertarem: de metal e xisto se molda a peça escultórica 'Dei de mim nos perdidos e achados'. Na roleta do amor, na *slot* da felicidade a dois, recebe-se por vezes 'Bónus (tiro no coração)' do artista Alexandre Ribeiro: a seta do cupido, o tiro no coração, um trevo de 4 e outro de 8 folhas.

Habitar as memórias de infância, apesar de reconhecer os efeitos do tempo sobre as próprias memórias e as figuras que as habitam, transporta-me a um tempo, o tempo em que 'You could still be what you want to be', passado ou futuro, título da obra de Vieira Saraiva, que procura desconstruir memórias e sentimentos da infância no presente. A fotografia de Amadeo Canônico, 'Fita de embrulho', celebra duplamente a superação, a representação do movimento e da celebração dos ciclos da vida, através do momento, do instante transcendente. Uma memória irrepetível.

'Três figuras e um equilíbrio' de Joaquim Rocha convoca a figura humana e a família. Esse conceito existencial é certamente amplamente desenvolvido na obra de Paulo Hernâni, intitulada 'Figuras em Movimento', obra de figuração expressionista, desenhada e pincelada por manchas policromáticas na representação do dinamismo das figuras em movimento. As múltiplas direções perspetivadas na obra conferem-me a liberdade de 'ser' e de 'escolher', os diferentes planos de intersecção de perceções e de sensações oferecem-me os espaços das representações, em profundidade, que é também conceptual e emocional.

No presente, escrevo como Wolftger Duarte descreve o seu ato criativo consubstanciado no desenho a pastel de óleo, intitulado 'Brotherhood': "Utilizei o material que tinha na mesa para poder exprimir o que sentia naquele preciso momento." Aquele. Não outro.

Gosto do lugar da memória na obra de Analice Campos, 'Vestígios de um lago XI'. A imagem de uma paisagem translúcida, uma paisagem que é uma miragem que flutua, criando espaços e lugares imaginários nunca visitados, lugares de uma *geografictione* (Patim, 2000) por inventar, que propõe novos mundos, lugares de lugar-nenhum.

Devaneio, sob o olhar disruptivo de carácter reflexivo que segue o Observador nesta narrativa expositiva, representado no retrato de K6 na tela 'Os olhos que te seguem'.

Bibliografia

- SILVA, Henrique. (2024) *Lucubrações sobre Pensamentos Heterogéneos*. (Coord. e rev. Kiki; Prefácio de Delfim Sousa). Porto, Bizzorbis.
- MOUTINHO, José Viale. (2023) *O mundo não pode parar. Um artista chamado Henrique Silva*. (Coord. Antónia Silva; Ilustrações de Evelina Oliveira; Org. José Emídio e Nuno Higino). S/L, Ed. Município de Paredes.
- FERREIRA, António Quadros. (2018) 'Henrique Silva: Histórias de um Paredense Emigrado', *Revista Cultural ORPHEU Paredes*, 2019:8-10.

EXPOSIÇÕES 2024

Bruna Magalhães, Artista Plástica e Técnica Superior da Casa da Cultura de Paredes

Por mais um ano, a Câmara Municipal de Paredes apostou na produção de exposições artísticas diversificadas, tanto de artistas das diferentes freguesias do concelho e do país, como de artistas internacionais, com o propósito de fomentar a criação artística e divulgar a arte e a cultura a toda a população.

Como tal, ao longo do ano 2024, através dos espaços municipais culturais, Casa da Cultura, Biblioteca e Loja Interativa do Turismo, recebemos cerca de 22 exposições individuais e 17 coletivas de artes visuais e plásticas das mais diversas linguagens artísticas, tais como pintura, desenho, escultura, fotografia, vídeo, assemblage e instalação, entre outras.

Como reconhece que a arte é uma linguagem e um meio precursor de ideias, de vanguardas, de pensamentos, de transmissão de valores, de mensagens, de reflexão, até mesmo de luta e de irreverência, e como forma de incentivar a produção artística local e criar esta troca de visões entre artistas e visitantes de diferentes contextos culturais, a Câmara Municipal de Paredes apresentou a 5.ª edição da Exposição de Artistas do Vale do Sousa, “Liberdade, sempre! Mário Soares, vida e obra.”, projeto concebido pela mentora Sra. Vereadora da Cultura, Dra. Beatriz Meireles, com a curadoria do Dr. José Rosinhas.

A exposição coletiva esteve patente na Casa da Cultura de Paredes de 7 de dezembro 2024 a 4 de janeiro de 2025 e reuniu 31 artistas convidados a expor as suas obras, provenientes de diferentes concelhos do Vale do Sousa. Registemos os seus nomes: A.Reis, Ana Azelio, Ana Raquel Silva, Camila Teixeira Gomes, Carla Maria Pinheiro, Fátima Vieira, Inês Vieira, Joaquim Merino, Maria B., Paulo Pinto, Pedro Vale Moreira, Raquel Ferrás, Ricardo de Souza, Tiago Santos, Tiago Sousa (Paredes); A.fe, Biamss, C. Alves, Elsa Martins, Gira, Isabel Ribas, Lams, Mafalda Rocha, Mel, Nepotis, Nina Resendes, Olesya Mohosh, Susana Verdial (Penafiel); Helena Meireles, Luísa Pinheiro, Susy Rosária (Paços de Ferreira).

Esta exposição coletiva, através da pintura, escultura e desenho, teve como objetivo comemorar dois marcos significativos da história de Portugal, o cinquentenário do 25 de abril e o centenário de nascimento de Mário Soares, ex-presidente de Portugal e um dos principais responsáveis pela transição para a democracia após a revolução.

Na sua essência, a arte é sempre um ato criativo e uma necessidade de expressar algo a nós, aos outros, à realidade e aos sonhos e, neste contexto, serviu não apenas como forma de expressão, mas igualmente como um meio de reflexão sobre a história recente e os valores da liberdade e democracia.



EXPOSIÇÃO ARTISTAS VALE DO SOUSA LIBERDADE SEMPRE!

José Rosinhas, Artista Plástico, Curador e Professor



Diariamente, o Município de Paredes tem como missão junto dos seus munícipes a promoção de uma cultura cívica e democrática. Assim, aproveitando a quinta edição do projecto curatorial “Artistas do Vale do Sousa”, decidi, e muito bem, homenagear Mário Soares: advogado, político e co-fundador do Partido Socialista, tendo assumido os cargos de Primeiro-Ministro (1976 – 1978 e de 1983 – 1985) e de Presidente da República Portuguesa (1986 até 1996).

O projecto curatorial apresentado na Casa da Cultura de Paredes inspira-se na vida e no legado de Mário Soares, preservando e divulgando, assim, a memória histórica e a herança cultural de um Português Contemporâneo. Para o efeito, pediu-se aos Artistas da Região do Vale do Sousa que, através do tema Liberdade e da Vida e Obra de Mário Soares, criassem obras únicas e ímpares, pois como colecionador de arte foi sempre um homem muito sensível à arte contemporânea portuguesa e estrangeira. O Retrato Presidencial foi criado pelo Pintor português Júlio Pomar (1926 - 2018), artista de renome internacional e com uma forte ligação de amizade desde a partilha de cela com Mário Soares, em Caxias.

Alguns dos artistas convidados a participar neste projecto curatorial já cooperaram há já alguns anos, outros estão presentes pela primeira vez. Assim, o meu/nosso muito obrigado aos artistas da Região do Vale do Sousa: A. fe, A. Reis, Ana Azelio, Ana Raquel Silva, Biamss, C. Alves, Camila Teixeira Gomes, Carla Maria Pinho e Ricardo de Souza, Elsa Martins, Fátima Vieira, Gira, Helena Meireles, Inês Vieira, Isabel Ribas, Joaquim Merino, Luísa Pinheiro, Mafalda Rocha, Maria B., Nepotis, Nina Resendes, Olesya Mohosh, Paulo Pinto, Pedro Vale Moreira, Raquel Ferrás,



Susana Verdial, Susy Rosária, Tiago Santos e Tiago Sousa.

Os artistas acima mencionados utilizaram várias abordagens plásticas na sua prática artística, como, por exemplo, o trabalho digital, a porcelana, a pintura, a escultura e a gravura, entre outros. Cada um com a sua liberdade artística tentou criar na sua obra um diálogo com o espectador, para que este possa ter um pensamento crítico sobre a sociedade contemporânea, esta que atravessa tantas adversidades e que luta por uma liberdade de expressão que tem de ser diária.

“Segurar um lápis pode ser equivalente a segurar uma arma. A arte é uma arma intelectual de arremesso que pode danificar ou modificar de forma significativa a consciência de quem a vê. A arte não pode “curar” o mundo, mas pode tornar visível as suas “feridas”, trazê-las à discussão pública. Esta frase do Artista, Comissário e Professor Paulo Mendes relaciona-se com a força que a arte tem e com a sua capacidade de alterar maneiras de perceber o mundo. Os artistas foram, são e serão sempre protagonistas de alerta para com o que se está a passar na sociedade, constatamos esse factor na história da arte, tomemos como exemplo a obra “Guernica” de Pablo Picasso (1881 - 1973), datada de 1937, ou a obra “Sem título n.º 5”, da série «Aborto» da pintora portuguesa Paula Rego (1935 - 2022), datada de 1998. As obras de arte são fundamentais como elementos de transformação e de sensibilização.

Para terminar, relembro os princípios de Vida e Obra de Mário Soares, nomeadamente liberdade, tolerância, solidariedade, igualdade e cidadania, que deverão ser referências na vida dos cidadãos portugueses. Liberdade, Sempre!

CASA DA CULTURA DE PAREDES

Programação Livre

janeiro/fevereiro

de Irene Pedras, curadoria
de Fernanda Malheiro

from ROCK to DUST

janeiro/fevereiro

de Filipa Figueiredo, curadoria
de Fernanda Malheiro

Cor das Palavras

fevereiro

de Rita Costa, curadoria
de Fernanda Malheiro

Traços Caricatos

fevereiro

de Paulo José Pinto, curadoria
de Fernanda Malheiro

Solo e Flores

fevereiro



de Miguel Neves Oliveira,
curadoria de José Rosinhas

Flores para Quem?

março



de Celeste Ferreira, curadoria
de Agostinho Santos

Impressionantismo

março



de Luis Zuluaga, curadoria
de Fernanda Malheiro

50 Anos: Itinerário da Liberdade

abril

Exposição Coletiva, curadoria
de Agostinho Santos

Aurora Gaia by Lauren

maio



de Lauren Maganete/
Aurora Gaia, curadoria
de Ana Maria Fernandes

Afurada é linda

maio



de Pedro Verde Pinho

Caminhos em Retrospectiva

maio



de Dulce Barata Feyo,
curadoria de Gabriela Santillán
Hernández

Novas Histórias Pintadas

junho



de António Cabral Pinto,
curadoria de Rosalina Santos

Entre Terra e Mar

junho



de Fernanda Araújo,
curadoria de Rosalina Santos

Alma

junho



de António Macedo, curadoria
de Fernanda Malheiro

Onda Bienal

julho

Exposição Coletiva, curadoria de
Agostinho Santos

Amar e Sonhar

agosto

de Lino Fernandes, curadoria
de Fernanda Malheiro

Des-Realizações

agosto

Exposição Coletiva de Maria
André, Rosário Roque e
Henrique Coelho

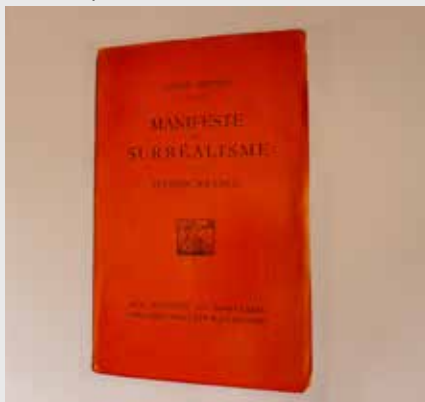
Bienal Artes na Madeira - FAMP

setembro/outubro

Exposição Coletiva, curadoria
Félia de Sousa, Direção de
Agostinho Santos

Centenário do Manifesto do Surrealismo 1924-2024

outubro/novembro



Exposição Coletiva, curadoria
de Miguel de Carvalho

Artistas do Vale de Sousa

dezembro

Exposição Coletiva, curadoria
de José Rosinhas

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE PAREDES

Arte do Bando - 3 Artistas pelas Nossas Mãos

janeiro

Turma do 2º ano do
Grande Colégio de Paredes

A Arte como Mensagem Cultural

fevereiro/março



de Carmo Vieira

A Casa dos Livros Proibidos

abril/maio

de Cooperativa Povo Portuense,
curadoria de Paulo Teixeira e
Sandra Melo

Caminhando entre Abraços... A Brincar com a Arte, na Escultura

maio/junho

Famílias da Creche
Municipal da Expansão
de Paredes

500 Anos de Camões

junho/agosto

Curadoria de António Aresta

Camões

setembro/outubro

de Levi Guerra

Livre-mente

novembro

de Elsa Martins

LOJA INTERATIVA DE TURISMO

Estrada Nacional nº 15 - Troço de Paredes

janeiro/fevereiro

de Prof. Ângelo Neto

Recantos da Terra onde Vivemos

fevereiro/março

de Prof. Gracinda Ramos
com Escola de Paredes

Espigueiros - Levantamento fotográfico continuado dos celeiros elevados de Portugal

março/abril

de José Fernando Magalhães,
curadoria de José Fernando
Magalhães, Luís Miguel Raposo

Uma Jornada à Descoberta da Obra de Júlio Pomar

maio

Alunos de Artes da Escola
Secundária de Paredes,
curadoria da Prof.^a
Gracinda Ramos

As Eleições Europeias - Uma Voz Jovem na Europa

junho

Escola de Vilela – Clube Europeu

Soul Maps

agosto/setembro

de Isabel Cardoso

Vista Mar

outubro/novembro

de César Martiniano, curadoria
de José Rosinhas

José Rosinhas

novembro

de José Rosinhas

Momentos no Interior da Terra

dezembro



de Rosalina Santos

WORKSHOP PATRIMÓNIO E PINTURA SETE ANOS

Beatriz Meireles, Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Paredes

Dinamizámos há sete anos workshops de património e pintura pelo nosso concelho, conscientes da importância de darmos a conhecer o património cultural através de iniciativas diferenciadoras, que descentralizem a cultura, fomentem a produção artística e potenciem a consciência crítica, pois, como nos diz Julião Sarmento, “o facto é que, podendo a arte não ter consequências palpáveis na realidade, a atividade dos artistas – a arte – muda a maneira como vemos o mundo. E isso já é mudar muito. Muito”. E nós quisemos muito mudar Paredes. Muito!

Contámos, ao longo destes anos, com o apoio incondicional da formadora, artista plástica e Amiga da Cultura de Paredes, Ana Maria Fernandes, que se repetiu nas várias edições, mas igualmente com outro/as amigo/as formador/as, designadamente Walter Almeida, Alberta Rangel e com o PoSk (Porto Urban Sketchers), de que fazem parte Adelaide Morgado e Olesya Mohosh.

Os participantes puderam contactar com um diversificado património cultural material ou imaterial, desde logo a Casa da Cultura de Paredes, de brasileiro de torna-viagem, um pólo que se tem dedicado às artes plásticas, é essa a sua marca e afirmação. Acrescentemos também outros

elementos do património: a Casa e o Jardim da Agrela, em Duas Igrejas; o Parque José Guilherme, no âmbito da comemoração do bicentenário do nascimento deste Rei de Paredes; a capela da Quintã, em Baltar, e o poeta Daniel Faria; o património azulejar concelhio, no Centro de Interpretação da Rota do Românico. Citemos igualmente Aguiar de Sousa e a paisagem inspiradora da Nossa Senhora do Salto; a Casa da Castrália e a Igreja de São Cristóvão, em Louredo; Recarei, com toda a sua história, bem como bonitas imagens verdes e rurais; Rebordosa e a experiência de uma fábrica, que contou as Artes em Madeira de Paredes; a Igreja de Astromil; a Torre dos Alcoforados, em Lordelo, e o Mosteiro de Cete.

Acresce que as técnicas de pintura utilizadas foram distintas, experimentando-se a aguarela e o acrílico, por exemplo, prevalecendo, contudo, o pastel seco, impregnado de risos e conversas.

As pedras contam histórias do património de Paredes, mas também o fizeram os pincéis e as obras de artes plásticas que por aí se encontram nas casas de cada um de nós.

Um enorme viva a todos estes artistas do património!

ENCONTRO COM A ARTE NA TORRE DOS ALCOFORADOS

Ana Maria Fernandes, Formadora de Pintura

No coração verde de Lordelo, na histórica Torre dos Alcoforados, realizou-se em 2024 um encontro singular entre o passado e o presente, impulsionado pela força criativa da arte. O workshop, promovido pela Câmara Municipal de Paredes, esgotou rapidamente, demonstrando o entusiasmo da comunidade por momentos que celebram a cultura e a expressão artística.

A manhã surgiu luminosa, com o sol acariciando as pedras antigas que guardam séculos de histórias. O espaço, um verdadeiro tesouro do património rural, revelou-se ideal para a imersão dos participantes. Antes de iniciarem suas criações, foi realizada uma visita guiada ao local, que

ofereceu um mergulho sensorial e histórico. A arquitetura secular e as memórias inscritas na paisagem não apenas inspiraram, mas também deram profundidade ao ato criativo.

Sob a minha orientação, os participantes exploraram artisticamente os pontos mais marcantes da Torre dos Alcoforados. Cada traço ou cor parecia evocar fragmentos de um tempo distante, enquanto o verde circundante conferia serenidade ao momento. Assim, o diálogo entre história e criatividade deu forma a obras únicas, que traduziam tanto o olhar quanto o sentimento de quem as produzia.

Mais do que um exercício técnico, o workshop foi uma celebração da capacidade humana de transformar memórias em arte viva. A experiência reforçou a importância dos patrimónios locais como fontes de inspiração, conectando os participantes às suas raízes culturais de maneira profunda e significativa.

Ao fim da manhã, cada obra finalizada não era apenas um reflexo do que se via, mas uma expressão do que se sentia.

A Torre dos Alcoforados, com sua presença imponente e tranquila, não apenas acolheu este evento, mas também se tornou parte dele, ecoando as histórias recém-criadas pelos artistas.

Este encontro provou, mais uma vez, que criar é também preservar. Sob o sol daquela manhã em Lordelo, arte e memória encontraram novas formas de coexistir, deixando uma marca no coração de todos os presentes.



Os formandos conheceram a técnica de desenho a carvão, num encontro que permitiu igualmente um convívio gratificante e troca das experiências.

Olesya Mohosh, formadora



ORPHEU PAREDES SOCIAL

Patrícia Pinto, Técnica Superior

O projeto “Orpheu Paredes Social”, Oficina de Artes foi desenvolvido pelo Município através do Pelouro de Ação Social. Nesta 6ª edição, foi entidade parceira o Plano de Ação para as Comunidades Desfavorecidas (PACD), tendo como tema o “25 de abril”.

Destinado a oferecer às crianças e jovens do concelho, dos 6 aos 14 anos de idade, a possibilidade de contactar com diferentes atividades culturais, entre as quais música, dança, expressões plásticas e teatro, o projeto tem o seu foco na vertente sociocultural, sendo o seu principal objetivo a promoção da inclusão social.

As atividades decorreram em diferentes locais do concelho, com o apoio de diversas entidades parceiras, nomeadamente, a Santa Casa da Misericórdia de Paredes, a Junta de Freguesia de Gandra, a Junta de Freguesia de Duas Igrejas e Associação de Solidariedade Social – ADI.

As artes desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das crianças e jovens, proporcionando uma série de benefícios que vão além do simples entretenimento, como por exemplo, o desenvolvimento cognitivo, a expressão emocional, o desenvolvimento motor e o social, o fortalecimento da autoestima, a valorização da diversi-

dade cultural e fomentam a criatividade. Estes benefícios mostram que a arte não é apenas uma disciplina isolada, mas uma ferramenta poderosa para o crescimento integral dos jovens, influenciando, assim, de uma forma positiva, o seu desenvolvimento emocional, cognitivo e social.

O tema do 25 de Abril, referente à revolução dos cravos de 1974, que comemorou este ano os seus 50 anos, foi extremamente importante para que as crianças e jovens tomassem conhecimento do que foi a ditadura em Portugal e a transição para a democracia. Abordar esta temática de uma forma lúdica, ajudou-os a compreender os valores fundamentais para uma sociedade democrática, tais como os valores da liberdade, cidadania, democracia e o respeito e cumprimento dos direitos humanos.

O trabalho desenvolvido por estas crianças e jovens esteve a cargo, ao longo de duas semanas, pelo Conservatório de Dança do Vale de Sousa, tendo culminado num espetáculo, bem como numa Exposição, que decorreu de 14 de setembro a 08 de outubro de 2024, na Loja Interativa de Turismo (LIT), em Paredes.



INCLUSÃO SOCIAL PELA CULTURA

Raquel Silva, Técnica Superior PACD

O Plano de Ação para as Comunidades Desfavorecidas, inserido no Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), tem como um dos seus objetivos principais a promoção da inclusão social e da coesão territorial. Neste contexto, a cultura surge como uma resposta estratégica para apoiar a integração e o desenvolvimento das comunidades em situação de vulnerabilidade.

A cultura é vista como uma ferramenta poderosa para combater a exclusão social e promover a igualdade de oportunidades, permitindo que as comunidades desfavorecidas acedam a experiências culturais e criativas que frequentemente lhes são negadas.

Os projetos culturais podem reforçar o sentido de identidade e pertença, promovendo a autoestima e a valorização das tradições e expressões locais, enquanto conectam estas comunidades a um tecido cultural mais amplo.

A cultura também desempenha um papel formativo, funciona como um motor para o desenvolvimento de

competências pessoais e profissionais e ajuda a preparar os indivíduos para o mercado de trabalho.

O Município de Paredes que reconhece que a resposta social através da cultura tem um impacto multidimensional, tenta em todas as suas operações apoiar-se nessa resposta inclusiva para fortalecer a ligação entre as comunidades e as infraestruturas culturais, num esforço de garantir maior acessibilidade a áreas menos favorecidas. Assim, proporciona atividades culturais direcionadas para jovens em risco, comunidades migrantes ou minorias étnicas, sempre numa tentativa de promover a igualdade de oportunidades.

Portanto, a inclusão da resposta social através da cultura no Plano de Ação para as Comunidades Desfavorecidas reflete uma abordagem inovadora e sustentável para enfrentar desigualdades, uma vez que promove não apenas o desenvolvimento social, mas igualmente a transformação das comunidades enquanto agentes ativos de mudança.



PRIMAVERA FESTIVAL DA FLOR 2024

Beatriz Meireles, Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Paredes

Na nossa revista cultural Orpheu Paredes 2022, falava da necessidade de continuarmos a abrir as janelas da casa voltada para o jardim mágico de flores, onde voam tantas borboletas. Não foi um mero idílio que tornou a Casa da Cultura de Paredes, o seu jardim e a Avenida da República de Paredes o palco de um evento único, agregador de todas as freguesias deste concelho. Foi também o imperativo de valorização de um património especial, diferenciador e identitário, que por si só conseguia juntar-nos e fazer a Primavera acontecer!

Assim floriram tantas sementes, tantos projetos dentro de um grande projeto, ao longo destes sete anos. Em 2024, apresentámos, uma vez mais, uma programação diversificada para diferentes públicos, de origens distintas, recebendo centenas e centenas de pessoas, residentes, munícipes e turistas.

Obrigada a todos os que connosco cuidaram do mais belo jardim que alguma vez Paredes teve!

Para memória futura, deixámos as fotografias dos variados momentos...



PRIMAVERA
FESTIVAL
DA FLOR
21 A 24 MARÇO 2024 PAREDES



AMIGOS DA CULTURA DE PAREDES

Anabela Machado, Técnica Superior

Inicialmente “Os Amigos da Cultura de Paredes” surgiram com o intuito de auxiliar a atividade da nossa Vereadora da Cultura, Dra. Beatriz Meireles, na sua árdua tarefa de organizar a Biblioteca e os jardins abandonados da Casa da Cultura, por exemplo. Este Projeto pretendia implicar os cidadãos em algo que lhes pertence como naturais de Paredes, ocupando-os de forma ativa e válida. Saliente-se que destes núcleos não fazem apenas parte seniores ou reformados, pois há também jovens e crianças ou pessoas no ativo que estão inscritas nas atividades. Há mesmo “Amigos” que se juntaram por indicação dos médicos, para que estejam ocupados, sendo isso benéfico para a sua saúde mental.

O grupo começou com 5 elementos, mas pouco a pouco foi aumentando e, atualmente somos 536.

As pessoas foram-se juntando e, face aos seus interesses, escolhendo as atividades disponíveis:

- O Livro e o Registo, atividade na Biblioteca Municipal
- Cérebro Ativo
- Artes Decorativas
- A Magia de Sons Harmónicos e Danças Circulares
- Técnica Fotográfica
- Latim
- Artes Performativas
- Coro dos Amigos da Cultura
- Visitas Culturais
- Ponto de Cruz
- Agulha e Dedal
- Yog` Arte
- Arte Terapia
- Meditação
- Terapias Culturais
- Caminhadas e Jogos tradicionais
- Danças Tradicionais
- Introdução às Tecnologias
- Danças Temáticas - Associação EnRaiz` Arte em Gandra
- Partilha de Leituras

Deste modo, atualmente, dispomos de vinte e duas atividades, as quais são asseguradas por voluntários, também eles Amigos da Cultura de Paredes.

Para além das iniciativas já existentes desde o início, atualmente temos uma oferta mais diversificada, com vista a combater a solidão e a depressão que muitas pessoas por

vezes sentem procurando este projeto colmatar algumas destas lacunas.

Recentemente, participámos, no Campus Universitário de Gandra, num Seminário designado “Saúde mental e envelhecimento ativo” onde apresentámos à comunidade e às autoridades presentes, relacionadas com a área de saúde mental, as atividades desenvolvidas pelos “Amigos da Cultura de Paredes”.

A nossa intervenção foi muito apreciada, visto que as iniciativas proporcionam aos elementos envolvidos um sentido de pertença, uma ocupação para as suas vidas, as quais, em certos casos, são pautadas pela solidão e pelo vazio.

No início de julho, nos jardins da Casa da Cultura de Paredes, realizou-se o habitual “Encontro de Amigos da Cultura de Paredes”, que consistiu num lanche coletivo, seguido da apresentação do trabalho realizado ao longo do ano, em cada um dos núcleos. Houve então momentos musicais interpretados pelo projeto Raízes Épicas, intercalados com as atividades atrás mencionadas. Foi um período descontraído, de convívio, tendo como cenário os aprazíveis jardins da Casa da Cultura / Palacete da Granja... Podemos concluir que estes “Amigos” encontraram o lugar certo para continuarem vivos, alegres, saudáveis e ocupados, descobrindo potencialidades pessoais que desconheciam!



É um prazer enorme ser Amiga da Cultura de Paredes pois ansiava há muitos anos. Era uma área quase inexistente na localidade, por isso foi motivador ver surgir/sair a Cultura da nossa terra para todos. Já não era necessário recorrer ao Porto ou a outras localidades para participar em eventos culturais!

Manuela Ruão

Quando se aproximava o momento em que me iria reformar, comecei a procurar atividades na cidade para me manter ocupada, porque sabia que iria sentir necessidade de me manter ativa e de conhecer pessoas novas. O projeto Amigos da Cultura de Paredes foi-me aconselhado por pessoas que fazem parte do grupo e que sabiam que procurava uma ocupação para depois da minha reforma.

Maria Isabel Ferreira



Tive conhecimento do grande investimento feito no setor cultural em Paredes desde que comecei a frequentar os cafés literários mensais. Este município tem feito um excelente trabalho no âmbito da cultura e, de forma a reconhecer esse trabalho, inscrevi-me como Amiga da Cultura de Paredes. Para além disto, achei que faria todo o sentido inscrever-me porque acho que a participação cívica – especialmente a jovem – é fundamental para o país. Vejo a participação cívica como um direito para nós cidadãos portugueses. Tenho realmente interesse em fazer parte dos eventos culturais do município, em estar mais ligada ao meio cultural e de intervir no sentido de trazer mais jovens para a cultura.

Maria Ana Horta

Para mim, este projeto é uma oportunidade de ensino/aprendizagem partilhados entre todos os que nele participam. Desta forma posso continuar a ensinar e a partilhar aquilo que sei e faço bem, ao mesmo tempo que aprendo com as experiências dos outros.

Maria Victória Figueiredo

Este projeto trouxe a Paredes uma renovação em termos culturais, há muito necessária.

Nuno F. Silva



Cresci em Paredes, fiz aqui o ensino regular completo. Embora não esteja a morar na zona atualmente, tenho cá toda a minha família, com pessoas de faixas etárias diferentes. Acabo por ser eu a divulgar-lhes toda a programação cultural, por isso faz-me todo o sentido ser Amiga da Cultura e ter um acesso rápido a todas as atividades.

Inês Cardoso



Este projeto representa uma forte aposta na interação do município com os seus concidadãos e, consequentemente, uma partilha de responsabilidade na divulgação do património material e imaterial da região, bem como a promoção de atividades recreativas e culturais destinadas a todas as idades. Pessoalmente, é uma honra e um orgulho participar nas iniciativas culturais da “minha cidade” e alargar os laços de uma amizade que se pretende enriquecedora e profícua.

Laura Guimarães



DESCOBRIR PAREDES REDES DE PERCURSOS

Fernanda Pereira, Técnica Superior

Na última edição da revista Orpheu, foi apresentado um balanço de 4 edições do programa Descobrir Paredes, através do qual tem sido proporcionado aos participantes a oportunidade de conhecer mais e melhor este concelho. Nesta edição dá-se a conhecer alguns dos frutos que resultam desse trabalho e através do qual se afirma o projeto.

Com a chegada de 2025, surgem novidades para todos os que apreciam caminhar e contactar com a natureza e a tradição. No decurso do que foi sendo dinamizado nos últimos anos com o Descobrir Paredes, materializam-se 4 desses percursos no terreno, com uma sinalética adequada e devidamente homologada. Trata-se dos seguintes trilhos: Trilho de S. Silvestre; Trilho de Gondalães; Trilho de Louredo da Serra; Trilho dos Chocolateiros. Estes trilhos integram uma rede nacional de percursos pedestres,

devidamente sinalizados e homologados pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal. Este é um dos objetivos deste projeto que procura promover a valorização do território, estimulando a interação do público com os diferentes recursos da região. A criação de uma identidade local está relacionada com muito conhecimento e contacto com a população, assim como com a criação de laços de identidade e de aproximação ao património.

Este projeto integra o Plano de Ação Comunidades Desfavorecidas: Operação Plataforma Participativa, Cultura, Cidadania e Inclusão, através do qual foi obtido um financiamento que suporta toda a logística inerente à iniciativa.

Com a sinalização destes primeiros percursos espera-se atrair novos públicos ao território, incrementar a economia e incentivar o orgulho local.

Ficam todos convidados a Descobrir Paredes!



PROMOÇÃO DO TURISMO EM FEIRAS

Ana Neves, Técnica Superior

No ano de 2024, o Município de Paredes esteve presente em eventos com o intuito de promover, entre os visitantes, o Turismo e a Cultura existentes no concelho.

Tal como é habitual, marcámos presença na BTL, Bolsa de Turismo de Lisboa, realizada na FIL entre os dias 28 de fevereiro e 03 de março. Esta feira atrai visitantes portugueses e estrangeiros, dando a conhecer o nosso património, a indústria do mobiliário e a gastronomia do concelho. Foi na maior feira de turismo de Portugal que apresentámos o Doce Tremoceiro de Paredes, inspirado na doçaria conventual portuguesa, através de um showcooking desenvolvido pelos alunos a frequentam o Curso Profissional de Cozinha/Pastelaria do Agrupamento de Escolas da cidade.

O Doce Tremoceiro de Paredes é um doce que, tal como o nome indica, realça o tremço, semente associada aos Paredenses, que são conhecidos como os Tremoceiros. Este facto remonta ao passado, onde era tradição a venda de tremços nas festas, romarias, feiras e até nos finais das missas de domingo. Na BTL foram apresentadas aos visitantes as Cadeiras dedicadas ao serviço das cerimónias da Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023. Estas foram criadas pelas empresas Fenabel e Laskasas, pertencentes ao concelho. A Fenabel associou-se ao evento através do fabrico de oito cadeiras destinadas às cerimónias oficiais do Papa Francisco e do Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa. A Laskasas esteve presente com a produção do altar, do ambão, de cadeiras

para os diáconos, para os concelebrantes e para os acólitos e ainda uma outra cadeira para o Papa Francisco. Além destas peças, criou os suportes para a Nossa Senhora Peregrina e para a Cruz Processional.

Entre os dias 17 e 19 de maio, o Município voltou a estar presente na III Edição do EntreLinhas – Festa do Ferroviário, em Ermesinde, promovendo o turismo e a cultura locais. Este evento foi dinamizado, tal como nos anos anteriores, pela Câmara Municipal de Valongo. A nossa Edilidade divulgou, entre outros, o concurso de Prémio de Artes Plásticas - Henrique Silva, proporcionou aos visitantes a degustação do Doce do Tremoceiro e prestou informações através da revista Paredes Tem. Esta iniciativa está inserida na estratégia municipal de promoção e salvaguarda da identidade sociocultural do território e da preservação e divulgação do património ferroviário, enquanto património cultural e identitário. Foram 13 os Municípios representados: Baião, Gondomar, Maia, Marco de Canaveses, Mesão Frio, Paredes, Penafiel, Santo Tirso, São João da Pesqueira, Trofa, Valongo, Viana do Castelo e Vizela.

Integrado na 43.ª Feira Agrícola do Vale do Sousa, no dia 27 de agosto, dia reservado ao concelho de Paredes, a câmara marcou presença no stand da Rota do Românico, com mais uma degustação do Doce do Tremoceiro e a promoção do território e das atrações do concelho.

Assim temo-nos empenhado cada vez mais em divulgar a riqueza turística e cultural do concelho.



BIENAL INTERNACIONAL DAS ARTES EM MADEIRA DE PAREDES

Bruna Magalhães, Técnica Superior e Artista Plástica

Paredes é um concelho da região norte que desde finais do século XIX começou a traçar o seu caminho identitário associado à madeira e sua transformação. A partir de modestas oficinas de marcenaria começaram a ser produzidas diversas peças de mobiliário, que eram carregadas pelas mulheres (carreteiras ou cadeireiras) para os grandes centros. Assim, iniciou-se a história da indústria do mobiliário de Paredes que chegou aos nossos dias como um exemplo de determinação e resiliência dos homens e mulheres deste concelho. Graças a este espírito, Paredes é hoje um grande centro de produção de mobiliário cuja história é motivo de orgulho e importa preservar e perpetuar para as gerações futuras.

Por essa razão o Município Paredense tem nos últimos anos vindo a desenvolver um trabalho de recuperação, valorização e incentivo para que as artes da madeira de Paredes não sejam esquecidas. Este trabalho está consubstanciado na BIAMP, um evento cultural, cuja missão é realçar o trabalho da madeira através das suas diversas artes. Com este evento pretende-se promover o encontro de *stakeholders* de diferentes áreas: artistas, artesãos, designers, empresas, associações culturais e sociais, agentes culturais, formadores e formandos, cujo impacto na comunidade local seja relevante.

De 12 de setembro a 15 de novembro de 2024, a Câmara Municipal de Paredes desenvolveu um programa cultural assente em fortes alicerces de identidade e incentivos ao crescimento e desenvolvimento económico do território. O programa apresentado resulta da combinação de uma oferta cultural fundamentada no património material e imaterial associado à madeira e a toda a história do concelho, resultando numa experiência turística e cultural única.

Do programa constaram exposições e momentos de arte

inclusiva com espetáculos sobre o universo das madeiras, em que participaram jovens portadores de deficiência e/ou incapacidade, visitas guiadas ao património, masterclasses musicais, oficinas e um seminário subordinado ao tema "Artes em Madeira, Tradição e Design". Ao nível da literatura, o mote para a realização do Café Literário foi a madeira, tendo como destinatário o público adulto e que serviu também para o 1º Encontro de Contadores de Histórias, dando a conhecer este sublime património cultural imaterial às crianças do concelho. Através dos roteiros de turismo industrial foi possível explorar a evolução da indústria do mobiliário, dando a conhecer o seu progresso desde as tradições artesanais até às modernas técnicas de produção.

O evento foi promovido no âmbito do Plano de Ação para as Comunidades Desfavorecidas e financiado pelo Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), contando-se, ainda, com a parceria da Associação de Empresas de Paredes (ASEP). Ao nível das exposições participaram artistas nacionais e internacionais, artesãos e empresas de mobiliário do concelho (By Original Design de Interiores, Comodos, Fenabel, Laskasas, Wewood) e a Associação de Solidariedade Social (ADI), em quatro exposições de escultura, desenho e pintura em diferentes espaços municipais culturais (Casa da Cultura, Loja Interativa de Turismo, Torre dos Alcoforados e Mercado da Sobreira) e uma residência artística na Quinta da Aveleda.

As exposições tiveram a direção artística de Agostinho Santos e curadoria de Felícia de Sousa.

Assim se faz e continuará a fazer o caminho na valorização das Artes da Madeira em Paredes, envolvendo toda a comunidade local, convidando artistas e todos os que desejem fazer este caminho connosco!





DISCURSOS, NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES DAS ARTES EM MADEIRA – VISITAS GUIADAS ‘PATRIMÓNIO, MADEIRA E ENOTURISMO’

Isabel Patim, Professora Universitária e Curadora

Inseridas nas atividades da Bienal Internacional das Artes em Madeira de Paredes 2024, foram realizadas duas visitas guiadas subordinadas ao tema “Património, Madeira e Enoturismo”. A primeira, intitulada “Discursos, Narrativas e Representações das Artes em Madeira – Tudo o que luz é ouro”, ocorreu no dia 22 de setembro de 2024, com a visita à Serração Fernando Dias, à Casa da Cultura e à Quinta da Aveleda. A segunda, sob o título “Migrações – Discursos, Narrativas e Representações das Artes em Madeira”, na semana seguinte, incluiu as visitas à Móveis Fialho, à Torre dos Alcoforados e à Quinta da Bela Vista. As visitas foram coordenadas por Isabel Patim, apoiada por Fernanda Pereira, a quem agradecemos, e pelos respetivos representantes dos locais visitados, que proporcionaram aos visitantes deste roteiro uma imersão enriquecedora nas artes em madeira e nas suas interseções com o enoturismo e o património local.

O propósito de confluir conceptualmente em três locais distintos (um representativo das artes em madeira, um edifício do património edificado e o enoturismo) cumpriu-se, sob um desafio de narrativa conceptual que a organização materializou para cada inscrito, através de um livreto bilingue entregue no Ponto de Encontro. A inclusão do QRCode do Município e o da programação da Bienal Internacional das Artes em Madeira de Paredes nesse livreto fixaram Paredes na rota do digital e da internacionalização.

O grupo de visitantes de cada um dos roteiros corrobora o potencial da região. Ao contrário do roteiro conceptual ‘Tudo o que luz é ouro’, o discurso linguístico do roteiro ‘Migrações’ foi em inglês; porém, com tradução simultânea para os vários interlocutores, quando necessário, pois contava com a presença de vinte e dois membros do grupo SEED Communities – Sustainable, Ethical, Empowered Democratic Communities, oriundos de Itália, Chipre, Malta, Letónia, Lituânia e Hungria, que visitavam o concelho de Paredes no âmbito de uma ‘Town Twinning’.

Em ambas as visitas guiadas, com cada um dos locais conectado conceptualmente nos que se sucediam, encontramos a narrativa da madeira em Paredes e das artes em madeira. O roteiro realizado pelos três locais – a Serração Fernando Dias, a Casa da Cultura de Paredes (Palacete da

Granja) e a Quinta da Aveleda – revela uma rica conexão com a história, cultura e identidade regionais, complementando a herança destacada pela Rota do Românico.

As conexões entre os locais da segunda visita guiada – Móveis Fialho, Torre dos Alcoforados e Quinta da Bela Vista – e o tema Migrações nas Artes da Madeira são profundas, refletindo a influência das trocas culturais e técnicas ao longo da história na região de Paredes. Cada local explora diferentes formas das migrações moldarem o artesanato, a arquitetura e a vinicultura, evidenciando a importância das interações culturais no desenvolvimento das tradições em madeira. Os três locais compartilham uma narrativa comum – o impacto das migrações no uso e valorização da madeira. Seja no artesanato da Móveis Fialho, nos detalhes arquitetónicos da Torre dos Alcoforados ou nas práticas vinícolas da Quinta da Bela Vista, as trocas culturais moldaram profundamente o património material e imaterial de Paredes. Técnicas, estilos e tradições foram adaptados e perpetuados, consolidando a madeira como um símbolo central da identidade cultural da região. O roteiro demonstra como as migrações enriqueceram as artes em madeira em Paredes, revelando um legado de inovação e preservação que atravessa séculos. É uma celebração do encontro entre culturas, tendo a madeira como elemento unificador dessa história.

A representação da narrativa da madeira e das artes em madeira nesta cidade e o discurso da história e da contemporaneidade daquela material agarram raízes no património natural, no turismo e no enoturismo. Assim, a Quinta da Aveleda contextualizou o uso da madeira na construção das adegas e na integração com os belos jardins, reforçando o tema da madeira como elemento de valor estético e funcional. A visita guiada conduziu os participantes pelos jardins, onde a madeira e a paisagem dialogam em perfeita harmonia. O ponto alto foi a degustação de vinhos, com explicações sobre o envelhecimento em barris de madeira que influencia o sabor e a qualidade dos produtos.

Considero que a representação do discurso da história e da contemporaneidade de Paredes, associado à madeira, às artes em madeira, ao turismo e ao enoturismo é recriado mantendo-se indissociável do conceito de ‘migração’, entendido como deslocação de pessoas de uma local para

outro, geralmente por motivos económicos ou sociais. Na contemporaneidade, o conceito poderá estender-se à deslocação de conceitos, ideias ou produtos. É aqui que observamos os percursos migratórios de Paredes, se pensarmos nas carreteiras, no passado, ou na exportação de produtos ou técnicas vinícolas para o mundo, no presente. No conceito do primeiro roteiro, brilha tudo o que é imaterial à luz do movimento das carreteiras de Paredes: as *estórias*, as canções e os códigos de comunicação visuais. Já no segundo roteiro, cintila o movimento de ideias, artes e técnicas.

As visitas guiadas 'Património, Madeira e Enoturismo' desempenham um papel na valorização e promoção das artes da madeira, além de contribuírem significativamente para a internacionalização da região e para a preservação das artes e do património material e imaterial de Paredes, funcionando também, como uma ponte entre o passado e o futuro que integra a história local com o dinamismo cultural e económico contemporâneos.

Ao recorrerem a uma abordagem imersiva e educativa, que leva os visitantes a pontos estratégicos, como a serração, as oficinas de marcenaria, talha, escultura, restauro e fabrico de móveis, a monumentos históricos, culturas vinícolas e palacetes, as visitas guiadas configuram-se roteiros turísticos numa experiência única de contacto com a cultura e tradições locais, enquanto destacam as práticas contemporâneas e os desafios da indústria da madeira. Ao mesmo tempo, os roteiros abordam as influências das migrações e trocas culturais que moldaram as técnicas de trabalho com madeira em Paredes, revelando como a região se tornou um importante centro de saberes artísticos e artesanais. Este processo de internacionalização, não se limita apenas ao mercado turístico, mas também se estende ao reconhecimento global da cidade como um polo cultural e artístico de excelência, com uma história rica em influências e inovações.

Ao destacar a madeira não só como um recurso natural, mas também como um material de grande valor simbó-

lico e estético, os roteiros turísticos da bienal ajudam a preservar e a revitalizar o património material de Paredes, incluindo as suas construções históricas, como igrejas, torres e espaços públicos, que utilizam a madeira de maneira única. Ao mesmo tempo, a bienal propõe uma reflexão sobre o património imaterial da cidade, como as tradições de marcenaria, a escultura e outras formas de arte popular que foram transmitidas de geração em geração e continuam a ser práticas vivas.

As visitas guiadas oferecem, portanto, uma oportunidade de valorização, não apenas do património tangível, mas também das histórias, das técnicas e das narrativas que sustentam a identidade de Paredes. Essa conexão entre o passado e o presente, mediada pelas experiências turísticas, reforça a ideia de que a madeira, enquanto elemento cultural, vai além do seu uso utilitário, sendo também um símbolo da história coletiva e da arte.

Com a crescente procura de experiências turísticas autênticas e sustentáveis, a promoção da cultura da madeira, que é um dos pilares da economia local, adquire uma relevância especial. Assim, as visitas guiadas podem contribuir para uma rede de intercâmbio cultural e conhecimento que alimenta o crescimento do setor turístico e da indústria da madeira, criando uma dinâmica de desenvolvimento económico sustentável. Além disso, ao incluir a arte como um dos seus principais eixos, os roteiros destacam o papel da madeira na criação de obras de arte, como esculturas e móveis, que não apenas embelezam os espaços públicos, mas também representam a alma da cidade, impregnada pela tradição, pela inovação e pela adaptação das técnicas artesanais.

Nesse contexto, os roteiros tornam-se um veículo essencial para promover a sustentabilidade e a preservação da cultura local, garantindo que o legado da madeira, tão intrínseco à identidade de Paredes, seja transmitido de forma eficaz às futuras gerações, ao mesmo tempo que se promove uma nova visão sobre a madeira como fonte de criatividade e desenvolvimento económico.



VIII ESPALHAR MAGIA POR PAREDES A NOSSA CARTA AO PAI NATAL

Beatriz Meireles, Vereadora da Cultura

Estimado Pai Natal,

Escrevemos-te este singelo texto para agradecer. Ao que parece, agradecer não está na moda em 2025, mas nós somos, em certas coisas, bastante antiquados. Tu também vestes o mesmo fato todos os anos. Para quê inventar, se o teu fato vermelho e branco é lindo!?

No último dia do mês de novembro de 2024 chegaste ao nosso concelho para Espalhar Magia por Paredes. Por aqui continuaste até ao início de janeiro, com a entrega de prémios e o encontro de janeiras. São sete anos e uns meses de trabalho, mas contei, afinal, oito neste projeto.

Paredes encheu-se de luzes, de gorros vermelhos, do vaivém dos carroséis, de animação e de música. As crianças e as suas famílias passearam de comboio por todas as freguesias.

Como sabemos bem receber e dar, cumprindo o espírito natalício, pendurámos na cerca da tua casinha, no Parque José Guilherme, onde um bonito mercado se instalou, centenas de fitas com mensagens dos alunos das escolas de Paredes. Para nós, as palavras contam muito, pois a cada rosto corresponde uma identidade, uma palavra deveras especial. Paz, amor, amizade, sonho, alegria, saúde e família foram as palavras mais escritas e lidas.

Ainda que não seja o mais importante, a verdade é que todos gostam de presentinhos. Assim, apelámos às vendas no comércio tradicional, com as rifas de Natal, Calendário do Advento Poético e o Concurso de Montras de Natal.

Apelámos, igualmente, à responsabilização ambiental, com os workshops de Natal (decorações e postais de Natal sustentáveis e impressão botânica em tecido), e à social, com a venda solidária de obras de arte, numa exposição dedicada a um dos principais responsáveis pela democracia no nosso país, Mário Soares.

Trouxemos o Rudolfo e a tua Unicórnica, lemos sobre o teu trenó, na hora do conto, e também levámos à Biblioteca, que lugar mais mágico cheio de livros, o mundo encantado do Natal.

Devemos terminar, pois a nossa revista quer-se pronta a tempo, porém não podemos ainda deixar de agradecer por teres respondido a cerca de três mil cartas das crianças do nosso concelho e dos meninos/as que nos visitaram, sem esquecer que contigo estiveram tantos duendes bons, que nos trouxeram luz num momento tão necessário.

Obrigada, Pai Natal, obrigada a todos/as. É que juntos fizemos uma vez mais magia!

VENCEDORES DAS MONTRAS DE NATAL, 2024

Teresa Carvalho, Técnica Superior de Comunicação



Os vencedores do Concurso Montras de Natal 2024 foram decididos por um júri constituído por três elementos e através de votação online. O primeiro prémio foi atribuído ao estabelecimento Margarida Matos – Hair Studio, em segundo lugar ficou a loja Gleven – Home Concept e o terceiro prémio foi vencido pelo estabelecimento Verde Oliva.



Calendário do Advento... alguns poemas

1

Natal 2024

na casa antiga
o musgo sobre a mesa
e sobre ele os pastores e as ovelhas

debaixo de uma telha
um burrinho e uma vaquinha

aquecem o bebê recém-nascido
deitado nas palhinhas de um ninho de pardal
sob o olhar divino dos seus pais

olho o meu presépio e não consigo sossegar
não posso dormir esta noite descansado

as ruínas despedaçaram a cidade
e um homem caminha entre as ruínas
olhando as cicatrizes que rasgam as paredes
e a mulher lava-as com os olhos
e tenta sorrir para o menino que lhe dá a mão

quando o menino for mais velho
a mãe há-de contar-lhe a história triste da cidade
e irá mostrar-lhe as cicatrizes
que o homem continua a ungir com as mãos feridas

irá contar-lhe que em tempos
um menino nasceu ali
e foi aquecido pelo respirar dos animais
e pela ternura com que o pai e a mãe o protegiam

olho triste o meu presépio sobre a mesa
e quero gritar àquele menino
mas a voz sai-me embargada e pouco límpida:

o meu presépio é uma triste imitação

foi nessa tua terra agora destruída
que o verdadeiro presépio aconteceu!

4

Aires Montenegro

2

Solidão de Natal

Natal Natal Natal
Existe no ar um sorriso triste
De quem nada tem!
Do rosto cai o brilho da estrela
Pouco iluminada
De quem tudo dói!
Não és feliz natal!
És a restea de esperança
De dias melhores!
És o sonho do prato cheio
Es prato esquecido
Numa mesa solitária enfeitada!
És a ilusão de vida colorida
Onde mora o silêncio e solidão!
E assim te renovas
Ano a ano
Na esperança vã
Que seja sempre Natal!

5

Ana Azélio

3

Kravchenko

o verso — em noite fria
encolhido, envergonhado
olhou o pequeno embrulhado
na manjedoura — o dia

transportou-o no tempo sereno
das ceias que não percebia
dos presentes que recebia
nem às histórias que contavam

fossem assim meus dilemas
as prosas, os meus poemas
desses amores encantados

onde perduram meus sonhos
invioláveis tesouros
num menino em palhas deitado

6

Natal

N-Nada neste mundo é meu,
A_A não ser a noite e o dia
T_Tenho o sol que me alumia ...
A_Assim era o deus menino
L_Lá longe, quando nasceu ...

7

Branca Mendes

8

Memórias de Natal

Fecho os olhos num apelo às memórias de Natal
E vislumbro, num tempo tão distante, a pedra da lareira
Só cinzas e calor
O sono insidioso invade os meus olhos de criança
Faróis a adivinhar a noite promissora
Luzes que se extinguem na névoa do sonho e do cansaço

Os primeiros raios da manhã despertam a mente ansiosa
Na descoberta das oferendas
Pequenas provas de amor.
Ainda de olhos cerrados, procuro viajar no tempo
E há árvores de Natal e música nas ruas
E montras prenhes de iguarias
E famílias que se encontram
E corridas de aflição porque faltou a luz
E não há bolo-rei nas padarias
E compras de última hora sem critério, sem escolha
Sem sentido ou sentimento de carinho
Esquecido o significado verdadeiro da partilha
Da entrega
Numa urgência de adquirir só porque sim
Só porque a música leva à alienação
E já não sei se comprei tudo neste frenesim
E o pudim
E a pressa para a ceia de Natal
E o bombom que ficou por escolher
E o queijo esquecido no trabalho
E os jogos de tabuleiro
E o baralho para o serão
E ainda tenho de ir buscar ao sótão
O Loto e o Uno lá guardados
E o temor que surge num repente
De que possam, por ventura, estar estragados
E o telefone que não para de tocar
Com recados e abraços e lembranças
E a toalha ainda por escolher
E a mesa também por enfeitar
e o pai natal de chocolate para as crianças
e a água na panela que não ferve
E a couve que esqueci lá no quintal
Ai!... O centro de mesa com as velas
Onde para?
Não me lembro, faço outro
Não faz mal.

Com tanta confusão e alvoroço
Abro os olhos e chego ao presente
O Natal é agora mais sereno
Acompanha o passo imposto pela idade
Encomendo as prendas que preciso
Para os pequenos
Prolongo ao extremo momentos de cumplicidade
Todos ajudam na confeção da ceia
A mesa farta brilha na ternura e no carinho
E a toalha branca e longa acolhe sem receio
O bacalhau, o azeite e o azevinho

Adormeço na tábua amistosa
Embalada nas palavras de conforto
O cansaço é mais forte que a vontade
De tomar parte no jogo do Loto.

9

Isabel Alves Pereira

Ao Encontro do Natal

A correr desequilíbrios apressados
Somos rios desaguados
Em tudo: nada falte do ambicionado
Pelos nossos olhos
No Natal desejado.

Não há tempo para o amor
Nem para a humanidade.

Vazios, seguimos sem o deslumbramento
Essencial.
Seguimos esquecidos dos outros
Nesta terra com princípio
E fim.

«Natal é amor e carinho
Natal é partilha
Com igualdade e humanidade.»

Oíço esta voz perdida em mim
E perscruto os tempos:
Da infância à velhice.

Alegrias incólumes não existem.

Neste mundo em correrias destravadas
O Natal nasce do amor de uma criança.

10

Olinda Loureiro

11

Sem Presépio não há Natal

Podes iluminar ruas e praças,
enfeitar árvores mais altas que os palácios,
entoar loas e versos fraternais,
pôr anúncios em todos os jornais,
dobrar a cerviz ao peso de presentes,
compor gestos elegantes, subteis,
abraçar os de casa e os ausentes,
gritar ternuras, pungir o coração:
será tudo inútil, triste, vão!

Nenhum rio se faz sem a nascente,
sem energia nenhuma luz se acende,
nem o lírio dá flor sem a semente,
em pó a rocha mais dura se desfaz.
Estende uma mão sobre o abismo:
nada encontrarás!

12

Nuno Higinio

Natal Sem Luz

A pedra alonga-se
quando pés cansados
arrastam sons de neve
tão vagos como interrogações
e suplicas em ondas de angústia:
ecos da noite de Natal
na condição rarefeita
da intimidade estilhaçada
quando do esconderijo
bombardeado
se ergue dor, sofrimento e crime.

No anacronismo da mancha gráfica,
colete de forças
ou necessidade de expressão obliterada
sem Petrarca, Camões, Shakespeare,
na dimensão trágica
da sordidez sem data
nem era marcada,
o monstro da ignomia
tenta medrar sem limite
ignorando a resistência
que o Natal semeia
no porvir de um povo.

13

Maria Ilda Figueiredo

No fim da tarde, ficar assim a ver o lume lento, o
regresso das pessoas, o poisar do último sacho.

Não te descuides.

Sei que o lume não vai apagar-se enquanto os olhos
souberem estar húmidos. Depois, não sei.

Arranja lá um bocadinho de pressa.

A música de Mertens ainda está no leitor.

15

Zeferino Silva

Presépio

E deitamo-nos de barriga
para cima na relva,
descortinando a cartografia celeste
E assim ficamos,
quais gárgulas de bronze,
atirando uma potente golfada de fumo
para o ar,
com os olhos a seguir as nuvens:
Três renas a arrastar o trenó,
ao encontro do presépio no horizonte!
Era natal.

17

Rúben Zacarias

14

Um Outro Natal

Olhei a chuva amarga que batia
tão felina quanto agre e agreste
nas vidraças do meu triste coração.
Era Natal! Seria só um pesadelo
ou apenas a saudade de uma dor
que fez da oração um simples abafio.
Olhei a penumbra que vinha do Sul
como se com ela viessem notícias
do Natal lá da minha banda.
Fiquei sem saber se a saudade vive
ou se apenas é miragem africana
num coração que baloiça ao vento.
Olhei a madrugada que sonolenta
dormia aos pés da noite sem luar,
como se fosse um canto de Natal.
Fiquei sem saber se aquele sabor
a loengos nas esquinas da alma
era mais do que a noite esquecida.
Olhei o dia que não nascia como devia
à procura de uma razão para amanhã,
mesmo que ténue no meu horizonte.
Fiquei sem saber porque já não canta
canções de Natal o catuituí
que todos os dias poisa
nos galhos partidos da minha alma.

16

Orlando Castro

Welcome Christmas

Christmas spirit is visiting
Pouring
Like rain
But the fire in your eyes
Is shining bright
Like Christmas tree lights

Show me the way
Show me that Christmas spirit
Shining bright
Like Christmas tree lights

Welcome Christmas
Everyone is lightning
We are stars leading the way!

18

Maria Antónia Jardim

Carta ao Pai Natal

Nesta época que para ti é tão atarefada,
E deveras complicada,
Apenas te queremos pedir um presente.
Que por ser tão pequenino mas do tamanho do mundo
E com um sentido tão profundo
Tem um efeito envolvente.
Te pedimos amor e muitos carinhos
E que guies os nossos caminhos
Por um muito especial
Podermos desejar do fundo do coração
A todos sem excepção
Um bom e feliz Natal

19

Paula Barbosa

E Foi Assim Natal

Sem cânticos, com pouca luz, com meio amor
Porque a outra parte não trazia calor
Que eu vestia de sol.
Tudo correu breve este Natal
Porque é pouco pela metade e, afinal
Só com uma asa não se voa em arrebol.

Queria mais tempo por inteiro
O abraço mais quente e verdadeiro
O colo bem aconchegado.
Mas o tempo não o tive para mim
A noite chegou num instante ao fim
E a solidão sentou-se de novo ao meu lado.

Apanhei da festa os cacos partidos
Colei os pedaços por mim tão queridos
No muito que dei aos filhos do amor.
A noite desceu e venceu meu cansaço
Faltou ao meu peito um maior abraço
Mas, por essa metade, dei graças ao Senhor!"

22

Donzília Martins

Noite de Natal

Esta,
é a noite da partilha.

Noite de festa e de luz,
a noite santa
de Jesus.

É a noite do calor,
dos beijinhos
da ternura.
É a noite de muito amor
muuuuita paz, muuuuita fartura.

É a noite das prendas,
muitas prendas e oferendas.
Prendas de plástico colorido,
de luzes sempre a piscar
de caixas de cartão, sem servidão
que vão sujar a casa toda
e encher depois o papelão.

É a noite dos embrulhos,
muitos embrulhos multicores
de whiskies velhos e doces
de guloseimas e licores.

Esta,
é a noite da partilha.

23

Serafim Ferreira

Sobre os sonhos Que podem ficar Sobre os sonhos Que podem morrer
Onde anda o passarito
Que me vai levar a crescer Onde morrem as vontades De um dia que
passou Onde vivem as verdades Do momenta que finou Anda na boca
do vento

Na semente a brotar
Pois tão grande Sentimento
Do coração tem de passar Vem o Natal
Da esperança em que O sentido sera sempre Da família e do Amor Onde
os sonhos Ganham vida

Na via do compositor Daquela neve branca Que nunca cai
Por aqui
Mas que enche os Pinheiros
Por aqui e por ali.
Nas luzes desconsertadas Num vai Vem de rodopio Na amálgama
De presentes que se Trocam num piscar De um assobio.
Faço anos Nessa altura E há música No ar
Felicidade mascarada
Por onde vou a passar Onde toda a incerteza De mais um dia feliz

E Natal

E sempre tempo
De por um breve momento Ser toda a gente petiz.

24

Vanda Cardeal

MEMÓRIAS DO CENTRO PORTUGUÊS DE NYCKELHARPA - PAREDES

Aires Montenegro, Coordenador do Centro Português de Nyckelharpa



No princípio foi o sonho... e eis o percurso iniciado com esse sonho e desenvolvido pelas sementes que desse sonho brotaram:

O SONHO:

Criar em Paredes um Centro aglutinador de actividades musicais em torno da NYCKELHARPA – um instrumento musical de corda friccionada, equipado com teclas e cordas de ressonância que lhe conferem uma sonoridade característica, e cuja iconografia medieval apresenta registos do seu uso na Suécia, Alemanha e Itália. Em Portugal começa a despertar um grande interesse e tem neste momento o seu grande Centro de divulgação em Paredes: O CPN (CENTRO PORTUGUÊS DE NYCKELHARPA)

NASCIMENTO FORMAL DO CPN:

O CPN (Centro Português de Nyckelharpa) é um projecto musical definido por protocolo, assinado no dia 18 de Abril de 2019 pela CÂMARA MUNICIPAL DE PAREDES, representada pelo seu Presidente, Dr. José Alexandre da Silva Almeida e pela ASSOCIAÇÃO CULTURAL JOSÉ GUILHERME PACHECO, representada pelo seu presidente, Dr. Paulo Alexandre Rocha.

Grande objectivo deste projecto: promover a divulgação da Nyckelharpa, a sua utilização em actividades culturais e criar condições que possam desenvolver o seu estudo em todos os interessados, sobretudo no meio Escolar.

Nomes e momentos fundamentais que permitiram a cons-



tituição do CENTRO PORTUGUÊS DE NYCKELHARPA:

NOMES:

– Vereadora da Cultura, Dra. Beatriz Meireles

Este projecto foi apresentado à Senhora Vereadora da Cultura, Dra. Beatriz Meireles, numa reunião no seu gabinete na Câmara Municipal, por Adão Carvalho e Aires Montenegro. A Dr.ª Beatriz compreendeu de imediato o alcance e a importância desta proposta e adoptou-a como sua. Tem sido até hoje fundamental para a concretização do Projecto, nunca faltando com o seu apoio e entusiasmo.

– Presidente da Associação Cultural José Guilherme Pacheco Dr. Paulo Alexandre Rocha.

Depois do apoio dado pela Sr.ª Vereadora da Cultura, Adão Carvalho e Aires Montenegro contactaram esta Associação dado que se reconheceu o interesse numa parceria entre as duas entidades. Foi realizada uma reunião que permitiu o início de uma ligação que veio a desembocar na assinatura do Protocolo referido, ligação essa que se mantém viva até hoje.

– Sérgio Calisto, Professor do Conservatório de Música de Paredes, que foi o responsável pela introdução da Nyckelharpa em Paredes, principiando com ele e com os já referidos:

– Adão Carvalho e Aires Montenegro impulsionaram toda esta aventura que veio a desaguar no CPN, uma vez que foram eles os incentivadores dos primeiros passos dados na aprendizagem deste instrumento.

– Filipe Ferreira, Director artístico do Ensemble do

CPN, Dara Fernandes, Arine Mota, Diana Pacheco, Isabel Silva, Carlota Silva, Filipe Ferreira e Aires Montenegro, Nyckelharpistas.

Os instrumentistas do Ensemble do CPN, que têm mantido, com o seu entusiasmo inigualável, o sonho que tem oferecido a Paredes o som maravilhoso das NYCKELHARPAS:

MOMENTOS FUNDAMENTAIS:

- 31 de Maio de 2015, realização do 1.º Encontro Nacional de Nyckelharpa na Biblioteca Municipal de Paredes, organizado por Sérgio Calisto e por Aires Montenegro estiveram presentes vários interessados de Portugal e da Galiza. Foi a primeira tentativa de organização de um evento que, anos mais tarde veio a frutificar com a criação do PAREDES NYCKELHARPA MEETING, um Encontro com convidados internacionais, iniciado em 2018, e que se tem mantido sem interrupção até hoje, como será referido adiante. No ano de 2024 realizou-se já o 7.º MEETING.

- 13 de Janeiro de 2018, organizado por Aires Montenegro, realização do 1.º Concerto de Nyckelharpa em Gandra, Paredes, no Auditório da CESPU, com a nyckelharpista australiana Sue Ferrers, acompanhada à guitarra por Steffen Huther.

- 22 a 25 de Novembro de 2018, o 1.º Encontro Internacional realizado pelo CPN em Novembro, com trabalhos de aprendizagem, ensaios e um Concerto Final (como abaixo é referido).

- 18 de Abril de 2019, fundação do CPN, com assinatura do Protocolo (já antes referida) na Capela Românica da Quintã, em Baltar, pelo Ex.º Sr. Presidente CÂMARA MUNICIPAL DE PAREDES, Dr. José Alexandre da Silva Almeida, e pelo Ex.º Sr. Presidente da ASSOCIAÇÃO CULTURAL JOSÉ GUILHERME PACHECO, Dr. Paulo Alexandre Rocha.

Ao longo do ano, o Ensemble do CPN realiza ensaios semanais, que são a semente indispensável para as suas actuações em concertos e acompanhamento de diversas actividades culturais do Concelho de Paredes. Também oferece a possibilidade de qualquer cidadão, independentemente da idade, poder iniciar a sua aprendizagem, integrando o Projecto À Descoberta da Nyckelharpa.

Assim, têm sido realizadas pelo CPN através do seu Ensemble diversas actuações como Concertos e colaboração no acompanhamento de actividades culturais.

Grande realização anual:

Mês de Novembro: realização do PAREDES NYCKELHARPA MEETING, um Encontro de Nyckelharpas com convidados de nome internacional que encerra sempre

numa das Igrejas do Concelho de Paredes. Segue a lista:

79

1.º MEETING – 22 a 25 de Novembro – 2018

Convidados: Marco Ambrosini, Eva-Maria Rusche, Karsten Evers (Director do Centro alemão de Burg Fürsteneck) e Marco Bartolini (Director da Scuola di Musica Popolare di Forlimpopoli – Itália).

Concerto de encerramento: Igreja do Mosteiro de Cete.

Instrumentistas: Marco Ambrosini, Eva-Maria Rusche e Sérgio Calisto.

2.º MEETING – 15 a 17 de Novembro – 2019

Convidados: Jule Bauer, Susanne Brameshuber, Annette Osann e Michaela Jank.

Concerto de encerramento: Igreja Paroquial de Louredo

Instrumentistas: as convidadas e o Coro Feminino do Conservatório de Música de Paredes, dirigido por Ricardo Sousa.

3.º MEETING – 28 - 29 de Novembro – 2020

Devido à Pandemia, este Meeting foi totalmente on-line

Convidada: Vicki Swan

Concerto de encerramento: on-line, via Zoom

Instrumentistas: Vicki Swan e Jonny Dyer

4.º MEETING – 19 a 21 de Novembro – 2021

Convidados: Didier François, Sérgio Calisto, Clémence Schitz e Phillippe Malfeyt.

Concerto de encerramento: Igreja de São Miguel de Gandra.

Instrumentistas: Sérgio Calisto, Clémence Schitz e Phillippe Malfeyt.

5.º MEETING – 17 a 19 de Novembro – 2022

Convidados: Didier François e Michelino Bisceglia.

Concerto de encerramento: Igreja de São Tomé, Bitarães.

Instrumentistas: Didier François e Michelino Bisceglia.

6.º MEETING – 25 a 27 de Novembro – 2023

Convidados: Susanne Brameshuber e Michaela Jank.

Concerto de encerramento: Igreja de Paroquial de Duas Igrejas.

Instrumentistas: Susanne Brameshuber e Michaela Jank.

Participação inicial do Ensemble do CPN.

7.º MEETING – 25 a 27 de Novembro – 2023

Convidados: Michaela Jank e Laura Jörres.

Concerto de encerramento: Igreja de São Romão de Mouriz.

Instrumentistas: Michaela Jank e Laura Jörres. Participação inicial do Ensemble do CPN.

YOUNG GUITAR MASTERS PAREDES: UMA JORNADA MUSICAL DE EXCELÊNCIA CELEBRAR A GUITARRA, DESTACAR TALENTOS EMERGENTES E VALORIZAR O PATRIMÓNIO CULTURAL

Daniel Lemos, Diretor Artístico

“Apoiar e promover jovens guitarristas em início de carreira, levar a guitarra a todo o território nacional através da criação de um circuito regular de concertos e valorizar, preservar e divulgar o património cultural local” [1].

O Young Guitar Masters é um projeto que celebra a música, valoriza o património histórico e promove talentos emergentes. Combinando uma forte vertente pedagógica e artística, este evento tem contribuído significativamente para o panorama cultural e educativo do Município de Paredes.

Desde o primeiro concerto, em Novembro de 2018, o projeto Young Guitar Masters tem vindo a deixar a sua marca em Paredes, celebrando a guitarra clássica, os jovens talentos e o rico Património Cultural do Município. O evento inaugural ocorreu no dia 3 de Novembro, na Capela da Quintã, em Baltar (Fig. 1), com as atuações dos guitarristas Pedro Moreira e Vítor Oliveira. Este concerto marcou o início de uma série de eventos que, ao longo dos anos, vêm enriquecendo a vida cultural da região.

Artistas de Excelência

Ao longo de 6 Edições completas, o projeto contou com a participação de músicos talentosos, como Vítor Oliveira, Pedro Moreira, Gonçalo Moreira, Daniel Infante, Beatriz Pinto, Diogo João, Francisco Berény, Francisco Luís, João Diogo Leitão, Márcio Silva, Maria Beatriz Oliveira, Romeu Lourenço, Inês Sousa, Miguel Matos, Titus Isfan, David Moura e Vasco Grãos, bem como com os grupos Duo Sirius e cordHA Ensemble. Este último Duo de Guitarra e Bandolim, composto pelos jovens José Araújo e Hugo Melo, marcou o início da VII Edição do Young Guitar Masters Paredes. Cada um destes artistas trouxe ao público momentos musicais de elevada qualidade, consolidando o projeto como um espaço de excelência artística.

Guitarristas como Francisco Luís (Fig. 2), cuja carreira internacional tem vindo a ganhar relevo, iniciou os seus

estudos na guitarra clássica aos 9 anos de idade e, ao longo dos anos, conquistou prémios em competições nacionais e internacionais, apresentando-se em importantes palcos, desde Japão a Estados Unidos da América. O seu percurso destaca-se como um exemplo inspirador de que talento, dedicação e resiliência podem transformar sonhos numa carreira de sucesso.

Também Beatriz Pinto (Fig. 3) e Vasco Grãos, vencedores de vários prémios nacionais e internacionais, encontraram neste projeto um palco para o seu talento, crescendo paralelamente ao Young Guitar Masters e conquistando uma presença global cada vez mais marcante.

Um Projeto com Vertente Pedagógica

O Young Guitar Masters, para além de ser uma celebração da música, assume uma importante vertente pedagógica. Esta dimensão reflete-se nas Masterclasses exclusivas com Danijel Cerović bem como com o Duo Sirius, que criaram espaços de aprendizagem e troca de conhecimentos artísticos. Estas aulas proporcionaram aos participantes não apenas a oportunidade de aperfeiçoar técnicas, mas também de contactar diretamente com músicos de renome, partilhar experiências e vivências musicais transformadoras. Esta vertente pedagógica sublinha o compromisso do projeto ao fomentar a formação e o desenvolvimento de jovens guitarristas, integrando-os numa comunidade artística de excelência.

O Duo Sirius destacou-se ao tornar-se o primeiro duo de guitarras a ganhar o Prémio Jovens Músicos, na Categoria Música de Câmara – Nível Superior, um feito histórico que reforça a qualidade artística dos participantes do projeto. Já Danijel Cerović, guitarrista Montenegro de renome, trouxe ao evento não só a sua mestria interpretativa, mas também um compromisso com a formação de novos talentos, reforçando o papel do Young Guitar Masters como um catalisador de excelência.

[1] www.youngguitarmasters.com

Valorização do Património Local

Mais do que um projeto cultural, o Young Guitar Masters é uma celebração do património histórico e arquitetónico de Paredes. Cada concerto sublinha a riqueza cultural do município, transportando o público não apenas numa viagem musical, mas também numa descoberta das jóias históricas da região. Este percurso cultural é sempre enriquecido pelo contributo inestimável da Dra. Antónia Silva que, em cada concerto, proporciona uma explicação detalhada sobre a evolução histórica dos locais visitados, conectando o público com a herança histórica e cultural de Paredes. Igrejas e capelas tornam-se cenários vivos, onde a música e a história convergem de forma harmoniosa. Destacam-se os locais por onde o YGM Paredes “viajou” até ao último dia do ano de 2024: Capela da Quintã, Capela da Casa da Torre, Igreja Matriz de Senande, Capela do Senhor do Padrão (Terronhas), Igreja de São Miguel de Rebordosa, Igreja Matriz de Bitarães, Igreja Matriz de Santa Eulália, Igreja de São Romão de Mouriz, Igreja de Santa Marinha de Astromil, Igreja de Beire, Igreja (antiga) de São Cosme e São Damião, Igreja Paroquial de Cristelo, Igreja Antiga da Sobreira, Igreja de Lordelo, Igreja de Gandra, Igreja de Sobrosa, Mosteiro de São Pedro de Cete, Igreja Matriz de Recarei e a Capela do Divino Espírito Santo, em Duas Igrejas.

A Tradição dos Luthiers

Entre os destaques do evento esteve a demonstração dos Luthiers Pereira, uma talentosa dupla de pai e filho que revelou o minucioso processo de construção artesanal de guitarras. Desde a seleção criteriosa das madeiras até à finalização do instrumento, os luthiers destacaram a complexidade e o requinte deste ofício tradicional, promovendo a valorização do trabalho artesanal, onde os presentes experimentaram e ouviram os fabulosos instrumentos destes construtores.

Formação e Reconhecimento

O impacto do Young Guitar Masters transcende os palcos, estendendo-se à formação de músicos. David Moura (Fig. 4) iniciou a sua trajetória no Conservatório de Música de Paredes, uma instituição que também acolheu, em momentos importantes de formação, artistas YGM como Pedro Moreira e Gonçalo Moreira. Este conservatório destaca-se na formação de talentos de excelência, não apenas na guitarra, mas também em áreas como composição e outros instrumentos. Este feito reforça o papel fundamental da instituição na preparação de artistas que têm alcançado reconhecimento a nível nacional e internacional.

Legado e Futuro

A VI Edição do Young Guitar Masters Paredes culminou com um inesquecível concerto na Igreja Matriz de Recarei,

liderado por Vasco Grãos. Este evento reafirmou o compromisso do projeto de elevar os padrões artísticos, descentralizar a oferta cultural e preservar a identidade histórica deste Município. Inspirando novas gerações, esta iniciativa deixa um legado que une comunidades, valoriza talentos e celebra a rica herança cultural da região.

O Young Guitar Masters transcende a música, consolidando-se como um marco cultural e patrimonial de impacto duradouro!



Fig. 1 - Capela da Quintã – Baltar



Fig. 2 - Francisco Luís (Capela da Casa da Torre) – Sobrosa



Fig. 3 - Beatriz Pinto (Igreja Antiga de São Pedro da Sobreira) - Sobreira



Fig. 4 - David Moura (Mosteiro de Cete) - Cete

MEMÓRIAS DA NOSSA TERRA

PAREDES, PELAS PALAVRAS E PELAS MÃOS DAS SUAS GENTES

Rafael Borges, Educação Social
Elisa Leal, Artes Visuais



Fernanda Faria, Mãe do Poeta Daniel Faria de Baltar

"Alegra-me pensar que ele está no nosso meio, porque ele tem de estar mesmo presente, tanto que ele é falado, tanto que ele é conhecido. Ele era tão humilde que ao menos o que ele escreveu sirva para muitos jovens de exemplo, isso é que eu faço muito gosto. A eternidade está aqui. Ele continua no nosso meio."



Maria Albertina Marques, Parteira de Sobrosa

"Felicíssima, porque dei-me ao trabalho e não esperei pelo fim do mês. Era sempre a dar-me ao trabalho de fazer melhor, melhor, melhor. E gosto muito dos meninos. Foi a minha perdição."



Henrique de Jesus Leite, Rebordosa

"Apreciem bastante a família, procurem estar sempre ligados à família e tudo o que fizerem, façam-no com o sentimento de que isso possa ser útil, não só para si próprio, mas para os outros também e evitar que aquilo que às vezes lhe possa parecer útil mas prejudicial aos outros, evitem fazê-lo, se é que queremos uma sociedade melhor."



Serafim Ferreira, Centro Interpretativo do Ciclo do Linho Orgânico, Recarei

"Pensei montar um Centro Interpretativo para nós preservarmos todos estes objetos que fazem parte da história, da história da humanidade e também fazem parte da nossa história como Recaredenses, pois fomos uma terra que sempre esteve muito ligada ao linho."



Padre Telmo Ferraz, Obra da Rua

"Que as pessoas continuem a pensar uns nos outros, a pensar numa sociedade de harmonia, de paz, sem fome."



Vitor Moreira e José Moreira, Casas altas de Lordelo

"Este palacete pertenceu ao meu avô, Arnaldo Dias da Silva Moreira e foi construído entre 1914 e 1916, e o do lado pertenceu ao seu irmão António e foi construído pouco tempo depois. Fizeram fortuna no Brasil. Lembramos os natais passados aqui e as brincadeiras na casa ao lado. Passamos aqui dias que nunca se esquecem."



António Costa, Casa Costa Neto

"Ouvi os primeiros sinais do 25 de abril. Claro, foi uma alegria. Eu às sete horas da manhã já estava a pé, para estar ali no café, no Arco-Íris, que era onde a gente se juntava. Foi uma explosão de alegria. Paredes, antes do 25 de abril, era uma vilazinha e com o 25 de abril cresceu bastante."



Maria Cândida Costa, A Broa de Duas Igrejas

"Tenho 96 anos, muita saúde e muita fé em Deus. O meu dia-a-dia é no quintal. Vamos pôr a mão na massa e botar o pão ao forno. Faço isto com muito gosto... adoro!"



Manuel Fialho, Entalhador de Rebordosa

"Faço obras de arte de que eu gosto e é essa a minha riqueza, é essa a minha paixão. É essa parte difícil de conseguir. É o meu ADN."



Conservatório de Dança do Vale do Sousa, Bianca Tavares, diretora pedagógica

"Começamos, em Paredes, em 2005. A dança nasce de um grande amor (...) é a capacidade de transmitir algo que nem sempre é recebido da mesma forma, mas é uma forma de comunicar, é arte."



Maria Lamas, Carrereira de Lordelo

"Em pequena já ia com a minha mãe. Se a minha mãe levasse oito cadeiras às costas e eu levasse duas, já era mais um bocadinho de dinheiro que vinha para casa."



Eva Mota e Manuel Mota, Casa Coelho/Buraquinha, Paredes

"Temos clientes de muito longe, principalmente das sementes e das plantas. Muito trabalho, pois em isso nada feito. Foram anos de muito sacrifício."



José Moreira e família, as vindimas em Gondalães

"A vindima é feita com amigos, vizinhos e família, tudo de favor, nunca para ganhar dinheiro. No fim toda a gente cantava e dançava, até às tantas da madrugada."



Conservatório de Música de Paredes, Nelson Carvalho, diretor pedagógico

"O Conservatório nasceu no ano letivo 1993/1994, mas por detrás dele existe a Associação José Guilherme Pacheco, fundada a 29 de setembro de 1992."



José Albano, Sineiro de Duas Igrejas

"Desde sempre comecei a vir para aqui. O meu pai já era sacristão e disse-me: Vais aprender porque eu já estou a ficar com uma certa idade."



Professor Fernando Pereira e alunos do curso de cozinha da Escola Básica e Secundária de Paredes: Carlos Almeida, Lara Reis, Diana Gonçalves, Maria Eduarda Silva e Rui Ferreira

"Pediram-nos para criarmos um produto com a utilização do tremoço e, a partir daí, começamos a tentar chegar a um doce próprio da região. Depois de várias tentativas começamos a produzir o doce Tremoço.".



Júlio Rodrigues, Presidente da Banda de Música de Cête

"Foi fundada em 1835. Ao longo dos anos tem tido alguma evolução. Atualmente a Banda é constituída por cerca de 60 elementos, grande parte jovens."



Adolfo Barros, Presidente da Banda de Música de Vilela

"A Associação foi fundada em 1860, a 26 de dezembro. Todas as críticas apontam para que estamos a fazer um ótimo trabalho. Temos uma escola de música, de onde saem bastantes elementos para a Banda."



António Barbosa Pacheco, Sacristão da Senhora dos Chãos, Bitarães

"Fui sacristão mais de 40 anos. Passaram muitas coisas por mim e eu fiquei sempre com elas agarradas cá, no meu coração. Quando entro na Capelinha da Nossa Senhora dos Chãos, olho para ela e até as lágrimas me vêm aos olhos. Só a alegria que me dá quando eu entro lá, ninguém calcula... tenho muitas saudades."



Donzília Martins, Professora e Escritora

"Trabalhem! Sem trabalho não há nada. Sacrifício, sacrifício! Vale a pena a luta, vale a pena o caminho. A vida não é só rosas, a vida tem os espinhos também e a gente, tendo coragem, cai-se, levanta-se, chegamos ao cimo, caímos e voltamos a subir. E não desistir da vida, porque vale a pena viver!"



Jorge Campos, Presidente da Banda de Música de Baltar

"Esta Banda foi fundada em 1860. Estou aqui desde os meus 17 anos. Comecei como músico. Trabalhamos com sucesso e êxito. A música Deus a ama. A Banda de Baltar tem as portas abertas para toda a gente."



Joaquim Rêgo Lopes, Bombeiro de Besteiros

"Como Bombeiro passei por muitas situações críticas, acidentes, incêndios, casos de morte. Os Bombeiros são uma paixão, uma doença... Quem frequenta os Bombeiros tem um bichinho: a sirene..."



Albino Brito, Barbeiro de Louredo

"O meu pai aprendeu em Paredes. ele teve sempre a ideia de ser barbeiro. Depois veio para Louredo e assim nasceu a barbearia. Eu saía daqui e ia para a escola. Saí da escola e comecei a aprender, e aqui estou."

Cultura num minuto...

Arquivo Municipal

Com o intuito de se manterem atualizados relativamente às melhores práticas e às alterações normativas legais empreendidas em 2003, os colaboradores do Arquivo Geral participaram em seminários, webinários e workshops, promovidos pela Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas, Profissionais da Informação e Documentação (BAD) e Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), durante o ano de 2024.

Enumeramos: “Webinar Perguntas e Respostas? Portaria 112/2023”, em 7 de fevereiro de 2024; Workshop “Metodologia de classificação e avaliação: uma introdução/2024”, promovido pela DGLAB na CCDD-N, em 19 de abril; Webinar “A portaria nº112/2023: Um ano depois, que balanço?”, em 5 de novembro de 2024; “15º Encontro Nacional de Arquivos Municipais | 1º Encontro Ibérico de Arquivos Municipais”, que decorreu em Braga, nos dias 28 e 29 de novembro.

Carlos Ferraz e Vasco Santos



Feira de Trocas “Traz um Livro e Leva Outro Em Troca”

O pelouro da Cultura promoveu mais uma edição da Feira de Trocas “Traz um livro e leva outro em troca”. O palco escolhido foi, como sempre, a Biblioteca Municipal de Paredes.

Os jardins deste espaço cultural acolheram várias iniciativas, como a Hora do Conto, que permitiu transportar as crianças para o reino das Fábulas, onde os animais falam e nos deixam sempre uma lição de vida, por via da clássica Fábula “A Lebre e a Tartaruga” de Esopo.

Os Amigos da Cultura de Paredes promoveram uma partilha de leituras de autores portugueses.

Leonor Reis e Mariana Vieira foram as responsáveis pela partilha, que foi acompanhada por momentos musicais da responsabilidade de David Moura, do Conservatório de Música de Paredes.

O grupo CêTeatro teve oportunidade de apresentar a peça “O Livro” que trata de uma viagem pela poesia portuguesa, pela vida e obra de Luís de Camões, Fernando Pessoa, Miguel Torga e Sophia de Mello Breyner. O texto foi de Eulália Barbosa e a encenação de Manuel Pereira.

Durante a Feira de Trocas foram ainda apresentados os livros “Gira Gira Girassol”, de Paula Teles e “Poemas & outros textos” do Padre Baptista.

Teresa Carvalho

Sons no Património

A Igreja de Santa Eulália de Sobrosa foi pequena para ouvir Bia Maria, que apresentou o álbum “Qualquer Um Pode Cantar”. A artista provou ser uma das grandes revelações da música portuguesa, com melodias que tocaram o coração dos presentes.

A despedida da 7ª edição do Sons no Património começou horas antes, numa visita a algumas das mais importantes casas senhoriais de Sobrosa, verdadeiros centros de história. Foi num destes espaços que os participantes tiveram oportunidade de integrar uma animada desfolhada, à qual se seguiu um convívio com prova dos melhores sabores locais. A iniciativa foi organizada pela Área Metropolitana do Porto, com o apoio da Câmara Municipal de Paredes.

Teresa Carvalho



Doações

O reconhecimento das boas práticas adotadas pela Biblioteca e Arquivo Municipais resultou em inúmeras doações bibliográficas e documentais, destacando-se dois fundos notáveis. Um de Roberto Sérgio de Oliveira Leão e Maria Odete Leão de Araújo Leão, constituído ao longo de três gerações, com cerca de 2500 títulos e documentos diversos de cartografia, desenhos e estudos, graciosamente doados pelos herdeiros diretos. Outro dos herdeiros do Maestro Virgílio Pereira que doaram ao Município de Paredes espólio documental e bibliográfico constituído por correspondência, livros, revistas, manuscritos, pautas musicais, entre outros, assim como diferentes objetos pessoais para o Museu do Mobiliário.

No âmbito das diversas exposições realizadas na Casa da Cultura, várias obras de arte foram doadas, enriquecendo o seu acervo artístico. Assim, o Agrupamento de Escolas Daniel Faria ofereceu um trabalho coletivo do 6º C, orientado pelo professor Óscar Possacos, intitulado "Poema foi um tempo branco repetidamente lavado nas próprias mãos (...)". Celeste Ferreira doou *Flores para Quem*, Maria Dulce Barata Feyo doou uma obra sem título, Maria Fernanda Araújo integrou o



António Cabral Pinto
Acrílico s/ tela

acervo com uma peça em acrílico sobre tela recortada, António Cabral Pinto ofereceu *Dança Negra*. Ana Azélio doou a obra *Consagração*, a artista Gira duou *Mário Soares, 25 de Abril* e por fim, Carlos Costa ofertou *Quero ter vida Ressuscitar no teu Jardim*.

Antónia Silva



Edições de Livros

A edição de livros desempenha um papel crucial na preservação da memória de momentos, personalidades, tradições e expressões culturais. Neste âmbito, foram publicados dois livros infantojuvenis que celebram figuras notáveis do concelho de Paredes: um sobre Henrique Silva, importante artista plástico natural de Paredes, e outro dedicado a Daniel Faria, destacado poeta contemporâneo nascido em Baltar.

Para o público adulto, destaca-se a obra *A História do Teatro de Revista em Paredes*, de Luiz Oliveira, que perpetua o nome do mentor deste género no concelho, António Mendonça, e valoriza uma tradição cultural enraizada na comunidade paredense. 25 de abril. 50 anos, 50 textos, reúne 50 testemunhos de munícipes e autarcas sobre o percurso histórico da Revolução de Abril. Outro marco literário é o Livro da *Bienal Internacional das Artes em Madeira de Paredes*, que agrupa as extraordinárias obras criadas por artesãos, designers e industriais, perpetuando o "saber-fazer" da tradição local. Atualmente, o Pelouro da Cultura leva a cabo outros projetos editoriais, a apresentar num futuro próximo. Citamos a título exemplificativo: uma biografia dedicada a José Guilherme Pacheco, o Atlas do Património Cultural Imaterial, a história do Rock em Paredes e o livro de atas do seminário da Bienal Internacional das Artes em Madeira de Paredes.

Antónia Silva

150 anos do comboio em Paredes

No dia 30 de Julho de 1875 foi aberto à exploração o troço da Linha do Douro compreendido entre Ermesinde e Penafiel. A 20 de Dezembro do mesmo ano, foi inaugurado o prolongamento do caminho-de-ferro até Caíde. Os trabalhos de construção tiveram início a 8 de Julho de 1873.

Deste modo, em 2025 assinalam-se os 150 anos da chegada do comboio ao concelho de Paredes, nomeadamente às estações de Recarei-Sobreira, Cete e Paredes e aos apeadeiros de Terronhas, Trancoso e Parada.

Cristiano Marques da Costa

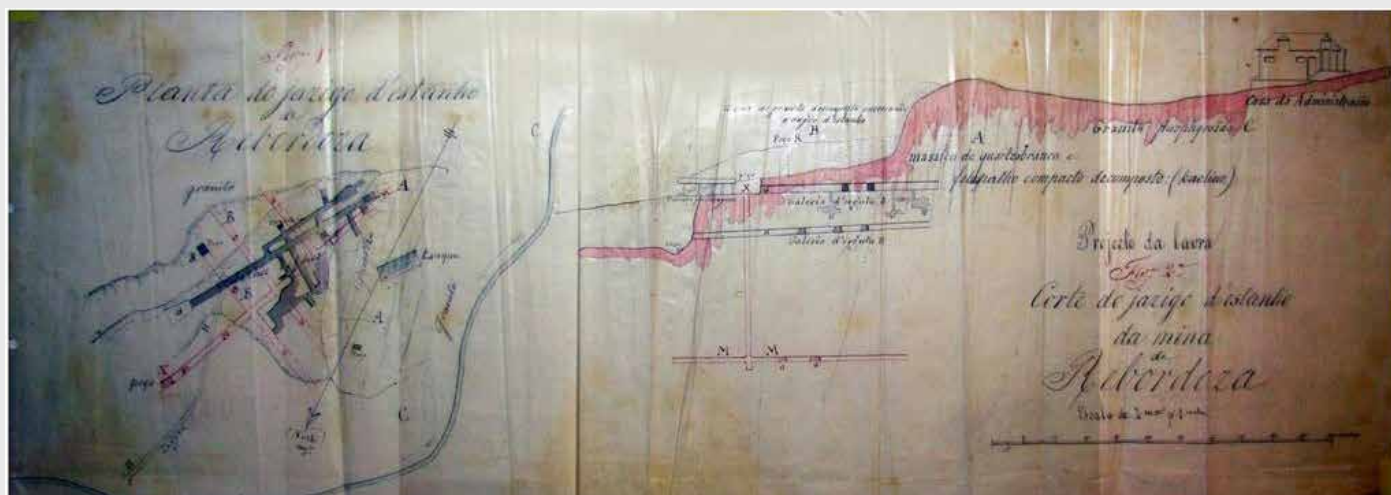


Centro Português de Fotografia

APONTAMENTOS DA NOSSA HISTÓRIA

A MINA DE ESTANHO DE REBORDOSA

Natália Félix, Técnica Superior de Geologia



Planta e corte do jazigo de estanho da mina de Rebordosa

Desta vez, os Apontamentos da nossa História vão dar a conhecer um pouco sobre as Minas de Estanho de Rebordosa, apresentando alguns dados históricos do seu percurso enquanto concessão mineira, que foi alvo de interesse e de exploração por várias empresas.

A Mina N.º2 – Rebordosa (Lugar de Aboim), conforme identificada na lista de minas concedidas no continente entre 1836 e 1962, fica situada no Lugar de Aboim em Rebordosa, correspondendo a um jazigo de estanho e tinha de área 50 hectares.

Em 23 de março de 1839, foi assinado o decreto de concessão definitiva e, mais tarde, a sua publicação no Diário do Governo, N.º 180 de 01 de agosto de 1839, onde se pode ler:

“Cópia do Auto de entrega de uma mina de Estanho sita junto ao lugar de Aboim Freguesia de Rebordosa, Concelho de Paredes, à Companhia Allen, Maia, Cunha, Brozone Lima, e Companhia, da Cidade do Porto; e demarcação do terreno necessário para laborar a mesma Mina...”

Estiveram também presentes na assinatura desse auto Gaspar da Cunha Lima, Engenheiro Civil, designado pela Companhia e aprovado pelo Governo para dirigir os trabalhos de mineração e, ainda, António Ferreira Baltar, da freguesia de Vandoma e Manuel Carneiro Pinto da Freguesia de Rebordosa, “nomeados pela Camara Municipal para medidores, informantes da demarcação do terreno necessário para a mina”.

De acordo com o referido Diário do Governo, pode ainda

ler-se como foi demarcada a área: “... sendo a situação da Mina em um pequeno terreno inculto no lugar da Aboim, e próximo a um Ribeiro, e considerando este terreno como ponte de operações para o serviço da Mina, julgou necessário demarcar-se de Poente a Nascente o espaço de terreno que vai desde a Igreja de Gandra, freguesia do mesmo nome, até à Capella de S. Domingos de Besteiros, o qual terá de extensão uma legoa portuguesa pouco mais ou menos; e partindo do Norte a Sul desde a Igreja de Lordello para a Igreja de Baltar, outra igual distancia, compreendendo assim esta demarcação uma legoa portuguesa quadrada.”

No entanto, é importante mencionar que a Mina de Rebordosa já havia sido referida, em 1836, pelo Barão D'Eschewege, que dizia “... que para poder a Administração começar (...) a lavra de estanho junto ao lugar de Rebordosa, distante duas legoas de Vallongo, nos anos de 1826 e 1827...”. Segundo o Barão D'Eschewege estas minas poderiam ter sido vantajosas, não fosse a situação política da época ter levado ao fim dos trabalhos. A lavra de estanho de Rebordosa desde 1827 até meados de 1828 tinha dado 930\$200 reis de despesas à Administração das Minas e nenhuma receita. No entanto, existiam “recolhidas n'hum armazém 500 arrobas de Estanho com o valor de 1:000\$00 reis”.

No seu “Projecto de Lavra”, de dezembro de 1876, E. Schmith diz que “A mina d'estanho de Rebordosa pertence à mesma Companhia Perseverança e teve uma lavra muito

ativa de 1850 a 1856 inclusivamente. (...) No princípio da exploração em Rebordosa, o estanho era extrahido da lavagem das areias espalhadas em redor do jazigo e provenientes da fácil decomposição do granito. Depois a zona de granito estanífero foi lavrada por poços e galerias abertas em todas as direções e, logo que a riqueza metalífera ia diminuindo, tratava-se d'abrir novas boccas d'extracção."

Os trabalhos realizados pela Companhia Perseverança durante o ano de 1864-65 incidiram na realização de um poço designado por X e destinado a alcançar a zona do granito estanífero e uma antiga galeria de esgoto H, que avançou para baixo dos trabalhos velhos. No entanto os trabalhos haveriam de parar. Em 1867, tentou a mesma Companhia dar continuidade aos trabalhos com o aprofundamento do poço X, que atingiu os 25 metros, e prolongando a galeria H (que não chegou a encontrar a massa estanífera), mas estes trabalhos durariam apenas 18 meses, voltando a parar.

E. Schmith propõe então "Este projecto (de lavra), segundo o meu parecer, não pode ser outro senão a continuação do mesmo poço mestre X preparado, há muito tempo, para descer a 45 ou 50 metros e mediante as galerias M,M,O,O lavar sem risco e sobretudo mais conforme a prudente e acertada exigencia da Lei de minas, esta zona estanífera que ficou tantos anos desprezada."

A Companhia Perseverança apresenta um requerimento a solicitar que seja alterada a demarcação da mina de estanho de Rebordosa existente desde 23 de maio de 1839, ficando, assim, a concessão sujeita à lei em vigor na época. Deste modo, o pedido foi aceite, sendo publicada no Diário do Governo n.º 75, de 05 de abril de 1877, uma nova demarcação que compreende "o rectangulo ABCD com área de 50 hectares, delimitado pelo seguinte modo: da aresta norte da casa de Victorino Jorge tire-se uma recta de 400 metros na direcção N. (magnético) e d'esta extremidade levantem-se perpendiculares de 250 metros para E. e O., pontos A e B, da referida aresta da casa de Victorino tire-se outra recta de 600 metros para sul e d'este extremo levantem-se perpendiculares também de 250 metros para O. e E., pontos C e D."

Em maio de 1945, a Circunscrição Mineira do Norte ordena à Companhia Perseverança, que ainda era a concessionária da Mina "Rebordosa" (Lugar de Aboim), que seja fornecida a direção. Ainda nesse mesmo ano, em novembro, declara a mina abandonada, mas que pode ser novamente requerida em harmonia com o decreto-lei n.º 18713 de 1 de agosto de 1930.

No entanto, em 1951 é atribuído o Alvará Concessão n.º 4877 à Sociedade Mineira da Guarda, Limitada, por tempo ilimitado, com algumas obrigações que a concessionária deveria cumprir, tais como "fornecer os minérios necessários para a laboração das indústrias que, visando a sua utilização, existem ou venham a existir no País, ao preço corrente oficial...". Em 28 de fevereiro de 1956, é publicado

no Diário do Governo, n.º 50, III série, o pedido de homologação da transmissão da concessão mineira de Rebordosa pela Emirel – Minas de Rebordosa, L.da, que foi concedida por tempo ilimitado.

Em 1959, no Diário do Governo, n.º 126, III Série, é feita a substituição da demarcação da Mina de Rebordosa, publicada anteriormente em decreto no Diário do Governo n.º 75 de 05 de abril de 1877, passando a demarcação da concessão a ser constituída por um retângulo definido pelos vértices ABCD demarcados por coordenadas planas ortogonais, com origem no Castelo de São Jorge e com uma área de 50 hectares.

Existe ainda, no Livro de registos de Minas da Câmara Municipal de Paredes, o registo, em 12 de junho de 1968, da descoberta da existência de quartzo e feldspato no sítio "Campo Novo", por Carlos Gonçalves Ferreira, um comerciante da freguesia de Antime, do concelho de Fafe. Após perceber a existência da concessão abandonada das minas de estanho de Rebordosa compromete-se a realizar a limpeza das galerias antigas e a recolher amostras para análise. Caso os resultados assim o permitissem, procederá ao estudo completo do jazigo com vista à elaboração de um plano de lavra.

Atualmente, a Mina de Rebordosa em termos geológicos é descrita como um jazigo com ocorrências de Estanho e/ou Volfrâmio, ligadas a granitos. Estaria localizada no Lugar de Aboim, nas proximidades do Complexo Desportivo de Azevedo, e da "Ponte Romana".

Considerando o interesse que despertou no passado e que se prolongou por mais de um século, seria pertinente, no futuro, um estudo mais aprofundado da história desta mina.

Bibliografia

Barão D' Eschwege (1836) - "*Memória sobre a história moderna da administração das minas em Portugal*", Edição fac-similada do livro original, 2007.

Câmara Municipal de Paredes - *Livro de registo de minas N.º 4*, iniciado em 13/3/1959 e findo em 1979.

DGGM, n.º 2 - *Direcção Geral de Geologia e Minas - Processo n.º 2*, Rebordosa (Lugar de Aboim).

Minas concedidas no Continente desde Agosto de 1836 a Dezembro de 1962. Lista cronológica e índice alfabético, Lisboa, ME, 1963, 2ª edição.

PITA, P., AMORIM, A. B.- *A Cartografia Geológica Presente no Arquivo da DGEG Norte*. Referente a Minas e Pedreiras do Norte de Portugal. Paulo Pita Ana Bela Amorim, disponível online: <https://www.fc.up.pt/biblioteca/ibercarto/storage/docs/programa/a-cartografia-geologica-presente-no-arquivo-da-dgeg-norte-referente-a-minas-e-pedreiras-do-norte-de-portugal.pdf>.

CHAMINÉ INDUSTRIAL DE CRISTELO: CONTRIBUTOS PARA O SEU ESTUDO

Antónia Silva, Chefe de Divisão do Pelouro da Cultura
José Mendonça Costa, Professor de História



A Chaminé Industrial localizada na Freguesia de Cristelo faz este ano 100 anos. Atualmente é o único exemplar existente no concelho de Paredes, pese embora o facto de ter existido uma outra chaminé muito semelhante, associada à fábrica da Boa Nova, em Vilela, hoje apenas existente em registo fotográfico.

A Chaminé de Cristelo é uma construção local, que se impõe na paisagem como um marco de antiga indústria, mantendo-se mesmo com a desativação ou desaparecimento da fábrica. Apesar de sabermos que a sua função era para remoção de fumos, tem sido uma incógnita quanto à tipologia fabril para a qual foi construída, pelo que se impõe uma pesquisa mais aturada, de modo a traçar a sua história e a história local.

Este elemento arquitetónico tem vindo a despertar interesse com vista ao seu melhor conhecimento, constando no inventário do Património Arquitetónico Municipal e integrando o PDM. Tem, igualmente, sido objeto de estudo no âmbito de cursos universitários, como é o caso de um trabalho desenvolvido por Luís Dias, no curso de História e Arqueologia da Universidade de Évora, em 2021. O resultado obtido centra-se, fundamentalmente, na recolha oral, raramente na documental, pela sua inexistência e na observação direta.

Um painel de azulejo aplicado a meia altura da Chaminé, voltado a norte, permite-nos ler (apesar da hera estar tendencialmente a ocultar), que a sua construção foi de J. Cardoso, a 5 de janeiro de 1924, conforme registo fotográfico de 2015.

A chaminé é designada carinhosamente pelas gentes locais por “canudo” e reconhecida por todos como um marco histórico de Cristelo e, por consequência, do concelho de Paredes, que deverá ser preservado e valorizado como valor histórico e potencial turístico (DIAS 2021).

Este elemento patrimonial centenário pertenceu a um complexo industrial, que para a época teria sido imponente. O impulsionador do projeto e proprietário do terreno foi Arlindo Pinto Meireles, falecido em 1945, casado com Ana Augusta Macedo da Mota Meireles. Segundo Arlindo Lourenço, a quem desde já agradecemos todas as informações e cedência de fotografias, o projeto terá tido uma parceria financeira com um senhor de nome Amadeu Christêllo.

À data, a área construtiva era muito grande, com 12 cumeadas e 24 águas definindo áreas estreitas, mas longas, com orientação este/oeste, todas coincidentes com uma abertura para a via pública. No interior do que ainda resta, podem observar-se os pilares de ferro a suportar a cobertura, com grande pé direito, bem como, no pavimento, marcas dos acessos a condutas inferiores, em direção à chaminé. Na fachada sul, ainda permanece na extremidade oeste uma torre com funções de depósito de água, assim como na extremidade noroeste sobressai a imponente chaminé em alvenaria de tijolo, que terá cerca de 25 a 30 metros de altura. Arquitetonicamente, a chaminé caracteriza-se pela base, ou seja, a parte inferior da Chaminé, que é de configuração circular, onde se localiza a entrada de acesso ao interior, em arco redondo, definido por uma moldura de tijolo, que servia para operações de limpeza e manutenção; tem também o fuste, de forma cónica, cujo diâmetro da base é superior ao diâmetro do topo. Apresenta, a poucos metros da base, molduras salientes, com destaque para uma fiada decorativa de tijolos dispostos verticalmente e salientes. Os tijolos são assentes de forma desencontrada, tendo o fuste uma sequência espaçada de fiadas de tijolos, dispostos de modo contínuo, formando anéis decorativos até à coroa. Esta, que funciona simultaneamente como elemento ornamental e remate da chaminé, também tem

molduras salientes, sendo uma delas decorada com uma fiada de tijolos salientes e em posição vertical. No fuste, observa-se um pequeno azulejo cujo motivo não conseguimos decifrar. Não podemos, ainda, deixar de referir a fundação ou alicerces, normalmente não acessíveis, mas por nós visitada em 2015. Observou-se uma fundação, também circular, com cerca de um metro de profundidade e o seu interior em altura, de secção circular, oca e a estreitar para a parte superior. Normalmente, as dimensões da fundação dependiam da altura, das cargas a que estaria sujeita e características do terreno (CARDOSO 2017). No topo desta chaminé observamos a existência de para-raios.

Com o falecimento de Arlindo Pinto Meireles, em 1945, estes bens ficaram para a viúva e, posteriormente, para as filhas, Benilde Augusta Pinto Meireles, que casou com Carmino Carvalho Maia e terá vivido na casa, construída junto do então complexo industrial, e Irene Augusta Pinto Meireles, madrinha de Arlindo Lourenço.

Atualmente, podemos dizer que, apesar de sucessivas demolições e alterações, uma das áreas, que ainda permanece corresponde a duas das antigas cumeadas. Outra foi transformada em habitação, mais tarde Centro de Saúde, Sede do Futebol Clube de Cristelo e comércio.

Porém, quanto à verdadeira função para a qual este complexo foi construído, nada sabemos ao certo. Para alguns anciãos Cristelenses, a intenção inicial terá sido para uma fábrica têxtil. Apesar do Anuário Comercial de 1922 referir que Arlindo Pinto Meireles comercializava fazendas e miudezas, Arlindo Lourenço, que conviveu de perto com as filhas do promotor, só lhes ouviu falar que era para uma fábrica de fundição, mas que nunca terá funcionado, porque as máquinas para o efeito teriam ficado na alfândega por falta de cumprimento financeiro. Existe, ainda, a memória por parte de alguns Cristelenses dos seus familiares trabalharem na construção da chaminé, carregando manualmente os tijolos para a sua construção.

Este era um empreendimento que, nos anos 20 do século XX, era encarado como de grande importância para a freguesia, uma vez que iria gerar empregos e era elucido do progresso e desenvolvimento que a freguesia estava a apresentar. A capacidade de iniciativa e empreendedorismo de Arlindo Pinto Meireles era visível já em 1913, quando requereu à Câmara Municipal de Paredes um exame para se habilitar a “guiar trem com parelha”, tendo ficado habilitado a “guiar trens com um, dois ou mais cavalos” (AMP. Req. Nº 20, 15-02-1913).

Aparentemente, e com base nas informações orais, parece que nada mais aconteceu em termos industriais. Contudo, a título de curiosidade e de contributo para mais investigação, damos a conhecer uma interessantíssima peça de cerâmica de Sacavém, adquirida num antiquário e gentilmente dada a conhecer por Carlos Ferraz.

Esta peça é composta por recipiente e tampa, de forma circular. Na face exterior, lê-se em letras maiúsculas “A

INDUSTRIAL AGRICOLA DE CRISTELLO, L. DA PAREDES” e na tampa está estampada a figura de São Miguel, sobre as nuvens, vestido de soldado, a lutar contra o dragão/diabo. Na bordadura tem quatro pequenas ranhuras coincidentes com outras quatro localizadas no fundo e que serviriam para traçar um fio de segurança. Esta peça corresponderá a uma manteigueira. Apesar de não haver memória quanto à existência de produção de manteiga em Cristelo, no Anuário Comercial do ano de 1935, é referida uma manteigaria na posse de Arlindo Pinto de Meireles, na freguesia de Cristelo. Nos álbuns de Benilde e Irene existem duas fotografias do interior do que supomos ter pertencido à manteigaria e que nos parece corresponder ao edifício construído de novo e adaptado para habitação, junto ao complexo fabril.

A título de curiosidade e a acrescentar a estes elementos, identificámos fotografias, no álbum da Benilde Augusta Pinto Meireles, de um cortejo alegórico à temática do leite e à produção de manteiga. As mulheres vestem-se todas de bata branca e levam uma leiteira à cabeça. No veículo seguem máquinas e a simulação da respetiva produção. Na frente da viatura vão uns dísticos aonde se pode ler: Ano Áureo dos Centenários, as datas de 1140, 1640 e 1940 e Paredes, ladeados por três bandeiras. Na lateral visível veem-se desenhadas sucessivas linhas arqueadas, a palavra manteiga e a palavra Halos. Depreende-se que a produção de manteiga seria uma atividade local relevante, para se fazer representar esta indústria no cortejo, como resposta ao apelo da Comissão Local para as Comemorações dos Centenários (O Progresso de Paredes 1940).

Refira-se que, no início do século XX, a produção de manteiga era já evidente no concelho de Paredes, com duas fábricas de manteiga a funcionar em Baltar, uma em Cete, uma em Parada de Todeia, duas em Recarei e duas na Sobreira (BARREIRO 1922 e 1924).

De qualquer modo, o exposto não deixa de ser, apenas, um contributo para uma investigação mais profunda. A História Local e a identidade coletiva são reforçadas e alicerçadas no conhecimento.

Num momento em que se assinalam os 100 anos da construção deste complexo, importa assinalar e alicerçar o conhecimento daquele que é um exemplo patrimonial único no concelho e significativo para a freguesia de Cristelo.

Bibliografia

- AMP - Arquivo Municipal de Paredes. Req. Nº 20, 15-02-1913.
 Anuário Comercial de Portugal, 1922, 1935.
 BARREIRO, José (1922-1924) – *Monografia de Paredes*. Paredes, Portugal: Tipografia Mendonça.
 CARDOSO, Nicole Cacaís (2017) – *Chaminés industriais de alvenaria de tijolo. Contributo para a sua caracterização envolvendo a ciência cidadã*. Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Mestrado). Consultado em: <http://hdl.handle.net/10362/40170>.
 DIAS, Luís (2021) – *Arqueologia Industrial. Chaminé Industrial da Freguesia de Cristelo*. Trabalho para a unidade Curricular de Arqueologia Industrial. Curso de História e Arqueologia. Universidade de Évora.
 O Progresso de Paredes (1940).

ADÉLIA COELHO DE BARROS: UMA POETISA PAREDENSE

Cristiano Marques da Costa, Engenheiro Informático



ADÉLIA COELHO DE BARROS

A ocorrência da efeméride dos 150 anos do nascimento de Adélia Coelho de Barros é o mote para nos debruçarmos sobre a vida e a obra desta paredense, cujo nome tem estado praticamente adormecido na bruma do tempo.

Nasceu a 22 de Agosto de 1874, no lugar de Tourilhe, freguesia de Sobrosa. Foi a segunda das três filhas de Francisco José Coelho de Barros (c. 1835-1901) e de Ana Augusta de Meireles (1851-1909). Por via paterna, tem ascendência na Casa do Outeiro, em Louredo, e na Casa da Vila, em Cristelo. Pelo lado materno, encontra origens nas casas dos Ferreiros e de Tourilhe, em Sobrosa, e na Casa do Bairro, em Mouriz. O pai exerceu as funções de procurador fiscal e de vereador na Câmara Municipal de Paredes, entre 1878 e 1882, sob as presidências de José Guilherme Pacheco e de Albino de Lemos Coelho Ferraz. Foi também presidente da Junta de Paróquia de Sobrosa de 1893 a 1896. Adélia teve por padrinhos de baptismo os avós maternos, Joaquim de Meireles (1822-1907) e Maria Josefa Moreira da Silva e Pinho (1819-1909).

Outros avós e bisavós se destacaram igualmente nas

lides políticas de Oitocentos, como o avô materno, vice-presidente da câmara, e o pai deste, Manuel Caetano de Meireles (1788-1869), ou no campo militar, como o avô paterno, Zeferino José Coelho de Barros, que atingiu a patente de capitão, à semelhança do pai, Anacleto José Coelho de Barros, também vereador municipal.

A irmã mais velha chamava-se Aurélia Cândida Meireles de Barros Duarte (1872-1941). Foi casada com Joaquim Coelho Duarte, natural de Vilela, também tio de dois presidentes da Câmara paredense, não tendo havido filhos deste casamento. Este casal residiu em Casal de Goda, junto ao cruzeiro da igreja do mosteiro de Ferreira.

A irmã mais nova, Otília Laura de Barros Brandão (1879-1958), casou com o engenheiro Alípio Rodrigues Pinto Brandão (1871-1947), da ilustre Casa do Outeiro de Além, em Mouriz, filho, sobrinho e cunhado de presidentes da Câmara Municipal de Paredes. Deste casamento nasceram Maria Arminda, Maria Emília, Maria Sofia e Adelino.

Não tendo informações sobre a infância e juventude de Adélia Coelho de Barros, podemos supor que, atendendo à sua condição familiar, terá frequentado a escola feminina de Sobrosa, que entrou em funcionamento no ano lectivo de 1875/1876, sob a orientação da professora Albina Dias Torres de Seabra (1849-1906), à época apelidada de “mestra de meninas”. Paralelamente, o facto de ser neta de Joaquim de Meireles, professor da Cadeira de Ensino Primário da freguesia de Sobrosa durante 19 anos, terá igualmente exercido influência na sua educação, como se pode depreender numa carta dirigida à sua irmã Aurélia:

“Aurélia

Recebi a tua cartinha e grato às tuas expressões, respondo à tua pergunta. O tempo que tem a decorrer para o teu primeiro exame depende do aproveitamento futuro nas ciências escolares.

É necessário que te dediques, aperfeiçoando-te em tudo para poderes satisfazer ao difícil acto a que te propões.

Ao teu zelo, ao interesse que por ti tomas doravante à tua professora, será reduzido a um ano o período necessário para esse exame; porém, se em lugar do zelo, fores desmazelada, e a professora te desprezar, passarão dois, três ou quatro, e não satisfazes como te cumpre. Estás muito crescida; e torna-se da maior necessidade que deixes a escola o mais breve.

Pede à tua hábil professora que te auxilie em tudo, e pela

tua parte faz como uma menina, a mais concertada, dedicando-te só ao trabalho escolar, a fim de conseguires no mais curto período o que desejas. Se precisares de mim para te auxiliar, encontrar-me-ás às tuas ordens.

Se queres parecer os teus, obra em juízo e encontrarás as consequências certas. Parece-me que nos exames do ano de 1885 serás examinada com louvor, se desde hoje até então fores assídua no estudo, e desprezares para sempre os brinquedos de criança.

Estudar instantaneamente será o teu proceder doravante; e fica certa de que terei o maior prazer, sabendo que te dedicas, como deves, empregando todo o tempo em estudar.

Sei que é árdua a tarefa, mas havendo vontade, tudo se vence. É forçoso estudar já alguns princípios de gramática para mais tarde provares dela ter conhecimento, e não deixar para tarde, porque só dela te advirá o conhecimento da nossa língua.

Estuda esta primeiro, até a leres correctamente, antes de a leres à Mamã, pois se assim não fizeres, a Mamã dirá que tu nem ler sabes, e é uma vergonha para uma menina como tu.

Ferreiros, 17 de Fevereiro de 1884.

Dispõe deste teu Avô

Joaquim de Meireles"

Adélia Coelho de Barros casou a 1 de Julho de 1899, na igreja da Vitória, cidade do Porto, com Alberto Leal Coelho Barbosa, nascido na Casa de Lourosa de Cima, em Mouriz, a 1 de Junho de 1876. Era filho do Dr. António Joaquim Coelho Barbosa (1839-1903), bacharel em Direito, descendente das casas de Lourosa e do Campo, e da sua segunda mulher, Emília Leopoldina Leal Coelho Barbosa, com ascendência na Casa da Agrela, em Duas Igrejas, e na Casa da Maia, em Vilela.

Alberto Barbosa era contador do juízo da comarca de Paredes desde 1893, tendo ficado conhecido antonomasticamente por o "Contador de Paredes", como se depreende pela documentação da época e por ainda hoje ser conhecido na família por o "tio contador".

Após o matrimónio, o casal fixou residência em Castellos de Cepeda. O seu casamento foi algo turbulento e não gerou filhos. As desavenças entre o casal culminaram em divórcio, decretado por sentença de 2 de Outubro de 1911. Terá sido um dos primeiros processos de divórcio em Portugal, cujo enquadramento legal só entrou em vigor com a publicação de um decreto com força de lei, em 4 de Novembro de 1910.

Apesar desta decisão tão drástica para a época, o casal fez as pazes pouco depois, a 11 de Novembro de 1911, sem partilhas. O casal permaneceria unido até 3 de Março de 1917, dia em que o "Contador de Paredes" se afasta definitivamente da esposa. As partilhas fizeram-se no dia 7 de Abril de 1917, tendo o marido ficado com a casa por 12.000\$00. Todas estas datas e acontecimentos relacio-

nados com a separação do casal foram publicados por Alberto Leal Coelho Barbosa em impressão tipográfica.

A 26 de Setembro de 1921, o contador redige o seu testamento, designando como herdeira a sua mãe, e instituindo alguns legados aos Bombeiros, à Misericórdia, ao pároco, aos sobrinhos e afilhados, aos criados e aos pobres, não referindo a sua ex-mulher. Faleceu em Lourosa de Cima a 28 de Agosto de 1927, tendo desejado ficar sepultado no Cemitério Municipal de Paredes.

Após este fim definitivo, Adélia Coelho de Barros revela a sua paixão pela escrita, tendo publicado três livros: *Poesia da Verdade* (1929), *Flores do Amor e Saudade* (1931) e *Sentimentos do Amor – Despedida* (1932). Cada um dos volumes tem cerca de 80 páginas, num formato ligeiramente inferior ao A5, tendo sido produzidos pela Empresa Industrial Gráfica do Porto, Lda., com sede na Rua dos Mártires da Liberdade, 178.

No prólogo do primeiro livro, a autora escreve:

"Resolvi escrever este livro poético intitulado – «Poesia da Verdade» aproveitando as musas e inspirações das horas tristes e alegres no decurso da minha vida.

Podendo garantir aos meus leitores, que lendo este atentamente, e depois de alguns momentos de reflexão encontrarão a verdade triunfante em todos os meus versos! Não trato pois, de vaidades, mas sim da verdade que é a mais linda luz do mundo!

Começo por uns versos emocionantes, mas ide lendo, que também encontrareis alguns alegres, para eu ser agradável aos corações felizes."

A obra poética predominante são os sonetos, tendo alguns dedicados a pessoas significativas para a autora, que vão desde familiares a pessoas com alguma relevância social na sociedade paredense dos anos 20.

É de assinalar a dedicação de vários versos ao falecido ex-marido, por quem nutria ainda um amor vivo e intenso, como se pode ver por esta composição de dois sonetos:

"Marido no túmulo

Perdoo-te tudo quanto me fizeste,

E se eu pudesse, inda te ligava à vida,

De ti tenho uma recordação querida –

E amo-te tanto, como à mãe celeste!

Era grande o amor que t'eu dedicava

Por isso, o meu enlevo é perdoar-te;

Sofri muito e não pude deixar-te!

Porque eras o Santo qu'eu amava!...

Deixaste-me tu, sem razão nem jeito

Por um capricho louco caminhaste assim...

Que tristeza a minha! – pobre de mim!...

Fiquei sozinha sem ter uma esperança

Foi pior que uma dura lança –

Que sem dor m'atravessasse o peito!!

Sobe ao céu, ai! Sobe já,

Pois eu tudo te perdoo...

Se eu pudesse, em grande voo!



*Tu subias já p'ra lá!
 Aí nesse mausoléu,
 Descansa o teu coração.
 – vou pedir, à mãe do céu –
 P'ra te levar pela mão...
 E tu, com saudades minhas,
 Nas asas dumas pombinhas
 Partes, por mim a chorar!...
 Já pressinto vir um Anjo,
 Mandado por um Arcanjo –
 P'ra com ele te levar – !*

Dedica ainda algumas páginas a temas como o respeito, a educação e a mulher no campo da verdade.

A segunda publicação de Adélia Coelho de Barros tem várias reflexões sobre temas diversos: saudade, amor do lar, conviver, língua mordaz, a inveja, o mofador, o adulator, a mentira, amizade, o favor, solidão, o segredo, independência, economia, linha fidalga, o amor, amor de mãe, valor da mulher, honra da mulher, autoridade e superiores, o clero, o talento e a esperança.

No prólogo, a autora afirma que neste livro “devem os meus leitores encontrarem na sua versão, sensações agradáveis, sorrisos misteriosos, e o aroma fino dum pensamento filosófico”.

No terceiro e último livro, Adélia Coelho de Barros adverte que “Este é muito sentimental...”, porque foi escrito abraçada na saudade, banhada em pranto por «entes queridos que já desapareceram». Encerra trechos, que só um coração de granito poderá resistir... Talvez os meus leitores se vão sensibilizar porque vou despedir-me de vós – pondo com este livro ponto final nas minhas obras”.

Este livro inclui a transcrição de uma carta dirigida a Henry-Georges Flandin, um crítico literário francês que

publicara um artigo na “Revista Francesa” intitulado “Portugal Desconhecido”. Nele, refere Adélia Coelho de Barros como uma das maiores glórias de Portugal e dos Algarves, reconhecendo-a como “um talento que nos esmaga com a sua grandeza” e “a personificação exacta da alma de Portugal cavalheiresco, sonhador, aventureiro e místico”. O texto termina com a exaltação da escritora paredense ao mais alto nível:

“Franceses! Saudai na grande poetisa Adélia Coelho de Barros (a maior glória latina do nosso século) a imortal pátria lusitana! Ela e Camões são dois faróis tão potentes que a sua luz basta para ofuscar toda a literatura latina!”

O entusiasmo da autora foi tal que arquivou o duplicado da tradução no cartório do Dr. João Machado, então notário da vila de Paredes, remetendo ainda outro para a Torre do Tombo, em Lisboa.

Este livro contém outro soneto também intitulado “Marido no túmulo” e termina com reflexões sobre o casamento, a idade, a mulher no campo na verdade, tema este já abordado no primeiro livro.

No mesmo ano em que publicara a sua derradeira obra, com o subtítulo “Despedida”, Adélia Coelho de Barros faz o seu testamento, que se transcreve na íntegra:

“Eu, Adélia Coelho de Barros, viúva, proprietária, residente nesta vila de Paredes, achando-me em meu perfeito juízo e livre de qualquer coacção, resolvi fazer o meu testamento e disposição da minha última vontade da forma seguinte: Nomeio meu testamenteiro o pároco da freguesia onde eu, ao meu falecimento, tiver o meu domicílio, a quem encarrego e peço para me mandar fazer uma campa perpétua, só com uma gaveta, no cemitério da freguesia de Sobrosa, desta comarca de Paredes; e até a dita campa se acabar de construir, quero ser depositada no mesmo cemi-

tério, no jazigo de meu avô, Joaquim de Meireles. E na falta do primeiro testamenteiro que acabo de nomear, nomeio então o pároco que for de Sobrosa, ao meu falecimento. Quero ir vestida com o hábito da Senhora da Conceição e que na minha campa se escreva o seguinte: “Aqui jaz uma devota da Senhora da Conceição”.

Quero que se mande celebrar por minha alma sete missas de notícia e no mais curto prazo que possa ser, quero se mande dizer duzentas missas também por minha alma. Quero que se celebre quinze missas por meu pai, quinze por minha mãe, quinze por meu marido e cinco pelas almas do purgatório: tudo isto o mais breve possível, que não exceda ao prazo de três meses. Quero o enterro conforme à minha pessoa e missa de corpo presente, quero ser encerrada numa urna e que esta se não feche, senão quando eu for para o cemitério, por recear que possa ser um ataque como já tem acontecido a alguém. Quero ser conduzida na carreta da Corporação dos Bombeiros desta vila, à minha última morada.

Quero que se dê aos pobres de Paredes cinquenta escudos, na véspera de Natal, no ano do meu falecimento. Deixo a cada um dos meus afilhados e afilhadas que ao meu falecimento estiverem em Portugal, a quantia de cinquenta escudos. Deixo em propriedade as minhas jóias e o recheio das minhas roupas de vestir às minhas irmãs Aurélia e Otília e, na sua falta, às minhas sobrinhas Maria Sofia, Maria Emília e Maria Arminda. Lego às minhas irmãs Aurélia e Otília o usufruto dos meus haveres no Brasil e, na sua falta, passará em propriedade para os filhos e filhas de minha irmã Otília.

Deixo o recheio da minha casa ao meu sobrinho e afilhado Adelino, filho da minha irmã Otília, menos dinheiro ou papéis de valor ou dinheiro da caderneta que se encontrar dentro da porta do cofre, agora o que estiver nas gavetas do mesmo cofre isso fica sendo do dito meu sobrinho Adelino, assim como se a casa onde eu estiver ultimamente a viver se for minha, deixo-lha em propriedade e todas as suas pertenças.

Deixo o remanescente da minha herança à Senhora da Conceição da freguesia de Sobrosa e, caso a lei não faculte, nunca o governo poderá lançar mão, passará então para auxiliar o futuro asilo da casa da Igreja que foi do Padre António de Meireles, tudo isto da freguesia de Sobrosa, desta comarca de Paredes.

Deixo dois contos de réis ao meu testamenteiro para gratificação do seu trabalho.

Declaro que dívidas que não estejam descritas no meu livro de apontamentos que são falsas.

O segredo do cofre é: G.J.R.

Declaro que não quero que nunca na minha campa se deposite cadáver nenhum além do meu, para a qual deixo ordem ao meu testamenteiro, para comprar o terreno e mandar construí-la. E, na falta dos Bombeiros de Paredes, podem ser substituídos pela Corporação dos Bombeiros

que fiquem mais perto da minha última morada – como muito bem entender o meu testamenteiro. No caso de minhas irmãs Aurélia e Otília serem vivas à data do meu falecimento, deixo a propriedade dos meus bens do Brasil a meus sobrinhos e sobrinhas, filhos e filhas de minha irmã Otília. E por esta forma tenho concluído o meu testamento da minha última vontade o qual vou assinar.

Paredes, sete de Dezembro de mil novecentos e trinta e dois.

Adélia Coelho de Barros”.

Apesar de o notário a descrever como divorciada, a própria considerava-se viúva (tal como nos seus livros) e mandou celebrar missas pelo marido.

Viria a falecer em Castelões de Cepeda, no dia 26 de Dezembro de 1940, contando 66 anos.

O padre Armando Pereira, seu testamenteiro, enquanto pároco de Castelões de Cepeda, requereu à Junta de Freguesia de Sobrosa a concessão de um terreno no cemitério, cujo termo de cedência foi lavrado a 9 de Agosto de 1942. Na lápide colocada sobre a pedra tumular ainda hoje se pode ler o epitáfio “AQUI JAZ UMA DEVOTA DE N.ª SENHORA DA CONCEIÇÃO / D. ADÉLIA COELHO DE BARROS”.

Tendo em conta que o remanescente da sua herança revertia para a Senhora da Conceição de Sobrosa, a respectiva confraria é hoje titular do direito de concessão da sepultura n.º 17 do canteiro n.º 1 do Cemitério Paroquial de Sobrosa.

Esta confraria terá ainda herdado umas casas em Espinho, onde Adélia Coelho de Barros costumava veranejar. Segundo testemunhos orais, a confraria decidiu vender essas casas, dado que a distância não permitiria uma gestão eficiente das mesmas. Esta opção ter-se-á revelado como a mais acertada, pois alguns anos mais tarde o avanço do mar acabaria por fazer desaparecer essas casas.

Celebrar os 150 anos do nascimento de Adélia Coelho de Barros é recordar a mulher, a escritora, a benemérita, três facetas de uma personalidade ímpar no seu tempo.

Bibliografia

BARROS, Adélia Coelho de (1929). *Poesia da Verdade*. Paredes: Empresa Industrial Gráfica do Porto, Lda.

BARROS, Adélia Coelho de (1931). *Flores do Amor e Saudade*. Paredes: Empresa Industrial Gráfica do Porto, Lda.

BARROS, Adélia Coelho de (1932). *Sentimentos do Amor – Despedida*. Paredes: Empresa Industrial Gráfica do Porto, Lda.

Fontes manuscritas

Registos Paroquiais de Sobrosa, Louredo, Mouriz e Vitória (Arquivo Distrital do Porto).

Registo do Testamento de Alberto Leal Coelho Barbosa (Arquivo Municipal de Paredes).

Testamento de Adélia Coelho de Barros (Arquivo da Confraria de Nossa Senhora da Conceição da Paróquia de Santa Eulália de Sobrosa).

Concessão de terrenos no Cemitério Paroquial de Sobrosa (Arquivo da Freguesia de Sobrosa).

O LUGAR DO CRUZEIRO, ANTIGA SEDE PAROQUIAL DE BITARÃES?

João Luís Durães, Mestre em Estudos Medievais (FLUP)



Cruzeiro da Igreja Matriz de Bitarães, 1954

No dia 3 de julho, a liturgia católica assinala a Festa de São Tomé, Apóstolo, orago da paróquia de Bitarães, que é comemorado localmente com solenidade acrescida no fim-de-semana seguinte, quando o seu dia não coincide com um domingo. A documentação histórica conhecida remete para 1141 a existência de uma «ecclesia santi thome de bitaranes» (BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO 1924, 165), o que indica que já desde, pelo menos, esse ano se encontra edificada uma igreja dedicada a São Tomé num local com o nome de «Bitarães» (ou «Bitaranes», numa forma latinizada). Porém, será que a sede paroquial estava à data na sua implantação hodierna?

A tradição que subsiste entre os bitaranenses mais idosos responde negativamente a esta questão. Com efeito, a antiga matriz de Bitarães é situada no terreno ocupado hoje pelas instalações da empresa AMR – Agostinho Martins Ribeiro (na Avenida de São Tomé (EN 106-2), a sensivelmente 250 metros a sudoeste da atual), no lugar do Cruzeiro. Seria, aliás, neste lugar que estaria levantado o cruzeiro paroquial (que lhe deu origem toponimicamente), mais tarde – em data que não apurámos, talvez respeitante à abertura da estrada de Paredes a Lousada em 1870, mas seguramente anterior a 1943 – trasladado para

o adro da igreja. Infelizmente, as fontes consultadas não nos fornecem mais dados para o preenchimento destas lacunas cronológicas. A designação, em Bitarães, de um lugar «do Cruzeiro» é registada somente em 1922, sendo provavelmente este um dos lugares referidos como «habitações isoladas» (BARREIRO, 1922, 293) na *Monografia de Paredes* (nos censos realizados em 1911, ainda não é enumerado entre os lugares da freguesia (BARREIRO 1922, 299)). Poderá, então, esta tradição local acerca da anterior igreja de Bitarães possuir alguma verosimilhança histórica?

Para dissiparmos esta dúvida, é necessário recuarmos até 1690, ano em que foram publicadas, por ordem de D. João de Sousa, bispo do Porto, as *Constituições Sinodais do Bispado do Porto*, aprovadas pelo sínodo diocesano reunido três anos antes. Abrindo um exemplar desta fonte, vejamos o que diz a propósito da construção e reparação das igrejas paroquiais: «E no tal caso, em que se ouver de profanar o lugar, & cemeterio da Igreja, que se extingue, se transferirão tambem os ossos dos defuntos, [...] que estiverem enterrados nella pera a dita Igreja, pera onde for transferida, ou pera outro lugar Sagrado, & se porà hũa cruz [...] levantada no lugar, em que de antes estava a capella mor, ou altar principal da Igreja extincta» (SOUSA 1690, 363).

Cabe notar que, aquando da construção da igreja atual, vigoravam para a diocese do Porto estas constituições sinodais. Dado o desconhecimento do paradeiro dos livros de visitas pastorais de Bitarães, temos de socorrer-nos de outras fontes para logarmos indicar algumas datas para a empreitada. Assim, a inscrição patente no lintel da porta principal da atual igreja matriz exhibe o ano de 1751, enquanto um registo paroquial de 20 de dezembro de 1752 e assinado pelo Dr. Simão de Crasto Passos dá conta do falecimento na residência paroquial de «Bernardo José, moço solteiro, official de pedreiro que andava nas obras desta igreja» (ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO 1752, 2v.). A sua fachada principal já estaria terminada em outubro de 1755, pois dos efeitos do terramoto ocorrido a 1 de novembro seguinte temos a notícia, redigida pelo mesmo abade, da quebra pela base de «huma nova cruz de bastante grandeza que estava no frontespicio desta mesma igreja» (ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO 1758, 883-884).

Acreditando na tradição popular, concluímos, desta forma, que a transferência da igreja paroquial de Bitarães

do futuro lugar do Cruzeiro para o presente espaço terá ocorrido, pelo menos, em 1751-1752, ficando um cruzeiro no local da antiga, em cumprimento do estipulado pelas *Constituições Sinodais* (e à semelhança, de resto, do que ainda se verifica para o desaparecido mosteiro de Santa Eulália de Vandoma), até à sua deslocação, presumivelmente em 1870 para o adro existente. Em data anterior a 1887, foram transportados para as proximidades da igreja setecentista os únicos vestígios talvez sobreviventes da predecessora: os dois sepulcros antropomórficos e anepígrafos, hoje sem cobertura e adjacentes às fachadas laterais da nave do templo paroquial, tendo-os visto José Augusto Vieira «junto do muro do adro velho» (VIEIRA 1887, 571). Mudados os túmulos e o cruzeiro paroquial, a memória da antiga igreja paroquial de Bitarães foi preservada pelo povo, alicerçada na toponímia. Estaria, porventura, no lugar do Cruzeiro o «terreno de pedrinhas» que em baixo-latim se dizia «Pittaranes» (PORTO EDITORA 2003) – donde procederam os topónimos intermédios «Pitaraes» (PORTVGALLÆ MONVMENTA HISTORICA 1897, 567) e «bitaranes» (BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO 1924, 165) – e que corresponderia, em 1258, ao «loco qui dicitur Bitaraes» (PORTVGALLÆ MONVMENTA HISTORICA 1897, 568)?

Na ausência de outras fontes históricas que nos permitam validar esta hipótese (cuja plausibilidade é admissível), resta-nos, por enquanto, fazer como São Tomé: ver para crer.

Fontes Impressas

BARREIRO, José do (1922) – *Monografia de Paredes*. Porto: Tipografia Mendonça (a vapor) de Laura Couto & Pinto.
BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO (1924) – *Censal do Cabido da Sé do Porto: código membranáceo existente na Biblioteca do Porto*. Porto: Imprensa Portuguesa.
PORTVGALLÆ MONVMENTA HISTORICA: a sæcvo octavo post Christvm vsqve ad qvintvmdecimvm. Olisipone: Academiae Scientiarvm Olisiponensis, 1897. [Consult. 12 jul. 2024]. Inquisitiones – vol. I, fascs. IV & V. Disponível em WWW: <https://purl.pt/12270/4/>.
SOUSA, João de – *Constituições Synodae do Bispado do Porto*. Porto: Joseph Ferreyra, 1690. [Consult. 13 jul. 2024]. Disponível em WWW: <https://books.google.pt/books?id=VERpAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>.
VIEIRA, José Augusto (1887) – *O Minho Pittoresco*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira. t. II.

Fontes Manuscritas

Arquivo da Diocese do Porto, *Diocese do Porto – Paróquia de São Tomé de Bitarães – Igrejas e capelas*, 1954.
Arquivo Distrital do Porto, Paróquia de Bitarães, *Registos de óbitos*, 1752, liv. O, n.º 1, fls. 2v.-3. [Consult. 12 jul. 2024]. Disponível em WWW: <https://pesquisa.adporto.arquivos.pt/viewer?id=486841>.
Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Memórias Paroquiais, *Dicionário geográfico de Portugal, Tomo 7, B 2*, 1758, n.º 21, pp. 869-892. [Consult. 12 jul. 2024]. Disponível em WWW: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4239270>.

Outros Recursos Eletrónicos

PORTO EDITORA – Bitarães. In PORTO EDITORA – *Dicionário infopédia de Toponímia*. Porto: Porto Editora, cop. 2003. [Consult. 13 jul. 2024]. Disponível em WWW: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/toponimia/Bitar%C3%A3es>.

ALBERTO LEAL COELHO BARBOSA (1876-1927) – CONTADOR DA COMARCA DE PAREDES

Maria Isabel Moura dos Santos Alves Pereira, Professora Aposentada

Alberto Leal Coelho Barbosa nasceu no dia 1 de junho de 1876, em S. Romão de Mouriz, concelho de Paredes. Foi o primeiro de três filhos do bacharel em direito António Joaquim Coelho Barbosa (1839-1903) da Casa de Lourosa de Cima e de Emília Leopoldina Leal Barbosa (1854-1926), descendente da Casa da Agrela da freguesia de Santa Maria de Duas Igrejas. Foi educado nos valores tradicionais, no orgulho nas suas raízes e no dever de administrar e preservar as terras pelas quais durante séculos os seus antepassados pagaram foros aos mosteiros de São Pedro de Cete, de Santo Estevão de Vilela e à Igreja.

Ainda antes de completar dezassete anos, Alberto Leal Coelho Barbosa foi nomeado Contador da Comarca de

Paredes, durante o reinado de D. Carlos. Mais tarde, já em plena República, foi-lhe passado o Diploma de Funções Públicas onde se lê: "Em nome da República se faz saber que por decreto de 14 de abril de 1893 foi Alberto Leal Coelho Barbosa nomeado para o lugar de Contador do Juízo de Direito da Comarca de Paredes." No verso deste documento, o Contador assina a Declaração de Compromisso. Na pesquisa pelas suas atribuições e competências, sem outra informação da época, encontrámos no dicionário de língua portuguesa de Eduardo de Faria, quarta edição, de 1858, a definição de contador como 'chefe de uma contadoria que examina e verifica as contas de alguma reparação da fazenda'. Também, entre os papéis que deixou,



existe um relatório de 28 de maio de 1899 no qual Alberto Leal Coelho Barbosa, contador e distribuidor da Comarca de Paredes, faz a certificação dos registos dos emolumentos e salários judiciais referentes aos anos de 1896, 1897 e 1898. Ainda outra publicação esclarecedora das suas atribuições é o seu pequeno livro de consulta "Nova Tabella dos Emolumentos e Salários Judiciaes", aprovada por Carta de Lei de 13 de Maio de 1896, Edição Do Archivo Jurídico, Porto. Este exemplar está fortemente manuseado e repleto de anotações. Quanto à sua formação académica, restam alguns manuais do ensino secundário e obras de autores clássicos a par com livros de direito e de escrituração e contabilidade comercial.

Depois da morte de seu pai, em 1903, podemos constatar nos registos que deixou que o Contador apoiou a mãe na administração dos bens da família, num tempo em que a terra era avaliada pela sua capacidade de produção de cereais, vinho, linho, hortícolas e árvores de fruto e outras e não pelo índice de construção. Na casa da família fez obras de renovação, mantendo a arquitetura das construções mais antigas, como se pode ver em fotografias da época. Ainda durante a vida de sua mãe, que era usufrutuária de todos os bens da família depois de, em 1915, ter feito doação aos seus filhos, o Contador mandou erguer uma pequena casa com a intenção desta servir de habitação de férias para o irmão que residia no Porto. Mais tarde, esta construção veio a ser utilizada pelo Município como escola oficial de Lourosa, Mouriz, até à edificação da nova escola de Lourosa, no lugar do Bairro. Com 48 anos, em 29 de novembro de 1924, o Contador adquiriu um terreno no canteiro número três do Cemitério Municipal da Vila de Paredes e aí mandou fazer o jazigo de pedra onde repousa com sua mãe. Na base que suporta a cruz, estão gravados os nomes de Emília Leopoldina Leal Barbosa e Alberto Leal

Coelho Barbosa e ainda o ano da construção, 1925. Como apontamento de algum interesse para a compreensão da sua personalidade, há o facto de ter sido das primeiras pessoas de Paredes a ter automóvel e ensinou a sobrinha Adélia, filha de seu irmão Armando, a conduzir.

Em 1 de julho de 1899, Alberto Leal Coelho Barbosa casou com Adélia Coelho de Barros. O casal ficou a residir em Castelões de Cepeda, sendo a última morada de que há registo no lugar do Calvário, subúrbios da Vila de Paredes. Deste casamento não houve descendência e em 2 de outubro de 1911 o casal divorciou-se. Porém, apesar das divergências, Alberto e Adélia não se afastaram como comprova o testamento datado de 3 de julho de 1912, no qual o Contador nomeia a sua companheira Adélia usufrutuária de metade dos seus bens e deixa aos herdeiros a obrigação de construir, no cemitério de Paredes, um jazigo com duas campas para onde o seu corpo deverá ser trasladado, referindo que a outra campa será para a sua companheira, Adélia Coelho de Barros. Só em 1917, o casal se separou definitivamente com partilhas registadas no cartório do 3º Ofício. Em 2 de junho do mesmo ano, Alberto fez novo testamento sem nomear Adélia Coelho de Barros. Na família do marido, a sua ex-mulher e ex-companheira era descrita como uma pessoa exuberante e fortemente independente.

A sua irmã, Arminda Leal Coelho Barbosa (1879-1904), casou com Gervásio Fernandes de Meirelles (1877-1961), da Bouça. Esta união dissolveu-se ao fim de dois anos por morte de Arminda e gerou um filho, Silvino Meirelles (1903-197...).

O seu irmão, Armando Leal Coelho Barbosa (1887-1932), casou com Emília Coelho da Silva (1874-1942), da quinta do Ermo em Castelões de Cepeda. O casal teve uma única filha, Adélia Coelho da Silva Barbosa (1913-2003).

Sobrevivendo a sua mãe, Alberto Leal Coelho Barbosa veio a falecer em 28 de agosto de 1927. Em testamento, datado de 21 de setembro de 1921, institui seu único e universal herdeiro de todos os seus bens a seu irmão Armando Leal Coelho Barbosa e, na sua falta, à sua sobrinha Adélia. Ao seu sobrinho Silvino deixa dez mil escudos. Faz outros legados, nomeadamente à Irmandade da Misericórdia da Vila de Paredes, às criadas que estiverem ao seu serviço à data do seu falecimento, aos afilhados, aos pobres e aos caseiros. À associação de Bombeiros e ao padre deixa algum dinheiro para que o acompanhem no funeral. Também por vontade expressa no mesmo testamento, foi a enterrar no seu jazigo perpétuo, no Cemitério Municipal de Paredes.

Bibliografia

Tombo.pt registos paroquiais:

Assento de batismo nº 16 do ano de 1876, Porto, Paredes, freguesia de Mouriz.

Assento de casamento nº 63 do ano de 1899, Porto, freguesia da Vitória.

Assento de casamento nº 1 do ano de 1874, Porto, Paredes, freguesia de Duas Igrejas.

Assento de batismo de António Joaquim Coelho Barbosa, Porto, Paredes, freguesia de Mouriz, do ano de 1839.

Assento de batismo de Emília Leopoldina Leal Barbosa, Porto, Paredes, Duas Igrejas, do ano de 1854.

Assento de batismo nº 4 do ano de 1879, Porto, Paredes, freguesia de Mouriz.

Assento de batismo nº 5 do ano de 1887, Porto, Paredes, freguesia de Mouriz.

Assento de óbito nº 10 do ano de 1903, Porto, Paredes, freguesia de Mouriz.

Assento de batismo nº 19 do ano de 1877, Porto, Paredes, freguesia de Mouriz.

Assento de batismo nº 8 do ano de 1874, Porto, Paredes, freguesia de Castelões de Cepeda.

Assento de batismo nº 31 do ano de 1903, Porto, Paredes, freguesia de Mouriz.

Assento de óbito nº 34 do ano de 1904, Porto, Paredes, freguesia de Mouriz.

Outras fontes:

Dicionário da Língua Portuguesa, de Eduardo de Faria, quarta edição, Parte I, Lisboa, No escriptorio de Francisco Arthur da Silva, Editor-Proprietário, 1858.

Nova Tabella dos Emolumentos e Salários Judiciais Aprovada por Carta de Lei de 13 de Maio de 1896, Edição do Archivo Juridico, Porto, Livraria Archivo Juridico de J.J. Vieira da Silva, Editor, 1896.

Nobres Casas de Portugal, Elementos Coordenados por António Lambert Pereira da Silva, Livraria Tavares Martins, Porto, 1958 - Fascículo 31.

Documentos na posse da família:

Diploma de Funções Públicas, assinado por Alberto Leal Coelho Barbosa, em 23 de dezembro de 1914.

Livro pessoal de Alberto Leal Coelho Barbosa, datado de 1903.

Relatório de Alberto Leal Coelho Barbosa, contador e distribuidor na Comarca de Paredes, relativo aos anos de 1896 e 1897, assinado em 1899.

Testamento de Alberto Leal Coelho Barbosa, de 3 de julho de 1912, com auto de aprovação feito pelo notário Bento Botelho Dias Teixeira, registado no livro nº 2.

Testamento de Alberto Leal Coelho Barbosa, de 2 de junho de 1917, com auto de aprovação feito pelo notário Bento Botelho Dias Teixeira, registado no livro nº 3.

Testamento cerrado de Alberto Leal Coelho Barbosa, de 26 de setembro de 1921, com auto de aprovação feito pelo notário Bento Botelho Dias Teixeira, aberto, lido e registado no livro nº 93, em 9 de setembro de 1927.

Notas datilografadas sobre o divórcio e partilhas, escritas na primeira pessoa.

Traslado da escritura de Doação que D. Emília Leopoldina Leal Barboza faz a seus filhos Alberto e Armando no notário Bacharel António Cabral da Silva Torres, em 2 de maio de 1915.

Escritura de Concessão de Terreno no Cemitério Municipal da Vila de Paredes, em 29 de novembro de 1924.

Renovação de Foros do Prazo do Meio Casal de Lourosa pelo mosteiro de Cete, a José Barbosa e sua mulher Maria Coelho, com medição, em 1747.

Carta de Remissão de Foros do Prazo do Meio Casal de Lourosa de Cima, a José Bernardo Coelho Barbosa, em 26 de maio de 1848.

Carta de Remissão e Consolidação de Domínio de Vários Terrenos na Freguesia de Duas Igrejas, a António Joaquim Coelho Barbosa e sua mulher Dona Emília Leopoldina Coelho Barbosa, em 13 de dezembro de 1879.

Sentença contra o capitão Custódio José Coelho, da quinta do Souto, em 1793.

Carta de Curso de António Joaquim Coelho Barbosa, assinada pelo Reitor da Universidade de Coimbra em 14 de dezembro de 1866.

UMA RIVALIDADE FUTEBOLÍSTICA NA VILA DE PAREDES: ONZE ESTRELAS FUTEBOL CLUB PAREDENSE E UNIÃO SPORT CLUB DE PAREDES

Vasco Santos, Técnico Superior de Arquivo

O desporto é hoje um fenómeno de massas, cujo acesso se encontra democratizado, e dividindo-se por um sem número de modalidades ao gosto quer do praticante, quer do espetador. No entanto, existe um desporto que se destaca de todos os outros pelo alcance que conquistou e que com razão ostenta o título de “desporto rei”. Falamos, claro, do futebol.

O futebol é parte dos nossos dias. Os espaços desportivos multiplicaram-se e não é raro ver um miúdo, que acompanhado pelos pais, carrega no seu saco não só as chuteiras, mas também a ambição de vir a ser a próxima estrela, enquanto que ao lado os veteranos, num convívio entre amigos, se digladiam enquanto recordam os seus momentos áureos que agora são apenas uma memória.

Hoje em dia é raro o local onde não somos bombardeados com uma menção à prática futebolística. Assim acontece com o senhor que desfolha o jornal enquanto bebe o café e aproveita para ver as crónicas da bola; o som de fundo

que ecoa pela discussão de um grupo de pessoas que, como qualquer bom treinador de bancada e aspirante a árbitro, debatem as opções do treinador e os erros do juiz do jogo que decorreu no fim de semana; o pequeno, embora cada vez mais raro, que pede ao pai uma saqueta de cromos para terminar a sua caderneta de ídolos. As notícias na televisão, no tablet, no telemóvel ... O futebol está em todo lado.

O futebol é também paixão. Ficou imortalizada a frase “nunca será só futebol”. De facto, a identificação que se faz com um clube, o vestir a camisola e encarnar o espírito, não simboliza apenas o gosto pela modalidade, mas algo mais transcendente. Essa paixão é também o móbil que leva ao surgimento das rivalidades, que, quando saudáveis, apenas contribuem para uma vivência mais emotiva e vibrante do jogo.

É este o tema que trazemos hoje aqui. Todos nós somos conhecedores das grandes rivalidades com que o futebol nos brinda. A partilha do mesmo berço é motivo de divisões,

98 inclusive dentro das próprias famílias, que se agudizam particularmente nos dias que antecedem o embate entre as duas equipas. São inúmeros os exemplos que podemos dar, mas limitemo-nos aos nacionais. Temos o clássico da capital entre Benfica e Sporting, o dérbi da Invicta entre os dragões e os axadrezados ou ainda o dérbi do Minho entre Sporting de Braga e Vitória Sport Clube. Enumerámos aqueles que decorrem na elite do futebol português, mas são vários os derbies locais que fervilham por esse país fora.

Recentemente, o concelho de Paredes vivenciou um desses momentos no embate entre o Rebordosa Atlético Clube e o União Sport Clube de Paredes. O jogo mobilizou centenas de aficionados que partilham o mesmo concelho, mas que se dividiam no apoio às diferentes equipas. No entanto, o que nos propomos abordar aqui hoje é uma rivalidade muito mais antiga, uma das mais antigas do concelho. Esta remete para a década de 20 e 30 do século passado, entre dois clubes da Vila de Paredes: Onze Estrelas Futebol Club Paredense e União Sport Clube de Paredes.

Na Vila de Paredes, tanto quanto se pode apurar até à data, a primeira agremiação com prática desportiva foi o Sporting Club Paredense. Em 1918 esta funde-se com o Club Paredense e formam a Assembleia Sportiva, que gradualmente deixa de parte o desporto e se foca nas atividades recreativas.

Para ocupar o espaço deixado pela prática desportiva, entrando concretamente na prática do futebol, são criados alguns clubes na Vila, como o Paredes Sport Club que foi instituído para suprir essa lacuna, mas foi efémero. Delfim Pinto da Costa, no livro que comemora as bodas de ouro do União, refere que em 1922 existiam quatro clubes na Vila: Paredense Sport Club (diferente do Paredes Sport Club que já se havia extinguido), Comercial Sport Club, Aliança Sport Club e Onze Estrelas Sport Club.

A estes quatro clubes, depois dos esforços concertados dos quais se destacam as figuras de Delfim da Costa, Evaristo Leal e Pe. Marcelino da Conceição, foi proposta uma fusão, que apenas foi rejeitada pelo Onze Estrelas. Desta fusão nasceu, a 13 de dezembro de 1924, o União Sport Clube de Paredes.

O Onze Estrelas, apesar de, como referimos, ser já identificado em 1922, é apontada a sua data de fundação em 4 de dezembro de 1923, como se vê numa imagem de homenagem da Fetex. O ofício remetido para o Governo Civil, dando conhecimento a este organismo da criação de uma sociedade desportiva denominada “Onze Estrelas Foot-ball Club Paredense”, é assinado por Joaquim Ferreira Barbosa Júnior e data de 5 março de 1925. Independentemente da data, certo é que era um clube recente aquando da criação do União e preferiu manter a sua independência. A sua sede inicial situava-se na Rua 5 de Outubro, sendo inaugurada em 1924. Neste ano a direção era composta por Daniel Rodrigues da Costa (Presidente), José Coelho

Garcez (1º Secretário), Ernesto de Sousa Rangel (2º Secretário) e Reinaldo Guedes da Rocha (Tesoureiro), tendo como capitão geral João Nunes de Sousa Pinheiro e capitão de campo José Augusto da Silva Loureiro. Ao longo do tempo existiu uma alteração à nomenclatura, aparecendo referido também como Onze Estrelas Sporting Clube de Paredes, já na década de 30.

O União, clube resultante da fusão, teria cerca de 400 associados na sua fundação. Os sócios ter-se-ão reunido no salão do quartel do Bombeiros de Paredes, na sua primeira assembleia geral, para discutir a elaboração dos estatutos e outros assuntos de relevo para o clube. A sua primeira direção era constituída por José Ferreira da Rocha (Presidente), Arménio da Rocha Madureira (Vice-Presidente), Evaristo Soares Leal (1º Secretário), José Vieira da Silva (2º Secretário), Arlindo da Costa Pinto (Tesoureiro), António Ribeiro de Magalhães Carvalho (Vogal) e António Ribeiro da Silva (Vogal). A comunicação da constituição da sociedade desportiva com os fins de desenvolvimento físico e moral ao Governo Civil do Porto é feita por Evaristo Leal, em janeiro de 1926.

Os dois clubes, bastante ecléticos (contavam ambos com outras modalidades para além do futebol), foram protagonistas de uma das primeiras rivalidades futebolísticas na Vila de Paredes. Desconhece-se a data do primeiro embate entre os dois. No início do ano de 1927, chegou à direção do União um ofício assinado pelo capitão do Onze Estrelas, convidando o clube para a realização de um desafio. Em resposta, foi questionado pelos diretores unionistas aos congéneres do clube rival se estes tinham conhecimento da proposta e se assumiam as responsabilidades por tal cargo.

Não conseguimos apurar se os clubes se alinharam para se defrontarem, mas sabemos que existiu uma “troca de galhardetes”, tipicamente feita no campo entre os capitães das equipas, mas com diferentes protagonistas e tendo como recinto a imprensa local. Os intervenientes foram João Nunes de Sousa Pinheiro, por parte do Onze Estrelas, e José Maria Bragança Ribeiro, pelos unionistas, num desafio que teve o seu palco no Jornal de Paredes onde ambos, semana após semana, trocaram ataques e contra-ataques. Na base da discussão esteve uma notícia publicada no Jornal de Notícias de 27-5-1926 sobre um jogo na Vila de Paredes que contou com a presença do Sport Club de Rio Tinto. Passamos a citar:

“Um nosso amigo escreveu-nos chamando a nossa atenção para o facto de naquela vila se receberem e tratarem mal os grupos que ali vão jogar em desafios, como aconteceu que um que lá jogou no domingo findo.

Foi notada bastante a falta de educação desportiva por parte dos dirigentes do União F. C. de Paredes, que possuindo um bom campo, não tratem de proporcionar aos clubs visitantes o carinho e respeito que merecem.

O nosso amigo queixa-se de que os jogadores saíram lesio-



nados do jogo que em Paredes realizaram, facto este que em nada depõe em favor dos desportistas daquela vila."

No número seguinte, é feita no mesmo jornal uma retificação à notícia, referindo que o clube em questão é o Onze Estrelas e não o União. O mote estava lançado e o apito inicial havia sinalizado a troca de argumentos (nem sempre com o melhor dos fair-plays, deve dizer-se) entre os dois representantes dos clubes paredenses. Acrescenta-se, a título de curiosidade, que João Nunes de Sousa Pinheiro, 1º secretário do Onze Estrelas, havia sido sócio do União, tendo pedido a demissão à direção em 1925. Na ata que refere a sua saída é indicado que os sócios demitidos queimaram os cartões de identidade do clube. Este ato foi considerado como uma atitude desprestigiante pelo que a demissão nunca foi questionada.

O representante unionista inicia o desmentido da notícia no Jornal de Paredes, rejeitando as acusações de falta de conduta desportiva que recaem diretamente sobre si e acusa o secretário do Onze Estrelas de ter enviado uma carta ao Sport Club Rio Tinto. O conteúdo da carta, assinada por João Nunes Pinheiro e onde figurava o emblema do Onze Estrelas, vem transcrito no periódico, pois o dirigente unionista acabou por tomar posse desta por intermédio do clube de Rio Tinto. Atendendo ao seu conteúdo acusa o seu adversário de ser maldizente relativamente à atitude desportiva dos paredenses.

Em resposta a José Maria Bragança Ribeiro veio o representante do Onze Estrelas defender a sua honra. Este refere que não assistiu ao jogo em questão, mas que ouviu na opinião pública que a assistência teria apupado os jogadores visitantes e que a carta vinha apenas fazer justiça à honra do clube visitante, pois os semanários locais tinham atribuído a má conduta ao clube de Gondomar. Também refere várias situações que considera de perseguição do União ao Onze Estrelas, culpando os unionistas de terem tentado causar entraves à aquisição do campo de jogos e de o terem acusado, a ele e a mais dois sócios do seu clube, de haverem perpetrado um roubo ao União. Estas acusações são particularmente importantes porque nos fornecem dados e pormenores que, de outra forma, dificilmente teríamos conhecimento devido à falta de documentação que existe para a época sobre os clubes.

João Nunes Sousa Pinheiro refere-se ao roubo que acon-



teceu na sede do União no dia 25 de junho 1925. Segundo o veiculado nas atas do União, foram roubadas da sua sede a prensa de copiar, copiadores e variada documentação, como os livros de atas e estatutos iniciais. Ora, se por razões morais lamentaríamos sempre um roubo, mais ainda quando se perderam documentos importantíssimos para a reconstrução da memória e que se relacionam com um período de particular importância, como é a fundação de um clube.

Nesta notícia, para além de referir que ele e mais dois colegas foram indicados como autores do roubo, aponta que o verdadeiro autor teria sido José Viera da Silva. Segundo o mesmo, este só não respondeu pelo crime e não foi preso devido à interceção de Aníbal Ruão, Delegado do Governo à época, que não o permitiu. Tudo isto foi refutado por José Maria Bragança Ribeiro, recorrendo a vários testemunhos dos intervenientes citados e que vêm transcritos no semanário.

Outra das questões levantadas prende-se com o campo do Onze Estrelas. Ambos os clubes passaram por um difícil revés relativamente ao local da realização dos jogos, logo nos primeiros tempos da sua criação. Existia na Vila de Paredes um campo nos terrenos da Misericórdia de Paredes que era utilizado gratuitamente pelos clubes da Vila para a prática desportiva. No entanto, a Irmandade tinha a pretensão de construir um hospital e, portanto, na sua sessão de 2 de novembro de 1924 mandou oficial aos clubes que teriam de abandonar o terreno de jogo, pois o seu uso iria trazer constrangimentos ao avançar das obras.

O União viu o seu problema solucionado com a doação feita por Maria Augusta Sottomayor e Menezes e seu segundo marido, Manuel Fernandes Porto Júnior, de um terreno onde veio a ser construído o seu campo de jogos, atual Estádio Municipal das Laranjeiras. Para além da doação, também contribuíram para tal fim algumas doações e empréstimos feitos por particulares e entidades coletivas.

O Onze Estrelas estudou as suas opções e alugou um campo, que era explorado por Ascânio d'Almeida, mas pertencente a Ramiro Gomes, situado na zona da Estrebuela, conhecido como "campo do Olival". João Nunes

100 Pinheiro acusa os representantes unionistas de dificultarem a aquisição do terreno, aliciando o proprietário e o arrendatário, o que foi refutado no número seguinte pelo seu correspondente unionista, que mais uma vez recorreu a testemunhos para provar a sua posição. Relativamente ao campo alugado pelo Onze Estrelas, aparentemente, não cumpria com os regulamentos. Em 1931, a direção do Onze Estrelas estaria em conversações para obter uns terrenos “para os lados do cemitério”. Esta solução acabou por não se consumir, pois em 1932, segundo o *Progresso de Paredes*, é referido que conseguiram fazer as obras necessárias para nivelarem o terreno e cumprirem com as dimensões estipuladas no campo já existente, sendo a sua inauguração prevista para o dia 21 de fevereiro desse ano numa partida contra o Sport Club da Lixa.

A questão do campo acabou por ser mais um ingrediente para adensar a rivalidade entre os clubes e o tema não findou aqui. Aquando da construção do seu campo, o União pediu auxílio financeiro à Câmara Municipal que, porque o cofre não permitia muitas despesas, contribuiu com 250 escudos. Cerca de meio ano depois, similar pedido é endereçado à municipalidade pelo Onze Estrelas, uma vez que também ficaram privados do campo da Misericórdia e tiveram que arranjar uma alternativa, mas desta vez com um diferente desfecho. A Comissão Administrativa oficiou em resposta que já tinha subsidiado o União para idêntico fim, convicta de que esse era o único clube organizado na Vila de Paredes; portanto, não iria atribuir nenhuma ajuda, até porque isso abriria portas a que os outros clubes do concelho, que estivessem organizados ou por organizar, se achassem no direito de fazer igual pedido. Um ponto importante que é ressaltado durante a resolução é o facto do vereador Sr. Rocha, por ser presidente do União, não ter votado para evitar possíveis conflitos de interesse.

Esta resposta da edilidade pode ter particular importância uma vez que aponta que o União, embora ainda sem um ano decorrido da sua fundação, se encontrava mais bem estabelecido que o seu congénere da Vila de Paredes. Outro indicador neste sentido é o número de sócios de ambos os clubes. Se é referido que o União tinha à data da sua criação perto de 400 sócios, o Onze Estrelas, em 1932, segundo a mesma notícia do *Progresso de Paredes* que se refere à mudança das condições do campo do Olival, só teria cerca de 280 associados. Outro dado revelador, cuja entrada em equação avança para a mesma conclusão, é a data da inscrição dos clubes na Associação de Futebol do Porto, sendo o União o pioneiro dos dois clubes. Por fim, o Onze Estrelas, aquando da realização do torneio promovido pelo União Sport Club de Paredes em 1931, de onde saiu vencedor o Aliados de Vilela, não participou, justificando que ainda não tinha o seu grupo organizado.

Outra questão que acaba até por ter tanto de curioso e caricato como de normal quando atendemos à proximidade geográfica, era a volatilidade das trocas de sócios,

jogadores e até funcionários entre ambos os clubes. Para além do caso já mencionado do diretor do Onze Estrelas que tinha sido sócio do seu rival, existem outros exemplos que podem ser mencionados. Artur Freitas, sócio jogador do União, foi convocado para fazer parte da equipa num desafio a realizar pela turma unionista contra o Marinho Sport Clube. Este acabou por recusar a sua participação porque já se havia comprometido com o Onze Estrelas em fazer um jogo por estes no mesmo dia. Isto era contrário aos regulamentos unionistas, valendo-lhe a suspensão da equipa pelo resto da época. Apesar deste episódio, o jogador veio a representar o União por diversas vezes, recolhendo recorrentemente elogios da crítica jornalística do *Progresso de Paredes*.

Outro exemplo é o de Adão Ribeiro de Sousa. Em 1929 era empregado do buffet do União e, depois de um episódio passado na sede deste clube em que foi considerado culpado das acusações de falta de zelo que lhe fizeram, acabou por ser dispensado das suas funções. No entanto, num ofício relacionado com a cobrança da luz na sede do Onze Estrelas, datado de junho de 1934, o mesmo Adão Ribeiro de Sousa é referido como sendo empregado agora deste clube.

Estes dois clubes foram os protagonistas de uma rivalidade que teve como palco a Vila de Paredes. Foram parte importante, até pelo ecletismo que ambos apresentavam, no fomento da atividade desportiva paredense. O União acabou por “vencer” o desafio entre ambas uma vez que foi aquele que perdurou no tempo, celebrando este ano o seu centenário. O Onze Estrelas, apesar do recrudescimento que demonstra no início da década de 30, acabaria por se extinguir, ao que tudo indica, nessa mesma década, apesar de ter ficado até hoje na memória coletiva paredense.

Bibliografia

- BARREIRO, José do – *Monografia de Paredes*. Paredes, Portugal: Tipografia Mendonça, 1922-24.
Jornal de Paredes. Paredes, 1926.
O Progresso de Paredes. Paredes, 1931-1934.
PEREIRA, Ricardo Costa – *O futebol portuense na Primeira República Portuguesa (1910-1926)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015. Dissertação de mestrado.
PEREIRA, Ricardo Costa – *O futebol português no tempo da I República (1910-1926)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2018. Dissertação de doutoramento.
SILVA, Ivo Rafael – *Paredes e a Primeira República: Vida social e desportiva. O Paredense*. Nº99 (2019), p.19.
SILVA, Ivo Rafael – *Clubes Extintos do Concelho. O Paredense*. Nº165 (2021), p.19.
SILVA, Ivo Rafael – *Paredes e a Primeira República- Vida Social e Desportiva (III). O Paredense*. Nº111 (2019), p.19.
União Sport Club de Paredes: Boda de Ouro 13 de Dezembro de 1974. Paredes: Gráfica de Paredes, 1974.

Fontes Manuscritas

- Arquivo Municipal de Paredes, Atas das sessões camarárias, Livro 29.
Arquivo Municipal de Paredes, Atas das sessões camarárias, Livro 30.
Arquivo Distrital do Porto, Onze Estrelas Futebol Clube Paredense- PT/ADPRT/AC/GCPRT/J-C/114/00810.
Livro de atas da Direção do União Sport Clube de Paredes, Livro 1.
Livro de atas da Assembleia Geral do União Sport Clube de Paredes, Livro 1.
Livro de atas da Confraria da Mesa da Misericórdia de Paredes, Livro 1.

TRILOGIA DO MÊS

UMA PEÇA! UM DOCUMENTO! UM LIVRO!

Natália Félix, Técnica Superior de Geologia
Carlos Ferraz, Técnico de Arquivo

O setor de Património Cultural, Biblioteca e Arquivo da Câmara Municipal de Paredes promove mensalmente a rubrica "Trilogia do mês... Uma peça! Um documento! Um livro!".

Esta iniciativa teve início em outubro de 2021 e apresenta um cariz cultural e informativo, mas também educativo, que tem por base o fundo arquivístico do Arquivo Municipal e os acervos da Biblioteca Municipal e do Património Cultural. Esta pequena mostra expositiva é constituída por três elementos: uma peça, um documento e um livro que ficam expostos no espaço da receção da Biblioteca Municipal, sendo substituídos a cada mês. O objetivo principal desta iniciativa é estabelecer uma relação entre os três setores: o Património Cultural, a Biblioteca e o Arquivo Municipal e, desta forma criar uma proximidade com o público no sentido de promover o conhecimento através da riqueza e diversidade disponibilizadas pelos respetivos fundos/acervos, assim como fortalecer o enraizamento dos valores culturais da história local na comunidade.

A cada mês já foram abordados temas da história, arqueologia, geologia, etnografia, heráldica, personalidades, entre outros, que permitiram dar a conhecer vários objetos acompanhados de informações e explicações técnicas que descrevem a sua função e o seu significado, fazendo ainda uma breve contextualização através de documentação arquivística e bibliotecária.

Atualmente a Trilogia destaca elementos que dão a conhecer um pouco das freguesias do concelho de Paredes, apresentadas por ordem alfabética. A Monografia de Paredes, de José do Barreiro, é o livro comum a todas as freguesias, complementado pela Peça e Documento que, selecionados mensalmente, estão relacionados com um determinado uso ou costume, prática e ofício, que traduz a identidade cultural da comunidade Paredense.



2021	Outubro	"A Torre do Castelo de Aguiar de Sousa"
	Novembro	"Chapas de matrícula de veículos de tração animal"
	Dezembro	"Antigo par de patins"
2022	Janeiro	"ASP - Assembleia Sportiva de Paredes"
	Fevereiro	"A arte de fiar"
	Março	"A Casa da Castrália"
	Abril	"A Paixão de Cristo"
	Maio	"Património Azulejar"
	Junho	"O Carimbo"
	Julho	"Exploração Mineira no Concelho de Paredes"
	Agosto	"A escrita e a Máquina de escrever"
	Setembro	"As Artes em Madeira de Paredes"
	Outubro	"As Artes em Madeira de Paredes"
	Novembro	"Chapas de matrícula de velocípedes"
	Dezembro	"Registos e Chapas de canídeos"
2023	Janeiro	"Antigas tabuletas de publicidade da Mobioil"
	Fevereiro	"Selo em papel do Reino de Portugal"
	Março	"Bombeiros Voluntários de Paredes"
	Abril	"A Primeira Guerra Mundial e os Paredenses"
	Maio	"Sinalização Antiga de Paragem de Autocarro"
	Junho	"Paredes, Passagem de Vila a Cidade"
	Julho	"Biblioteca Municipal de Paredes"
	Agosto	"A Máquina de Fotografar"
	Setembro	"Posto de Turismo Centro de Interpretação Arte Pública"
	Outubro	"O Pão e a Moagem"
	Novembro	"Dr. António Mendes Moreira"
	Dezembro	"Comemorações dos Centenários"
2024	Janeiro	"Aguiar de Sousa"
	Fevereiro	"Astromil"
	Março	"Baltar"
	Abril	"Beire"
	Maio	"Besteiros"
	Junho	"Luís de Camões: Um olhar dos Paredenses"
	Julho	"Bitarães"
	Agosto	"Castelões de Cepeda"
	Setembro	"Cete"
	Outubro	"Cristelo"
	Novembro	"Duas Igrejas"
	Dezembro	"Gandra"

TREMOÇOS: FITOGEOGRAFIA DO GÊNERO LUPINUS

António Luís Crespi e Carlos A. B. Barros Castro, Professores Universitários

O género *Lupinus*, chamado assim por a sua semente ser amarga e considerado alimento de lobos e não para humanos (Castroviejo & Pascual, 1999), surge com esta designação genérica na obra basilar de Carl Linnaeus, *Species Plantarum* (Linnaeus, 1753). Na relação e descrição das espécies, elaborada por este insigne médico naturalista, o autor opta por incluir um total de seis espécies sob esse género: *L. perennis*, *L. albus*, *L. varius*, *L. hirsutus*, *L. angustifolius* e *L. luteus*. Enquanto o primeiro, *L. perennis*, provém da metade oriental da América do norte, com naturalizações espontâneas na Europa e no nordeste da Índia, o *L. varius* não passa de uma sinonímia do *L. angustifolius*; *L. hirsutus* é também outra designação sinónima de uma das espécies do oriente Mediterrânico, o *L. pilosus* L., também pontualmente subespontânea na Índia, na Europa central, África ou Austrália; por fim, *L. luteus* forma também parte do elenco florístico da região Mediterrânica, só que neste caso ocidental. Como podem verificar deixámos de fora o *L. albus*, que é um táxon natural do oriente Mediterrânico (desde a Turquia até à Croácia), mas que passou a ostentar o título de tremoceiro mais importante entre os produtores agrícolas. Então surge a pergunta quase inevitável: o tremoceiro é mediterrânico? Para responder a esta questão devemos saber quantas espécies podemos atualmente contabilizar dentro deste género, de modo a visualizar as suas distribuições. Este exercício é particularmente interessante, pois permite desenvolver uma visão espacial, neste caso planetária, de como se difundem as morfologias que foram identificadas dentro deste género de plantas. Assim sendo, observamos as percentagens de espécies, por continentes, na Figura 1.

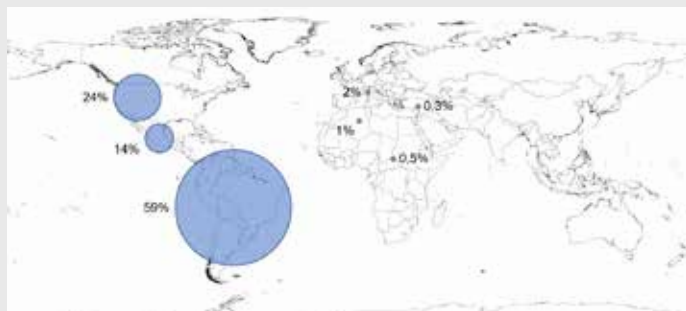


Figura 1 – Distribuição da riqueza específica do género *Lupinus* L., e respectivas percentagens por continente.

Não é necessária muita argúcia para suspeitar que o *Lupinus* é sobretudo americano, pelo menos podemos contar com 97% de certeza, de um total de 609 espécies aceites neste momento, de acordo com a base de dados Kew Plants of the World Online (<https://powo.science.kew.org/taxon/urn:lsid:ipni.org:names:60436956-2>). Essa percentagem tem uma distribuição da sua riqueza específica especialmente concentrada no sul (59%), deixando para norte (24%) e centro (14%) desse continente menos da metade. Apenas 2% dessa volumosa diversidade específica é detetada no ocidente da bacia Mediterrânica. Na Figura 2, vemos algumas dessas espécies que, de forma silvestre, *L. luteus* L., *L. gredensis* Gand., *L. micranthus* Guss., ou como ornamento de jardins, *L. polyphyllus* Lindl., encontramos em Portugal.



Figura 2. Algumas das espécies de tremoceiro selvagem mais comuns da flora portuguesa: a) Tremoceiro-amarelo (*L. luteus* L.); b) Tremoceiro-bravo (*L. gredensis* Gand.); c) Tremoceiro-cerdoso ou de-flor-miúda (*L. micranthus* Guss.). Quando cultivado, a espécie mais frequentemente utilizada é o *L. polyphyllus* Lindl. (d) (adaptadas de Flora Digital -<https://jb.utad.pt/flora->, A. L. Crespi -a, b, d- e Gailhamshire -c-).

Recorramos à botânica, e mais especificamente à biogeografia das plantas, para chegarmos à origem desta planta. Esta ciência, aplicada tanto às plantas como a qualquer outro grupo biológico não vegetal, tenta explicar os comportamentos geográficos dos indivíduos, conjecturando a sua dinâmica ao longo do tempo. Com esse objetivo, a biogeografia sugeriu uma hipótese que situava a origem dos tremoços no NW da África e no W da bacia Mediter-

rânica (Wink et al., 1999). A passagem destas plantas ao continente americano, há aproximadamente oito milhões de anos, poderia ser explicada com base em duas possibilidades: fortes tempestades que arrastassem sementes até ao Novo Mundo, ou a passagem de Bering, entre o NW do Canadá e o NE da Sibéria; pode parecer pouco credível, mas as últimas investigações neste sentido não conseguem afastar-se dessa teoria. A razão tem a ver com as semelhanças moleculares que se encontram entre as plantas da Europa Atlântica e do NW da África, com as do Atlântico Norte americano (Bermúdez-Torres et al., 2021). A ideia das tempestades atlânticas tem vindo a debilitar-se, perante a ponte terrestre do atual estreito de Bering (Donoghue, 2008; Zhang et al., 2015); todavia, a prevalência desta hipótese levanta uma outra interrogação: a passagem através da Beríngia envolveria uma diversificação do género *Lupinus* na Ásia, pelo menos de forma pontual, mas que refletisse essa passagem através do norte da Ásia (Hughes & Eastwood, 2006). No entanto, como já vimos na análise da distribuição da riqueza específica deste género no planeta, tal circunstância não se confirma, pois não cita qualquer espécie ou subespécie no oriente da Eurásia. Para encontrar uma explicação desta contradição devemos centrar-nos na evolução biogeográfica asiática: como é possível que uma região tão extensa e variável não consiga albergar plantas de tremoços silvestres? Pois bem, para o entender será necessário deslocarmo-nos até às “traseiras” da cordilheira dos Himalaias, ou seja, o norte desta gigantesca formação montanhosa, o terrível deserto de Gobi. Mais de um milhão de quilómetros quadrados, delimitados pelas áridas estepes mongólicas. Para ter uma ideia do encaixe destas paisagens no terreno, na Figura 3 representamos um perfil altitudinal desta região; neste corte esquemático do terreno, os Himalaias criaram uma barreira natural, que acabaria por afundar a parte sul das estepes numa enorme depressão continental. Essa bacia intersticial é o que conhecemos pelo deserto de Gobi.

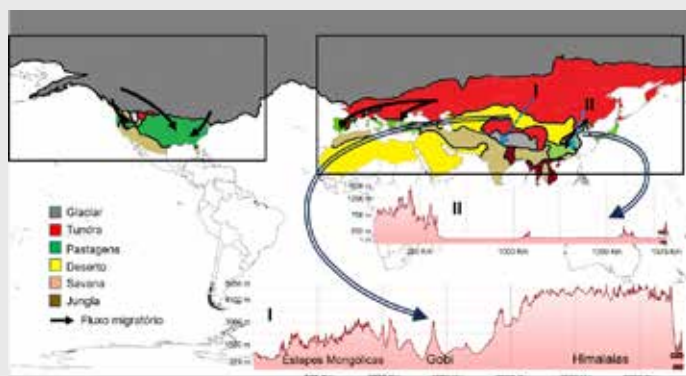


Figura 3. Paisagens glaciares (18.000 anos) no hemisfério norte (adaptado de Ryan & Adams 2001). Representamos também as rotas de fluxo migratório, muito mais facilitadas no continente americano e no ocidente eurasiático, em claro contraste com a barreira asiática imposta pelos Himalaias. De modo a compreender melhor esse efeito de barreira geomorfológica, protagonizado pela cordilheira dos Himalaias, mostramos dois perfis altitudinais (I e II) desta região asiática.

Se recuarmos aos períodos glaciares, deparemos com uma situação muito constrangedora para as plantas, uma vez que uma diminuição da temperatura média tão acentuada transforma a paisagem que observamos neste momento (estamos numa fase interglacial) em algo muito próximo ao que representamos na Figura 3 para o hemisfério norte. O que chama a atenção é que os dois biomas mais destacados são, sem qualquer margem de dúvida, o glacial ou permanentemente gelado, circundado a sul pela tundra que é caracterizada por uma formação vegetal arbustivo-herbácea pobre e monótona, sobre um solo parcialmente gelado (permafrost ou pergelissolo). Bom, para os nossos tremoceiros, herbáceos ou arbustos subfrutíferos (só a parte basal do caule é lenhificada, sendo o resto herbáceo, o que descrevemos como caules de cada ano, pois no inverno secam e deixam apenas uma porção basal lenhificada). Estas condições ambientais são totalmente inapropriadas; por este motivo, o que têm a fazer é procurar condições ambientais e formações vegetais mais propícias. Pois bem, voltando ao mapa da Figura 3, só um bioma pode acolher os *Lupinus*, o dominado por pastagens. Outra possibilidade que poderia ser discutida, centrando nossa atenção neste mapa, estaria nas savanas. As formações destes biomas estão dominadas por um estrato herbáceo e vários arbustivos. Contudo, o estrato herbáceo é dominado claramente por gramíneas, uma vez que o clima dominante é seco, com uma concentração clara das precipitações anuais (Sankaran, 2019). Se voltarmos à distribuição atual da riqueza específica dos *Lupinus* (Figura 1), confirmamos que estes não são muito adequados a estas formações, pelo menos de forma primária; quando falamos de “primária” estamos a referir a presença destas plantas em formações mais áridas, com estratos vegetais herbáceo-arbustivos, que costuma ser o resultado de uma adaptação lenta procedente de biomas com formações herbáceas. Por exemplo, os tremoceiros silvestres que aparecem nos cerrados brasileiros, em que existem espécies de *Lupinus*, procedentes de biomas andinos com vegetações de pastagem (Simon & Pennington, 2012). As formações savânicas são um instrumento muito auxiliado nos ecossistemas terrestres, uma vez que estão sustentados em algo tão familiar nas latitudes temperadas como é a estratificação da vegetação. A diferença com a vegetação temperada não se pode concentrar propriamente na sua organização estrutural, pois por essa via não encontraríamos diferenças apreciáveis nas nossas formações de carvalhos, sobreiros ou azinhais. O que realmente proporciona alguma distinção é a composição florística, mais eficiente com a concentração de precipitação e uma aridez anual maior.

Imagino o que devem estar a pensar: não são raras as regiões Mediterrânicas expostas a uma aridez ao longo do ano, concentrando as precipitações em épocas muito específicas? Curiosamente, nessas condições ambientais os tremoceiros têm uma expressão claramente mais

104 restrita, geralmente associados de modo exclusivo a áreas com clara influência humana. Condições climáticas como esta, quentes e secas, desenvolvem uma vegetação que poderíamos englobar dentro das formações de savana. Coberturas vegetais dominadas por um estrato herbáceo com uma elevada percentagem de gramíneas são na realidade as que melhor aguentam a secura ambiental, juntamente com pequenos arbustos densos e não muito suaves no contato com a nossa pele, formado parte de um tipo de “maqui” árido que observamos em certas áreas da bacia Mediterrânica. Antes de avançar com a discussão das migrações e do dinamismo dos biomas, vejamos o que a genética tem a dizer. Através da comparação das sequências das bases nucleotídicas das cadeias de ácido desoxirribonucleico iremos traçar todo esse percurso de desenvolvimento e evolução, desde o tempo Ibero-Africano até ao Americano (Figura 4).

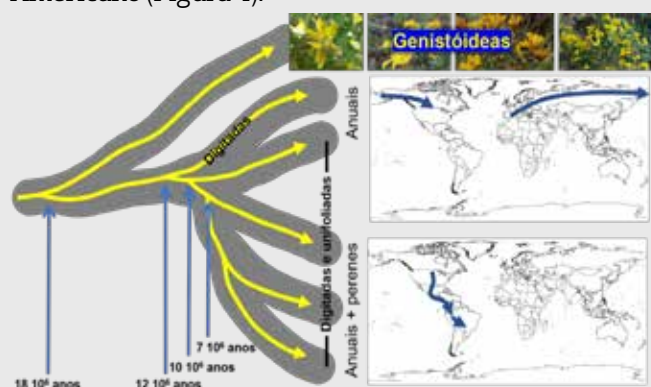


Figura 4 – Representação filogenética do clado constituído pelo género *Lupinus* L. É evidente como os exemplares eurasiático-ocidentais (Península Ibérica e NW da África) englobariam os primórdios deste género, passando daí até ao continente americano através do estreito de Bering, até alcançar o sul da América. Nesse percurso foram surgindo indivíduos unifoliados, bem como formas de vida perenes, ao lado das primordiais anuais (adaptada de Eastwood et al., 2008b).

Independentemente da abordagem genética parecer confirmar o percurso dos tremoceiros do ocidente Mediterrânico até ao sul do continente americano, a informação proporcionada confirma a ligação destas plantas com biomas não áridos. Será isso realmente assim? Pois não, contrariamente ao que esperaríamos, o primeiro grupo que se afasta é constituído pelo restrito conjunto de tremoceiros de folhas unifoliadas tropicais, *L. villosus* Willd. e *L. cumulicola* Small. Esta curiosa e inesperada divergência tem lugar no Tortoniano (11 milhões de anos) e mostra uma mudança comportamental associada a este processo de colonização americana. Em resumo, estamos perante um género que, em pouco mais de dez milhões de anos, colonizaria a América, de norte para sul. A dúvida centra-se, então, na falta de qualquer tremoceiro silvestre no norte da Europa ou na Ásia. De facto, na atualidade, os *Lupinus* que povoam as paisagens russas, por exemplo, foram introduzidos, muito recentemente, como plantas ornamentais que acabariam por surgir de forma espontânea fora desses ecossistemas, caso, por exemplo, do *L. nootkatensis* Donn ex Sims (Follak et al., 2018) ou *L. polyphyllus* Lindl.

(Galkina et al., 2022). Como poderíamos explicar então uma migração tão recente para o continente americano e, ao mesmo tempo, a inexistência de exemplares silvestres no meio do percurso (norte da Eurásia, neste caso)?

Se recuarmos ao período entre os 10 e os 15 milhões de anos, entramos numa época climaticamente diversa, que conhecemos pelo nome de Langiano-Serravaliano-Tortoniano. O sul da Europa e o norte da África estão expostos a um clima quente e húmido, mais frio a norte e com oscilações intercalares mais frias (Jiménez Moreno et al., 2008). Por esta razão, não parece haver motivos para não encontrar tremoceiros no norte da Europa e da Ásia (Mccoy et al., 2022). O trânsito a partir do continente americano é, deste modo, pacífico, pois a ponte terrestre da Beríngia permitiria essa migração intercontinental. Não podemos, em consequência, apontar esta época como a origem da separação entre os tremoceiros eurasiáticos-norte africanos e os americanos. Para isso vamos ter de avançar no tempo e chegarmos até ao Pleistoceno, caracterizado por uma descida brusca da temperatura média, com períodos glaciares intensos e rápidos, intercalados por outros interglaciares quentes. Estas intensas flutuações climáticas transformaram drasticamente a paisagem vegetal, especialmente no centro e norte da Eurásia (Lauer & Weiss 2018), surgindo estepes intercaladas por bosques dominados por coníferas (Molodkov 2020), sujeitos a alterações significativas durante as glaciações (Hoyle et al., 2020). Isto seria suficiente para retirar os *Lupinus* de toda esta região temperado-fria boreal, contudo a dúvida persiste no que diz respeito à recolonização nos períodos interglaciares, como o que estamos a viver nestes últimos milénios.

Para respondermos a esta questão devemos ter presente o fornecedor de germoplasma, isto é, quem proporcionou as espécies que iriam recolonizar esta região. Obviamente que América já não é, uma vez que a passagem do estreito de Bering está cortada nos períodos interglaciares. Portanto, só temos uma fonte possível: o sul da Europa e norte da África até ao Próximo Oriente. Esse processo, de facto, já teve início desde a última glaciação (que finalizou há 20 milhares de anos, aproximadamente). Contudo, neste processo de recolonização entrou, muito recentemente e de modo inesperado, um outro ator: o ser humano. O cultivo de tremço-branco e de espécies de jardim que acabaram por ocupar habitats antropomorfizados (caso dos tremoceiros de jardim que agora formam parte da flora do norte da Europa?) são sinais dessa recolonização, neste caso não natural, mas forçada. Mas ainda permanece uma dúvida à qual que de certo modo já fomos respondendo parcialmente. Partindo do ponto de vista da origem Mediterrânica dos tremoceiros, não é estranho que a espécie normalmente utilizada para consumo comercial (o tremço de flor branca, ou *L. albus*) seja procedente desta região natural. No entanto, juntamente com este, outras espécies Mediterrânicas poderiam formar parte dessa escolha agrícola, pois aqui aparecem candidatos como os tremços

de flor amarela (*L. luteus*) ou de flor azul (*L. angustifolius*). De facto, estas duas espécies são igualmente consumidas, mas não acompanharam o tremoço-branco no processo de domesticação (Mousavi-Derazmahalleh et al., 2018). As razões podem encontrar-se em dois aspetos básicos, que acabariam por ser relevantes no processo de seleção por parte dos agricultores: época de floração e tamanho da semente. Em ambos os casos, o tremoço-branco é, inquestionavelmente, o campeão (Berger et al., 2017) porque ao adiar a floração tem mais tempo para a formação do fruto, que acabou por ter maior tamanho e mais atração pelo consumidor. Por outro lado, a composição química e nutricional do tremoço-branco é certamente interessante: altas percentagens de proteínas e carboidratos, bem como ácido galactourónico e fonte de fibra dietética que facilitam a digestão e o trânsito intestinal (Wolko et al., 2010), são determinantes na eleição desta planta. Não pensem que a cultura neolítica foi menos ambiciosa e experimentalista do que a do Velho Mundo. Uma evidência clara desta afirmação está precisamente na domesticação dos tremoços que surgem neste vasto continente, muitas foram as espécies de tremoços que os humanos encontraram nestas terras, como já constatamos quando observávamos a distribuição geográfica mundial da riqueza específica dos tremoços. Isto tudo até parece uma enorme contradição; como é possível que um continente que possui a quase totalidade da diversidade de tremoços silvestres não consiga vingar espécies próprias no mercado mundial da alimentação? Perante esta interrogação muitos irão à internet para explorar uma suposta disparidade. Quando o fizerem, encontrarão os populares “chochos” ou “tarwis”, procedentes geralmente da espécie *L. mutabilis*. A cultura dos chochos é certamente ancestral, embora ainda não saibamos ao certo como decorreu a domesticação do *L. mutabilis*, uma vez que nesse processo poderiam estar envolvidas outras espécies próximas, o que é uma prática corrente na agricultura (Eastwood & Hughes, 2008a; Atchison et al., 2016). A demanda desta cultura, como de todas as outras, tem sido o motor que foi diversificando, selecionando e melhorando os cultivares. Por este motivo, a utilização de outras espécies, tais como o *L. mutabilis*, está a ser equacionada na Europa (Mikić et al. 2013), com especial destaque em Portugal (Gulisano et al. 2019) e os usos culinários e medicinais destas plantas são a razão da relevância do seu uso para a humanidade (Carvajal-Larenas et al., 2016). Será a prática agrícola que irá reunir no futuro os ancestrais tremoços do ocidente da bacia Mediterrânica com as novas gerações de germoplasma andino representado, neste caso, pelo *L. mutabilis*?

Bibliografia

- Atchison, G. W., Nevado, B., Eastwood, R. J., Contreras Ortiz, N., Reynel, C., Madriñán, S., & Hughes, C. E. (2016). Lost crops of the Incas: Origins of domestication of the Andean pulse crop tarwi, *Lupinus mutabilis*. *American Journal of Botany*, 103(9), 1592-1606.
- Berger, J. D., Shrestha, D., & Ludwig, C. (2017). Reproductive strategies in Mediterranean legumes: trade-offs between phenology, seed size and vigor within and between wild and domesticated *Lupinus* species collected along aridity gradients. *Frontiers in Plant Science*, 8, 548.
- Bermúdez-Torres, K., Ferval, M., Hernández-Sánchez, A. M., Tei, A., Gers, C., Wink, M., & Legal, L. (2021). Molecular and chemical markers to illustrate the complex diversity of the genus *Lupinus* (Fabaceae). *Diversity*, 13(6), 263.
- Carvajal-Larenas, F. E., Linnemann, A. R., Nout, M. J. R., Koziol, M., & Van Boekel, M. A. J. S. (2016). *Lupinus mutabilis*: composition, uses, toxicology, and debittering. *Critical Reviews in Food Science and Nutrition*, 56(9), 1454-1487.
- Castroviejo & Pascual 1999. *Lupinus L.* In: Talavera, S. & al. (eds). *Flora iberica* 7(1): 251-260 http://www.floraiberica.es/floraiberica/texto/pdfs/07_22%20Lupinus.pdf.
- Donoghue, M. J. (2008). A phylogenetic perspective on the distribution of plant diversity. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 105(supplement_1), 11549-11555.
- Eastwood, R. J., & Hughes, C. E. (2008a). Origins of domestication of *Lupinus mutabilis* in the Andes. In *Lupins for health and wealth. Proceedings of the 12th international lupin conference* (pp. 14-18).
- Galkina, M. A., Vinogradova, Y. K., Zelenkova, V. N., Vasilyeva, N. V., Tkacheva, E. V., & Shelepova, O. V. (2022). Initial Stage of Formation of Spontaneous Invasive Populations of Garden Lupine (*Lupinus polyphyllus* Lindl.) at the Northern Limit of Its Secondary Distribution Range in the Veps Forest Nature Park. *Agronomy*, 12(10), 2466.
- Gulisano, A., Alves, S., Martins, J. N., & Trindade, L. M. (2019). Genetics and breeding of *Lupinus mutabilis*: An emerging protein crop. *Frontiers in Plant Science*, 10, 1385.
- Hoyle, T. M., Leroy, S. A., L pez-Merino, L., Miggins, D. P., & Koppers, A. A. (2020). Vegetation succession and climate change across the Plio-Pleistocene transition in eastern Azerbaijan, central Eurasia (2.77-2.45 Ma). *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*, 538, 109386.
- Hughes, C., & Eastwood, R. (2006). Island radiation on a continental scale: exceptional rates of plant diversification after uplift of the Andes. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 103(27), 10334-10339.
- Jiménez Moreno, G., Fauquette, S., & Suc, J. P. (2008). Vegetation, climate and palaeoaltitude reconstructions of the Eastern Alps during the Miocene based on pollen records from Austria, Central Europe. *Journal of Biogeography*, 35(9), 1638-1649.
- Lauer, T., & Weiss, M. (2018). Timing of the Saalian and Elsterian glacial cycles and the implications for Middle-Pleistocene hominin presence in central Europe. *Scientific Reports*, 8(1), 5111.
- McCoy, J., Barrass-Barker, T., Hocking, E. P., O'Keefe, J. M., Riding, J. B., & Pound, M. J. (2022). Middle Miocene (Serravallian) wetland development on the northwest edge of Europe based on palynological analysis of the uppermost Brassington Formation of Derbyshire, United Kingdom. *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*, 603, 111180.
- Mikić, A., Čupina, B., Mihailović, V., Krstić, D., Antanasović, S., Zorić, L., ... & Srebrić, M. (2013). Intercropping white (*Lupinus albus*) and Andean (*Lupinus mutabilis*) lupins with other annual cool season legumes for forage production. *South African Journal of Botany*, 89, 296-300.
- Molodkov, A. (2020). The Late Pleistocene palaeoenvironmental evolution in Northern Eurasia through the prism of the mollusc shell-based ESR dating evidence. *Quaternary International*, 556, 180-197.
- Mousavi-Derazmahalleh, M., Nevado, B., Bayer, P. E., Filatov, D. A., Hane, J. K., Edwards, D., ... & Nelson, M. N. (2018). The western Mediterranean region provided the founder population of domesticated narrow-leaved lupin. *Theoretical and Applied Genetics*, 131, 2543-2554.
- Sankaran, M. (2019). Droughts and the ecological future of tropical savanna vegetation. *Journal of Ecology*, 107(4), 1531-1549.
- Simon, M. F., & Pennington, T. (2012). Evidence for adaptation to fire regimes in the tropical savannas of the Brazilian Cerrado. *International Journal of Plant Sciences*, 173(6), 711-723.
- Wolko, B., Clements, J. C., Naganowska, B., Nelson, M. N., & Yang, H. A. (2010). *Lupinus*. In *Wild crop relatives: Genomic and breeding resources: Legume crops and forages* (pp. 153-206). Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg.
- Zhang, M. L., Huang, J. F., Sanderson, S. C., Yan, P., Wu, Y. H., & Pan, B. R. (2015). Molecular biogeography of tribe Thermopsidae (Leguminosae): a Madrean-Tethyan disjunction pattern with an African origin of core genistoides. *BioMed research international*, 2015.

ETNOGRAFIA

OS SILLEIROS DE TÓRDEA, UNHA DESCOÑECIDA TRADICIÓN DO MOBLE NA GALIZA

Xosé M. Salgado Mosquera, xornalista, xestor cultural e fotógrafo

TÓRDEA, LOS ÚLTIMOS SILLEIROS DE LUGO

O leitmotiv desta comunicación, que leva por título «Tórdea, os últimos silleiros de Galiza», é ben simple: dar a coñecer nas terras do concello de Paredes, tan vencellada á tradición do moble en Portugal, da existencia na Galiza dun oficio case perdido, o de “silleiro”, fabricante artesanal de cadeiras, nun ámbito xeográfico, o da comunidade autónoma galega, no que hoxe é case descoñecida a súa presenza.

A día de hoxe o único evento público dedicado integralmente aos artesáns da parroquia lucense de Tórdea foi a exposición celebrada, en 2019, no Centro de Artesanía e Deseño da Deputación de Lugo. Esta mostra levaba por título «Tórdea, o asentamento da tradición»; no eido bibliográfico, soamente aparece nunha publicación recente da Asociación per a l'Estudi del Moble (Centro de investigación, formación y salvaguarda del mueble), entidade barcelonesa.

A documentación antiga tampouco ofrece datos de axuda. Consta, soamente, a presenza en 1752 de «tres zapateiros e cortadores de peles en Tórdea», o que suxire, a existencia dun pequeno núcleo fabril e mercantil nesta parroquia.

A fregresía de Santo Tomé de Tórdea pertence a un pequeno municipio rural, Castroverde, situado a uns 20 quilómetros da cidade de Lugo. Trátase dunha localidade eminentemente agraria. Na antigüidade cruzaba a parroquia unha das vías militares romanas (concretamente, a Vía XIX do chamado Itinerario de Antonino), pero actualmente Tórdea atópase apartada de calquera roteiro de comunicación principal. Desde polo menos a segunda metade do século XIX (conforme aos recordos familiares de varias persoas entrevistadas), a maioría das casas da localidade eran, nas súas palabras, «casa de silleiro» ata hai poucas décadas. Casas nas que unha ou máis persoas dedicaban certa parte do ano para elaborar, seguindo o método que máis adiante se mostrará, unha importante cantidade de cadeiras de enea, de distintos modelos, destinadas a fornecer mercados e feiras nunha área xeográfica bastante ampla (atopamos ajados exemplares de cadeiras de Tórdea mesmo en localidades da alta montaña oriental lucense, como o recóndito Val de Lóuzara) e tamén a atender a establecementos comerciais en lugares tan distantes como

Pontedeume (A Coruña) ou a capital coruñesa.

Co tempo, cada casa, como unidade empresarial individual, acabou tendo a súa pequena rede comercial, mantida durante décadas grazas, en boa medida, ao respecto queos acordos, a palabra dada ou o traballo ben feito infundían entre quen se dedicaba ao comercio. Cada casa contaba ademais coa súa propia «marca», algún elemento ornamental que diferenciaba as súas cadeiras das dos veciños. Moitos silleiros acudían persoalmente ás concorridas feiras que, con periodicidade fixa, celébranse aínda nos pequenos municipios rurais de toda a provincia. Ata hai poucas décadas facíano a pé, e saían de madrugada cun macho (mulo) ou besta (unha cabalería), cargados ata os topes con catro ou cinco “atados” de 8 ou 10 cadeiras.

O comezo da decadencia do oficio de silleiro pode situarse ao redor da década de 1960 e as causas son fáciles de imaxinar: a emigración, os novos hábitos de consumo e a transformación progresiva da sociedade rural.

Un dos últimos artesáns, que mantivo oficio ata tempos recentes, foi Manuel Castro Lence, da “Casa de Xanín”. Mentres tanto, os seus dous fillos, José Luis e Juan Manuel Castro Gómez, adaptábanse ás novas circunstancias e buscaban emprego lonxe da casa natalicia. Con todo, Luis, o fillo menor, demostrou desde neno particular interese polo saber que desenvolvía o seu pai e xa con sete ou oito anos cumpridos atrevíase a inmiscirse no traballo paterno.

O xerme permaneceu latente moito tempo e só comezou a agromar de novo cando a idade avanzada mermou as forzas e a habilidade de Manuel. Eso fixo que Luis comezará a axudarlle na terminación das cadeiras. Conforme a enfermidade avanzaba con paso firme, a elaboración de cada peza era ocasión cotiá para o contacto próximo e a comunicación entre pai e fillo. Con 83 anos, Manuel aínda acuchilaba (unha das fases do traballo) e preparaba algunha cadeira. Pero nese momento, tivo que renderse á evidencia: «Se me axuda ou pequeno, fágoas. Se non, nada», foi a súa resposta. Chegou así a ocasión en que Luis pasou de axudante subalterno a artífice principal, baixo a atenta mirada do seu pai que lle aconsellaba e aprobaba, sempre sentado moi preto do seu fillo. Toda aquela axuda verbal foi dando paso, na fase final da enfermidade, a un calado asentimento de cabeza cada vez menos perceptible. Luis



atesoura o recordo daqueles días con emoción e, hai que dicilo, certa sensación de felicidade. O oficio permitiulle desfrutar da compañía paterna ata os instantes finais e estableceu, ou restableceu, un vínculo co oficio que hoxe parece difícil de romper.

Manuel Castro faleceu finalmente no ano 2017. Paralelamente, ao tempo, unha persoa entusiasta do artesanato, Mario Lombardía, veciño da cidade de Monforte de Lemos e veterinario de profesión, achegouse a visitar a Luis coa intención de aprender, por puro pracer, o oficio. Mario fixo habituais as súas viaxes de sesenta quilómetros de ida, outros tantos de volta, que median entre Monforte de Lemos e Tórdea, sendo aceptado desde o primeiro momento como un membro máis da familia.

Os artesáns de Tórdea empregaron sempre un utillaxe moi simple e eficaz, alleo a toda mecanización e non variou en séculos: o torno de pedal, e distintas ferramentas de corte para desbastar e tallar as pezas que integran cada cadeira. Antigamente o silleiro cortaba ou, noutras ocasións, compraba a algún veciño, a madeira máis adecuada. A preferida era a de castiñeiro para o conxunto do armazón da cadeira e a cerdeira para as trabillas, as pezas curvas do respaldo. Só cando escaseaba o castiñeiro, usábase ocasionalmente á madeira de piñeiro. Chegado o momento (no mes de xullo, «cando a gra está cumprida, a gra escura», o

artesán acudía aos lugares onde crecía libremente a xunga (ou boga) coa que tecer o asento, para facer provisión deste material imprescindible. Esta planta era, case sempre o *Cyperus longus*. Para recollela, o artesán empregaba unha especie de fouce de notable robustez. Do mesmo xeito que o cereal, a xunga segábase e trasladábase despois en atados ata a casa familiar. Alí, sobre unha superficie plana (ás veces no teitume dalgunha construción) a xunga estendíase para que se fose secando (curándose) durante un período duns quince días, nos que había que voltearla con certa regularidade.

A época na que o artesán concentraba os seus esforzos na fabricación das cadeiras, abarcaba os meses invernais, concluídas as colleitas principais. Luis y Mario, xubilados recentes, fan un bo equipo. Luis transmitiu a Mario o proceso completo de fabricación das cadeiras sen alterar no máis mínimo o aprendido do seu pai, e do avó Xoan, que foi tamén silleiro. A elaboración dunha cadeira consta de varias fases claras: en primeiro lugar se desbasta a madeira e dáselle forma, en bruto, ás distintas pezas que van compoñer a cadeira, coa axuda dunha macheta ou machada pequena. Daquela algunhas partes adquiren a súa forma definitiva mediante o acuchilado, que o artesán realiza, sentado na chamada “mesa de acuchilar”. As de sección cilíndrica, son torneadas nun arcaico torno de pé. As trabillas, pezas curvas que se colocan no respaldo das cadeiras, precisan, tras o acuchilado, dun proceso de torsión, polo que adquiren a súa forma definitiva. Para darlle a súa forma han de cocerse, literalmente, nun gran recipiente que lembra as potas das tradicionais pulpeiras que percorren as feiras galegas. Tras dúas horas na auga fervente, dóbranse a man nuns poldros e logo, mediante o chamado engastallado (ahormado), permanecen neses poldros uns quince días ata que adquiren a súa curvatura definitiva.

Estas tarefas realízanse como unha sorte de traballo en cadea, e elabórase certa cantidade seriada de cada peza ao mesmo tempo. Así, Luis dedica varios días a acuchilar exclusivamente, ou traballa no torno xornadas completas. Vai preparando así o que se denominan “miúdos”, as distintas pezas de madeira que compoñerán a cadeira: As trabillas ocupan tamén (coa colaboración de Mario) días enteiros. Deste xeito, acumúlase no taller certa cantidade de stock de todas as pezas necesarias, á espera do momento da montaxe.

A montaxe final das cadeiras realízase hoxe en pequenas series. Nos tempos do seu pai este podía «armar» (só o esqueleto da cadeira) unha ducia ao día, o que equivalía a varios centos, ao ano, en función dos encargos que vai recibindo a contagotas.

Para o encaixe das pezas, que se realiza a presión e con cola, é necesario realizar nas pezas unha serie de marcas cunha trencha ou trade circular e a axuda dunha singular barrena (denominada «muletilla»), que o artesán acciona a man, apoiándoa contra a “táboa do peito”. Os pasos da

108 montaxe que seguen son, nesta orde: montar o costelo dianteiro (patas dianteiras da cadeira), o costelo traseiro (patas posteriores e respaldo), unilos cos travesseiros e logo colocar as trabillas, e as faixas (faixas) que rodean o asento. Queda así lista a estrutura para dar paso á tarefa seguinte: o tecido do asento. O tecido faise empalmado as fibras de xunga. A tarefa completa consta de varias fases: o tecido propiamente devandito, o pechado e o rebutido (proceso de encher con palla o interior do asento). Finalizado todo isto, aínda queda a limpeza, para eliminar restos de fibras que colgan aquí e alá.

O traballo leva moitas horas. Luis lembra como o seu pai, con humor, repetíalle a miúdo: «mellor que te dediques a ladrón que a silleiro. Son moi engorrosas e isto non hai quen ou valore...». En todo o proceso descrito, participaban ocasionalmente outros membros da familia (os nenos da

casa ou a esposa do silleiro). Luis conta, ás veces, coa axuda da súa filla, Iria.

Luis e Mario seguen reproducindo os modelos tradicionais de cadeiras: a solemne cadeira de brazos, que conta con reposabrazos, destinada xeralmente aos familiares de maior idade e rango, a de comedor, ou as pequenas cadeiras de costura e escola, moi demandadas, xa que moitas mulleres cosían nas casas e facían nunha posición moi próxima ao chan, ademais de tronas para os máis pequenos ou reclinatorios para igrexas e ermidas. Ás veces, algún encargo permítelles fuxir dos modelos tradicionais, e elaboran taburetes ou outro tipo de asentos imaxinativos, pero ambos son conscientes da súa responsabilidade como depositarios das técnicas antigas e da necesidade da súa preservación.

HÁ MUITO POR SABER SOBRE A CARQUEJA E AS NOSSAS CARQUEJEIRAS!

Ângelo César Neto, Amigo da Cultura de Paredes

«As desgraçadas passam, com os enormes feixes às costas, arfando e resfolegando, pela ladeira acima. Assisto à escalada torturante dum calvário que não tem fim. Sobre os muros da rampa, os ouriços humanos depõem, de vinte em vinte metros, os carretos», [...]»(1)

Há experiências na vida que nunca nos esqueceremos por variadíssimas razões. Por um lado, pela boa memória dos episódios de convívio vividos, por outro, pelos conhecimentos absorvidos na partilha de saberes. Uma delas foi a passagem pelo Grupo Folclórico de Sobreira, pela quantidade de momentos de interação intergeracional e pelas variadas personalidades presentes, tanto nos ensaios como nos espetáculos.

Há uma memória que tem que ver com as carquejeiras, os seus trajes e a música a elas dedicada, assim como o seu modo de vida, que nos surpreendeu e cativou a nossa curiosidade. Assim, essa curiosidade levou-nos a explorar ainda mais as serras onde se recolheria a carqueja e motivou-nos quilómetros de pés ao caminho para compreender a dureza e a sagesa desse ofício.

Nos longos percursos que fizemos nas zonas do sul do concelho de Paredes, não raras vezes cruzámos carquejais, urzais e tojais, com espécies características da charneca seca

européia (um habitat natural protegido a nível europeu com a designação de Rede Natura 2000), bem presentes nas nossas serras do sul do concelho, muito conhecidas atualmente graças ao Parque das Serras do Porto (PSeP). Recorde-se, com nostalgia, como seriam as nossas serras sem os eucaliptos, totalmente coloridas de amarelo e rosa, cenários dignos de contemplação estética e estímulo criativo, motivo de fixação de residência de artistas.

Tanto a Rede de Percursos Pedestres (consultem <https://www.serrasdoporto.pt/trilhos/>), como também a autarquia, com outras iniciativas, têm promovido percursos pedestres dedicados a este tema, realçando a sua mais valia e possibilitando o prazer de deambular com segurança e deleite do caminhante por uma paisagem de beleza suprema. O PR7 GDM-PRD tem mesmo a designação de Trilho da Carqueja, com um percurso desenhado em território de Gondomar e Paredes ao longo de 10,9 km. Por exemplo, o Município de Paredes em 23 de março de 2024, na sua quinta edição do projeto "Descobrir Paredes", deu a conhecer locais pouco comuns do concelho, descobrindo pormenores e encantos deste vasto território, nomeadamente um Trilho das Carquejeiras – Aguiar de Sousa, preparado e dinamizado para 40 participantes, com acompanhamento técnico.



Imagem 1 - Paisagem de Carqueja – PSeP

Há várias empresas com produtos que utilizam esta planta, mas o projeto Infusões com História® representa um exemplo de como temos de olhar para as potencialidades da nossa região, numa perspetiva de longo prazo e busca da excelência, associada ao património cultural. Num dos seus produtos, a nossa carqueja (dos vales do Sousa, Douro e Tâmega) é uma das vedetas de qualidade, para um mercado Gourmet de eleição. Seleccionámos, a título de exemplo, o produto Infusão do Mato (do conjunto de propostas das Misturas do Românico), no qual a carqueja está combinada com a prunela e a hortelã-comum, resultando assim num produto muito apreciado e até premiado internacionalmente! A empresa Mel Rota do Ouro, que comercializa o seu próprio mel, própolis e pólen provenientes destes habitats, é também um doce exemplo da qualidade natural e cultural, do sabor e saber do nosso território.

Há muito por saber sobre a nossa carqueja!
Há muito por fazer com a nossa carqueja!

Para nós, no início, as carquejeiras eram as mulheres que se dedicavam ao corte e transporte de carqueja para ser utilizado nos fornos de padarias no Porto. A partir das nossas serras de St. Antonino, Banjas e outras, a carqueja era transportada pelos caminhos das serras até à via fluvial transitável mais próxima, até ao rio Douro (Melres),

do outro lado das serras, onde se carregavam os barcos rabelo para levar a matéria prima, rio abaixo, até à zona dos Guindais, na Ribeira, no Porto.

«[...] A “carqueja, a urze, o rachão e a mutena”, transportados rio abaixo para fonte de calor de fogões e fornos da cidade do Porto, constituíram sempre uma espécie de conta bancária a que o lavrador recorria em anos de “ruim colheita”.» (2)

Aí era descarregada e novamente transportada à cabeça até aos fornos das padarias. Como seria feito esse transporte até ao rio Douro!? Seria levado só por pessoas ou também por animais!? Por que caminhos!?

José do Barreiro citou Palma de Vilhena (após leitura da Monografia da freguesia rural de Paço de Sousa, Boletim da Direção Geral da Agricultura, n.º 7, 1912), na conhecida Monografia de Paredes, alertando para este drama:

“As mulheres entregam-se também aos serviços de lavoura, exercendo mesmo os trabalhos mais rudes e pesados que noutras regiões do paiz são apenas efectuados pelos homens.”

in, Monografia de Paredes, p. 20

Mashá e sempre houve muito mais por saber! Pouco conhecemos dos modos como corria o processo de recolha da carqueja na serra e reconhecemos que ainda necessitamos de mais trabalho de pesquisa, sobre este *modus vivendi*.



Imagem 2 - Escultura de José Lamas

Por outro lado, sobre essas mulheres ouriço que subiam com as cargas às costas até às padarias da grande cidade e para as casas dos burgueses, tem havido mais investigação e até dinâmicas de memória e exaltação do seu sofrimento.

“Esta planta era recolhida e colocada em barcos rabelos que desciam o rio Douro até ao Porto, mais precisamente nos Guindais. Ao amanhecer, as carquejeiras passavam pelo rio para descarregar os barcos. Com a ajuda de barqueiros e ancinhos (utensílio usado na lavagem), estas mulheres colocavam os ranchos de carqueja no chão de forma a organizá-los e orientá-los pela forma e tamanho de modo a formarem os fardos. [...] A carga pesava entre 30 e 50 quilos e era duas vezes maior que a figura destas frágeis mulheres. [...]” (1)

Para além das questões de património natural e cultural, evoca-se o drama social! No Porto, existe uma associação que se dedica às carquejeiras e aí foi colocada uma obra de arte dedicada a essas guerreiras, assim como editado um livro, um pequeno filme documentário (Farol das Ideias/RTP), exposições no Arquivo Distrital do Porto e na Fundação Manuel António da Mota, performances artísticas e muitas outras coisas sobre o assunto têm sido realizadas.

“A Associação, criada para o efeito, pretendeu perpetuar a memória do trabalho escravo destas mulheres que, desde meados do século XIX até aos anos 50 do século passado, transportavam, diariamente, [...] cerca 60 quilos de carqueja às costas.”

Arquivo Distrital do Porto, na exposição dedicada às carquejeiras, in *Monografia de Paredes*, p. 20

Há que juntar esforços e cooperar para podermos melhorar o conhecimento sobre estas memórias e dar a conhecer a toda a nossa região e Amigos da Cultura de Paredes, e não só!

No seu trilho do Chapéu, na App Wikiloc, o professor universitário, investigador, ex-jornalista e cronista Artur Filipe dos Santos descreve:

“(...) a cidade homenageia a vida árdua das antigas carquejeiras do Porto, (...) subindo 210 metros [...] que as transportadoras de carqueja (tristemente conhecidas como as “escravas do Porto”) calcorream várias vezes ao dia [...]”. (2)

Atentemos a esta perspetiva curiosa de abordagem no âmbito do conceito de “Dark Tourism”:

“Quem lá vai, não vai por causa das carquejeiras. Mas quem lá for, acabará por descobrir o drama silencioso e silenciado destas mulheres. [...] Não é um destino comum, nem é até publicitado, muito menos referenciado turisticamente pela sua história. [...] Apenas surge como um lugar que conecta partes da cidade do Porto. [...] é impossível não dar com a rampa, tortuosa, impiedosa, parece que as suas pedras ainda lamentam e choram os dramas que dão sentido histórico ao espaço. [...] o arruamento, declivoso e rude, como lugar de murmúrios das mulheres que ali sofreram, das vidas que se consumiram vergadas pela pobreza. [...] recordaremos o lugar, a sua história, a condição humana que se desvela em cada drama existencial e do que o turista, o visitante, ali encontra [...] a sua história, as figuras anónimas de mulheres indómitas e silenciadas: as Carquejeiras do Porto.” (4)

Contudo, para além da curiosidade dos aspetos culturais de caracterização desta prática, a questão sanitária e social ganhou destaque na pesquisa. O Governo Civil do Porto e A Liga Portuguesa de Profilaxia Social (LPPS) dedicaram muito do seu tempo a tentar resolver esta questão preocupante:

“Desde 1928 que a Liga Portuguesa de Profilaxia Social se vem esforçando por resolver o problema das pobres mulheres que [...] vergadas sob enormes fardos de carqueja, para no fim receberem uma

paga de miséria que mal lhes chega para o dessorado caldo de couves com que enganam a fome. É um triste e vergonhoso espectáculo [...] duma cidade que se preza de cristã e civilizada – a Capital do Norte, a segunda cidade do País. [...]” (5)

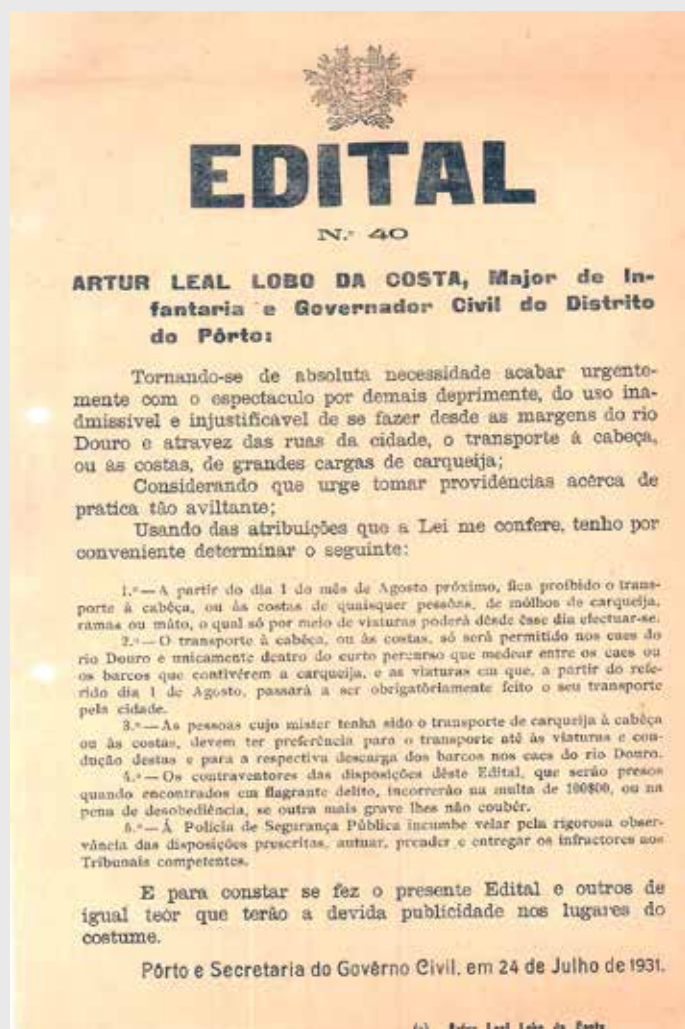


Imagem 3 - Arquivo Distrital do Porto

Este episódio das carquejeiras fez-nos lembrar outras estórias:

«Ser “carrejona” daquela matéria-prima era “uma questão de sobrevivência” [...] E outros ofícios impensáveis para os dias de hoje havia também: carregadoras de paralelepípedos, de areia ou de carvão, descarregadoras de sal, guardas da linha, sargaceiras. [...]»

relato de Hélder Pacheco in Público de 29/2/2020

Cá por Paredes, ocorreu-nos de imediato os episódios de alguns dos nossos antepassados, aqui na parte norte do concelho, uma zona mais dedicada aos móveis, que ao longo do século XX viveram casos de serviços similares aos realizados por essas mulheres, como, por exemplo, as carreteiras, às quais dedicamos estes relatos recolhidos noutro excelente projeto:

*“Não vamos falar disso que eu já chorei muito
Comecei a partir dos 14 anos, prontos
Uma vida complicada
Não tinha pai, fazíamos uma terra, mas
depois deixamos de fazer
Fiquei sozinha com a minha mãe
E comecei a fazer uns carregos*

*De guarda vestidos de calitre pesado,
muito pesado*

*...
Com 14 anos ainda era uma criança*

*...
Então eu e a minha irmã tínhamos de levar um
roupeiro,
um guarda vestidos a Guimarães
Mas tínhamos de levantar às 2 horas da madrugada
Cedo para irmos pousando os carregos*

As Carreteiras

*O Carrego é pesado é
Pra levar estrada fora
Quem aqui não tem estribeira
Largue tudo e vá embora*

*Uma vida de lamentos, ai
E Trabalhos levo eu
Pois carrego no meu corpo
Um corpo que não é meu*

*In MARQUES, Â. e MOREIRA, F.
- Mulheres Móveis, 2021*

Todas estas memórias estiveram presentes no nosso pensamento aquando do seminário realizado no nosso novo CCP (Centro Cultural de Paredes), onde se debateu a cultura imaterial da Área Metropolitana do Porto! Será que não teremos por aqui conteúdo para imortalizar!? Na nossa perspetiva, enquadra-se perfeitamente, com categoria de prioridade, numa inventariação de práticas culturais da nossa região e arredores.

Teremos muita matéria para inventariar, até como uma justa homenagem à dignidade desta e doutras profissões menos nobres, como ajudou a tomar consciência o estudioso Hélder Pacheco, em 2021, num artigo no Jornal de Notícias (30/1):

“Quero dizer: da dignidade do trabalho. Que nem sempre é respeitado e retribuído na justa medida da sua utilidade social. [...] Muito dele braçal, exigindo esforço, incomodidade e risco. [...]”

Mas voltemos à nossa planta, a carqueja!
Que belo que é deambular pelas Serras do Porto na época

112 do ano primaveril em que as carquejas, urzes e tojos estão em flor, quando as diferentes inflorescências de diferentes tonalidades de amarelo estão em contraste com os rosas e verdes autóctones e também invasores...Cada encosta tem o seu ritmo, dependendo da sua orientação solar!

Essas comunidades arbustivas silvestres, vulgarmente denominados matos, revestem ainda grandes áreas do PSEP (Parque das Serras do Porto) e nelas poderemos encontrar um conjunto de plantas aromáticas e medicinais ainda por inventariar exaustivamente.

A carqueja ao longo dos tempos tem sido alvo de diferentes utilizações, tanto na medicina (popular e não só), na culinária e até noutras atividades do dia a dia, como também na atividade industrial e artesanal, na agropastorícia e até na alimentação animal.

*“Devido à crescente procura de terapias alternativas [...] Existem inúmeras plantas utilizadas tradicionalmente em Portugal para o tratamento de várias patologias, como por exemplo a carqueja (*Pterospartum tridentatum*, Wilk) [...] pelo seu efeito anti-inflamatório, anti-diabético, anti-cancerígeno, anti-asmático, anti-alérgico e diurético, para o tratamento de problemas do sistema digestivo, entre outros.”*

SANTOS, Constance, 2014, p. ix

“Também se sabe pela OMS (WHO, 2008b) que a medicina com o recurso a plantas é a forma de medicina tradicional mais lucrativa nos mercados internacionais. [...] o interesse por parte dos investigadores em diversos temas no estudo de plantas, a biodiversidade e a biodisponibilidade levaram à descoberta de substâncias responsáveis pelas propriedades medicinais (Pedro, 2008).”

SANTOS, Constance, 2014, p. 1

Vamos tentando acompanhar este assunto, pois há já um considerável conjunto de estudos em torno das características e qualidades da carqueja, ou melhor, das diferentes subespécies de carqueja, não só em Portugal, mas também noutros países, por certo. A investigação científica em torno da carqueja está em crescimento, as hodiernas preocupações com a saúde e com os antioxidantes tem levado um maior investimento e produção de trabalhos com enfoque nas potencialidades desta planta.

“No nosso país ainda existe um vasto manancial de conhecimentos acerca dos usos populares e tradicionais das plantas [...] Desta forma, os saberes tradicionais, que são parte integrante do património cultural de um povo, tendem a extinguir-se a médio prazo. Torna-se assim importante fazer o máximo de recolhas etnobotânicas enquanto ainda é tempo (Figueiredo et al, 2007).”

COELHO, Maria Teresa, 2015, P.49

Em termos culturais, a área da etnobotânica tem atraído mais o nosso interesse, até porque consideramos ser uma linha de exploração e valorização que deveríamos avançar com um protocolo rigoroso de recolha, com ênfase na entrevista e interação junto dos populares das nossas serras ou das zonas envolventes e com uma estratégia de promoção de produtos e eventos relacionados com estas plantas endógenas.

Não diríamos melhor:

“[...] surgiu da necessidade de aprofundar o conhecimento da espécie [...] e simultaneamente, tentar recuperar e registar o saber tradicional que, dadas as novas conjunturas socioeconómicas, poderão condicionar a sua transmissão e a manutenção dos habitats naturais e agrossistemas. Pretende-se pois, conservar o conhecimento etnobotânico desta espécie, valorizar o seu uso e incentivar a conservação dos recursos biológicos destes locais [...], o que poderá ajudar na gestão do património natural numa tentativa de encontrar soluções para um desenvolvimento rural mais sustentável.”

COELHO, Maria Teresa, 2015, p.47

E a carqueja na gastronomia local!? Terá um impacto económico significativo!?

“Em 2010, a flor de carqueja apresentou uma comercialização de 3,3 toneladas em Portugal (Figueiredo, Pedro e Barroso, 2014). Denota-se que exhibe uma importância considerável no setor económico, sendo importante avaliar outras utilizações para esta planta no ramo alimentar, como por exemplo o seu uso na indústria de bebidas espirituosas. Esta flor é popularmente utilizada na produção de licores artesanais [...]”

GARCIA, Cátia, 2021, p. 9

Será que a carqueja não seria usada noutras tarefas domésticas!?

Ora aqui estão bons motivos de pesquisa para os próximos tempos!

“Disseram-me, que o facto das carquejeiras andarem tão curvadas e com a coluna a 90° do chão que pisavam, as impossibilitava de respirar devidamente, o que a longo prazo causava graves problemas pulmonares.

Mas também descobri que a carqueja é considerada uma planta medicinal usada na fitoterapia, sob a forma de infusão para tratamento de moléstias dos pulmões, como gripes, bronquites e pneumonias. [...]

Ironia, não?

O fardo delas, poderia ser, de certa forma, a sua

salvação.

Já na aldeia, a carqueja tem outra conotação.

Não me pareceu negativa.

Foi-me referida que esta planta é famosa pelas suas infusões medicinais; pelo arroz de carqueja feito com uma forte infusão desta planta e ainda, em tempos remotos, era usada para pentear os cabelos por ter uma estrutura resistente.”

MORADALIZADEH, 2021

Notas

- 1) Vitor Teixeira - A Calçada das Carquejeiras no Porto - Belo lugar de um drama silencioso, *Blogue Partir à Descoberta - História*, 25-01-2023. Historiador, professor, investigador e autor, além de consultor e colaborador em publicações periódicas regulares.
- 2) Artur Filipe dos Santos, Trilho do Chapéu - Do Porto das carquejeiras ao Porto dos mercadores, *Wikiloc*, 2020, consultado em Dezembro de 2024.
- 3) In <https://www.melresmedas.pt/index.php/turismo/historia-de-medas>
- 4) <https://vitor Teixeira.guru/partir-a-descoberta/1674672580>, consultado em dezembro de 2024.
- 5) LPPS - PROBLEMA DAS CARQUEJEIRAS DO PORTO E como a Liga de Profilaxia Social tem procurado resolvê-lo. 1951. *Imprensa Social*. Porto. 12x18 cm. 53-III págs. B.).

Bibliografia

- BARREIRO, José do - *Monografia de Paredes* - Edição fac-simulada - Associada às conferências no âmbito do Programa para assinalar o Bicentenário do Nascimento de José Guilherme Pacheco 1821-2021, Ed. CM Paredes, 2021.
- COELHO, Maria Teresa - *Estudos de propagação In Vitro, caracterização e valorização de carqueja (Pterospartum tridentatum (L.) Willk)*, Instituto Superior de Agronomia - Universidade de Lisboa, 2015, consultado em dezembro de 2024.
- GARCIA, Cátia - *Licor de flor de carqueja a partir aguardente envelhecida com cascas de frutos secos*, Mestrado na Univ Coimbra, 2021.
- MARQUES, Â. e MOREIRA, F. - *Mulheres Móveis - A Torre dos Alcoforados - O Português Voador*, Ed. Astro Fingido, 2021.
- SANTOS, Constance - *Caracterização química dos extratos de carqueja (Pterospartum tridentatum, Willk) e de erva de S. Roberto (Geranium robertianum, L.) e avaliação da sua toxicidade usando modelos in vitro*, Pub. Mestrado UTAD, 2014.

Webgrafia

- ARMINDO, Joaquim - “Mulheres do Porto: As carquejeiras”, *Voz Portucalense*, 28 de Outubro de 2020, consultado on line <https://www.vozportucalense.pt/2020/10/28/mulheres-do-porto-as-carquejeiras/>
- ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO, 25 anos > 25 temas- exposição sobre “As carquejeiras do Porto”, consultado no sítio *As carquejeiras do Porto* (dglab.gov.pt), em novembro de 2024.
- BENETON, Ângela - #0045 Carqueja (Gorse), in *Arquivo da Matéria Viva*, consultado on line <https://thearchiveofvibrantmatter.portodesignbiennale.pt/pt/archive/carqueja-gorse>.
- CARVALHO, Patrícia - “Então, era assim...”, *Jornal Público*, 9 de novembro de 2014, consultado on-line em Outubro de 2024 https://www.publico.pt/2014/11/09/local/cronica_urbana/entao-era-assim-1675269.

COURACEIRO, João - “Carquejeiras. A cidade que se curva para pedir o perdão das mulheres que vergou”, *JPN - UP*, 6 de março de 2020, consultado on line <https://www.jpn.up.pt/2020/03/06/carquejeiras-a-cidade-que-se-curva-para-pedir-o-perdao-das-mulheres-que-vergou/>.

DANTAS, Miguel - “Exposição relembra supermulheres de antigamente”, *Jornal Público*, 22 de março de 2018, consultado on line <https://www.publico.pt/2018/03/22/local/noticia/exposicao-relembra-supermulheres-de-antigamente-1807652>.

DEUSDADO, Arminda Sousa - Carquejeiras - As Escravas do Porto - *Documentário, Farol das Ideias* / RTP, 2020, visualizado na RTP Play

FMAM - *Carquejeiras do Porto*, Exposição organizada pela “Associação Homenagem às Carquejeiras do Porto”, em março de 2018, consultado em <https://www.fmam.pt/arquivo/carquejeiras-do-porto/>, em novembro de 2024.

GONÇALVES, José - “Quer o Porto esconder da história as «carquejeiras» e o desumano trabalho a que eram sujeitas?”, *Etc e Tal Jornal*, 1 de Novembro de 2018, consultado on line <https://etcetajournal.pt/j/2018/11/quer-o-porto-esconder-da-historia-as-carquejeiras-e-o-desumano-trabalho-a-que-eram-sujeitas-ha-quem-luta-pela-homenagem-que-lhes-e-devida/>

JESUS, Sofia - “As escravas anónimas da burguesia portuense”, *REDE - Jovens Pela Igualdade*, 30 de Abril de 2021, consultado on line <https://redejovensigualdade.org.pt/as-escravas-anonimas-da-burguesia-portuense/>.

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL - *LPPS: 100 anos de compromisso com a saúde e o bem-estar social* - 1924-2024.

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL- Problema das carquejeiras do Porto e como a Liga de Profilaxia Social tem procurado resolvê-lo. 1951. *Imprensa Social*. Porto. 12x18 cm. 53-III págs. B.).

MORADALIZADEH, Rebecca - *São 200 molhos. 300 molhos de carqueja*, Performance concebida no âmbito da residência artística, Escola de Macieira, 2021.

NOGUEIRA, Marin; BERNARDES, Marina; FORTE, Margarida; TORRES, Maria; e CERVERÓ, Paula - *Pés de Carqueja*, ação performática e coletiva numa paisagem histórica e sonora para homenagear as Carquejeiras, ESAP, 25 de Janeiro 2024, consultado em https://esap.pt/atividades_dep/pes-de-carquejeira/ a Dezembro de 2024.

PACHECO, Hélder - “Dignidade”, *Jornal de Notícias*, 30 de Janeiro de 2021, consultado on line <https://www.pressreader.com/portugal/jornal-de-noticias/20210130/282020444967310>.

PINTO, Maria Correia - “Na estátua das carquejeiras cabe o pedido de perdão de uma Cidade”, *Jornal Público*, 29 de fevereiro de 2020, consultado on line <https://www.publico.pt/2020/02/29/local/noticia/estatua-carquejeiras-cabe-pedido-perdao-cidade-1905>.

ROSA, Vasco - Carquejeiras: uma homenagem portuense, in *Observador*, 16 de Abril 2023.

S/A Palmira de Sousa - *entrevista, Memórias do Trabalho – Testemunhos do Porto laboral no séc. XX*, Centro de Documentação e Informação / Universidade Popular do Porto, S/D, consultado on line https://cdi.upp.pt/cgi-bin/mostra_entrevista.py?doc=E14r#a1 em Dezembro de 2024.

SANTOS, Arminda - *As Carquejeiras do Porto*, in <https://livrocarquejeirasdoporto.com>, consultado em setembro de 2024.

SANTOS, Artur Filipe dos - Trilho do Chapéu - Do Porto das carquejeiras ao Porto dos mercadores, *APP Wikiloc*, 2020, consultado em Dezembro de 2024.

TEIXEIRA, Vitor - “A Calçada das Carquejeiras no Porto - Belo lugar de um drama silencioso”, *Blogue Partir à Descoberta - História*, 25-01-2023.

HISTÓRIA

A ICONOGRAFIA MUSICAL NO CONCELHO DE PAREDES: ASSUNÇÃO E COROAÇÃO DA VIRGEM PELA SANTÍSSIMA TRINDADE, NA CAPELA-MOR DA IGREJA DE SÃO CRISTÓVÃO DE LOUREDO

Sónia Duarte, Investigadora integrada do ARTIS - Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



Fig. 1 - Assunção e Coroação da Virgem, ca. 1725, autor desconhecido; óleo s/ madeira; inv. PD80.0054. Fotografia da autora, 2022.

Nota introdutória

O concelho de Paredes é fecundo em iconografia musical pintada nos mais variados suportes. Depois de, num passado recente, ter sido dado à estampa um artigo sobre a música pintada na Casa da Castrália, em co-autoria com o compositor açoriano Gualter Silva, aceitei novo desafio para continuar esta disseminação artístico-musical.¹

Quando abordo as imagens de música na arte portuguesa, mormente na pintura, no desenho e na gravura – em artigos científicos, recensões, capítulos de livro, comunicações e conferências nacionais e internacionais, sobre os mais de seis mil motivos levantados ‘in situ’ – refiro-me a quê, em concreto? A imagens de instrumentos musicais e notações, coetâneas e anacrónicas; a retratos de músicos e de músicas (mas também os cripto-retratos de pegureiros e camponesas, de Santa Cecília tangendo um cordofone de teclado ou um órgão, ou efigies de compositores ou tangedores); a conjuntos vocais e instrumentais; a ambientes e espaços de música (como as procissões, igrejas, varandins

ou salões); ou a cenas de dança.

Para além da pintura mural com imagens de música na Ermida do Vale (está no prelo o artigo científico “Imagens de música e instrumentos musicais na Rota do Românico”, que a inclui), das quatro grandes telas cristológicas e escatológicas da Igreja de S. Tomé de Bitarães, ou da já referida Casa da Castrália, que iconografia musical existe em Paredes? São vários os casos que se juntam a este elenco, mas um dos mais interessantes é o da Igreja de São Cristóvão de Louredo. Vejamos com mais detalhe.

A Igreja de São Cristóvão de Louredo: achegas

São variegados os documentos de arquivo referentes à Igreja de São Cristóvão de Louredo. Os tombos alusivos aos registos de óbito datam, o primeiro, de 7 de Abril de 1583, indicando que o actual edifício veio substituir um outro mais recuado. Um outro documento, datado de 1715 e já dado à estampa, dá-nos conta de que a capela-mor actual não estava concluída nesse ano, crescendo, ainda, que laborava nesse tempo o entalhador felgueirense Manuel Machado de Miranda (Brandão, 1985)², coevo do «milhor pintor que tivera esta villa [de Guimarães]», Manuel de Freitas Padrão (n. Nossa Senhora da Oliveira, Guimarães, ca. 1655 - m. Praça de Mazagão, ca. 1732), que também trabalhara em Felgueiras e era casado com uma artesã de nome Ana Fernandes, que «fiava na sua roca» (Duarte, 2024: 348-352).³

² Para executar o risco auferiu 250\$000, seguindo o modelo da Igreja do Pópulo, em Braga. Alguns pintores e douradores a laborar na zona foram Manuel de Sousa Vieira (em 1684, na Igreja de Lordelo) ou Manuel Vieira de Sousa ou Tomás Nogueira de Gouveia.

³ Referido em documentação como aquele «que exercitava o ofício de pintor de tão grande fama que na sua arte não havia outro melhor». In ANTT, «Diligência de habilitação para a Ordem de Cristo de Luís

¹ Duarte, Sónia; Silva, Gualter, «A música na casa da Castrália». In Revista Cultural Orpheu Paredes, Câmara Municipal de Paredes, 2023, pp. 75-78.

É por essa altura que ocorrem importantes reformas no espaço sacro em apreço, incluindo a concretização dos retábulos laterais e colaterais.⁴ Hoje, pode olhar-se para o retábulo dedicado a São Cristóvão profusamente decorado com gorda talha dourada setecentista, povoada de parras, cachos de uvas, fénixes ou *puttis*. No topo do arco triunfal pode ler-se «1725», podendo ser esta a data das pinturas murais, inclusive do tecto abobadado da capela-mor, e sobre tábua, ainda que a *Assunção*, em diálogo com a *Coroação pela Santíssima Trindade*, me pareça de um *limes* temporal mais recuado.



Fig. 3 - Vista geral para a capela-mor da Igreja de São Cristóvão de Louredo, Paredes. Fotografia da autora, 2022.

O altar-mor e a pintura mariana *Assunção e Coroação da Virgem pela Santíssima Trindade*



Fig. 4 - Detalhe do retábulo do altar-mor já parcialmente coberto, do lado da Epístola, pela Assunção (da Virgem). Fotografia da autora, 2022.

O altar-mor, com o trono eucarístico, apresenta duas tábuas móveis pintadas com o tema mariano da Assunção e Coroação da Virgem pela Santíssima Trindade. É colocada rotativamente segundo o calendário litúrgico.

A pintura a óleo sobre madeira, de formato rectangular e rematada por semi-círculo, apresenta-se, hoje, bastante repintada. Figura, na parte superior, o dogma da Santíssima Trindade horizontal - Pai, Filho e Espírito Santo - e, na parte inferior, a Coroação da Virgem, assumpta. Embora não tenha documentação que o comprove, a pintura inferior parece ser anacrónica, podendo ser proveniente de



Fig. 5 - A Assunção (da Virgem), autor desconhecido; altar-mor da Igreja de São Cristóvão de Louredo, Paredes. Fotografia da autora, 2022.

um outro templo e encaixada na Santíssima Trindade, ganhando, assim, novamente a sua função didáctica e moralizante. Apresenta o Espírito Santo sob forma zoomórfica de pomba esvoaçante, jorrante de luz, a unir as duas figuras⁵; Cristo, o Filho, de tronco despido e manto vermelho, segurando uma cruz com a mão esquerda; o Pai, ancião sereno, segurando com a mão direita metade da coroa, e com a outra, o globo assente nos seus joelhos. *Grosso modo*, a Santíssima Trindade é encimada pela Pomba do Espírito Santo, que ocupa o centro da composição e está flanqueada por anjos e querubins. Na parte inferior, a Virgem assumpta, auxiliada por anjos, traça de vermelho e cobre-se com um manto azul, sendo o momento celebrado por dois anjos tangedores e dois de mãos postas. A Coroação da Virgem foi largamente difundida por tradição



Fig. 6 - Assunção e Coroação da Virgem, ca. 1725, autor desconhecido; óleo s/ madeira. Fotografia da autora, 2022.

literária e pictórica, não obedecendo propriamente às Sagradas Escrituras, sendo, portanto, apócrifa. Deveu-se a Gregório de Tours, no século VI, e a Giacomo Voragine na sua *Lenda Áurea*, no século XIII, uma maior disseminação. Quanto aos músicos figurados na composição, um tange uma harpa e outro, do lado esquerdo, um cordofone de que se vê somente parte do tardo e do cravelhal.

Tal como em praticamente todas as pinturas levantadas em Portugal no largo tempo do Barroco, também esta foi citada de fonte gravada secundária, da autoria de Maerten de Vos. Os instrumentos mencionados são, também, dois dos cordofones mais representados na pintura em Portugal durante as centúrias de XVII e XVIII. O anjo

de Loureiro d Abreu», in *Mesa da Consciência e Ordens, Habilitações para a Ordem de Cristo*, Letra L, mç. 9, no 5, 1739, fl. 11 [PT/TT/MCO/A-C/002-010/0009/00005].

⁴ Os altares têm como temas hagiográficos, os seguintes: Crucificado e Santas Mães (lado do Evangelho); Nossa Senhora do Rosário e Santo António (lado da Epístola).

⁵ Vide, por exemplo: *Evangelho Segundo São Marcos* (1, 9-11); *Evangelho Segundo São Lucas* (3,22).



Fig. 7 - Tangedor de harpa. Fotografia da autora, 2022.

da esquerda tange uma harpa, dirige o seu olhar para a Virgem, sonoriza este momento festivo. O cordofone apresenta uma caixa de ressonância decorada de arabescos, mas sem aberturas sonoras, e os remates, geralmente em voluta ou zoomórficos, estão, aqui, indefinidos. O anjo da direita olha o fiel e segura um cordofone, que apresenta um quase-formato de viola de mão, mas nas costas do instrumento figuram sete aduelas bicolores (para salientar a divisão, comumente usada nos largos tempos do Renascimento e do Barroco). O cravelhal é rematado por voluta mas a posição das cravelhas é absolutamente fantasiosa. O pintor pode ter recorrido a uma fonte secundária ou à memória, tendo-se gerado uma confusão que originou um instrumento que apresenta características mescladas de outros, mas com maiores similitudes com a viola de mão ou guitarra barroca, usada ao tempo.

Sobre a harpa, vejamos, entre as referências aos tangedores dos séculos XVII e XVIII dentro das próprias igrejas, como foi o caso de Manuel Lopes, alcunhado de o harpa, cristão-velho morador em Évora, acusado de blasfémia, «trapeiro e tocador de harpa» de profissão» (ANTT, 1628); Manuel Leitão Borges, estudante de latim e cantor, tangedor de «harpa e órgãos nas festas» (ANTT, 1630-1632); Vicente Cardoso, filho de um confeitiro, cristão-novo, que era também ele tangedor de harpa na Sé de Lisboa (ANTT, 1644); Sebastião Soares, morador em Elvas, tangedor de harpa na Sé da mesma cidade e, por sua vez, filho de Rui Dias Soares, tangedor de baixão (ANTT, 1663); Manuel Soares «mestre de harpa» na Sé de Lisboa (ANTT, 1693); entre outros exemplos. São também várias as referências, entre cenóbios femininos e masculinos, relativas à compra de cordas para diversos instrumentos, como por exemplo, entre 1601 e 1605, para a harpa de Frei Tomás do Convento de Cristo em Tomar, músico polivalente que tangia para além de harpa, a corneta e outros instrumentos necessários ao serviço da liturgia (Cota, 2017: 146).

Quanto à viola, cordofone de braço tangido por violistas e violeiros, dedilhado ou palhetado, apresenta, entre as suas características organológicas, as seguintes: um corpo em forma de oito pouco acentuado (na pintura em apreço parece um pouco acentuada), tampo e fundo paralelos, abertura ou roseta entalhada no tampo harmónico, braço



Fig. 8 - Tangedor de viola de mão (?). Fotografia da autora, 2022.

longo dividido por trastes móveis feitos de cordas de tripa, cravelhal com sete a catorze cravelhas dorsais (podendo, em exemplos mais recuados, ser laterais), montadas com quatro, cinco, seis ou sete ordens de cordas, verificando-se nalguns casos a existência de uma corda muito fina, designada de prima. Nas fontes documentais, literárias e iconográficas (Duarte, 2024), a viola de mão abunda e associa-se mormente a temas alegóricos com anjos músicos ou a temas marianos, como a Assunção e a Coroação da Virgem. De sublinhar, também, que a profissão de violeiro designa o «Official que faz violas, & outros instrumentos musicos de cordas [...] que tange viola, ou outro instrumento de cordas» (Rodrigues, Morais, Vieira, 1992). Já tivemos oportunidade de dar à estampa dezenas de nomes inéditos relacionados com esta profissão (Duarte, 2024: 671-673).

Bibliografia

- ANTT, «Diligência de habilitação para a Ordem de Cristo de Luís de Loureiro d Abreu», in *Mesa da Consciência e Ordens, Habilitações para a Ordem de Cristo*, Letra L, mc. 9, no 5, 1739, fl. 11.
- ANNT, «Processo de Manuel Lopes [tangedor de harpa]», in *Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Évora*, proc. 4360, 1628.
- ANTT, «Processo de Manuel Leitão Borges [músico que canta e tange harpa e órgãos nas festas e estudante de latim]», in *Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa*, proc. 11526, 1630-32.
- ANTT, «Processo de Vicente Cardoso [tangedor de harpa]», in *Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa*, proc. 6612, 1644.
- ANTT, «Processo de Sebastião Soares de Lemos [tangedor de harpa]», in *Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa*, proc. 284041, 1663.
- ANTT, «Processo de Manuel Soares [mestre em harpa]», in *Registo Geral de Mercês, Mercês de D. Pedro II*, liv. 8, f. 213v, 1693.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho, *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na Diocese do Porto - Documentação*, Porto, Diocese do Porto, 1985, vol. II.
- COTA, Cristina Maria de Carvalho, *A música no Convento de Cristo em Tomar: desde finais do século XV até finais do século XVIII*. Lisboa: Edições Colibri, 2017, p. 146.
- DUARTE, Sónia, *Imagens de música na pintura do tempo do Barroco em Portugal (1600-1750)*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2024.
- MORAIS, Manuel, *Modinhas, Lunduns, e Cançonetas com acompanhamento de Viola e Guitarra Inglesa*. Lisboa: IN-CM, 2000.
- RODRIGUES, Maria Fernanda Cidrais; MORAIS, Manuel; NERY, Rui Vieira, *Livro de homenagem a Macario Santiago Kastner*. Lisboa: FCG, 1992, pp. 316-404.

ENTRE LOUSADA E PAREDES (PARTE 1): SACERDOTES, PARÓQUIAS E LEGADOS

Luís Ângelo Fernandes, Programador Cultural da Câmara Municipal de Lousada

A grande proximidade geográfica entre Lousada e Paredes, as relações de boa vizinhança e as afinidades socioeconómicas e culturais favoreceram a circulação de pessoas e a partilha de ideias, projetos e atividades. Poderíamos evocar muitas referências. Assim, desde a poderosa família dos Soverosas aos mosteiros de São Pedro de Cete e de Santo Estêvão de Vilela, desde o extinto concelho de Aguiar de Sousa até ao período contemporâneo, com a Associação de Municípios do Vale do Sousa e a Rota do Românico, emerge uma influência comum, com manifesta preponderância na vida política, religiosa e cultural. No entanto, neste nosso breve estudo, que se prolongará pelas próximas edições, vamos apenas convocar personalidades com ligações a ambos os concelhos. Começemos pelos sacerdotes.

O Pe. Agostinho Lopes Coelho Ferraz, nascido em Cete a 3/9/1820, filho do médico António Barbosa Ferreira e de Maria Barbosa de Leão, foi batizado pelo tio, Pe. Custódio Barbosa de Leão, e tirou ordens menores a 6/11/1840 no Porto, onde foi ordenado presbítero a 1/6/1844. Foi pároco de Parada de Todeia (1852-1853), Baltar (1854-1863) e Meinedo (1868-1890), aqui apresentado pelo Rei D. Luís, e onde lutou pela construção do apeadeiro da Linha do Douro e pela preservação de vestígios arqueológicos. Faleceu em Verdial (Cete) a 14/7/1898.

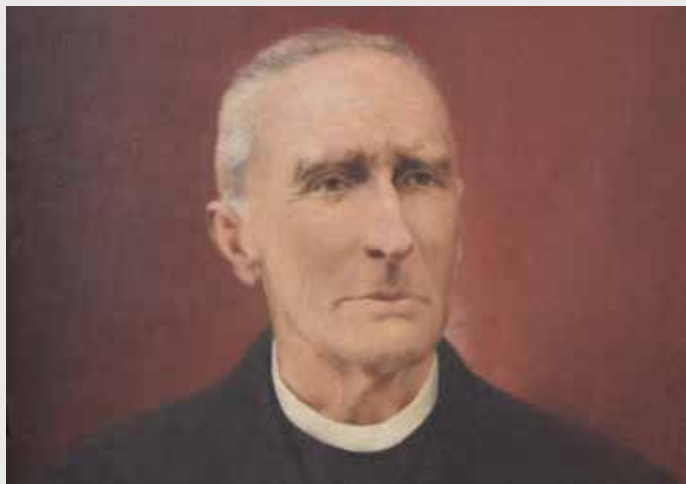


Fig. 1 Pe. António Belmiro Moreira Lobo

Se o Pe. Francisco José Rodrigues, natural de Vilela, foi pároco de Santa Cristina de Nogueira e de São João de Macieira (1770), o Pe. António Belmiro Moreira Lobo de Magalhães, ordenado a 25/5/1865, em Braga, parouquiu

São Paio de Casais, São Lourenço de Pias e São Veríssimo de Nevogilde. Nascido em Louredo a 23/4/1838, filho de Joaquim Moreira Lobo e Justina Augusta de Magalhães, faleceu a 10/8/1923 em Outeiros (Beire), deixando um valioso legado de 500 mil réis à Misericórdia de Lousada, para aplicar no tratamento de doentes pobres, tornando-se num dos doadores mais excecionais (MAGALHÃES, 2017, 68).

Por sua vez, o Pe. Camilo Rodrigues Moreira, nascido em Mouriz a 22/1/1889, filho de António Rodrigues e Eufrásia Moreira, estava colocado em Caíde de Rei na década de 1930, sendo também, nessa altura, vereador da Câmara Municipal de Lousada, falecendo a 24/8/1971. Já o Pe. António Alves Pereira de Castro, nascido em Sobrosa a 5/11/1893, filho de José Alves Moreira e de Maria Francisca Gomes Pereira, foi pároco de São Paio de Casais e de São João Evangelista de Nespereira, coadjutor em Matosinhos e professor no Colégio dos Carvalhos. Além disso, fundou a fábrica “Albino de Matos, Pereira e Barros”, uma das pioneiras da indústria do mobiliário em Paços de Ferreira, vindo a falecer a 2/5/1949, na sua Casa de Vilar, em Sobrosa.



Fig. 2 Pe. António Castro

O Pe. Joaquim Gomes Pacheco de Carvalho, nascido a 21/4/1866 em Beire, filho de António Gomes de Carvalho e de Ana Pacheco, foi pároco de Nevogilde (de fevereiro de 1889 a abril de 1892) e, por inerência, presidente da Junta de Paróquia. Exerceu também em São Lourenço de Pias e em Beire, onde restaurou a capela de São Luís (1924) e a igreja paroquial (1930), e aí falecendo a 23/4/1939 (FERNANDES 2017, 38). O Pe. Albino Moreira de Sousa,



Fig. 3 Pe. Joaquim Gomes Pacheco de Carvalho

nasceu em Baltar a 7/1/1873, filho de Albino de Sousa Coelho e Carlota de Jesus Moreira dos Santos Sousa. Após ter sido coadjutor em Cedofeita, encomendado em Lordelo (Felgueiras), Baltar e Duas Igrejas (Penafiel), pároco de Nespereira de 1922 a 1925, faleceu a 14/5/1926 na sua casa em Baltar.

De entre os sacerdotes com maior intervenção comunitária, surge, sem dúvida, o Pe. Joaquim Coelho da Silva, nascido em Mouriz a 14/4/1875, filho de José Coelho da Silva e de Custódia Rosa Moreira dos Santos. Em Lousada, foi pároco de Santo André de Cristelos, Vigário da Vara, vereador da Câmara Municipal, provedor da Misericórdia, membro do Conselho Municipal, professor no Externato Lousadense, dirigente da Associação Humanitária dos Bombeiros e de outras coletividades locais, dinamizador do caminho-de-ferro de Penafiel à Lixa e colaborador do Jornal de Lousada. Adoeceu gravemente, pelo que deixou de paroquiar em setembro de 1939, vindo a falecer a 16/2/1940. Foi sepultado em Cristelos e perpetuado na toponímia (FERNANDES 2023, 81).



Fig. 4 Pe. Joaquim Coelho da Silva

Uma das mais insígnies figuras da Igreja portuguesa, Bispo de Angola, do Algarve e do Porto, D. António Barbosa Leão, nascido em Parada de Todeia a 17/10/1860, exerceu o múnus pastoral em São Tiago de Lustosa, onde deu entrada a 12/6/1890, aqui se mantendo até 28/12/1904. Dina-

mizou as obras de embelezamento da igreja, aquisição de ricos paramentos, restauração da residência, construção do cemitério – contribuindo para todos estes melhoramentos com elevadas quantias – e realização de uma feira mensal, ficando o seu nome perpetuado com um monumento e placa em bronze na avenida central da freguesia.



Fig. 5 D. António Barbosa Leão

Também descortinamos vários exemplos de clérigos de Lousada com atividade pastoral em Paredes. É o caso do Pe. Joaquim Teles de Meneses Coelho, nascido a 18/8/1807, em Sousela, filho do Tenente José Teles de Meneses e de Bernardina Coelho Ribeiro, que paroquiou em Sobrosa, Sousela, Louredo e Lamoso. Por sua vez, o Pe. António José do Couto, abade de São Miguel de Gandra, faleceu a 7/11/1831, na sua Casa de Cimo de Vila, em Sousela.

Já o Pe. Francisco José Dias, nascido em Lousada, São Miguel, a 23/2/1825, filho de Joaquim José Marinho e Teresa Dias, foi pároco de Tornada (Caldas da Rainha), Beire (Paredes), Palhais (Barreiro), Vilarinho dos Freires (Régua) e Enxara do Bispo (Mafra), enquanto o Pe. Joaquim Nogueira Dias era pároco de Duas Igrejas (Paredes) em 1910. Nascido em Silves a 1/11/1881, filho de António José Nogueira Dias e de Joaquina Silvina de Vasconcelos, celebrou Missa Nova em 1905, escolhendo para orador D. António Barbosa Leão, transitou posteriormente para a vigararia de Amarante e para São Paio de Casais, falecendo a 22/9/1951.



Fig. 6 Pe. Joaquim Nogueira Dias

Por sua vez, o Pe. Casimiro José de Barros, natural de Cristelos e falecido a 9/9/1911, foi pároco de Beire, além de Penaferrim (Sintra) e de São Miguel de Silvares.

Atualmente, encontramos em atividade nas paróquias de Bitarães, Gondalães, Louredo e Beire o Pe. Armando Mendes Neto, ordenado a 10/7/1983, natural de São Fins do Torno, onde nasceu a 18/10/1957, filho de Nélson Miguel da Silva Neto e Dulcília Magalhães Mendes.



Fig. 7 Pe. Armando Mendes Neto: (in jornal *O Paredense*)

Podemos, finalmente, evocar dois sacerdotes que, embora naturais de outros concelhos, exerceram em Lousada e em Paredes. É o caso do Pe. Álvaro Ferreira da Rocha e Costa, de Vila Maior (Santa Maria da Feira), onde nasceu a 27/6/1924, filho de Bernardo Pais da Rocha e Costa e de Maria Ferreira Baptista. Ordenado a 29/7/1951, foi vigário cooperador de Sandim (Vila Nova de Gaia), vigário ecónomo e pároco de Beire (1954-1996) e de Nevogilde (março de 1975-janeiro de 2001, residente na casa paroquial de 2001 a 2003, e responsável pelo início da construção do salão paroquial) e pároco de São Paio Casais (1992-2000). Faleceu a 19/9/2004, em Vila Maior (FERNANDES E PINTO 2023, 52).



Fig. 8 Pe. Álvaro Rocha

O Pe. Arnaldo Baptista Meireles, pároco de Sobrosa, nasceu em Ferreira (Paços de Ferreira) a 31/1/1926, filho de Flávio Ferreira de Meireles e Luzia Nunes Baptista. Em Lousada foi pároco de Casais, Nespereira (promovendo o restauro da igreja), Meinedo (a quem se deve a construção do centro paroquial) e Sousela, Vigário da Vara e professor no Colégio Eça de Queirós. No concelho natal, foi pároco de Ferreira, Frazão, Arreigada, Modelos e Freamunde, Vigário da Vara, membro dos corpos sociais de várias coletividades e garantiu elevada ação sociocaritativa. Faleceu a 3/5/2005.



Fig. 9 Pe. Arnaldo Meireles

Bibliografia

- FERNANDES, L. A. (Coord.) (2017). *A Terra de Leovigildo*. Lousada: Escola Básica de Campo, Nevogilde, Lousada.
- FERNANDES, L. A. e PINTO, I. (2023). *Lodares: 1000 anos de História*. Lousada: Escola Básica de Lodares.
- MAGALHÃES, P. (2017). *Santa Casa da Misericórdia de Lousada: 120 anos de História*. Lousada: Santa Casa da Misericórdia de Lousada.

PATRIMÓNIO

CAPELAS DE CASTELÕES DE CEPEDA: CAPELA DE NOSSA SENHORA DA GUIA (PARTE II)

João Vieira, Amigo da Cultura de Paredes e Licenciado em História

Dando continuidade ao trabalho que foi publicado na revista Orpheu de 2024 sobre as três capelas públicas existentes na extinta freguesia de Castelões de Cepeda, iremos falar, nesta edição, da capela de Nossa Senhora da Guia, que está situada defronte do quartel dos Bombeiros Voluntários de Paredes.

Ao consultar novamente as Memórias Paroquiais de 1758 e na resposta dada à questão 13 da Parte I “Se tem algumas ermidas, e de que santos, e se estão dentro ou fora do lugar, e a quem pertencem”, lemos que o abade Manuel Silvestre Ferreira, que estava a paroquiar Castelões de Cepeda naquela data, escreveu:

“Tem duas Cappellas publicas, de Jesus Maria José, he hume, e outra da Senhora da Guia, que administra o proprio Parocho; a primeira no monte de São Miguel, e a segunda junto a Fonte Sagrada na Estrada que vem da Cidade do Porto, ambas nos confins da freguezia mediando a Igreja, e outra mais da Senhora do Remédio, de caza particular, que fica no lugar das Pias.”¹

A primeira informação que se pode retirar das Memórias Paroquiais é que a capela de Nossa Senhora da Guia já existia em 1758, ou seja, é anterior à criação do concelho de Paredes, que foi apenas em 1836.

No IPA, Inventário do Património Arquitectónico, a capela está catalogada com a referência IPA.00029197 e temos a seguinte descrição e enquadramento:

“Arquitetura religiosa, setecentista. Capela de planta retangular de espaço único, com cobertura interna em falsa abóbada de berço abatido de madeira, escassamente iluminada unilateralmente pela fresta que se rasga na fachada lateral esquerda, junto ao altar-mor, e pelos postigos. Fachada principal em empena, com os vãos rasgados em três eixos, compostos por portal de verga reta, ladeado por dois pequenos postigos. Fachadas enquadradadas

por cunhais apilastrados, firmados por pináculos piramidais, rematadas por frisos e cornijas, a lateral esquerda rasgada por porta travessa de verga reta. Interior com púlpito no lado da Epístola e retábulo-mor de talha dourada rococó.”

O enquadramento da capela é assim descrito:

“Urbano, isolado, implantado numa zona plana, em pequeno adro pavimentado com calçada à portuguesa, implantado a uma cota consideravelmente inferior relativamente à estrada de acesso, fruto de sucessivas intervenções na área envolvente, com acesso por escadas. Do lado direito da capela, ergue-se o cruzeiro da Senhora da Guia, em cantaria de granito, composto por plataforma quadrangular de três degraus, com focinho saliente, sobre o qual assenta plinto paralelepípedo, coluna toscana e cruz latina. Na zona posterior do adro há duas árvores, junto à capela, a estrutura de uma sub-estação elétrica, tendo em frente um posto de abastecimento de combustível e o edifício dos Bombeiros Voluntários.”



Fig. 1 – Interior da capela

Outras informações complementares que nos são facultadas pelo IPA dizem respeito à sua estrutura e aos

¹ Leal, Coelho, 2008, pág. 16

materiais utilizados: o sistema estrutural é em paredes portantes, rebocadas e pintadas de branco com fachada principal revestida a azulejo de padrão, industrial; pináculos, cruzeiros, frisos, cornijas, molduras dos vãos em cantaria de granito; portas de madeira; cobertura de telha; púlpito em cantaria e com guarda de madeira torneada; retábulo de talha pintada de finais do século XVIII.

Na antiga Casa do Ermo, próxima à capela de Nossa Senhora da Guia, nasceu, em 1812, José Anastácio Coelho da Silva, que foi Presidente da Câmara Municipal de Paredes em três ocasiões distintas, Vereador Fiscal (atualmente, vice-presidente), Juiz de Paz, entre outras funções públicas. Teve uma vida autárquica de realce e ficará na história paredense como sendo o presidente da Câmara à data da elevação de Paredes à categoria de vila, por Carta Régia de 7 de fevereiro de 1844, dada pela rainha D. Maria II. A sua ligação a esta capela é muito profunda e, com a devida autorização do Vigário-Geral da Comarca, é precisamente neste local que realiza o seu casamento a 25 de setembro de 1833. A 21 de fevereiro de 1874, José Anastácio Coelho da Silva faleceu e foi sepultado nesta mesma capela.

Em 1822, o Diário do Governo nº 175, supl. nº 41 de 27 de julho dá conta de uma solenidade na Capela de Nossa Senhora da Guia em Ação de Graças pela “feliz descoberta huma diabólica conjuração, que tentava, não menos que contra a vida de alguns dos nossos ilustres Deputados em Cortes, e offender o Senhor D. João VI digno Monarca...”. Fazia parte do programa, entre outros, uma missa, um sermão e uma procissão, além de “hum decente e socegado divertimento de touros e danças” e um “inocente espectáculo de hum Balão aerostático”.

A ata da reunião da Câmara Municipal de Paredes de 25 de janeiro de 1883 refere que será enviado um ofício à Junta da Paróquia de Castelões de Cepeda para designar um novo local para o cruzeiro da capela da Nossa Senhora da Guia, devido à ligação da estrada municipal, que estava em construção. Passados 110 anos, este cruzeiro acaba por ficar na história contemporânea da cidade de Paredes

pelas piores razões, com direito a reportagens em vários meios de comunicação social, tanto locais como nacionais. É que a 16 de agosto de 1993 o dito cruzeiro sofreu um “acidente” no decorrer das obras de construção de um posto de abastecimento de combustível adjacente à capela, ficando completamente destruído e teve de ser substituído por um novo sem qualquer valor histórico. Nos dias que antecederam o “acidente” já se falava nas ruas da cidade da probabilidade de tal acontecer.

Esta página negra da história recente paredense facilmente extravasou para a esfera política com comunicados dos vários quadrantes e a sociedade civil manifestou-se, com várias centenas de pessoas. Numa outra ocasião, um grupo de paredenses marchou até aos Paços do Concelho à procura de justificações e respostas.

Paralelamente ao derrube do cruzeiro, surgiu outro assunto, o da possibilidade da mudança de local da capela de Nossa Senhora da Guia e unanimemente o local escolhido foi o terreno nas traseiras do quartel dos Bombeiros Voluntários de Paredes. Naquela época, as poucas vozes contrárias a esta pretensão conseguiram ter algum impacto, talvez pelo uso dos meios utilizados e pelo discurso de agitação social, o que fez com que a maioria favorável à mudança recuasse, esperando por um debate sério e que viesse a produzir uma resolução. Até hoje esse debate nunca aconteceu.

Inúmeros paredenses ainda mantêm a expectativa da transferência da capela, justificando o facto para lhe dar a dignidade merecida, pois está a uma cota inferior à estrada.

Já em 1945, ao ser elaborado o Anteprojeto do Plano de Urbanização da Vila de Paredes pela arquiteta Maria José Moreira da Silva e pelo arquiteto e urbanista David Moreira da Silva, uma parte do estudo foi dedicado à capela da Nossa Senhora da Guia. Na altura escreveram no terceiro capítulo – Vila de Paredes - Estudo Crítico: “A capelinha de Nossa Sr.^a da Guia tem certo interesse plástico, mas encontra-se em nível ligeiramente inferior à estrada e, por isso, mesmo, bastante desfavorecida”. Continuam no capítulo seguinte, - Elementos e princípios básicos do anteprojeto do plano de urbanização, defendendo: “A capela de Nossa Sr.^a da Guia deverá ser transferida, mas não ampliada, para a parte alta do pequeno jardim que, a pedido da Ex.^a Câmara, projetamos no ângulo formado pela rua de Serpa Pinto e a E.N. nº 6 – 1.^a”. [Devido à escassa informação para esclarecermos na totalidade a designação de E.N. 6 – 1.^a, presumimos que será a E.N.15, atualmente desclassificada nesse troço].

Senhora da Guia é um dos títulos atribuídos à própria mãe de Jesus. Iconograficamente está representada com o Menino Jesus ao colo num dos braços e no outro segura um facho com uma estrela, que guia o caminho ao seu filho durante a infância. A devoção a Nossa Senhora da Guia tem a sua origem na Igreja Católica Ortodoxa, onde a Virgem Maria é invocada sob o nome de Odigitria.



Fig. 2 – Recorte do Jornal O Progresso de Paredes de 27/08/1993

A festa em honra da referida Santa ocorre no terceiro fim de semana de junho e, de modo geral, inicia-se com tríduo na semana anterior, com a recitação do terço. O sábado é dedicado à tradicional noite popular e, no domingo, missa solene e procissão. Até ao início dos anos 90 do século passado e até ser construído o acesso à autoestrada A4, a procissão tinha um itinerário diferente do atual. Passava então pela capela do Calvário onde era proferido um sermão, circundava o Parque José Guilherme e descia a rua do Serpa recolhendo novamente à capela, de onde tinha saído. Atualmente a procissão começa por percorrer a rua do Serpa no sentido ascendente, passa pela rua Dr. José Barbosa Leão, segue até junto do nicho mariano, contorna a Expansão e desce pela Av. Pe. Moreira

das Neves até à capela. O estado geral de conservação da capela é bom devido às sucessivas comissões de festas que têm sido zelosas com o espaço, permitindo a salvaguarda deste património com mais de duzentos e cinquenta anos.

Bibliografia

LEAL, Joaquim; COELHO, Ferreira. *Igreja com Vida. Paredes: Paróquia de Castelões de Cepeda*. 2008.

COSTA, Cristiano (coord.). *Presidentes da Câmara Municipal de Paredes 1837-2017*. S/l. Município de Paredes. 2017.

Fontes Manuscritas:

Ata de 25/01/1883 da Câmara Municipal de Paredes, livro 19.

Webgrafia

[https://aoencontrodo passado.blogs.sapo.pt/\[consult. 2024-08-18\]](https://aoencontrodo passado.blogs.sapo.pt/[consult. 2024-08-18])

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.

IGREJAS E CAPELAS: A MARCA DOS BRASILEIROS DE TORNA-VIAGEM EM PAREDES E NOUTRAS LOCALIDADES

Alda Neto, Docente e Investigadora CEPESE

O Norte de Portugal é o lugar das principais evidências da saída e do retorno do brasileiro (Monteiro, 2000:104), sendo o distrito do Porto um local privilegiado para tal. O migrante em retorno serve de exemplo de progresso e faz crescer a produção agrícola, além de emprestar capital a juros. As localidades recebem a burguesia e os *torna-viagem*, que assumem cargos políticos, lideram novas indústrias e ocupam lugares nas confrarias e irmandades. Na segunda metade do século XIX, as localidades do Norte do Portugal ganham importância como sedes de administração no novo padrão liberal da República.

O regresso dos portugueses que obtiveram sucesso nos negócios em terras brasileiras gera a produção de diferentes exemplos arquitetónicos, que estes *brasileiros de torna-viagem* tentam reproduzir nas suas terras natais. Os capitais angariados ao longo de vários anos de permanência no Brasil são aplicados nas duas margens do Atlântico e estes homens recebem, por vezes, o título de comendadores, barões ou condes. Este capital aplicado nas indústrias criadas por todo o distrito do Porto e as suas marcas de benemerência destacam-se nas fachadas de Hospitais, Asilos, Escolas, Teatros, Igrejas e Capelas “como atos com sentidos de distinção individual e vínculos às origens” (Monteiro, 2000:105).

O maior contingente de migrantes partiu da região do Minho e do distrito do Porto, procurando sair de uma

situação que lhes era pouco favorável. Foram empurrados por uma acentuada pressão demográfica, fruto de um evidente crescimento populacional, que se verifica na segunda metade do século XIX. Por outro lado, o sistema de morgadio levou a que muitos homens e as suas próprias famílias encarassem o Brasil como uma forma de enriquecimento fácil, atendendo a alguns exemplos que iam surgindo nas localidades.

Ao longo dos séculos XVI e XVII, a produção de açúcar constituiu uma das mais importantes atividades económicas no Brasil, possibilitando a acumulação de lucros com a comercialização deste produto tão procurado na Europa. No entanto, nos séculos XVIII e XIX, os portugueses deslocaram-se, maioritariamente, para as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo onde desempenharam papéis de relevo relacionados com a indústria ou com as atividades comerciais, destacando-se como pequenos retalhistas ou negociantes de grosso trato.

A dedicação aos mais pobres, a participação em atos de beneficência e a dádiva de fundos para igrejas, capelas e altares foram correntes entre os *brasileiros*, que preferiram estas ações para se tornarem reconhecidos. (Vieira, 1887:772).

Vem depois as visitas, as romarias, as feiras, a primeira viagem com a mãe e a família ao Bom Jesus de Braga, ao Porto. (Vieira, 1887: 773).

A afirmação material do seu sucesso destaca-se, ainda, com a participação nas festas e romarias da aldeia. Esta participação é, sobretudo, através de remessas monetárias, pois o emigrante procura agradecer ao santo as benesses obtidas no Brasil. De acordo com testemunhos orais, Luís Pereira de Sousa, emigrante natural da freguesia de Astromil (Paredes), durante a sua viagem para o Brasil, adoeceu gravemente. Então prometeu que, caso sobrevivesse à viagem e à doença, realizaria uma grandiosa festa em honra de Santa Margarida. Em 1935, Luís Pereira de Sousa visitou a sua terra e procurou cumprir a promessa feita, organizando uma grandiosa festa em agradecimento.

No concelho de Paredes existem alguns exemplos de emigrantes que, apesar de permanecerem ausentes no Brasil, continuam a patrocinar a realização de festas em honra dos santos padroeiros bem como a renovação/edificação das igrejas.

Na freguesia de Louredo, a 7 de outubro de 1901, o brasileiro Adriano Moreira de Castro que, tinha regressado do Brasil realizou uma festa em honra de São Sebastião, em cumprimento de uma promessa. O artigo publicado no jornal *O Comércio de Penafiel* salienta a grandiosidade da procissão.

“Á noute queimou-se um vistosíssimo fogo de artifício, preso e do ar, no pittoresco largo fronteiro á egreja que se achava profusamente illuminado, bem como a frontaria da egreja. Durante o fogo tocaram com muita correcção duas bandas de música e foram lançados ao ar muitos aeróstatos.” (*O Comércio de Penafiel*, 1901)

Os *Brasileiros* de Paredes também se envolveram na reconstrução/construção de edificações religiosas – Igrejas e Capelas. Relativamente ao concelho de Paredes destacam-se dois edifícios: a Igreja Matriz de Castelões de Cepeda e a Igreja Matriz da Sobreira. A primeira foi mandada construir por D. Rosalina de Sousa Guimarães, natural da freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Praia, cidade de São Salvador da Baía e pelo seu cunhado, Joaquim Bernardo Mendes, Visconde de Paredes.

Joaquim Bernardo Mendes, Visconde de Paredes, regressou à sua terra de origem, Castelões de Cepeda, acompanhado pela esposa, D. Deolinda Francisca Guimarães e pela cunhada, D. Rosalina de Sousa Guimarães. Este brasileiro possuía, além da Quinta da Gandra, em Guilhufe (Penafiel), casas e propriedades agrícolas no lugar do Souto, em Castelões de Cepeda, lugar onde viria a construir o Palacete da Granja, concluído em 1883.

D. Rosalina de Sousa Guimarães, viúva e detentora de uma avultada fortuna, empenhou-se no auxílio aos mais carenciados do concelho.

“(...) D. Rosalina Maria de Sousa Guimarães não foi somente a edificadora do belo templo da Vila de Paredes. Foi a caridade em pessoa e vestia e alimentava famílias. Socorria a todos que precisavam e obsequiavam largamente quem a servia. (...)” (Barreiro, 1924).

No Palacete da Granja, construído pelo seu cunhado, o Visconde de Paredes, criou uma capela de invocação à Nossa Senhora da Conceição, a quem eram dedicadas festas e novenas. A referida senhora tinha uma grande devoção, como se pode constatar pelos vários artigos publicados n’*O Comércio de Penafiel*, nos anos de 1893, 1894, 1898 e 1899. Em 28 de maio de 1898, o mesmo periódico publicou a seguinte notícia:

“D. Rosalina Guimarães ficou triste quando se deu pela falta dos brincos e colar de ouro que tinham sido oferecidos a Nossa Senhora. O gatuno fora um tal Agostinho, do lugar de Cepeda. Desconfiada, a autoridade foi encontrar as jóias escondidas na casa do Agostinho e foram trazidas e colocadas onde estavam antes. No dia da festa de N^a S^a da Conceição, em 1898, D. Rosalina exultou de alegria quando viu recuperadas as jóias da Virgem Santa, que já julgava a algumas léguas de distância.”

O projeto de construir uma nova igreja remonta ao ano de 1881, altura em que o conselheiro José Guilherme Pacheco adquiriu uns terrenos com o objetivo de proceder a melhoramentos na vila, nomeadamente a construção de um novo templo e a abertura de ruas. Este faleceu sem concretizar este desejo, tendo as suas exéquias sido celebradas em 1889, no velho templo. Antes, no dia 13 de abril de 1883, tinham-se realizado as cerimónias fúnebres da sua esposa, D. Joana Augusta de Magalhães Pacheco.



Fig. 1 – Igreja Matriz de Paredes

A imprensa local veiculava nos seus artigos o descontentamento da população com a pequenez da igreja matriz, cujo espaço interior não era suficiente para o elevado número de fiéis que aí afluíam. Porém a paróquia de Caste-

124 lões de Cepeda e a Câmara Municipal de Paredes não possuíam recursos económicos suficientes que lhes permitissem construir um novo templo. A 5 de novembro de 1886, o conselheiro José Guilherme Pacheco vendeu, por 40 mil réis, a Joaquim Bernardo Mendes o direito de este aí construir uma mina de água, que seria utilizada pelos habitantes do Palacete da Granja; contudo salvaguardou que esta teria de ser feita em pedra, subterrânea e na parte exterior «dos alinhamentos das ruas projetadas na planta parcelar levantada para construção da nova igreja desta villa». D. Rosalina de Sousa Guimarães adquiriu os terrenos necessários para a construção do edifício, a 16 de maio de 1895, que se localizavam-se no Monte da Igreja, nas proximidades do Palacete da Granja. Aquela senhora comprou este terreno por 400 000 réis à herdeira do conselheiro, Sofia Clotilde de Magalhães Pacheco e ao seu marido, Manuel Vaz de Miranda.

O projeto foi encomendado por D. Rosalina de Sousa Guimarães ao engenheiro Francisco Leite Dourado e apresentado a 1 de fevereiro de 1898. A 11 de Junho de 1899, esta benemérita adquiriu os últimos terrenos necessários para a construção da igreja.



Figura 2- Alçado principal da Igreja Matriz de Paredes (Arquivo Particular da Família Portocarrero)

A construção da Igreja iniciou-se entre 1899 e 1900. As obras foram liderados pelo engenheiro civil Francisco Leite Dourado e os trabalhos de pedreiro concluídos a 31 de março de 1900. O Visconde de Paredes emvidou esforços junto da população e da Câmara Municipal com o objetivo de que estes colaborassem na conclusão da igreja. Em 1901, foi realizada uma festa em honra da Virgem Maria,

estando o templo, que se encontrava em construção, “(...) lindamente adornado. (...)” para as cerimónias. De acordo com as notícias publicadas no jornal *O Comércio de Penafiel*, neste mesmo ano iniciaram-se as obras de entalhamento dos altares, tendo a tarefa sido confiada a um artista penafidense, Francisco Coelho de Castro.

À semelhança dos anos anteriores, no segundo fim-de-semana de dezembro, Rosalina de Sousa Guimarães organizou as celebrações em honra de Nossa Senhora da Conceição, as quais se realizaram na Igreja ainda em construção.

Entre os anos de 1901 e 1908, as obras da Igreja decorreram a bom ritmo, levando a que a benemérita procedesse à doação da Igreja à freguesia de Castelões de Cepeda, nesse mesmo ano. Na Escritura de doação da Igreja à Junta Paroquial, Rosalina de Sousa Guimarães começou por definir o orago desta – Nossa Senhora da Conceição, que nunca poderia ser alterado. De seguida, nomeou-se a si própria, aos seus familiares e descendentes como protetores da Igreja, reservando para o efeito um lugar de destaque na capela-mor da Igreja:

“(...) Reservo igualmente um lugar na Capella mor, junto ao presbitério, do lado do sul, para ahi ser collocado um estrado, vedado por uma grade com entrada para elle não só pelas entradas do publico mas tambem por um portal que fica no muro do lado do sul da mesma egreja e por uma porta da sala das sessões que tambem fica ao mesmo lado do sul da qual sala communicará com o dito lugar reservado por uma porta que lhe dá ingresso. Neste estrado poderá collocar bancos, cadeiras ou outra qualquer mobília semelhante, cuja propriedade lhe ficará sempre pertencendo. Este lugar reservado é não só para mim e dita minha familia e vindouros como para qualquer pessoa que em nossa companhia e forem hospedes da casa for assistir aos actos religiosos, não podendo mais ninguemalli ter ingresso nem por qualquer forma ou sorteio ser estorvada ou impedida esta garantia, antes pelo contrario será sempre facultado, fácil e immediato ingresso no dito lugar sempre que a egreja se encontre aberta ao publico. (...)”

Para além das condições impostas, D. Rosalina de Sousa Guimarães acrescentou uma outra, em que refere que ela ou a sua família poderiam realizar alterações ao edifício sempre que lhes aprouvesse.

De acordo com a documentação particular da Igreja, D. Rosalina de Sousa Guimarães terá reservado um lugar na capela-mor, junto ao presbitério, do lado sul, vedado por uma grade, com entrada pela igreja e com uma porta para a sala das sessões, lugar esse que teria bancos e cadeiras e ficaria perpetuamente reservado para a família, não podendo nunca este privilégio ser quebrado ou perdido. No

entanto, esta situação apenas se manteve durante a vida da doadora.

No dia 6 de dezembro de 1908, a Igreja Matriz de Castelões de Cepeda foi inaugurada e benzida, substituindo definitivamente a velha igreja matriz, entretanto demolida e, em 1921, foi colocado o relógio na torre sineira.

A cerimónia de inauguração e bênção da nova Igreja Matriz de Castelões de Cepeda foi presidida pelo bispo do Porto, D. António Barroso. A festa de abertura da Igreja caracterizou-se por uma grande simplicidade, como é referido no artigo publicado no *Jornal de Notícias*, a 8 de dezembro de 1908:

As entidades locais deslocaram-se à estação de Paredes para receber o bispo do Porto, destacando-se o Visconde de Paredes, Joaquim Bernardo Mendes, o Presidente da Câmara Municipal, Dr. Bernardo Pacheco Pereira Leite, o Administrador do concelho, António José de Sousa Machado, o Provedor da Misericórdia, Dr. António Portocarrero, o Abade da freguesia de Castelões de Cepeda, Reverendo Francisco da Cunha Lima. Os Bombeiros Voluntários de Paredes estiveram presentes como Guarda de Honra e a Banda de Música de Paredes acompanhou o cortejo que se iniciou na estação de Caminhos-de-Ferro até à nova igreja.

Antes da chegada do bispo do Porto, procedeu-se à mudança do Santíssimo Sacramento da antiga igreja para a nova. O templo foi benzido exteriormente, seguindo-se uma missa, acompanhada pelo órgão da paróquia. A única nave estava cheia de fiéis e de curiosos que vieram conhecer este edifício. No final das cerimónias litúrgicas, foi oferecido um banquete aos convidados no Palacete dos Viscondes de Paredes. No entanto, a Igreja não estava totalmente concluída na primeira década do século XX, cabendo ao Padre Marcelino Francisco da Conceição, nomeado em 1918, a conclusão das obras no interior (revestimento dos tetos a caixotões de madeira e a colocação de grades no arco-cruzeiro e no altar-mor) e o arranjo dos espaços exteriores, como o jardim e a escadaria defronte da mesma, procedendo-se simultaneamente ao gradeamento do adro.

A igreja, composta por uma só nave, tem a entrada principal com um guarda-vento, apresentando uma ampla capela-mor quadrangular e um transepto pouco acentuado, com dois altares laterais.

Quanto à fachada principal, coroada por uma cruz em granito, esta é ladeada por dois torreões. É composta por um portal axial e dois laterais, enquadrados por uma moldura também granito. Num segundo registo da fachada rasgam-se cinco janelas, sendo a axial precedida por uma balaustrada. Aquando da comemoração do Centenário da igreja em 2008, estes foram substituídos por vitrais com a representação de Cenas da Vida de Cristo e dos Santos. As janelas são rodeadas por uma moldura em granito e a

fachada principal é encimada por um friso, que termina num frontão circular, possuindo, um relógio na parte central. Este frontão é rodeado por dois elementos decorativos em granito, semelhantes a jarrões.

Na fachada lateral, voltada a Norte, foi colocado um painel em azulejo em 1940, por ocasião da comemoração do Tricentenário da Consagração da Nossa Senhora da Conceição como padroeira de Portugal.

No interior da igreja, destaca-se o altar-mor com uma tela, com a representação de Nossa Senhora da Conceição. Esta tela foi colocada aquando da inauguração da igreja, em 1908.

Defronte da Igreja existe um jardim composto por uma grande variedade de árvores, como palmeiras imperiais. Este jardim é dividido por uma escadaria revestida a pequenos paralelepípedos.

A população da freguesia de Castelões de Cepeda reconheceu os esforços empreendidos por D. Rosalina de Sousa Guimarães e pelo seu cunhado, o Visconde de Paredes, Joaquim Bernardo Mendes, decidindo atribuir o seu nome à rua paralela à Igreja, na década de 1930.

O Tenente-Coronel José Ribeiro da Costa Júnior, afilhado de batismo de D. Rosalina de Sousa Guimarães, destacou a sua ação junto dos mais necessitados, num artigo publicado no jornal *O Progresso de Paredes*:

“(...) Minha Madrinha recebia encantadoramente em seu palacete quer pessoas de categoria, quer humildes e, quanto à assistência à pobreza, recorro a ajuda que prestei – escreve ele – no empacotar gêneros de mercearia das consoadas que anualmente recebia cada família pobre e mais uma moeda de 500 reis em prata.”

No entanto, esta senhora que sempre se destacou pela ajuda constante, assistiu, no final da sua vida, a uma redução da visão e, simultaneamente, dos seus rendimentos.

Na portaria publicada no *Diário do Governo* a 2 de novembro de 1908, o próprio rei D. Manuel II enalteceu a iniciativa de D. Rosalina de Sousa Guimarães:

“Sua Majestade El-Rei, havendo conhecimento oficial de que por D. Rosalina Maria de Sousa Guimarães, da Vila de Paredes, mais uma vez fora dado muito eloquente testemunho dos seus acrisolados sentimentos de piedade e singulares virtudes, doando à freguesia de Castelões de Cepeda, no concelho de Paredes, um bem acabado templo, de distinta e custosa fábrica, para servir de Igreja paroquial da mesma freguesia, por se achar a actual em estado de completa ruína, a que a competente

¹ Documento de doação da Igreja matriz de Paredes, existente no Arquivo Particular da Família Portocarrero.

Junta de Freguesia não tem podido acudir por falta de meios, há por bem determinar que, em Seu Real Nome, sejam conferidas pela Governador Civil do Porto à doadora os louvores que lhe são devidos pelo seu benemérito procedimento e relevante serviço prestado à sobredita freguesia. Paço, 2 de Novembro de 1908. ²”

Estas iniciativas de beneficência e melhoramento das estruturas existentes nos locais de origem ou de acolhimento dos emigrantes foram reconhecidas pelo poder central, através da concessão de benefícios ou da dotação de cargos/títulos.

A Igreja Matriz de São Pedro da Sobreira foi construída ao longo do século XIX. O Deão da Sé do Porto, Luís Pedro de Andrade, nos inícios do século XIX, apercebendo-se da ruína da capela-mor e da sacristia pré-existentes, resolveu mandar demolir e edificar um novo templo de maiores dimensões.



Figura 3 - Igreja Matriz de São Pedro da Sobreira

A 24 de junho de 1806, a Igreja foi benzida com a presença do Bispo do Porto, Frei António de São José de Castro. No entanto, esta foi sofrendo acrescentos durante todo o século, mercê das dádivas dos emigrantes no Brasil. Dentre

estes destacaram-se Serafim da Costa Moreira, que doou quatro contos de réis, assim como António da Rocha Nogueira e Bernardino da Cunha Leão e Irmãos, os quais contribuíram monetariamente para a edificação da torre sineira, que ficou concluída em 1874.

O edifício encontra-se implantado sobre uma elevação de terreno, localizada na parte sul da freguesia da Sobreira.

A Igreja é composta por uma única nave e fachada principal revestida a azulejo policromático (azul e branco), com motivos geométricos, sendo rematada no entablamento por uma cruz, em granito. A entrada para o templo realiza-se a partir de um portal central, que se encontra enquadrado por uma moldura de granito. No registo superior abre-se uma janela que permite iluminar o interior da igreja, sobretudo a tribuna, e que é emoldurada por placas de granito.

A torre sineira está adossada, do lado sul, ao corpo principal da igreja, sendo revestida a azulejos monocromáticos brancos, com exceção das molduras que definem os diferentes registos da torre, que são policromáticas. Na fachada principal da torre sineira, no registo inferior, situa-se uma porta que permite aceder ao interior. Sobre o lintel da mesma, está assente uma placa de granito com a seguinte inscrição: "*Mandada edificar por António da Rocha Nogueira, Bernardino da Cunha Leão e Irmãos, residentes no Brasil, em 1874*". Na fachada lateral sul desta torre existe um painel de azulejos, com a representação do orago, o apóstolo São Pedro.

A sacristia é uma construção adossada à fachada lateral Norte.

No interior, existem quatro altares laterais consagrados ao Sagrado Coração de Jesus, à Nossa Senhora das Dores, à Nossa Senhora da Conceição e ao Sagrado Coração de Maria, dois dos quais estão assentes sobre o arco cruzeiro. O altar-mor, em talha neoclássica tal como os altares laterais, apresenta um pequeno trono eucarístico ao centro. Nas mísulas, estão colocadas as imagens de São Pedro e de São João Baptista. Na capela-mor, encontra-se uma placa em granito com a inscrição da bênção da igreja, em 1806.

O primeiro terço das paredes está revestido a azulejo policromático (azul e branco), sendo os dois restantes pintados a cor branca.

Nas localidades vizinhas do concelho de Paredes, como Penafiel ou Lousada, também é possível encontrar exemplos de arquitetura religiosa erigida ou patrocinada pelos *brasileiros de torna-viagem*. Passemos em revista alguns casos. No concelho de Penafiel, o Santuário da Nossa Senhora da Piedade e dos Santos Passos (Sameiro de Penafiel), a capela de Nosso Senhor dos Remédios (Rio de Moinhos) ou a Igreja Matriz de Galegos.

No concelho de Penafiel destaca-se a Igreja Matriz de Galegos que foi construída sobre os vestígios de uma outra já existente, datada de 1577. Em 1878, a 27 de outubro, a Igreja foi sagrada conforme atesta a referência ao ano

² Diário do Governo nº. 249, de 3 de novembro de 1908 (portaria do rei D. Carlos I).

sobre o frontão triangular que remata o portal principal.

A 2 de outubro de 1901, o jornal *O Comércio de Penafiel* publicou um artigo sobre a citada igreja e os seus benfeitores, nomeadamente Augusto José Ferreira e Serafim da Costa Moreira, também brasileiros de torna-viagem.

Serafim da Costa Moreira, natural desta freguesia e emigrante na cidade do Rio de Janeiro legou, em 1868, no seu testamento a avultada quantia de 4:000\$000 reis que foi utilizada na construção da igreja paroquial, juntamente com outras doações e subscrições realizadas no Brasil.

O altar-mor, colocado no templo, era originário do Calvário da Misericórdia de Penafiel e encontrava-se em mau estado de conservação, pelo que, por iniciativa do pároco, foi sujeito a um processo de douramento.

Augusto José Ferreira, por seu lado, abriu uma subscrição na cidade do Rio de Janeiro para angariar dinheiro para a aquisição de um relógio para a torre sineira: “(...) *O sr. Augusto José Ferreira, do lugar do Outeiro, vindo em março do Brazil, com sua ex.ma esposa e filhinhos, também prometeu que, logo que regressasse ao Rio de Janeiro, o que está para breve, abriria uma subscrição entre os seus numerosos amigos para dotar esta freguezia com um melhoramento que todos anseiam, e que vai aproveitar não só a ella, mas mesmo às limitrophes – um excellente relógio para a torre da egreja. Disse elle, e com muita graça que – se em rapaz concorreu para escangalhar um velho que havia, agora havia de concorrer para que houvesse um novo. (...)*”.

Quanto ao concelho de Felgueiras, destaca-se a Capela de Santa Quitéria, que sofreu melhorias significativas introduzidas graças às fortunas dos *brasileiros* que começavam a regressar à terra natal. Destas destacam-se a escadaria de acesso à igreja, a colocação de um relógio e de um carrilhão, bem como a construção nas proximidades de diversos edifícios, que foram sofrendo diversas vicissitudes ao longo do século XX.

Um exemplo de destaque no concelho de Lousada é a Capela de Nossa Senhora da Ajuda, construída na freguesia de Nevogilde, que existe desde 1690, tendo sofrido reparações e alterações, nomeadamente nos séculos XIX e XX. Em 1830, a capela foi restaurada por ordem de Manuel Albino Pacheco, da Casa das Vinhas, pai do Conselheiro José Guilherme Pacheco, devido a graça recebida, de acordo com a inscrição na lápide. A 13 de outubro de 1907, o periódico *Jornal de Louzada* publicou um artigo onde era relatada a vontade do Visconde de Nevogilde de construir uma igreja em Santa Marinha de Lodares. No entanto, este *brasileiro*, reconhecido na cidade do Rio de Janeiro pela sua intensa atividade filantrópica, auxiliou e custeou as obras de recuperação da Capela de Nossa Senhora da Ajuda. A 7 de novembro de 1909, o mesmo Conde visitou as obras desta capela, tal como o comendador José Ferreira Ribeiro de Meireles, apoiaram as referidas obras. Assim, o Visconde de Nevogilde propôs-se pagar a conclusão da torre sineira,



Figura 4 - Capela de Nossa Senhora da Ajuda (Nevogilde)

incluindo a colocação de 4 sinos e do relógio, enquanto o outro *brasileiro* financiou o pavimento em madeira, o douramento dos altares e novas sanefas. A maior parte das contas foram suportadas pelo conde de Nevogilde, pois este pagou a construção da torre, os quatro sinos, o para-raios, o revestimento a mosaico na torre, os dois mostradores de mármore e o relógio. A 20 de dezembro de 1909, realizou-se o batismo solene dos sinos novos, construídos numa fundição em Rio Tinto e adquiridos à Casa Alexandre António Leão e Filhos, da rua do Heroísmo, na cidade do Porto e que foram dedicados à Nossa Senhora da Ajuda pelo Conde de Nevogilde. Em maio de 1910, o relógio adquirido pelo conde para este edifício esteve em exposição numa relojoaria no centro da vila de Lousada.

No ano seguinte, nos dias 27 e 28 de agosto, realizou-se uma grandiosa festa de inauguração oficial das obras de restauro e no final, foi descerrado um retrato a óleo do conde de Nevogilde, oferecido pelo abade da freguesia.

Ao longo da segunda metade do século XIX e do primeiro quartel do século XX, os *brasileiros* beneméritos criaram formas de visibilidade social e de afirmação da sua religiosidade, nomeadamente numa clara tentativa de procurar o perdão dos seus pecados. Estas formas de notoriedade social eram noticiadas pela imprensa local e nacional, destacando os jornalistas a atitude de filantropia desempenhada pelos emigrantes, quer em Portugal, quer no Brasil. No entanto, nem todos *brasileiros*, nem todos ricos, nem todos sem herdeiros, mas quase todos desejosos de retirar benefícios múltiplos dos seus atos em favor dos outros. Os habitantes das diferentes localidades do Norte

128 de Portugal assistiram à construção de grandes edifícios religiosos ou à realização de grandiosas festas em honra do orago e os brasileiros obtiveram o seu reconhecimento face aos seus conterrâneos.

Bibliografia

ALVES, Jorge Fernandes (1999) – Variações sobre o “brasileiro”: tensões na emigração e no regresso do Brasil”, in *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 191-222.
ARAÚJO, Maria Marta Lobo de (2007) – “A presença de brasileiros no Santuário de Nossa Senhora do Porto de Ave (séculos XVIII a XX)”, in *A Emigração Portuguesa para o Brasil*. Porto: Edições Afrontamento/CEPESE, pp. 467-480.
BARREIRO, José do (2021) – *Monografia de Paredes*. Paredes: Câmara Municipal de Paredes.
LEAL, Augusto Soares Barbosa de Pinho (1873) – *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Livraria Editora de Matos.
MENDES, J. J. (2002) – *Santuário de Nossa Senhora da Piedade e Santos Passos – Penafiel*. Penafiel: Edição de Confraria de Nossa Senhora da Piedade e Santos Passos de Penafiel.
MIRANDA, Cybelle Salvador; GRILLO, Fernando Jorge Artur; PINHO, Joana Maria Balsa Carvalho de (2015) – “Classicismo nos Hospitais da Misericórdia e da Beneficência na segunda metade do século XIX: trânsito entre Brasil e Portugal”, in *ARTis On*, pp. 232-237.
MONTEIRO, Miguel (2000) – “Representações Materiais do Brasileiro e construções simbólicas do retorno”, in *Camões Revista de Letras e Culturas Lusófonas*.

NETO, Alda (2014) - “Gaspar Ferreira Baltar, um “brasileiro” n’O Primeiro de Janeiro” in *VIII Seminário Internacional A Emigração Portuguesa para o Brasil - Portugal e as Migrações da Europa do Sul para a América do Sul*, Porto: CEPESE, pp- 218-237.
NETO, Alda (2011) – *As Casas de Brasileiros no concelho de Paredes*. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
NETO, Alda (2009) - “Os «Brasileiros» de Paredes - dois percursos de beneficência e de esquecimento” in *IV Seminário de Emigração Portuguesa para o Brasil - Nas duas margens - os Portugueses no Brasil*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 505-520.
PEREIRA, Maria Conceição Meireles (2000) – “Os Brasileiros Notáveis e... os Outros”, in MAGALHÃES, Joaquim Romero (coord.), *Os Brasileiros de Torna-Viagem*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 359-369.
SÁ, Isabel dos Guimarães (2000) – “Misericórdias, Portugueses no Brasil e Brasileiros”, in MAGALHÃES, Joaquim Romero (coord.), *Os Brasileiros de Torna-Viagem*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 117 – 133.
SILVA, Francisco Ribeiro da (2000) – “Brasil, Brasileiros e Irmandades/Ordens Terceiras Portuenses”, in MAGALHÃES, Joaquim Romero (coord.), *Os Brasileiros de Torna-Viagem*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 135-147.
SOUSA, António Gomes de; COELHO, Manuel Ferreira (2001) – “Natural de Penafiel – o Fundador de “O Primeiro de Janeiro””. *Temas Penafidenses*. Penafiel. [s. ed.], volume IV, p. 103-107.
VIEIRA, José Augusto (1987) – *O Minho Pitoresco*, Tomo II. Valença, Edição do Rotary Club de Valença, p. 333-351; 567-586.

MOSTEIRO DE SANTO ESTÊVÃO DE VILELA, PAREDES: UM LUGAR COM HISTÓRIA. UM PATRIMÓNIO A REDESCOBRIR

Maria Antónia Silva, Chefe de Divisão da Cultura e Turismo

O Concelho de Paredes, na altura concelho de Aguiar de Sousa, acolheu no seu território, desde tempos medievos, quatro edifícios monásticos, nomeadamente o mosteiro de São Pedro de Cete, o de Santa Eulália de Vandoma, o de São Salvador de Lordelo e o de Santo Estêvão de Vilela, quer evidenciam, claramente, a importância estratégica de povoamento desta área geográfica. Todas estas casas conventuais encontram-se estudadas, umas mais do que outras, mas ainda há muito a investigar e a dar a conhecer sobre estes lugares ricos em história. Só sabendo a história destes locais é que cada um de nós pode passar a identificar-se, a sentir-se parte dela e, só assim, proteger e valorizar. Com base nestas primícias, este breve texto pretende dar um contributo para a história do Mosteiro de Santo Estêvão de Vilela.

O Mosteiro de Vilela, classificado como Monumento de Interesse Público pela Portaria nº 422/2013, DR 2ª série, nº 122, de 27 de junho de 2013, a qual também define a

ZEP, localiza-se no lugar do Mosteiro, freguesia de Vilela, concelho de Paredes, junto à estrada municipal 602, que liga as freguesias de Cristelo e Rebordosa. Atualmente enquadra-se numa paisagem com características de transição do rural para o urbano.

Este Lugar com história carece de alguma dedicação em termos de investigação arqueológica e histórica, que permita trazer à luz do dia os seus valores patrimoniais e identitários essenciais para a preservação da memória coletiva de Paredes.

O Mosteiro de Santo Estêvão de Vilela é uma importante estrutura conventual de origem medieval, profundamente reformulada na época Moderna. Terá sido fundado no século X (980), por Fromarigo Espacendis e Dona Vivili Ermiges, sua mulher e respetivos herdeiros, na sequência da doação de bens essenciais para o culto litúrgico, incluindo várias Vilas e Igrejas (AMADO 1870). Em 1128, D. Teresa dá Carta de Couto ao Mosteiro de Vilela, que inicial-

mente era habitado por uma comunidade dúplice, vivendo sob a Regra Beneditina. Mais tarde recebe os cônegos Regrantes de Santo Agostinho, unindo-se à congregação de Santa Cruz de Coimbra, em 1594. No início do século XVII une-se *in perpetuum* ao Mosteiro da Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia, da mesma ordem religiosa (MELO, SOUSA, VASCONCELOS, 1999).

Na sequência da extinção das ordens religiosas em 1834, o edifício do Mosteiro é vendido em hasta pública, no ano de 1842, tendo sido adquirido por António Joaquim Seabra, um brasileiro de torna-viagem, mantendo-se na família até 15 de outubro de 2006, altura em que o edifício e a cerca passaram para propriedade do Município de Paredes.

Evolução Arquitetónica e Evidências do Mosteiro de Santo Estêvão de Vilela

Período medieval (séculos X- XV)

Os vestígios remanescentes da fase primitiva do Mosteiro de Santo Estêvão de Vilela são escassos, mas seria uma estrutura medieval de características românicas. A igreja original terá entrado em degradação e sido destruída por um forte temporal, em 1749, situação que levou à sua demolição e construção de uma nova (GONÇALVES 1980). Os elementos arquitetónicos medievais terão sido reaproveitados nas reconstruções, tais como um fragmento de uma cruz eucarística ou de sagração que se encontra embutida, por cima da padieira de uma porta interior. Na ala norte, uma cruz toscamente esculpida inserida no paramento da parede exterior da mesma ala, assim como no coroamento encontrava-se um bloco de pedra com uma face decorada, que funcionava, juntamente com outros, para altear a colocação do travejamento da cobertura (Fig.1). Na ala sul, também se recolheu uma pedra decorada e um fragmento e coluna numa área de enchimento de uma caixa de ar (Fig.2). No interior da ala oeste encontra-se um sarcófago de granito, recentemente adaptado para “lagar”. No início do século XV, por iniciativa



Figura 1

de D. Gil, Bispo do Porto, foram realizadas obras de construção de uma capela em honra de Santa Maria ou Nossa Senhora das Neves (GONÇALVES 1939).

Período moderno: Regime dos Comendatários – século XVI

Com a transição do mosteiro para o regime comendatário, atribuída ao século XVI, registam-se obras de adaptação e melhoria, promovidas pelos abades comendatários, especialmente pelo último, António Brandão. Apesar da insuficiência de elementos preservados deste período, alguns vestígios arquitetónicos de características seiscentistas foram identificados, como silhares chanfrados nas fresta e ombreiras da ala sul e um fragmento de uma coluna chanfrada, encaixada numa parede, no interior de umas das divisões.

No entanto, o regime comendatário, que durou cerca de 120 anos, foi marcado por decadência progressiva, culminando na ruína da estrutura monástica.

Como já referimos, em 1749 um forte temporal terá destruído a igreja e as dependências do mosteiro. Dá-se então início à construção da nova igreja, em 1752, tendo sido transitadas as celebrações religiosas para a capela de Santo António, atualmente no interior do cemitério. A construção da igreja nova passa a ter a orientação norte/sul e tudo o resto relacionado com o mosteiro desenvolve-se para oeste, numa configuração quadrangular (GONÇALVES 1939).

Período Contemporâneo: Adaptação e Reutilização (Séculos XIX e XX)

Após a extinção das ordens religiosas em 1834, o Mosteiro de Santo Estêvão de Vilela foi vendido em hasta pública, em 1842, a Joaquim António Seabra, iniciando uma nova fase como edifício residencial. Os registos da época mencionam que o imóvel incluía dormitório, refeitório, cozinha e mais oficinas que lhe pertenciam.

De acordo com requerimentos de títulos de arrendamento, datados de 1839, Joaquim António Seabra já se encontrava, nesta altura, a morar e a pagar renda nas Casas do extinto Hospício do Mosteiro de Vilela. Em abril de 1840, faz um requerimento para arrematação de todas as propriedades e pertenças do mesmo extinto mosteiro, incluindo a casa que servia de residência ao pároco e o pequeno quintal. Em 1841, remete para Lisboa o requerimento para arrematação dos bens, mas com condições associadas, nomeadamente no que respeitava ao uso da porta do mosteiro e no acesso ao coro alto da igreja.

Posteriormente, António Joaquim de Seabra vai referindo a existência de alguns espaços funcionais já adaptados a habitação civil, tais como a sala das visitas, o corredor do relógio, a loja por baixo do salão, chamada a dos tonéis, a cavalaria, a cozinha e o lavadouro de tanque com águas precisas em todo o tempo do ano. Há, também, referências constantes à casa da tulha, à casa da eira e à eira.

Na segunda metade do século XIX, uma das casas anexas

130 tornou-se residência do pároco, enquanto outra foi adaptada para funcionar como escola. Os registos orais dos últimos proprietários da Casa do Mosteiro indicam que esta igualmente servia de local para retiro e campo de férias para jovens, utilizando as antigas celas como alojamento. No final do século XIX e início do século XX, o rés-do-chão da ala norte acolheu uma Botica, pertencente à família Seabra.

Durante este último período, o edifício sofreu, portanto, profundas alterações no interior, tendo sido seccionados espaços anteriormente amplos. Estas transformações tornaram o edifício monástico numa casa senhorial típica.

Atualmente, a edificação caracteriza-se por planta em U, apenas com a ala Norte adossada à torre da igreja, definindo um pátio fechado quadrangular, tendo um muro paralelo ao corpo do templo que encosta ao corpo sul. As três alas apresentam coberturas diferenciadas em telhado de duas águas. O corpo oeste é de planta cruciforme, destacando-se a meio por um corpo transversal, ligeiramente mais saliente e mais alto. Na fachada este, voltada para o interior, sobressai uma varanda alpendrada, com cinco arcos semicirculares que se abrem para um patamar de onde partem dois lanços de escadas em direções opostas. Aguardamos que futuros trabalhos arqueológicos permitam novas leituras e interpretações.

Considerações Finais

O Mosteiro de Santo Estêvão de Vilela é muito mais do que uma estrutura física – é um símbolo da evolução histórica e cultural. Desde a sua fundação medieval até à adaptação contemporânea, o edifício passou por sucessivas transformações que refletem as mudanças nas dinâmicas religiosas, económicas e sociais da região. A aquisição do imóvel pela Câmara Municipal de Paredes, em 2006, marcou o início de uma nova fase para o mosteiro, possibilitando a sua preservação e reintegração na vida comunitária.

A inclusão de bens móveis, como o quadro a óleo de Joaquim Seabra, documentos, correspondência, livros e objetos de uso quotidiano, enriquecem ainda mais o potencial deste espaço como testemunho de uma época. Esses bens não só complementam a narrativa histórica do mosteiro, mas também ajudam a construir uma ponte entre o passado e o presente, preservando memórias e tradições, que moldaram a identidade local.

Atualmente, as obras de adaptação para a criação do Museu do Mobiliário representam um passo essencial na valorização deste património. A escolha do mobiliário como tema central do museu é uma homenagem à tradição e à arte de trabalhar as madeiras, profundamente enraizadas na identidade do concelho de Paredes. A musealização do mosteiro, além de assegurar a preservação do monumento, é uma forma de contar a sua história, de tornar o seu património acessível ao público e de promover uma maior ligação entre as comunidades e o seu legado cultural.

Mais do que um resgate do passado, o Mosteiro de Santo Estêvão de Vilela é uma oportunidade para projetar o futuro, envolvendo a sociedade no seu processo de preservação e revalorização. A história do mosteiro não deve ser encarada apenas como um reflexo de tempos antigos, mas como uma base para a construção de uma consciência coletiva que une património e contemporaneidade.



Figura 2

Documentação manuscrita

Biblioteca/Arquivo Municipal de Paredes - Mosteiro de Vilela – Fundo documental (Não tratado):

1839 -- Requerimento, de Joaquim António Seabra a Sua Majestade, do Título de Arrendamento das Casas do extinto Hospício da freguesia de Vilela, no concelho de Paredes, ou suspender pelo facto de ter feito um requerimento à Junta do Crédito Público para arrematação de todas as casas que se acham em hasta pública.

1839 junho – Requerimento, de Joaquim António Seabra a Nossa Majestade, para se digne mandar passar o Título de Venda, na forma e condições indicadas.

1840 abril – Requerimento, de Joaquim António Seabra a Nossa Majestade, com a Avaliação das propriedades, para se digne mandar passar o Título de arrematação de todas as indicadas propriedades e suas pertenças.

1840 abril – Requerimento, de Joaquim António Seabra a Nossa Majestade, para se digne mandar passar o Título de arrematação de todas as propriedades e pertenças indicadas.

1840 agosto – Requerimento, de Joaquim António Seabra a Nossa Majestade, para se digne mandar passar o Título de Venda e arrematação das propriedades.

1841 julho – Requerimento, de Joaquim António Seabra a Nossa Majestade, do Título de Venda e arrematação das propriedades e respetivas condições.

1842 março – Alvará da Compra em hasta pública por Joaquim António Seabra.

1856 – 1871 – Livro de Lembranças e Despesas de José da Costa Nogueira.

Bibliografia

AMADO, José de Sousa (1870) – *História da Igreja Católica em Portugal, no Brasil e nas possessões Portuguezas*. Tomo I. Lisboa: Typografia de G. M. Martins. p. 214.

GONÇALVES, A. Nogueira (1980) – *A Igreja Medieval do Mosteiro de Vilela (Porto). Estudos de História da Arte Medieval*. Coimbra: Epartur. pp.143-151

MELO, António Maria; SOUSA, José J. Rigaud; VASCONCELOS, Flório (1999) – *O Mosteiro Stº Estêvão de Vilela em Paredes e os Cónegos Regrantes de Stº Agostinho. Actas do Congresso: Maia, História Regional e Local*. pp. 133 – 172 (Separata).

SILVA, Maria Antónia (2022) – *Projeto de Conservação de coberturas, paramentos e vãos exteriores do Mosteiro de Vilela. Acompanhamento arqueológico. Relatório Final. Relatório aprovado em 27-09-2023 pela DGPC*.

PERSONALIDADES

LEONARDO COIMBRA E ASTROMIL

António Aresta, Professor e Investigador



I

No antigo lugar do Carreiro, em Astromil, serra de Baltar, na estrada nacional que segue em direcção à cidade do Porto, encontra-se no lado direito uma construção em forma de monumento ou arca funerária, que pretende ser evocativa de um grave acidente, ocorrido em Dezembro de 1935 e que vitimaria Leonardo Coimbra. Nessa construção foi colocado, e muito bem, este pensamento luminoso de Leonardo Coimbra: “O homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas o obreiro de um mundo a fazer”. A ideia da construção de um marco evocativo ou de um monumento singelo, dedicado a Leonardo Coimbra, sempre foi considerado um gesto de grande nobreza, com um significado cultural e moral dignos de realce. Mas, da teoria à prática, a concepção desse monumento deixou muito a desejar em termos estéticos, de enquadramento espacial e simbólicos. Por isso, desde o início ficou envolvido em polémicas desgarradas que obscureceram e retiraram valor à iniciativa. Lembro, a propósito, o artigo de Ercílio de Azevedo, “Continua a ofensa do Carreiro... Não há quem respeite o nome de Leonardo Coimbra?” [Revista O Tripeiro, 7ª série, Ano XVIII, Nº 7-8, Julho-Agosto de 1999, pp. 243-244]. É impossível não concordar com a elegante contundência dos seus argumentos.

II

Parece-me importante recuperar a memória possível desse trágico acidente de viação, nos idos de 1935. A recons-

tituição desse acontecimento foi escrita por Sant’Anna Dionísio [1902-1991], antigo aluno de Leonardo Coimbra, escritor, professor e filósofo. Esta descrição é uma obra de arte literária: “Na Lixa, visita a mãe e os irmãos. Saúda diversos conhecidos. Mostra-se quase alegre perante as pessoas que o cumprimentam. O regresso começa já de noite, noite escura e brumosa de inverno. O carro, conduzido por homem de profissão, galga as longas rectas planálticas de Vila Meã e Casais Novos, tão íntimas da sua infância. Leonardo Coimbra, depois de apressar o condutor, fica em silêncio. Vai tão absorvido nos seus pensamentos que não vê talvez os vultos das árvores nem as casas que os faróis iluminam fantasmaticamente na estrada deserta. São onze horas da noite quando passam em Penafiel. O carro, rápido, trespassa a custo, com as suas luzes, a cortina cinzenta do nevoeiro. De repente, ouve-se um brado – “Para a esquerda!”. Mas já era tarde. O carro, ao descrever uma das velhas curvas da encosta íngreme de Baltar, saía fora do macadame e tombava sobre um hortejo fundo, voltando-se sobre ele mesmo. Os ocupantes, atirados aos baldões, encontram-se dentro do veículo, no escuro, atordoados e gementes, sem nada compreender. Após o baque – fica o silêncio. Gemem. Esforçam-se. A noite é opaca e profunda. À volta, nem viva alma. Chuva, nevoeiro cerrado e pinhais temerosos. Ao fim de muito tempo (meia hora? uma hora?) de sofrimento e de luta, um dos ocupantes, o condutor do carro, consegue libertar-se e ir às apalpadelas, cambaleando, pedir auxílio a uma casa de lavoura que descobre na escuridão. Acode gente. Os feridos são conduzidos para o casebre. Leonardo Coimbra, banhado em suor, torcendo-se com dores, é recolhido no leito rústico do pobre homem. O companheiro, embora ferido, anima-o – “isto não é nada”. Mas o pensador com os olhos muito abertos, não responde e concentra-se nas suas dores. Os socorros tardam – porque a estrada continua erma. Por fim, passa um automóvel velho e descapotável. Decidem aproveitá-lo. O pensador é envolvido em uma manta e deposto nesse transporte do acaso. A viagem faz-se num desconforto extremo. O ferido, mal amparado e sob a ardência já da primeira febre, recebe no rosto o golpe frio do nevoeiro e da noite. Atravessam a serra de Valongo. Aproximam-se as luzes do Porto. Cerca de uma hora da noite chegam ao hospital. Leonardo Coimbra, incapaz já de vencer as dores cruciantes, transpõe o átrio aos gritos, estridentes – como

132 Antero quando era transportado, arquejante, do banco do jardim. No meio do seu sofrimento, o pensador exclama: - 'Ofereço a Deus estas dores para que salve o meu filho'. Era o pressentimento do fim. E na realidade, na noite seguinte, iludindo todas as esperanças da medicina e dos amigos que confiavam no seu hercúleo arcaboço, Leonardo Coimbra caía nos braços álgidos e esfíngicos da Morte" [Sant'Anna Dionísio, 'Biografia', in, Vários, Leonardo Coimbra, Testemunhos dos Seus Contemporâneos, edição da Livraria Tavares Martins, Porto, 1950, p. 423].

É , pois, como lembrança desse terrível acidente que surgiu a iniciativa de se fixar nesse local um sinal evocativo, com dignidade estética, que desafiasse a usura do tempo e a desmemória dos homens.

III

Mas, quem foi Leonardo Coimbra?

Leonardo José Coimbra [29.12.1883/Borba de Godim, Lixa - 02.01.1936/Porto], professor, conferencista, filósofo, orador, político e escritor é uma personalidade complexa e uma das grandes figuras da cultura portuguesa. Estudou no Colégio do Carmo, em Penafiel, na Academia Politécnica do Porto, na Universidade de Coimbra e no Curso Superior de Letras. Com Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão e outros funda, no Porto, o movimento Renascença Portuguesa, codirigindo a Revista A Águia.

Ministro da Instrução Pública por duas vezes, em 1919 e em 1923. Fundou a Faculdade de Letras na Universidade do Porto, da qual foi o primeiro director. Foi deputado no Parlamento, em 1919 por Penafiel e em 1922 pelo Porto.

A sua obra é muito extensa e dela registo estes títulos: O Criacionismo - esboço dum sistema filosófico, 1912; O Pensamento Criacionista, 1915; A Alegria, a Dor e a Graça, 1916; A Luta pela Imortalidade, 1918; A Questão Universitária, 1919; A Razão Experimental, 1923; O Problema da Educação Nacional, 1926; A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre, 1935.

A bibliografia dedicada a Leonardo Coimbra é vastíssima, sendo proporcional ao seu valor e à sua importância nos estudos filosóficos em Portugal.

Entre os seus mais importantes discípulos contam-se figuras como Sant'Anna Dionísio, José Marinho, Álvaro Ribeiro ou Delfim Santos.



IV

Uma proposta para um novo monumento.

Os Professores de Filosofia da Escola Secundária de Paredes apresentaram à Câmara Municipal de Paredes, há mais de uma dúzia de anos, uma proposta para a requalificação daquele espaço porque estavam cientes do seu valor simbólico, educativo, patrimonial, cultural e turístico. A resposta, essa nunca veio.

O que outrora se pedia é o que hoje de novo se torna a pedir.

No mesmo local, após um rearranjo estético, deveria ser colocado um bloco de granito, com uma dimensão generosa, onde fosse aposto um medalhão em bronze com a efígie do filósofo. Em baixo, o mesmo pensamento: "O homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas o obreiro de um mundo a fazer".

Simples, digno e atractivo para o turismo de cultura com educação cívica. Sem esquecer o convite à Família de Leonardo Coimbra para cooperar na iniciativa.

Haverá nos dias de hoje, vontade política e sensibilidade cultural para se fazer a mudança que se impõe?

DANIEL FARIA E ANTÔNIO RAMOS ROSA: O SILÊNCIO DOS POETAS

Ana Viegas, Doutoranda em Literatura na Universidade de Évora

Antônio Ramos Rosa, enquanto homem e enquanto poeta, é todo um sistema traduzível numa cosmogonia. Neste sistema, são várias as razões que explicam o lugar de destaque que o silêncio ocupa na poesia do autor, com uma relevante referência ao vocabulário do “nulo”, do “nu”, do “nada”. Podemos começar por sinalizar a incursão desta classe de vocábulos e da sua consequente atmosfera nos “desertos” de Daniel Faria, ou naqueles espaços, por ele criados, onde o não-lugar efetiva a ocupação do espaço. Percebemos o diálogo que os dois poetas estabelecem e que, em Ramos Rosa, se constroem nesses espaços que são “Como uma sombra vã / como uma sombra inútil / numa rua estreita / numa árvore seca” (ROSA, 2018) e que, em Daniel, despem-se para mostrar que “Largo é o aberto abandonado / E o vazio é para quem sustenta / De leveza o ramo (...)”. (FARIA, 2021, p.33). Trata-se da visão da literatura como um cosmos, que se configura numa elucidação que o autor lança sobre a coisa literária e sobre o modo como nos comunica o seu entendimento, o qual pode ser paradigma de um diálogo com o universo, integrando uma reflexão meta-poética explicativa do(s) mundo(s) do sujeito. Contudo, com esta conceção não se pretende proceder a qualquer tipo de totalização sistematizadora, revelando-se, antes, como um processo que não se agrega a qualquer facilitismo na medida em que “A essência da palavra é o que esconde o seu corpo de sombra, não o que revela.” (LOURENÇO, 1999, p.8). Partindo da inferência do silêncio como um corpo de sombra, emergem algumas implicações com relevantes ressonâncias semânticas porque “Um sistema poético pode ser tanto mais enigmático e abundante (de propostas) quanto mais se rarefazem os seus materiais, quanto mais o poeta se aproxima da sombra ou do silêncio.” (BRITO, 1999, p.87). E são, também, esses materiais que os dois poetas partilham: vocábulos como pedra, fogo, casa, silêncio, noite ou escada, entram em diálogo.

Se em Ramos Rosa “Continuam também a existir / outras coisas que dão matéria para poemas” (ROSA, 2018), em Daniel Faria “A pedra tem a boca junto do ouvido” (FARIA, 2021, p.49).

Se Ramos Rosa escreve “Sobre o silêncio do fogo”, Daniel Faria “Poderia escrito (...) / de ter visto no deserto / O silêncio, o fogo e o dilúvio” (FARIA, 2021, p.19).

E, se Ramos Rosa fala de “Quem ouviu tal silêncio / que viu tal deserto” (ROSA, 2018), Faria fala-nos de “Superfícies intensas sem ruído – as nascentes” (FARIA, 2021, p. 201).

Efetivamente, aqui subjaz uma condição do poeta enquanto “explorador da penumbra”, em visões do seu mundo interior, mas, também, em rasgos de um olhar que se estende ao universo dialogante. Contudo, o seu mundo interior nem sempre é sinónimo da causa introspetiva. Encontramos, nos dois poetas, a expressão da impotência da palavra confinada ao cárcere da linguagem, numa condição de desalento existencial:

- “(...) estou num quarto só num quarto / com os sonhos trocados / com toda a vida às avessas num quarto só.” (ROSA, 2018).

- “Estou no meio das paredes brancas. / Quatro paredes: a minha cela, / O freio, a solidão e o meu catre.” (FARIA, 2021, p.57).

Incontornável é, em Ramos Rosa, o processo de diálogo com o real. Não obstante, é factual que existe um silêncio que emana do poema, que se relaciona com a forma e o modo como se convocam as palavras (até nas próprias palavras) e que, de acordo com o ímpeto criativo, aporta em sentidos funcionalmente autónomos, como entidades independentes do real e a partir do qual surgem as imagens. Deteta-se aqui, uma “(...) abertura para novas relações de linguagem, subjetividade, tempo e mundo, levadas a cabo por meio de metáforas e recursos visuais, sonoros e rítmicos que remetem para espaços de esvaziamento” (ERTHAL, 2015, p.17), tradução de um percurso conducente ao silêncio apontando para o horizonte da plenitude.

Destarte, a palavra poética, na sua vibração de independência do real, não pode substituí-lo nem tampouco nele eclipsar-se. Neste sentido, evidencia-se que, para Ramos Rosa, “(...) a poesia era essencialmente a possibilidade de converter a realidade no que era a sua essência traída, oculta ou asfixiada na sua liberdade inaugural e verdadeira.” (OSÓRIO, 1999, p.24). Esta aceção sugere-nos, então, questionar: em que ponto se situa esta liberdade inaugural? Arriscamos apontar para a existência de um silêncio antes da criação, onde tudo é possível, onde se dá a génese propulsora da engrenagem que se constitui como linguagem (paradigma do sentido da vida), o centro medular propagante de ilimitados sentidos: “O silêncio é um prelúdio de abertura (aproximação) à revelação, abre uma passagem, envolve grandes acontecimentos, dá às coisas grandeza e majestade, marca um progresso. O silêncio dita as regras monásticas, é uma grande cerimónia.” (BORGES, 2012, p.213).

134 Todavia, o silêncio não marca “apenas” o lugar de origem - ele prolifera ao longo de todo o poema, potenciando um jogo de alternância. Ele acontece não só nos interstícios das palavras, mas, também, na dimensão semântica, intensificando-as no encaixe de uma amplificação, num pacto que se estabelece entre silêncio e palavra cuja leitura individualizada estaria destinada a uma não-existência. Configura-se, assim, como um todo, um sistema de partículas que forma o corpo do poema numa relação simbiótica entre o silêncio e a palavra, e entre Ramos Rosa e Faria:

*Um riso canta no fogo / Na cumplicidade das mãos
/ A grande paz de um segredo / Os olhos vêm a neve
Sobre o silêncio do fogo / A palma doce da mão / E
contra a noite que avança / Todo o fogo do segredo*
(ROSA, 2018)

*Anoitece como num dia de acidentes.
De noite viajo pelo tacto.
Ponho também o ouvido sobre a face dos signos
E decifro a noite escura como um astro
Uma estrela, um silêncio, pois vivo das palavras
Como líquen nelas.
Peço que a luz elétrica ilumine o homem
E subo golo a golo essa corrente.
Na sombra gero os olhos cheios de água
Apago a casa cheia de janelas.*(FARIA, 2021, p.81).

Estamos perante duas imagens que nos falam do silêncio - duas imagens do silêncio. Importante é, neste processo, a força das imagens e a sua relação com o silêncio. Na poesia de Ramos Rosa, como na de Daniel Faria, a ênfase imagética impõe-se como uma evidência na qual símbolos e alegorias convocam novas leituras que se traduzem na liberdade poética restauradora da sua génese que, como já havíamos referido, é lugar do silêncio. Sinalizamos, aqui, a similaridade com a poética de Faria na qual as imagens adquirem um importante estatuto. Daqui inferimos a imagem como procedimento do indizível, como fruto do silêncio e como conteúdo do despojamento, que assinala um outro extremo do silêncio - o fim do poema e a condição do “pós poema”, numa poética que se estrutura na palavra do silêncio e no silêncio da palavra.

Voltando à relação que se estabelece entre o silêncio e o real, importa sublinhar a impossibilidade de atingi-lo, tal como no universo poético de Daniel. Esta impotência resulta do tanto que o real resiste à linguagem. Dá-se, então,

*(...) uma tomada de consciência por parte do poeta
daquilo que as palavras nunca podem dizer, daquilo
que nunca poderá ter lugar em qualquer língua. É
aqui, neste lugar deixado vazio por tudo aquilo que
a palavra não pode dizer, que se inicia o silêncio (...),*

*a imagem do que não pode ser dito, a busca cega do
poeta pelo indizível, pela tentativa de superação da
insuficiência da linguagem.* (COSTA, 2021, 165).

E é neste contexto que ambos os poetas abandonam a linguagem já gasta, para a ressignificar e, assim, escreverem palavras sobre palavras numa estratigrafia complexa, na qual as imagens também participam. É um processo que, silenciosamente, acontece.

Bibliografia

- BORGES, ANTÓNIO (2011) - Poética do(s) sentido(s) - as gravitações de António Ramos Rosa. In M. Real, C. Baeta (Eds.), *Letras com Vida - Revista de Literatura, Cultura, Arte*, n.4 (pp.212-217). Lisboa: Gradiva. [consult.30agosto2023] Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/28864>.
- BRITO, C. (1999) - Sete Fragmentos sobre António Ramos Rosa. In C. Sousa, F. Amaral, G. Cruz (Eds.), *Revista Relâmpago*, n.4 (pp. 87-89). Lisboa: Fundação Luís Miguel Nava e Relógio D'Água Editores.
- COSTA, António. (2012) - António Ramos Rosa: alguns aspetos. In M. Real, C. Baeta. (Eds.), *Letras com Vida - Revista de Literatura, Cultura, Arte*, n.4 (pp.195- 206). Lisboa: Gradiva.
- ERTHAL, Aline (2015) - António Ramos Rosa: a potência da indecibilidade [Comunicação em painel]. In *Anais do VI Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação de Estudos de Literatura*. Universidade Federal Fluminense. [consult.23 julho 2023] Disponível em: <http://www.anaisdosappil.uff.br/index.php/VISAPPIL-Lit/index>.
- FARIA, Daniel (2021). *Poesia* (3ª ed.). Porto: Porto Editora.
- LOURENÇO, Eduardo (1999). Palavra com poeta dentro. In C. Sousa, F. Amaral, G. Cruz (Eds.). *Revista Relâmpago*, n.4 (pp. 7-8). Lisboa: Fundação Luís Miguel Nava e Relógio D'Água Editores. (2018). *Obra Poética*. Porto Editora.
- ROSA, António (2018) 9- *Obra Poética*. Porto Editora.
- OSÓRIO, Amparo, CRISTO, Gonçalo (1999) - Entrevista a António Ramos Rosa. In *Revista Relâmpago* (pp. 23-30). Fundação Luís Miguel Nava e Relógio D'Água.

Daniel Faria
Alberto Péssimo

Tinta da China s/ papel





PAREDES – DO ABSOLUTO NA TERRA EM DANIEL FARIA

Olinda Loureiro, Professora de Literatura

Daniel Faria é um dos mais dotados escritores místicos da literatura do último século.

Daniel Faria deixa uma obra poética de vanguarda que o faz subir à imortalidade.

A comunicação de Daniel Faria com o outro, em várias formas de escrita, põe em destaque uma longa viagem em busca do absoluto, desde o silêncio em que se gera o início da palavra textual até ao Livro final, que o autor organiza metodicamente como um artesanato.

À luz da obra de DL [leia-se Daniel] destacamos as principais mensagens dos Eus do autor que nasce num lugar simples e frágil de Paredes e acede ao transcendente, ou seja, aquilo que é definitivo, o ser em si mesmo.

Daniel Faria, o poeta situado no mundo empírico, entrelaça de tal forma a imanência com o absoluto da terra que os elementos naturais e a realidade humana surgem em imagens metamórficas, delas fazendo emergir o “indizível”, ou seja, a parição visível do absoluto. Numa escrita genesíaca, DL revela o seu mundo de Baltar com as plantas germinadoras de semente, cabendo à árvore, com semente nela, a visão da Mãe *em si*.

Na verdade, no seu processo individual de escrita, DL visiona em cada aparição de uma realidade concreta e singular de Paredes um ser transcendente, uma plenitude de ser. Em *visões* de esteta, numa aventura do imaginário, o escritor parte da imanência da terra de Baltar, sobejamente conhecida por si, e comunica ao outro o “aqui” do mundo “para si”, e, por intuição reveladora, uma *presença* do transcendente.

Em Paredes, *topos* da terra natal da criança que, desde a infância desejava ser padre e subir em direção às estrelas, Daniel Faria multiplica-se no homem e na natureza, em busca do absoluto, desdobrando-se entre o homem e o divino.

A fim de compreendermos melhor as vertentes criativas de DL, vamos partir do processo ante-histórico e fonte da história “que é a articulação da aventura individual (ou existência do *em si*) com o acontecimento absoluto (ou surgimento do *para si*)”, pela consciência. Segundo Sartre, cabe ao metafísico decidir se o movimento é, naquele início, uma “primeira tentativa” “do em-si para se fundar...” (SARTRE, 2023, 731).

A fim de provar, com citações da *Bíblia Sagrada* (SOARES, 1956, 1-2), comecemos por imaginar Daniel em menino, numa sociedade rural, a ouvir a história do nascimento do

mundo, enquanto contemplava as estrelas. Era no Antigo Testamento (no Pentateuco) que Moisés contava o *Génese*, isto é, a criação do mundo:

O Espírito de Deus “movia-se sobre as águas.”. Então, “Deus disse: Exista a luz.” e, por isso, a luz existiu. Em dias sucessivos, criou Deus a luz e as trevas. Chamou à luz dia e às trevas noite. Deus fez o firmamento e chamou-lhe céu. Separou as águas que estavam por baixo do firmamento das que estavam por cima dele.

E Deus criou na terra o elemento árido. E disse que produzisse “verdura”, plantas germinadoras de “semente” e “árvores” frutíferas. Com efeito, tudo isto se fazia com o poder do verbo divino.

Em seguida, Deus criou os luzeiros no firmamento do céu, que separam o dia da noite, como sinais, para alumiar a terra. Estes luzeiros do céu presidem ao dia e à noite, sendo que o maior e o outro menor, junto com as estrelas, luzem sobre a terra e separam a luz das trevas. Até que Deus disse para se encherem as águas de seres vivos, e para voarem “aves sobre a terra, debaixo do firmamento do céu”. Por fim, Deus criou animais viventes, segundo a sua espécie, animais domésticos, e répteis, e animais selváticos. E continuou, dizendo: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”, e que presida ao mar, ao céu e à terra.

E Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus.

Em suma, o *Génese* enuncia o poder criador do verbo divino, sendo óbvio que ao nomear, Deus cria a realidade do mundo. Do mesmo modo, através da palavra escrita, DL nomeia “a manhã” e a “noite”, a luz e as trevas, assim como nomeia os elementos da terra (ou da natureza). Ora, o poeta convoca-os de tal forma que (a lembrar Sophia de Mello Breyner Andresen), a realidade é transposta para o poema, comparecendo na escrita através da palavra. Mas DL vai mais longe: num movimento forte da imaginação, pela força do intelecto, faz dessa realidade nomeada emergir o metafísico.

Com efeito, na viagem subjetiva da escrita, as visões nascidas da percepção sensorial do meio rural da terra onde nasceu poeta causam espanto e maravilham o leitor, rendido ao poder da “phantasia e da imaginação” (ARISTÓTELES, 2023, 19). Através do signo linguístico, em arte do pensamento, Daniel metamorfoseia a terra de Paredes no absoluto. Com a alma de poeta, descobre o metafísico no mundo rural empírico.

Como diz a filósofa Maria Filomena Molder “é aqui, nesta terra, que todas as metamorfoses e todos os anseios se engendram, a cadeia dos seres, que se estende para lá dela, só é reconhecível a partir dela.” (MOLDER, 2020,10).

O próprio Daniel Faria afirma em *O Livro de Joaquim*: “O poeta é o que descobre. Isto é, o que vê primeiro” (FARIA, 2019, 62).

É óbvio que é com o recurso aos signos linguísticos, com referentes conhecidos desde a infância, que DL não só faz migrar para o texto a “manhã” e a “noite”, “os bois” e os “lobos”, e os “pássaros”, e as “medas” e a “casa” com “janelas”, e a “paisagem” que “era a mesma em cada uma” e “a árvore”, como também faz emergir o “indizível”, através de imagens metamórficas da terra.

Interrogamo-nos: Aqui, na terra, até que ponto a sua escrita é divina?

A partir das *visões*, a seguir apresentadas em poemas, Daniel, homem-cósmico, derruba as fronteiras entre o visível e o invisível na escrita. Na sua palavra estética caída da vertigem férrea do pensamento, em movimento contínuo de procura, irrompe a parição do absoluto. Num voo energético da sua consciência, DL flutua num plano divino do imutável, do impalpável. Através da poesia metafísica e religiosa (corrente poética de fundo filosófico a lembrar o panteísmo de Hegel) e através da *arte do pensamento* (segundo Pessoa), DL, na sua obra vanguardista, capta no *instante* o infinito.

Atentemos nos sintagmas (sublinhados meus) de alguns textos – reunidos em *Poesia* –, que revelam em *visões* os Eus poéticos na sua identificação com os elementos naturais e com a realidade-humana. Tudo isto surge em imagens de um todo do qual se desprende o absoluto (fig. 1 e 2).



Fig. 1

A manhã move a pedra sem raiz
O seu repouso de **árvore em flor**.
Qualquer astro é menos que o repouso
De uma **pedra em flor**.

(FARIA 2021, 23)



Fig. 2

A estrela nasce da raiz carbonizada

Do caule queimado

Da roda dos bois afogueados

Quando **em chamas** com cornos espigados
Passam entre medas que alumiam o caminho
para casa.

[...]

E há constelações na mão
Que leva o gado.

(FARIA, 2021, 32)

No poema seguinte, o eu poético, no amplo espaço vazio, encontra-se a si mesmo na ave que se une à árvore e, junto ao céu, a estrela-pássaro (o poeta) ilumina o canto, inferindo-se que no canto do imanente o transcendente se revela. (Fig. 3)



Fig. 3

Largo é o aberto abandonado
E o vazio é pata que sustenta
De leveza **o ramo. O pássaro**
amanhece
E o seu bico não fere o seu canto.

(FARIA 2021, 33)

Nada há na terra que não possa engendrar na ultrapassagem de si em si, unindo o homem a si próprio, unindo o homem a cada coisa, unindo o homem e cada coisa ao todo, ao coração da vida, ao batimento cósmico primeiro. O absoluto solta-se do carácter inexorável da vida e do seu elemento empírico...

(MOLDER, 2020,9).

Continuamos a viajar pela escrita de Daniel Faria. Num poema inédito de *Poesia*, o místico rumo ao ontológico, procura-O, na sua unicidade. Mas a própria consciência da *ausência* de *ser*, leva-o a procurar, na terra, essa unidade transcendente:

Também poderia ter escrito as visões
Se os olhos divididos em partes não sobrassem
No vazio da cegueira
E luz.

(FARIA, 2021, 19)

Ora, cada perfil do eu surge em aparições várias e cada uma delas convoca as outras, sendo cada uma delas uma “presença” de um ser transcendente na imanência.

Assim pois, Daniel Faria busca no corpo fragmentado “o ser essencial e inteiro”. Enrodilhado para dentro, o poeta místico vive cada estado de alma pela inteligência tal como Pessoa. DL, porém, expressa no “simples estilo” os Eus em que se multiplica. (PESSOA, s. d., 107). Com efeito, o seu estilo único escorre de um verbo tão “líquido” que causa espanto!

Eis que n’ *O Livro de Joaquim*, DL revela que a procura incessante do *ser* começa na escrita:

O seu último exercício de autocomplacência era escrever o seu nome vezes sem conta. Como Narciso a atirar pedras ao rio, perturbando a água, para ver o seu rosto reconstituir-se de novo.

(FARIA, 2019, 68)

É no Porto, em fevereiro de 1994, que DL descobre o poder da escrita, a seguir ao vazio sofrido pelo eu à morte do seu melhor amigo:

Pela primeira vez na vida me sinto ressuscitado: a morte devolveu-me a vida, a partida do meu melhor amigo devolveu-me o meu melhor amigo, o sofrimento devolveu-me a escrita, o vazio devolveu-me O [o absoluto] sempre presente.

Acredito que direi.

(FARIA, 2019,71)

A ânsia do absoluto é o que lhe há na alma. Recordamos Aristóteles que atribui importância à alma (Aristóteles chama-lhe *psykhé* e considera-a a essência do corpo, a possuir vida em potência).

Ora, é através do corpo do escritor que o divino se revela na palavra escrita. Segundo Aristóteles, na *Física*, “o intelecto consiste em algo de divino, a ser como tal antes e depois do corpo, dependendo da imaginação, *phantasia*, enquanto neste assim persiste.” (ARISTÓTELES, 2023,19).

É longo o percurso da passagem para “dentro da poesia” do místico que vê o metafísico e prende no seio do verbo o absoluto da terra. Através do conhecimento racionalizado, as ações do próprio corpo de Daniel e as sensações externas e internas do mesmo corpo vêm “transformar” o saber e o sentir de DL em coisa que, num movimento contínuo, vai do empírico ao metafísico, sem O fixar, “... pois que o empírico irrompe sempre em cada nova transposição, e o metafísico é sempre de novo absorvido pelo empírico, contribuindo para a sua eclosão.” (MOLDER, 2020,13).

Enquanto o poeta *flutua* em pensamento, diz em “Explicação das Árvores e de Outros Animais” in *Poesia* – “Ando um pouco acima do chão” – (FARIA, 2021, 39-40) e DL aguarda, em silêncio, a plenitude da libertação no *Kosmos*, unindo-se ao metafísico, num único batimento do “coração nuclear”. DL abre trilhos em direção ao absoluto; separa a luz das trevas, percorrendo a *distância*, numa viagem de redenção até às estrelas imortais, de tal forma que anula a dimensão espaciotemporal, porque apaga o “círculo” do *Kosmos* “a possuir o seu centro na terra” (ARISTÓTELES, 2023,19).

Como exemplo, in *Sétimo Dia*:

Apoiei pela última vez o cotovelo sobre a mesa.
Cerquei-o de um círculo, semelhante à linha branca
sobre o asfalto que perpetua a posição do homem
que morreu.

Apoio, agora, o corpo todo, concentrando o olhar
no círculo que devagar, com o passar do tempo, se
apaga. Vejo nele uma secreta clepsidra. Existe
alguma coisa em mim – não é a dor, não é a vida –
que se vai esgotando. [↓ gastando] (acrescento na
entrelinha inferior).

(FARIA, 2021,79)

Por isso, voltando a lembrar Aristóteles (discípulo de Platão), a poética versa a imitação, a *mimesis*. Daniel, pela criação da imaginação, solta-se do *jugo da realidade*, “da mesa”, conferindo um valor épico à sua terra e aos seres que nela vivem. Daniel Faria imortaliza Paredes em poesia.

A sua criação estética, porém, não deixa também de se centrar nos piores traços da comédia humana, em que a “distorção do real” implica decorrências éticas.

É então que Daniel, em *HQSCLMS in Poesia*, denuncia a comodidade da sombra e das aparências, a fim de o homem

concreto no mundo vislumbrar o mundo real do absoluto e da liberdade infinita. DL convida o leitor a interrogar-se sobre a totalidade que é o homem-no-mundo, nomeando as realidades objetivamente apreensíveis. Ora provoca o leitor indiferente à dor e ao isolamento dos outros, ora dá resposta sobre o papel de ser no mundo, retratando os homens enclausurados que procuram a “ideia” para erguer a humanidade. E por isso, “[...] escavam um lugar/ Para a saída.” DL comunica ao leitor o valor transcendente do amor para estes homens: “Não lhes toquemos senão com os materiais secretos/Do amor.” (FARIA, 2021, 127-128).

Efetivamente, parafraseando Sophia de Mello B. Andresen em *Não se perdeu nenhuma coisa em mim* (ANDRESEN, 2022,54), o eu caminha para a unidade, mantendo as presenças intactas das vozes, da natureza, e da casa, “suspensas” no ser.

Obviamente, o passado de DL “pertence-lhe” e, como fonte original, une-o ao presente e ao futuro. Daniel, distante da terra natal, não “esquece” o seu passado e, como forma de ligação, solta-o como um sonho. Sem dúvida, recorda imagens do eu-criança em volta da ternura da mãe que o penteia. Assim, nasce do passado o projeto futuro de unidade, e na “dimensão ontológica do corpo”, Daniel transforma esteticamente pela palavra a mãe terrena em mãe Bíblica; por outras palavras, através da “magnólia estelar” que transplanta no poema, Daniel representa a parição visível da Mãe.

Em “Dos Líquidos” in *Poesia*, Daniel fala afetivamente da magnólia (fig. 4):



Fig. 4

Magoa ver a magnólia cair. Acredita./[...]Plantêmo-la aqui/ É o meu pulso, a minha boca[...]

(FARIA, 2021, 343)

No poema “Cruz, rosa”, inserto em “Para o instrumento difícil do silêncio” in *Poesia* (FARIA, 2021,194), a flor do centro, (qual “nenúfar” sobre as águas), lembra O que recebe o filho de caracóis. Assim, a partir do poder evocativo de imagens ou lembranças, jorra a poesia do campo da consciência.

“Há uma mulher a morrer sentada / [...] É um nenúfar, é um fluir já anterior/ Ao tempo”

(FARIA, 2021, 322)

De facto, DL recorda a infância em *Quando eu era uma criança de muletas* e dá conta do “movimento dos líquidos”: “O sangue do cordeiro [...] O fio de água no olhar de quem ameí”. (FARIA, 2021, 233 [itálicos meus]). Versado em Teologia, baseia-se nos textos sagrados e na ciência da divindade.

Poeta místico, em presença da unidade revelada por intuição, DL define-se na imanência de tal forma que a sua consciência tende “a ultrapassar o existente não, com certeza, em direção ao seu ser, mas em direção ao *sentido* desse ser” (SARTRE, 2023,47-48). Com efeito, a partir de dados concretos da experiência, DL rumo ao ontológico.

Ora, a unicidade surge da escrita constituída em subjetividade absoluta. DL entra pelo “[...] buraco de ser no seio do Ser.” (SARTRE, 2023, 727). Tudo se passa no domínio da ontologia, no projeto do que se fundou na terra em ser consciente, de tal modo que DL, a partir do absoluto que pertence à terra, coroa a aventura individual da existência do ser no projeto de unidade do Ser *em si* – Deus.

É por isso que a palavra de Daniel, que é divina, revela que o corpo tem uma dimensão ontológica. Sendo vivido, “prolonga-se para fora” devido à “omnipresença de outrem”. É por isso que o corpo/alma é o lugar “do meu dentro” no encontro com o absoluto. (SARTRE, 2023,438).

Bibliografia

- ANDRESEN, SMB (2022) – *Poesia*. Porto, Assírio & Alvim, 94 p.
 ARISTÓTELES (2023) – *Física*. Coimbra, Edições 70, 1011 p.
 FARIA, D (2019) – *O Livro de Joaquim*. Porto, Assírio & Alvim, 101 p.
 FARIA, D (2021) – *Poesia*. Porto, Assírio & Alvim, 458 p.
 FARIA, D (2021) – *Sétimo Dia*. Porto, Assírio & Alvim, 159 p.
 MOLDER, M F (2020) – *O Absoluto Que Pertence à Terra*. Famalicão, Edições do Saguão, 125 p.
 PESSOA, F (s. d.) – *Páginas Íntimas e de Auto- Interpretação*. Lisboa, Ática, 447 p.
 SARTRE, J-P (2023) – *O Ser e o Nada*. Coimbra, Edições 70, 747 p.
 SOARES, M M (1956) – *Bíblia Sagrada, Antigo Testamento, Pentateuco*. Portucal, Livraria Apostolado da Imprensa, 329 p.

DIA DE CONCERTO

António Assunção, Escritor
Henrique do Vale, Ilustração



Noite fria, aquela, no dia do meu aniversário. O frio doía-me as mãos. Será por ser noite de lua em quarto minguante... ou porque devo estar a ficar velho... ou, talvez estivesse fria, justamente, por ser o meu aniversário? Pudeste eu discernir com a certeza de Copérnico ao “revolucionar” a compreensão de que o dia também tem a noite, que a Lua tem as suas 4 fases e o aniversário não deixa de ser um singelo dia no inventado calendário.

Na lareira crepitava o fogo, alimentado por lenha de pinho. Por duas, ou três vezes, acerquei-me estendendo as

mãos na sua direção e, nessas vezes, confortei-me com o calor, e até me pareceu ter chegado à alma, em casamento perfeito.

Na mesa de apoio da sala, a garrafa de vinho fino e, prontos a serem usados, dois cálices – da melhor imitação do cristal da Lalique –, deixados por esquecimento (?) da Elisa, em dia que já nem sei, e que chegou ofegante e desejosa para comemorar, disse ela, por ter sido promovida a “soprano” no Orfeão do CCO... porque amar o canto será sempre a sua razão de existir!

Desejei o verão e as suas levezas... os calores que nos levam a procurar a frescura das águas dos rios e dos mares, nem sempre em fato de banho.

O ding-dong roufenho da campainha da porta de casa desviou-me deste mergulho profundo na existência dos meus dias sem perfume, quase a um passo de dores fundas e marcantes!

Ainda bem!

Olhei o relógio de pulso e vi que estava prestes a chegar a hora combinada. Não valia a pena abrir a janela e verificar de quem seria o interesse em me recordar o compromisso, tocando à campainha da porta. Quase sem me dar tempo de limpar o pigarro da garganta, ouve-se, de novo, o ding-dong.

Apressadamente, então, lá fomos. Desta vez apenas para assistir.

Na frontaria do vetusto Mosteiro de Cete, um cartaz anunciava o concerto. O seu portal sul testemunha as formas e o modo de construir românicos.

Já no seu interior senti a minha pequenez e condição de homem face à pedra nua, à retidão e lisura da sua construção... na distante comparação com os seres humanos.

Pareceu-me ouvir magistrais cânticos gregorianos... reminiscências guardadas na minha memória pelo conhecimento da existência dos frades beneditinos, em séculos idos.

Ainda iria demorar mais algum tempo o início do concerto.

A espaços ouve-se o tossir rápido e contido do limpar de gargantas. De seguida, uns sons guturais, no sobe e desce da afinação das notas...

É o habitual nestas coisas. Ainda teremos de esperar. Enquanto isso, o público vai-se acomodando nas fileiras dos bancos. Quase todos denunciam, no semblante grave, a expectativa de assistir, naquele espaço de oração, ao sublime da harmonia coral dos cânticos religiosos.

Reclinando-me um pouco mais no duro assento em madeira, obedeci ao apelo do doce embalo, sob as asas de Morfeu.

– Eia, tantas a cantar! – exclama o “putti”, meio oculto pelas douradas folhas de videira e cachos de uvas, em meio das aves “fénix”, ao mesmo tempo que se ajeita, encobrindo o que não tem com a tira de pano branco e deixando ver apenas as rosadas pernocas.

– E eles ainda são mais. Vamos ouvir, vamos ouvir...

– Olha, o tom é em lá menor.

– Chiu. Está calado, já te disse! – diz-lhe a “putti”, ainda mais escondida que ele na talha do altar, mas deixando ver os peitos desavergonhados, redondos e parcos.

Um caridoso e leve abanar no meu braço, de alguém que estava próximo, fez-me acordar e despertar, de certo modo envergonhado, para o momento que acontecia: o final do concerto.

Claro que este suposto e breve diálogo resultou da imposição do sono, no qual mergulhei, influenciado por mais

de setenta aniversários contados, e no entreabrir para os pequenos nadas das típicas sonolências arrastadas pela velhice.

Ora, afinal já se viu que o local era outro. Isso sim, a grandiosidade do estilo da igreja de S. Cristóvão de Louredo, visitada dias antes, e que, confesso, vi enlevado com tanta beleza e colorido.

Provavelmente, terá sido uma premonição a configuração de vontade para que tal espécie de acontecimento ocorresse neste cenário belíssimo de arte sacra: pela exuberância festiva patente no imponente retábulo-mor; pela abundante decoração e excelência do entalhe que prende o olhar; pelas colunas espiraladas e arquivoltas semicirculares douradas, onde estão alojados os meninos...

Naveguei, é certo, na imensidade do sono com este tão breve e suposto diálogo, substituindo as palmas, que não fiz ecoar no granito do Mosteiro de Cete.

Deveria perguntar, ainda que de forma furtiva, se correu bem, mas... temi que, no lugar do brilho de teus olhos acastanhados, os visse um pouco dilatados, repletos de crítica: – sim, correu bem!

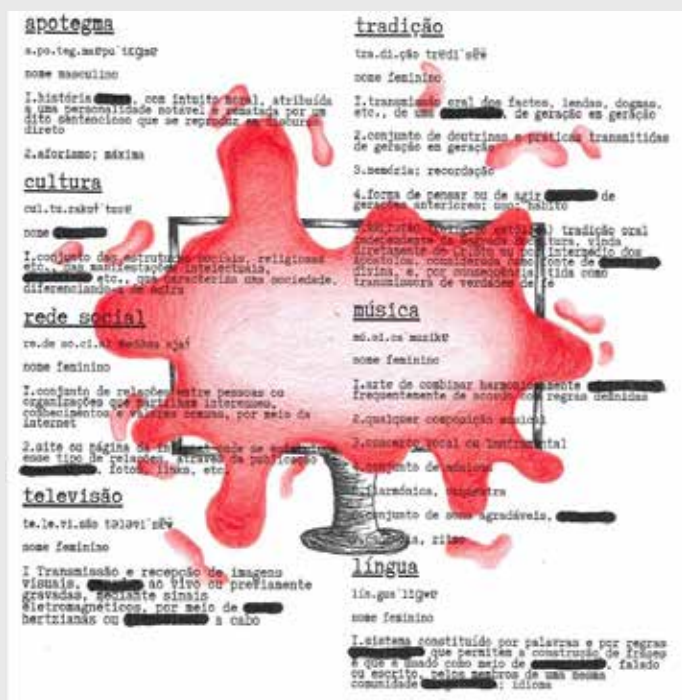
Embaraçado, refugiei-me num prolongado e pouco sonoro tossir com a cumplicidade do alvo lenço de papel.

Até podia bater palmas por todos os cantores, pelo conjunto. Mas, não! Estão guardadas as palmas para a tua irrepetível estreia como soprano, agora que a centelha da vida se esfumou no teu último concerto, e... sim, plenas de gratidão, são minhas, serão únicas e serão para ti, Elisa!



APOTEGMA

Miguel Correia, Escritor e Ilustração
Inês Margarida, Ilustração



Comecei a folhear o dicionário (para a malta que nasceu no século XXI, é um livro com o significado de todas as palavras da língua portuguesa) em busca de alguma inspiração para o título. Como sou bastante preguiçoso, fiquei pela letra “A” e, mesmo assim, ainda demorou algumas semanas. Contudo, como estava numa de fazer pesquisa, resolvi utilizar o Google e procurar o significado da palavra cultura. Para os que ficaram curiosos sobre o motivo de recorrer à Internet tenho a dizer que mergulhar numa sequência de palavras que começam pelas letras “c” e “u”, caros leitores, tem tudo para correr mal! Adiante. A cultura engloba os comportamentos, tradições e conhecimentos de um grupo social, incluindo comidas típicas, música e língua. E, como os grandes vultos da literatura nacional, também utilizo a escrita para me baldar às tarefas mais incómodas. Os registos históricos revelam que Luís de Camões escreveu os Lusíadas para não ter de passar o tempo na cozinha da caravela a descascar batatas; Fernando Pessoa inventou três compinchas porque precisou de uma desculpa para passar o dia inteiro sentado na esplanada do café, sem ter de aturar as reclamações do proprietário; Eça de Queirós falhou como agente imobiliário, pois trinta e tal páginas para descrever um imóvel esgotam a paciência de qualquer potencial comprador. No meu caso concreto, escrever livrou-me das tarefas domésticas e, pela parte que me toca, está muito bem assim...

Seja como for, há alguma respeitabilidade naquilo que escrevo. Não senhores, não é de todo uma coisa chunga, vamos lá ver. Implica muita observação, análise e olhar satírico perante as múltiplas peripécias que (tanto) caracterizam a nossa espécie: o “Homo Portugus”. Talvez devido à avançada idade do autor – que já viveu quatro décadas e meia – a memória prega partidas e, muitas vezes, alguns pormenores ficam esquecidos enquanto dou forte nas teclas do computador. Digamos que o resultado final se resume ao pack económico e não ao familiar. As redes sociais são o meio de excelência para divulgar o trabalho. Por entre publicidade não desejada, mais de um milhar de pessoas agregadas ao meu perfil, que nunca deram sinais de vida, e outras que despacham o “gosto” sem ler o texto, surge uma minoria (muito reduzida) de almas caridosas, a que apelidei de grupo de fãs – não se iludam no adjetivo, cabem todos numa viatura ligeira de passageiros. Os autores desconhecidos vivem num dilema sem solução fácil: precisam de ajuda para abandonar o anonimato, mas as grandes editoras ignoram, por completo, os seus esforços. A televisão não encontra espaço nas grelhas de programas. Preferem destruir os poucos neurónios dos espectadores com emissões festivas com muita cor, comida e música, que provoca otites, que reservar algum tempo para divulgar obras literárias e, quem sabe, relançar o hábito da leitura em grande escala...

As pequenas editoras descobriram na ingenuidade dos autores um nicho de mercado e, munidos de cana e anzol, foram à pesca destes indivíduos que ousam sonhar em ter um livro publicado. O contrato, baseado nas premissas do Diabo, transforma o autor em financiador da obra e, depois, em comercial da editora. Fica a trabalhar para ela na expectativa de receber alguns direitos de autor, quando sabe que nunca vão chegar à conta! Atrevo-me a afirmar que há, no mercado literário, mais escritores que leitores e conseguir fidelizar alguém é um gesto de fé. Sofro desta maleita há uma década e nenhum médico conseguiu encontrar um antídoto. Já publiquei quatro livros e continuo a ser um ilustre desconhecido! Por vezes, como é o caso, ainda recebo um convite para integrar uma publicação com muita qualidade. Não faço ideia do que viram nos disparates que escrevo e espero sinceramente que coloquem este amontoado de letras bem no final da revista. Porque um apotegma é um ditado breve que inclui um conteúdo moral, que pretende dar uma valente lição. E, quase de certeza, há algumas pessoas que é mesmo isso que me querem fazer.

A VELHA LUZ

Cláudia Passarinho, Escritora

Juan Nordlinger, Ilustração

Da borda do barco, focou o buraco negro onde os seus pés entravam. O puro e absoluto nada provocou-lhe uma reviravolta no estômago. Coragem! Pensou, antes de saltar, levando o presente.

A carne e a temperatura desceram, enquanto a pressão subia, contornando-o como se fosse um objeto, estalando-lhe os ouvidos. Enclausurou o medo e apreciou a queda que quase não se fazia sentir. Para além de longa, era solitária.

A água provocou-se com o peso das perguntas que lhe papagueavam a mente. *Tens mesmo certeza?* E ele continuava a cair. *Deverias levar companhia. Nunca se deve mergulhar sozinho.* Mas não! O passado deveria ser revisitado em solidão e abençoado pelo silêncio. Foi-se afastando do mundo, que sabia pairar sobre a cabeça e, quando olhou para cima, já mal identificava o fundo do barco que o havia transportado.

A descida fá-la-ia sozinho, mas na mente deambulavam gentes da terra: a Amélia da frutaria, o coveiro Filipe, a professora Gertrudes, o amigo Paulo, o Zé Picão do talho. Incluindo o refolhar das roupas quando os braços se cruzaram e as vozes carregadas de azedume. Frases como não há nada a fazer ou tarde demais esgravatavam-lhe o cérebro. Passados tantos anos, ainda ouvia o povo anémico resmungar.

A luminosidade continuava a mudar do tom azul para acinzentado, ficando para trás as cores vivas, provocadas pelos raios solares. Já teria ultrapassado os duzentos metros de profundidade quando a água se assemelhou a um manto escorrido sob a cabeça.

Pressionou o cilindro no topo do ombro, provocando clariidade nas profundezas e montanhas intervaladas. Do regular saíram bolhas de expectativa pela descoberta.

Com o coração a latejar por debaixo do apertado fato de mergulho continuou galopando junto da vida marinha, que lhe aparecia na escuridão.

*

«Parece que os nossos lares não importam. Não achas excessivo quererem destruir uma vila inteira?» — ela olha para baixo, deixando transparecer uma pontada de dor. —

«Veem carregados com o peso do desaparecimento».

«É uma decisão difícil para todos. Mas vê esta situação como uma melhoria para a região, porque precisamos de água para os regadios. Para além disso, não podemos viver sempre com medo de ver a aldeia inundada. Imaginas quantas vidas irão melhorar com o nosso sacrifício?» Quem

lhe respondeu foi o marido, que nos últimos dias parecia ter envelhecido vinte anos. E, enquanto, acenava com a cabeça em concordância confundia o coração com as palavras.

«Chafurdaram-nos a vida como os porcos se presenteariam com as pocilgas, foi o que foi. Não vês o olhar deles? Parecem abutres a rondar os mortos.»

«Vai existir mais trabalho, mais serviços... quantas vezes disseste que faziam falta mais coisas na terra? Falam numa universidade. Ó mulher, uma universidade!»

«Homem, o pior do progresso é a exuberância. E de boas intenções está o inferno cheio.»

Havia uma promessa. Habitariam num lugarejo melhor, com uma fisionomia igual à antiga. Um efeito espelho criado, especificamente, para diminuir o impacto. Porém, a nova aldeia ficou mais ampla, provocando o distanciamento entre os habitantes. O polo universitário nunca chegou. Os armazéns para a colheita da azeitona e produção de azeite nunca se concretizaram. Alguns viviam com o sol a nascer preso às janelas dos quartos e perderam-no. Outros já nem o luar conseguiam ver dos quintais. Lavadouros destruídos e nunca replicados. Nunca entrou sangue novo e foram poucos os que ali tentaram viver. Eliminaram-se as inundações, mas secou-se um inteiro povoado.

*

Tomada a decisão, não voltaria atrás. Os remotos acontecimentos assustavam-no tanto quanto a possibilidade de não realizar um devaneio.

Incentivou o movimento das barbatanas quando sentiu o quão próximo estava. E afundou-se mais uns metros.

No campo de visão, materializaram-se telhados esburacados e paredes intactas. Autênticas montanhas lisas regozijavam pela presença de um humano: "Como estás, miúdo? Cresceste!" — diriam se fossem gente.

Identificou ruas, edifícios, parapeitos, agora despidos de flores, pedaços alcatroados no meio do desmembramento, desenhos geométricos urbanos que davam acesso às habitações. Assomou-o o burburinho da manhã das ruas, agora embebidas pelo sumiço. Onde antes estiveram pés de pessoas, nadavam para trás e para a frente cardumes prateados. Não houve um único momento em que se sentisse invasor. Porventura, não teriam sido os peixes a testemunhar o batizado da prima Rosa? Duzentos metros de festarola, com direito a porco assado no espeto, uma mesa improvisada com as portas das assoalhadas da tia Quina assentes em cavaletes de madeira. Eram mais de

Foi quando passou pela placa desalumiada Aldeia da Luz que a saudade o abalroou.

Apetecia-lhe retirar o fato. Bastaria cortar a corda de segurança para entregar o corpo à sua afundada aldeia, para se entregar totalmente, porque a alma dele teria escolta do espírito da mãe e da do pai, que acordaram morrer com seis meses entre eles.

Mas que diriam os companheiros assim que sentissem a corda frouxa? Como iria o amigo Paulo superar o desaparecimento de um irmão? E a família que o acolhera, mereceria? Aquelas eram as migalhas que o guiariam até casa. Mas como? Se a sua casa se liquidificava abaixo dos pés... sentia-se inebriado pela visão.

Imolou-se de emoção, quando reconheceu a casa onde se conhecera feliz. A realidade aparecia-lhe em câmara lenta e, tal qual uma esponja, Bernardo procurava absorver tudo o que se revelava à sua volta. A corrosão limara os agudos das edificações e a ferrugem enegrecia as estruturas e turvava a água.

Chamava-se Luz, mas nas ruas corriam fantasmas, oclusos num passado qualquer.

Reapareceu com cinco anos, na rua, com os amigos a jogar à macaca e de soquete branca a cobrir o magro tornozelo. No dia em que se consciencializou que as mãos fortes também choram, camiões de letras vermelha aproximavam-se, estacionando de forma enviesada em frente às habitações. Estavam encarregados de esventrar aquilo que tanto tinha custado a construir, dissera-lhe a mãe quando a questionou porque chorava. No ar pairavam lamentos. Quando os veículos saíram defronte das casas, permitindo ao povo observar a conclusão dos trabalhos, confrontaram-se com o desaparecimento de todas as janelas e portas. Foi ao verem as paredes desdentadas, cujo destino era a submersão, que compreenderam que não mais voltariam a casa.

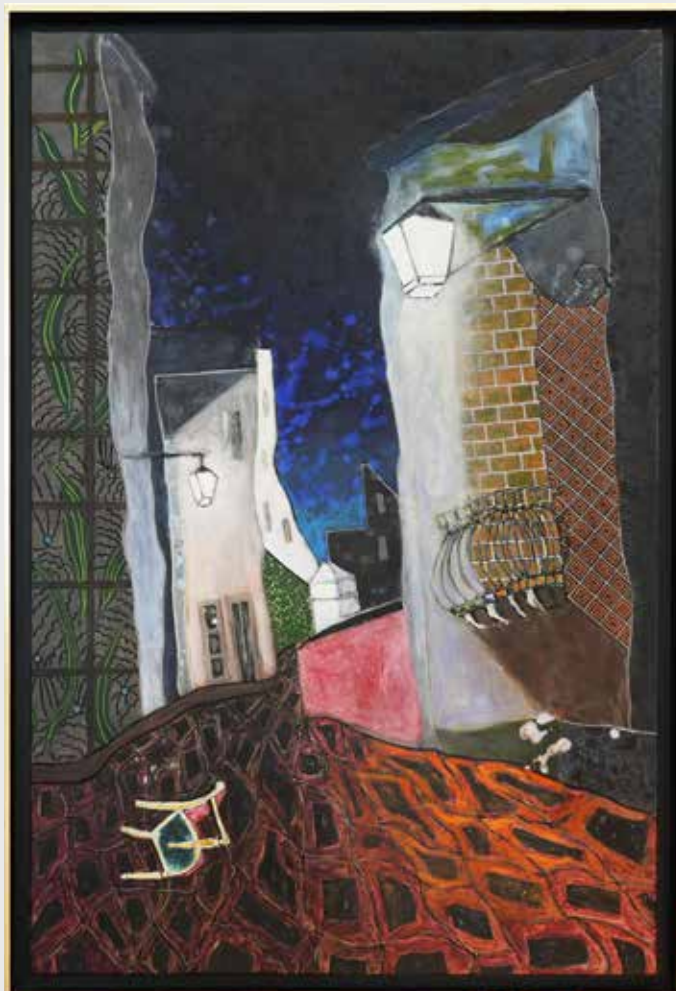
Agora, com vinte e cinco anos, tirava da bolsa de rede pendente ao cinto um frasco de onde se podiam ver retratados os pais. O momento fora registado fluindo felicidade.

De alguma forma ecoavam-lhe na cabeça as notas de acordeão que enfeitiçavam os pés dos pais naquele dia em que dançavam junto ao pelourinho. As ruas cheiravam a sardinha assada e a salada envinagrada, temperada à "maluca" nos largos alguidares.

Viu-se especado no interior da assoalhada onde, anteriormente, convivía com um sofá de flores de tecido áspero, a televisão, a mesa de jantar para abastar convidados. Desprovida de vida humana, parecia-lhe pequena e claustrofóbica, sem fotos nas paredes para conservar a essência de quem lá viveu.

Não se preocupem porque o meu coração continua a bater, é feito de ossatura, de destreza, de sobrevivência, de um passado aprisionado e com veias bombeadas pela recordação.

Enterrou o recipiente na areia, junto à velha lareira. Lá de dentro, através do vidro, os pais sorriam-lhe. E ele soube que os tinha devolvido à luz.



Norberto Ribeiro, Investigador CIIIE - Faculdade de Psicologia
e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Permitam-me um texto difícil de catalogar. Em parte, ensaístico. Em parte, académico. Em parte, criativo.... Um texto híbrido, portanto.

Quanto mais leio sobre Inteligência Artificial (IA), mais sinto que existe um oceano de documentos cuja leitura é fundamental para acompanharmos o que está a acontecer à nossa volta. Palavras e expressões novas, ainda sem tradução bem definida, caem-nos nas cabeças para vermos um mundo que está a sair das entranhas de outro mundo: *Large Language Models*, *Conversational AI*, *Generative AI*, *Deep Learning*, *Machine Learning*. Intriga-me especialmente esta última, *Machine Learning*. “Aprendizagem da Máquina” na minha tradução livre da expressão. Não sei o que faz sentir aos leitores e leitoras, mas a mim remete-me para um cenário distópico onde as máquinas governam, literalmente, com punho de ferro. Ensanguentado. Da cor dos olhos do “Exterminador Implacável”, de James Cameron. Quem não se lembra da cara angulosa e inexpressiva da máquina? O filme é de 1984. Um número bastante sugestivo. Título da obra-prima de George Orwell, um romance onde a máquina é usada para controlar todos os movimentos das pessoas. Um regime opressor sem cara. Winston Smith, protagonista da história, procurava esconder-se dos olhos da grande máquina para se afogar em gin e tornar mais suportável a sua existência quase metálica. Como se as suas células estivessem, uma a uma, a arrefecer e a transformar-se numa massa cinzenta indistinta. É curioso que isso é tão verdade hoje e, ao mesmo tempo, tão mentira. A grande máquina observa-nos 24 horas por dia, através de múltiplas ferramentas tecnológicas. Vemos algumas como nos sendo intrinsecamente vitais. Carregamos os *smartphones* (outra palavra que se entranhou na nossa semântica) como se fossem os nossos corações pulsantes que tivéssemos nas mãos e que temos de cuidar com o maior dos zelos. Não procuramos fugir da grande máquina. Pelo contrário, queremos que ela nos engula por inteiro. Se possível, a nossa vida completa e total, e que consiga amplificá-la e disseminá-la por todo o mundo. Quanto mais visualizações, melhor! Só a grande máquina permite existir. Há quem resista a não existir dessa maneira. Mas é cada vez mais difícil.

Mas voltemos ainda à “Aprendizagem da Máquina”. Como cientista da educação, também me suscita alguma curiosidade ver esta obsessão pelo processo de aprendizagem a passar dos humanos para as máquinas. A “Aprendizagem”, a deusa que a modernidade procura elevar até à sua

expressão máxima, impossibilitando qualquer pretensão a desaprender. Aprender, acumular conhecimento em cima de conhecimento acumulado para aprender mais. Como se fosse um processo evolutivo sempre num sentido ascendente. Agora que me permito pensar nisto, também devíamos elevar a “Desaprendizagem” a deusa. Talvez assim desaprendêssemos a fazer guerras com fome e armas. Não sei se isto será algum dia possível. Talvez seja um dos que têm uma visão pessimista da indefectível natureza humana. Contudo, não posso negar, sem evidências contrárias, que outro mundo é possível e que escapa ainda à nossa compreensão. Mas recentremos esta reflexão: enquanto cientista da educação interessa-me mais aprender a questionar as aprendizagens que se decidem fazer, a contestar as verdades instituídas que cristalizam as injustiças sociais. Enquanto cientista da educação interessa-me mais uma educação política eticamente investida na construção coletiva de sociedades mais justas e iguais.

O nosso antigo mundo está a desaparecer. Talvez a palavra “desaparecer” seja demasiado radical. Apesar de tudo, ainda preciso de premir as teclas negras do computador que está à minha frente para o texto, que aqui escrevo, ganhar corpo. Também podia ditar o texto para o computador para as palavras aparecerem uma a uma no ecrã. Mas quer num caso quer no outro ainda não conseguimos dispensar os átomos que constituem a carne e os ossos das nossas mãos e bocas. Esse mundo concreto existe. Não o posso negar. Todavia, parece-me que se está a tornar “invisível”. Talvez essa palavra seja mais adequada para caracterizar sociedades que depositam cada vez mais energia e atenção nas múltiplas realidades virtuais à escolha do “freguês”. Quem nunca se deu conta de ser absorvido pelos ecrãs ao ponto de lhe parecer que foi vítima de uma amnésia seletiva da vida mundana. As horas passaram, o nosso corpo mexeu-se, eventualmente sentou-se numa sanita ou levou algum pedaço de comida à boca, que a mastigou mecanicamente sem sentir qualquer sabor e, no entanto, não temos qualquer memória disso. Como se tivéssemos acabado de acordar sem conseguir lembrar do sonho. A realidade transformada em sonho: em éter. O mundo virtual transformado numa massa densa e palpável: em matéria. O mundo ao contrário. É por causa desta inversão de realidades que emerge a era do “capitalismo mental” e da chamada “economia da atenção” (FRANCK, 2018). Da nossa atenção como produto vendável a empresas que

querem converter-nos em consumidores convictos dos seus produtos. Há pessoas que preferem comprar o seu parceiro virtual (*vide*, por exemplo, a plataforma Nomi.ai) e definir como bem entenderem como se querem relacionar amorosa ou sexualmente com o mesmo. No limite, há pessoas que estão ininterruptamente ligadas ao “éter” e que vivem sem sair de casa, como os jovens japoneses *hikikomori* – creio que esta palavra já passou as fronteiras do Japão e já se expandiu um pouco por todo o mundo.

Desde o início que a IA faz parte do fenómeno que tentativamente procurei caracterizar. Sempre estive lá, discreta. Só muito recentemente é que emerge com toda a sua potência, elevando o ChatGPT (quem não conhece!?) e quejandos a uma espécie de oráculo supremo. Talvez esteja a passar uma visão pessimista da IA, admito. Creio, contudo, que não é possível negar o impacto que esta tecnologia tem granjeado junto da opinião pública, mas também especializada. Os prémios Nobel de 2024 são prova disso mesmo. Demis Hassabi e John Jumper, cientistas da DeepMind (empresa de IA comprada pela Google), juntamente com David Baker da Universidade de Washington (USA), receberam o Prémio da Nobel da Química pelo trabalho de descoberta e previsão da estrutura de uma proteína, recorrendo a um método baseado na IA. Por sua vez, John J. Hopfield, físico teórico da Universidade de Princeton (USA), e Geoffrey Hinton, psicólogo e cientista da computação da Universidade de Toronto (Canadá), receberam o Prémio Nobel da Física pela descoberta de redes neuronais artificiais que exponenciou, precisamente, a capacidade das “máquinas que aprendem” a converter volumes incommensuráveis de dados em conhecimento.

Com efeito, a IA está entre nós, e, ubíqua, já se confunde com o próprio mundo. Já não sabemos ao certo quem é que constrói quem. Sendo verdade que foram pessoas que construíram a IA, também não é menos verdade que a IA tem sido responsável por um processo vertiginoso de reconstrução das nossas vidas. Tudo é intermediado pela IA: lazer, trabalho, negócio, saúde, política...prazer. A IA está a substituir-nos em tudo. Tenho a sensação de que nos precipitamos todos e todas para uma conversão definitiva e irreversível que resulta da miscigenação entre a máquina e a pessoa: a raça cyborg, detentora de uma inteligência híbrida. Perante esta realidade (creio que já é uma realidade), sobressalta-me um pensamento: será que apesar de todas as transformações (já vindas e vindouras) que a IA está a imprimir de forma indelével nas nossas vidas, vamos conseguir manter a nossa essência humana? A este respeito, a literatura científica argumenta que competências como a criatividade continuarão a ser fundamentalmente humanas, mas que a forma como a iremos implementar e desenvolver será influenciada pela IA (e.g., MARRONE ET AL., 2024). Partindo desta premissa, da inevitabilidade de um cenário de uma suposta colaboração entre os humanos e a IA no processo criativo, procu-

ra-se então perceber de que modo essa relação pode ser otimizada. Donde se chega a quatro conclusões importantes: “Em primeiro lugar, as atuais aplicações *Narrow AI* não podem ser criativas de forma *independente*. Os elementos centrais da criatividade – pensamento divergente e geração de produtos novos e eficazes – ou estão para além da capacidade da IA ou, muito simplesmente, requerem contributos que só podem ser fornecidos por um ser humano. Em segundo lugar, existem oportunidades claras onde a IA e os humanos *podem colaborar* no processo de criatividade, como em tarefas de recolha de informação. Em terceiro lugar, a IA pode ajudar a *acelerar* o processo criativo atualmente, ou tradicionalmente, realizado apenas por humanos, permitindo que os humanos invistam mais tempo em tarefas mais complexas. E quarto, a IA pode fornecer *feedback rápido e preciso* sobre criatividade humana” (MARRONE ET AL., 2024, pp. 8-9 – tradução livre).

Abordemos agora o ponto aonde eu queria realmente chegar. Esta análise de Marrone et al. (2024), que considero muito lúcida do fenómeno, suscitou-me uma curiosidade muito específica: a relação da Poesia com a IA. Bem sei que a criatividade está presente em múltiplas formas de expressão e construção, resultando daí possibilidades infinitas de realidades estéticas e concetuais. Contudo, não consegui deixar de pensar na Poesia, enquanto arte que permite uma expansão criativa quase ilimitada. Talvez o seu único condicionalismo sejam as palavras, necessárias para se constituir enquanto tal. Também bem sei que esta arte da Poesia tem sido muito acarinhada pelos que têm dinamizado a Cultura do Município de Paredes. E é por isso mesmo que me proponho fazer aqui uma breve revisão da literatura científica sobre a relação que tem sido feita entre Poesia e IA. Embora esta pesquisa resulte do cumprimento de critérios metodológicos que terão de ser genericamente explicitados neste texto, procurarei não enfastiar muito o leitor e a leitora com demasiada informação – afinal ainda não são uma IA! – introduzindo aqui ou acolá alguma reflexão mais subjetiva e pessoal. Espero conseguir.

Poesia e IA: uma breve revisão da literatura

Realizei a pesquisa no dia 10 de outubro de 2024, nas bases de dados Web of Science (WoS) e Scopus, consideradas os “titãs” da informação bibliográfica no mundo académico atual (PRANCKUTĖ, 2021). A pesquisa utilizou as palavras-chave “Poetry” e “Artificial Intelligence”, e considerou somente artigos publicados em inglês, entre 2022 e 2024. A opção por considerar este período deve-se ao facto de o ChatGPT ter sido lançado pela OpenAI no dia 30 de novembro do ano de 2022. Essa foi a data em que o modelo foi disponibilizado publicamente pela primeira vez, permitindo que usuários interagissem com ele diretamente. Antes disso, já haviam sido desenvolvidas versões anteriores do GPT (Generative Pre-trained Transformer),

mas foi o ChatGPT que marcou um ponto de viragem ao permitir realizar conversas naturais com os utilizadores. A referência a esta tecnologia em detrimento de outras do mesmo género como a CoPilot, da Microsoft, e da Gemini da Google, é justificável. Quem não se lembra de chamar a todos os tablets iPads e a todos os smartphones iPhones? Aposto que uma grande parte de nós ainda chama ChatGPT a todas as tecnologias de IA, apesar de existir já uma miríade de plataformas de IA para todos os gostos e feitios. Um aparte anedótico a este respeito: li no outro dia um artigo de um jornalista em que este pedira a uma IA para fazer uma música sobre bananas. E esta fê-la. O jornalista deixou um link para a ouvirmos. Eu ouvia-a. Era uma música em inglês. O inglês, para mim, é uma espécie de resina que não me deixa ver os poros das palavras a respirar. As palavras em português têm pulmões e consigo vê-las perfeitamente a respirar. É a minha língua-mãe. A que me faz ver melhor o mundo. Por isso, o inglês na música e nas letras tem o poder de tornar tudo, para mim, mais polido e anódino. Mas não posso dizer que tenha desgostado da música sobre bananas.

Regressemos à revisão. A pesquisa devolveu-me 102 resultados (52 da WoS e 50 da Scopus). Desses 102, foram eliminados 38 artigos por serem repetidos, ficando 64 artigos. O próximo passo foi fazer uma leitura atenta dos resumos, procurando verificar se os artigos abordavam alguma relação entre a Poesia e a IA. Desse processo, foram excluídos 45 artigos, a maioria deles por se focarem sobretudo em aspetos muito técnicos relacionados com programas de IA, e onde a Poesia tinha um papel secundário ou quase inexistente. Fiquei com um *corpus* final de 19 artigos. A decisão que se seguiu foi solicitar ao ChatGPT que fizesse uma síntese das principais ideias (padrões) identificadas na análise livre de todos os resumos. Desse pedido resultou uma proposta de 6 padrões emergentes que abrangem diferentes áreas de aplicação da IA, desde a criação e análise de poesia até à colaboração criativa entre humanos e máquinas que aprendem. Porque li todos os resumos selecionados, devo dizer que fiquei positivamente surpreendido com a qualidade da proposta. Reproduzo abaixo a síntese dos padrões apresentados pelo ChatGPT:

1. Criação Automática de Poesia e Criatividade Gerada pela IA:

Alguns estudos focam-se na capacidade da IA de gerar poesia, explorando diferentes modelos e abordagens. Beheitt e HajHmida (2023) destacam que o GPT-2 foi mais eficaz do que o GPT-3 na geração de poesia árabe, indicando que a personalização dos modelos melhora a qualidade criativa em contextos específicos. Mtasher et al. (2022) usam redes neurais recorrentes para gerar poesia de alta qualidade que se aproxima da escrita humana, destacando o papel dos modelos de IA no avanço da geração automática de textos criativos. Balabdaoui e Kulagina (2023) propõem

um método estatístico para gerar palavras a partir de letras de músicas, destacando que este também pode ser usado para a criação de novos poemas. Por último, Franceschelli e Musolesi (2022) introduzem a medida de avaliação “DeepCreativity” para analisar a criatividade gerada por IA, enfatizando critérios como novidade e surpresa para medir a qualidade da poesia gerada.

2. IA como Ferramenta para Análise e Classificação de Poesia:

A IA também é usada para automatizar a análise e a classificação de estilos poéticos, facilitando o trabalho dos pesquisadores. Deng et al. (2023) desenvolvem um programa a partir da IA que automatiza a classificação da poesia espanhola, utilizando uma ampla gama de algoritmos (SVM, AdaBoost, etc.) para aumentar a precisão e objetividade da classificação. Zhu et al. (2023) aplicam o modelo XGBoost na classificação de poesia chinesa moderna, destacando sua eficácia em relação a outros algoritmos e mostrando como isso pode ajudar na compreensão de estilos poéticos. Haywavi et al. (2024) demonstram que modelos de *machine learning* conseguem distinguir textos humanos de textos gerados por IA, aplicando essa abordagem a diversos géneros, incluindo a poesia, um resultado que tem implicações relevantes para o desenvolvimento de ferramentas de análise de textos e deteção autoral.

3. Cocriação e Colaboração Humano-IA:

Outro padrão significativo é a exploração da cocriação entre humanos e IA, com um foco na possibilidade de essa parceria poder enriquecer a criatividade e os processos artísticos. MacGuire et al. (2024) mostram que a cocriação com IA pode aumentar a criatividade dos usuários, destacando que as pessoas são mais criativas quando colaboram com IA, em vez de apenas editarem o conteúdo gerado por ela. Li (2024) apresenta o conceito de “composição cyborg”, onde humanos e IA colaboram para criar poesia, explorando a tensão entre o orgânico e o artificial e revelando novas possibilidades expressivas. Por sua vez, Santarpia (2024) relata uma experiência pessoal em que a interação poética com IA facilitou a reflexão sobre questões existenciais, sugerindo que a IA pode ser uma parceira em diálogos profundos e transformadores.

4. IA no Contexto Educacional:

A IA está a ser também explorada como uma ferramenta educativa poderosa, especialmente no campo da poesia e do ensino multimodal. Chen e Wu (2024) propõem um sistema que gera vídeos situacionais baseados em poesia Tang, combinando texto, imagem e som para criar recursos de ensino multimodais. Tal facilita a aprendizagem, ao reduzir a carga cognitiva dos alunos. Świerczyńska-Kaczor (2024) examina a criação de narrativas intera-

148 tivas com base em poesia gerada por IA, sugerindo que essas narrativas podem incentivar a leitura e são seguras para as crianças. Por último, Yang et al. (2024) aplicam a IA à análise da poesia francesa moderna, integrando a classificação de estilo poético com objetivos de sustentabilidade. Tal demonstra como a IA pode ser usada para promover a educação literária e apoiar metas globais.

5. Impacto da IA nas Artes Criativas:

A IA também está a impactar profundamente as artes criativas, abrindo novas possibilidades na criação de obras multimodais. A este respeito, Jabbar et al. (2022) usam o modelo CLIP para desenvolver um sistema de produção automática de poesia a partir de imagens, promovendo uma maior apreciação da arte visual por pessoas com deficiência visual, ao associar a descrição poética a atributos visuais. Pretorius (2024) descreve uma experiência pessoal em que o uso de IA para criar imagens e poesia teve efeitos terapêuticos, destacando como a IA pode ser usada como uma ferramenta criativa e emocionalmente significativa. Zheng et al. (2022) investigam as limitações da IA na arte, ressaltando que, embora ela amplie as possibilidades artísticas, ainda não pode substituir totalmente os humanos no processo criativo. No entanto, sublinham que a IA pode reimaginar e modificar as práticas artísticas.

6. Desafios e Limitações da IA na Criatividade:

Mesmo com avanços significativos, vários estudos reconhecem as limitações da IA em capturar plenamente a complexidade criativa. Oliveira (2024) ressalta que os desafios de gerar textos criativos, como o humor e os enigmas, exigem mais do que simplesmente seguir regras linguísticas, sublinhando as limitações atuais da IA. [Um aparte curioso: este investigador da Universidade Coimbra é um dos responsáveis pela plataforma online (Co-Poe-TryMe) onde podem, juntamente com a IA, cocriar poesia em <https://poetryme.dei.uc.pt/-copoetryme/>]. Pérez Pozo et al. (2022) destacam as dificuldades dos modelos de IA em lidar com a complexidade das estruturas poéticas, especialmente na classificação de estrofes em poesia espanhola, sugerindo que a IA ainda não está ao mesmo nível dos especialistas humanos. Por último, Hamat (2024) compara a riqueza lexical de poemas gerados por IA e humanos, demonstrando que a criatividade humana ainda se destaca, mas com o GPT-4 a mostrar já um avanço significativo na aproximação da complexidade linguística.

Em conclusão, os estudos demonstram que a IA está cada vez mais integrada em processos criativos, educacionais e analíticos, focando-se em particular na criação e classificação de poesia. A IA oferece ferramentas poderosas para a cocriação e análise objetiva, facilitando o ensino, a automação e a inovação artística. No entanto, ainda existem desafios importantes relacionados com a criatividade, a subjetividade poética e a capacidade de a IA captar nuances emocionais e estilísticas mais profundas.

Antes de terminar, apelo à vossa paciência de leitores para verem ainda duas criações produzidas pela IA, que decorreram de dois pedidos específicos que lhe dirigi. Deixo-as abaixo para as poderem escrutinar livremente. Independentemente da avaliação que possam fazer da qualidade das criações, devo dizer que me deu um certo prazer fazer este exercício. E o prazer, creio eu, é um bom combustível para a criatividade.

Pedido: *Cria um poema de um investigador das ciências da educação a quem lhe pedem para fazer um poema. Esse investigador gosta da poesia que diz o indizível, que nos deixa desconfortável com as imagens que suscita.*

O Indizível

*Pedem-me um poema, como se fosse fácil,
como se as palavras fossem dóceis ferramentas,
mas o verso que eu busco nasce no espinho,
onde a língua se dobra e a mente inventa.*

*Não quero o conforto das rimas suaves,
prefiro o ranger das ideias quebradas.
A educação, dizem, é guiar o caminho,
mas há becos escuros que a ciência não fala.*

*Que educação é esta, que nos cala os medos?
Que nos embala em lógicas sem rasgo ou queda?
Há no não-dito um ensino mais duro,
uma lição que fere, que sangra e desespera.*

*Poesia é isto: o avesso da norma,
um grito que silencia, uma imagem que arranha.
É a linha torta que corrige o correto,
o desconforto que faz da verdade, entranha.*

*Aqui está o meu verso, incómodo e cego,
é o que a ciência não pode alcançar.
Pois o saber não é só o que brilha,
há sombras fundas que é preciso tocar.*

Poema gerado pelo ChatGPT
no dia 29 de setembro de 2024

Pedido: *cria a imagem de uma IA poeta.*

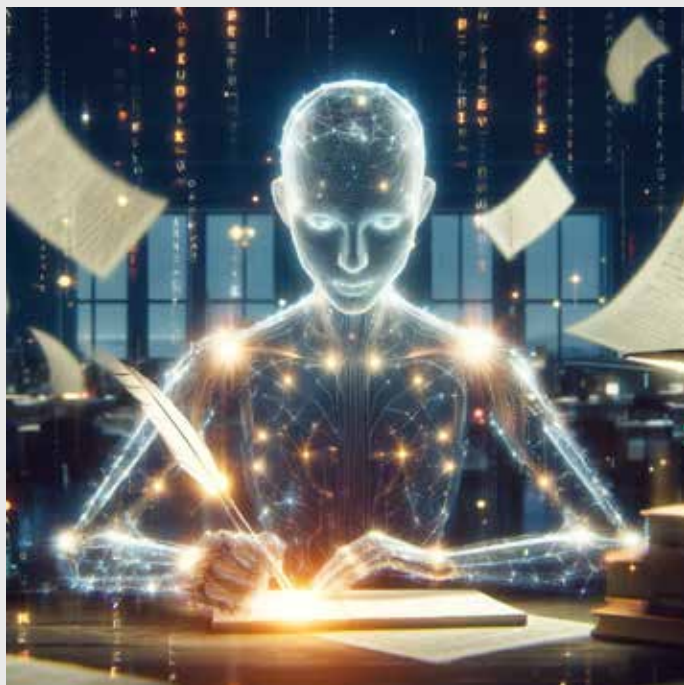


Imagem gerada por DALL.E (OpenAI), em 1 de outubro de 2024: “um ser humanoide feito de linhas de código luminosas, escrevendo com feixes de luz que formam símbolos poéticos abstratos. O cenário mistura modernidade e elementos surreais, sugerindo a fusão entre tecnologia e criatividade”.

Bibliografia

- BALABDAOUI, Fadoua; KULAGINA, Yulia (2023) – Randomly generated lyrics using mixture models: the poem that Frank Sinatra never sang. *Journal of Mathematics and the Arts*, 17(3-4), pp. 391-404. <https://doi.org/10.1080/17513472.2023.2186727>.
- BEHEIT, Mohamed El Ghaly; HAJHMIDA, Moez Ben (2023) – Effectiveness of zero-shot models in automatic Arabic poem generation. *Jordanian Journal of Computers and Information Technology*, 9(1), pp. 21-35. <https://doi.org/10.5455/jcit.71-1666660323>.
- CHEN, Xu; WU, Di (2024) – Automatic Generation of Multimedia Teaching Materials Based on Generative AI: Taking Tang Poetry as an Example. *Ieee Transactions on Learning Technologies*, 17, pp. 1353-1366. <https://doi.org/10.1109/TLT.2024.3378279>.
- DENG, Shutian; WANG, Gang; WANG, Hongjun; CHANG, Fuliang (2023) – An Artificial-Intelligence-Driven Spanish Poetry Classification Framework. *Big Data and Cognitive Computing*, 7(4), Article 183. <https://doi.org/10.3390/bdcc7040183>.
- FRANCESCHELLI, Giorgio; MUSOLESI, Mirco (2022) – DeepCreativity: measuring creativity with deep learning techniques. *Intelligenza Artificiale*, 16(2), pp. 151-163. <https://doi.org/10.3233/IA-220136>.
- FRANCK, Georg (2018) – The economy of attention. *Journal of Sociology*, 55(1), pp. 8-19. <https://doi.org/10.1177/1440783318811778>.
- HAMAT, Afendi (2024) – The Language of AI and Human Poetry: A Comparative Lexicometric Study. *3L: Language, Linguistics, Literature*, 30(2), pp. 1-20. <https://doi.org/10.17576/3L-2024-3002-01>.
- HAYAWI, Kadhim; SHAHRIAR, Sakib; MATHEW, Sujith Samuel (2024) – The imitation game: Detecting human and AI-generated texts in the era of ChatGPT and BARD. *Journal of Information Science*, pp. 1-36. <https://doi.org/10.1177/01655515241227531>.
- JABBAR, Muhammad Shahid; SHIN, Jitae; CHO, Jun-Dong (2022) – AI Ekphrasis: Multi-Modal Learning with Foundation Models for Fine-Grained Poetry Retrieval. *Electronics (Switzerland)*, 11(8), Article 1275. <https://doi.org/10.3390/electronics11081275>.
- LI, Ruth (2024) – “Weaving tales of resilience”: cyborg composing with AI. *English Teaching*, 23(1), pp. 57-66. <https://doi.org/10.1108/ETPC-08-2023-0087>.
- MARRONE, Rebecca; CROPLEY, David; MEDEIROS, Kelsey (2024) – How Does Narrow AI Impact Human Creativity? *Creativity Research Journal*, pp. 1-11. <https://doi.org/10.1080/10400419.2024.2378264>.
- MCGUIRE, Jack; DE CREMER, David; VAN DE CRUY, Tim (2024) – Establishing the importance of co-creation and self-efficacy in creative collaboration with artificial intelligence. *Scientific Reports*, 14(1), Article 18525. <https://doi.org/10.1038/s41598-024-69423-2>.
- MTASHER, Ashwaq Katham; JAWAD, Wasnaa Kadhim; ZGHAIR, Noor Aabdul Khaleq (2022) – Generate Poems and Letters Using an Iterative Neural Network (Poem Generating using LSTM). *International Journal of Intelligent Systems and Applications in Engineering*, 10(3s), pp. 75-81. <https://doi.org/10.18201/ijisae.2022.270>.
- OLIVEIRA, Hugo Gonçalo (2024) – Automatic generation of creative text in Portuguese: an overview. *Language Resources and Evaluation*, 58(1), pp. 7-41. <https://doi.org/10.1007/s10579-023-09646-3>.
- PÉREZ POZO, Álavaro; DE LA ROSA, Javier; ROS, Salvador; GONZÁLEZ-BLANCO, Elena; HERNÁNDEZ, Laura; DE SISTO, Mirella (2022) – A bridge too far for artificial intelligence?: Automatic classification of stanzas in Spanish poetry. *Journal of the Association for Information Science and Technology*, 73(2), pp. 258-267. <https://doi.org/10.1002/asi.24532>.
- PRANCKUTĖ, Raminta (2021) – Web of Science (WoS) and Scopus: The Titans of Bibliographic Information in Today's Academic World. *Publications*, 9(12), pp.1-59. <https://doi.org/10.3390/publications9010012>.
- PRETORIUS, Jannie (2024) – Personal poetry therapy for depression by the chatbot and image creator. *Journal of Poetry Therapy*, pp. 1-6. <https://doi.org/10.1080/08893675.2024.2407498>.
- SANTARPIA, Alfonso (2024) – ChatGPT, the voice from elsewhere: a poetic and therapeutic dialog between human and artificial intelligence. *Journal of Poetry Therapy*, pp. 1-22. <https://doi.org/10.1080/08893675.2024.2409828>.
- ŚWIERCZYŃSKA-KACZOR, Urszula (2024) – Empirical insights into traditional and AI-enhanced interactive narratives based on children's fables. *Journal of Economics and Management (Poland)*, 46(1), pp. 25-54. <https://doi.org/10.22367/jem.2024.46.02>.
- YANG, Liu; WANG, Gang; WANG, Hongjun (2024) – Reimagining Literary Analysis: Utilizing Artificial Intelligence to Classify Modernist French Poetry. *Information*, 15(2), Article 70. <https://doi.org/10.3390/info15020070>.
- ZHENG, Xiang; XIONG, Jinghao; CAO, Xiaoming; NAZAROV, Yuri Vladimirovich (2022) – Impact of Artificial Intelligence on the Development of Art Projects: Opportunities and Limitations. *International Journal of Computer Science and Network Security*, 22(9), pp. 343-347. <https://doi.org/10.22937/ijcsns.2022.22.9.45>.
- ZHU, Mini; WANG, Gang; LI, Chaoping; WANG, Hongjun; ZHANG, Bin (2023) – Artificial Intelligence Classification Model for Modern Chinese Poetry in Education. *Sustainability*, 15(6), Article 5265. <https://doi.org/10.3390/su15065265>.

SOU

André Furtado, Prosa Poética
António Macedo, Ilustração

Uma vez perguntaram aos anjos que planavam sobre aqueles plátanos, afinal o que é Ser?

As nuvens, tímidas, harmoniosamente abriram-se como um leque.

— Talvez fortalecer o espírito! – De longe responderam os celestiais.

Emoldurar o peito levemente até às idiossincrasias da nossa criança interior.

É todo um processo.

É todo um simples-complexo, não adivinham.

Todos os dias alvoramos e acordamos pessoas diferentes, descortinando algo que ainda está por vir.

O Ser, pois, tem muito que saber.

Há truques para despertar a alma, como, por exemplo, arregaçar as mangas e imaginar o nosso corpo todo um mapa de arte. Esticar os braços, articular a mente, e as pernas de forma a bombear o propósito do coração.

Como quem voluptia um arco pelo seu tronco e esfericamente faz magia, dispo-me de camadas irreais e superficiais; Desenrolo-me em novelos de amor e lanço a dor ao infinito.

— Questionamos ainda, afinal, o que é Ser? Se me sou eu irreplicavelmente, mesmo sem querer saber!

E de tanto tentar, desisto de controlar.

— Ser, é ser livre. Tal e qual como um balão colorido flutuando pelo céu.

Sendo assim, simplesmente, Sou-me.

Sou, —

A reencarnação perfeita de um pássaro inocente

Com asas de dança

E, como mais ninguém,

Tenho em mim

Todos os sonhos do Mundo.



Ensaio de Prosa Poética
in Peça de Dança "SOU",
coordenada por Odete Rios

PRAIA NOVA

Filomena Silva, Texto
César Martiniano, Ilustração

Nesta janela virada ao mar não posso parar o tempo, mas o tempo me faz parar em pensamento, levando-me a sonhar.

Este silêncio entra em mim e entrelaça o som dos pássaros com a neblina que ameaça passar, pois o sol convidou para a tarde iluminar e o mar amansar.

Nas ondas me deixo embalar, na paisagem me perco, no areal me rebolo e o sol acabo por encontrar.

Memórias me abraçam e fazem de mim menina.

Meu amado mar me convida a relaxar e desfrutar. Redescubro coisas novas: o querer saber mais e mais; o fazer perguntas que nunca receberão respostas por não existir quem as saiba dar; o desejar transmitir as redescobertas a outros.

Olhando os castelos de algodão branco, que bem por cima de mim vão passando, concluo que o meio em que vivemos somos nós próprios que o fazemos.

Dentro de cada um de nós, existe a ânsia de encontrar uma Praia Nova onde resplandeça a bondade, onde cada um defenda a honra do seu semelhante tão prontamente como defende a sua.

Tenho a certeza de que todos sem exceção desejam viver numa Praia Nova iluminada pela paz, onde a mentira não existe por não fazer sentido, onde se está em segurança sem medo ou dor.

Todos anseiam por uma Praia Nova, onde amam a certeza do agora acima do conforto, do prazer ou do benefício próprio e onde a fé e o amor brilham como um sol.

Tem de partir de cada um de nós, aos poucos e poucos, com muita crença e empenho, mudar o meio em que vivemos e experimentar o que tanto desejamos e sonhamos.

Devemos partilhar tudo com amor! Ouvir o que os outros também têm para dizer e ensinar mesmo aqueles que possamos julgar mais incultos ou menos experientes.

Todos têm sempre algo para ensinar aos outros e deles receber em troca.

Há quem esteja em permanente fuga de responsabilidades de algo que muito assusta e aprisiona, para o qual não têm nem respostas, nem soluções.

No "Agora", não tenho certezas, mas sei quem sou.



TITO, O ENGENHEIRO DE CARRINHOS DE ARAME

Orlando Castro, Texto

Margaz, Ilustração

Já lá vai uma eternidade. Quase meio século. As chamadas Águas Quentes do Alto Hama, no planalto central de Angola, uma espécie rudimentar mas pura de termas, eram um dos locais habituais onde, por o horizonte saber a infinito, eu passava muitos fins-de-semana e, nos derradeiros tempos, as semanas do fim.

Das pessoas que frequentavam o local pouco recordo, para além de alguns amigos sonhadores que, no meio de umas churrascadas e de umas tantas grades de cucas, davam largas à imaginação.

No entanto, um morador nas redondezas foi, é e será sempre para mim sinónimo daquele local. Não existem Águas Quentes sem ele e, certamente para mim, sem ele aquele local nunca seria o mesmo. Era o Tito.

Um puto albino que estava sempre lá, calmo e sereno como antevendo que não valia a pena chatices. Sorria, falava pouco mas tinha um olhar tão vago e penetrante como o pôr-do-sol que milhões de pessoas consideram, como eu, o mais belo do mundo. Junto ao asfalto da estrada de Nova Lisboa (Huambo) para Luanda, o Tito montava o seu negócio.

Com carolos de milho, cápsulas de cerveja e uns pedaços de arame, construía os automóveis que vendia a todos quantos amassem verdadeiras obras-primas do artesanato. Apesar de serem diversos os modelos, uns mais desportivos outros mais de serviço, o Tito só fabricava uma marca: Toyota.

Nenhuma outra marca conseguiu cativar o Tito, aquele puto albino de olhar tão vago e penetrante como o pôr-do-sol.

Comprei-lhe vários modelos e, não fora o canibalismo daqueles que nunca tiveram a honra de conhecer o Tito, ainda hoje os poderia ter.

Penso que esses Toyotas do Tito estarão algures no fundo mar junto a Moçâmedes, local onde foram guardados para a eternidade os caixotes daqueles cujo único erro que cometeram foi amarem Angola.

No entanto, como hoje aqui comprovo, o Tito, aquele puto albino de olhar tão vago e penetrante como o pôr-do-sol, deixou no meu coração um dos seus últimos Toyotas.

Obrigado Tito.



CARTAS A UMA MÃE AUSENTE (II)

Kravchenko, Texto

A. fe, Ilustração



Sabes, Mãe?

Tenho saudades dos nossos serões
quando me lias ou contavas histórias
e me explicavas as fábulas.

Hoje chove!

Almocei com uma antologia de velhos contos.
Gil Vicente estava lá.

Às vezes rio das partidas que a vida nos prega.
Rio como Todo-o-Mundo,
choro como Ninguém.

Sabes por que não podemos permanecer sempre berço?

Eu penso que é por causa de Gil Vicente.

Se fôssemos sempre berço,
não nos encantava.

Não nos fazia rir ou chorar
com as trapalhadas dos diabos.

Mas há diabos, sim!

Tu dizias que há e eu acredito

— vou-os encontrando, aqui e ali, ao longo do dia.

Ontem encontrei um agarrado ao tecto.

Estava quase a adormecer quando ele chegou.

Enxotei-o.

Estava com sono

não queria ouvir

um espírito negro

com palavras de fogo.

É por isso que tenho saudade dos nossos serões
quando me lias ou contavas histórias
e mas explicavas para não recear a noite.

Agora, não tenho quem me explique
as histórias dos jasmins que me caem no sono
e lambiscam até de madrugada.

“BEM-TE-VI...”

Rui Guedes, Poema
Tomás Guedes, Ilustração

O melro que canta na minha janela
traz chama no bico.
O amarelo é a inquietude da ausência,
fogo-fátuo sem o timbre avermelhado
que completa a melodia.
Sombra de asa negra
espantada pelas janelas
que se abrem de par em par,
como se na manhã coubesse a culpa de todo o espanto.
Esvoaça quando sente erguer-me do leito,
sem par,
absorto do mundo
e da distância que leva para o percorrer
naquele breve agitar de asa.
Sou ave cativa,
tentada pela voz que guardo no peito
coberto pelo pardacento da plumagem.
Do parapeito
assisto ao infinito que agora começa,
e ao afoito que dele me arremessa,
ave saída do berço para o adejo inicial.



Bem-te-vi das alturas.
Julguei-me o vento que afasta o cabelo dos ombros,
que parece amparar a queda quando o fito é manter-te aí
[bem acima do mundo].
Ave de bico enegrecido,
viva
como o amarelo que te pinta o peito.
Intensa ao amanhecer.
Na copa da mais cerrada das árvores,
ou no alto da coluna de onde te ergues,
o ninho edificado em papel,
desviado antes de escrito sobre ele
um chilreio acabado poema
[bem acima do mundo].
Na calmaria dos bosques do Silêncio ou da Princesa,
na agitação da Paulista ou da Sumaré,
a certeza que é
livre sem espanto,
e o canto
trazido para o ninho feito de papel
não é poema roubado,
é somente trinado
ensaiado por nós.

O melro que canta na minha janela
esqueceu o seu espanto.
A sombra de asa negra consumiu a culpa
e agita-se quando me levanto.
Não estou só.
Sou melodia aberta de par em par,
arremessada contra os braços
que parecem amparar-me a queda,
mantendo-me aqui.
Em ti,
pele de canela e olhos de caju
com café da manhã.
Piar de pluma negra e amarelo vivo,
timbre que completa a melodia
[bem acima do mundo],
nas alturas,
na agitação de regressar ao ninho
no teu canto de pituã...

José Pedro Leite, Poema
Zulmiro de Carvalho, Ilustração



e havia mulheres imperecíveis
enganando o abismo podre do tempo
comungando cada filamento verde da memória
com matas na orla dos olhos e dos cabelos
e hibiscos de sombra e de esperma
e plantas de sementes desnudas
arranhando o solo

mulheres-tílias
fazendo da oquidão sua força secretíssima
mulheres-solenes e náuticas hospedarias de vento
com cargas nucleares intransponíveis
amarradas à dura proeminência das ancas
mulheres de grávidas águas
com frondosas casas saindo-lhes do mais íntimo das entranhas

havia mulheres murchas em sua véspera
e em seus condenados caminhos de pedras

havia mulheres ágeis
grandes felinos leves sob as mesas
mulheres misteriosas telepáticas
recolhidas intimamente ao desastre das estufas
entrançando coros de cestos enegrecidos
e refrões de angústias

havia mulheres de infatigáveis mãos
batendo e batendo a roupa e a cal
mulheres lacustres
feridas antigas
formadas por subterrâneas correntes
profundas
solitárias
uniformes
bordando ausências
visitadas por viajante nenhum

mulheres que envelheciam dobradas
mas
ainda assim
dignas sempre
e mais indómitas que a idade de deus

SEM TÍTULO

Nuno F. Silva, Poema
Lino Fernandes, Ilustração



O coração cavalga
a noite.

Ouve-se muito bem
daqui,

do lugar das mãos,
de onde te escrevo
este poema.

MENINO REI

Miguel Gomes, Poema
Norberto Valério, Fotografia

Acordo com o que recordo de ti,
petiz,
minha mão na tua,
ensino-te o que as letras falam
e o silêncio,
que a palavra diz.

Construo-te
no melhor de mim,
terras de rios diferentes
a fala das armas,
união das gentes,
possas tu nunca ousar
bramir minha palavra em vão,
enlamear nome
quem de seus passos faz chão.

Outras serras te escarparão
as arestas da valentia,
forja de espada na tua mão,
se não conhecesse o futuro,
eu mesmo à vida pediria
apresentado descalça a vida como fiança
para que pudesse eu
ver-te
sempre
criança.



Esgrimir o dia
aos inimigos que do nada nascem,
mas não foi, ainda, inventada poesia
para escrever vida
antes que vidas entre elas passem.

Sobe o solo ao encontro do Sol,
sombras adiantam-se ao escurecer
e anoitecem primeiro que a lua.
Esta espada, tal como minha vida, é sua.

Um dia – hoje não – te direi,
ao escorrer na história o último cansaço,
pego-te pela mão, meu pequeno rei
e à vida me faço,
seguindo pelas histórias o mesmo trilho,
tu chamar-me-às aio
sem nunca eu te poder chamar
filho...

COM POEMAS TUDO SE ACENDE

José Valle de Figueiredo, Poema

Tudo é composto de poemas,
do que muda e permanece,
tudo é composto de verso e reverso,
do que é vivo e falece.
Mas nem tudo o que é mudança
muda como acontece
quanto cresce e é criança.
Todo o mundo é composto de poesia,
ora se esconde e falece,
ora se vê e nos tece.
Com tudo se acende,
a palavra acesa no poema
faz-se à vida,
e vai além da vida.



ENTRE SILÊNCIO E CHAMA

在寂静与火焰之间

Daniel Faria, Poema
Sofia Minfen Zhang, Tradução
Dulce Barata Feyo, Ilustração



Poderia ter escrito a tremer de respirares tão longe
Ter escrito com o sangue.
Também poderia ter escrito as visões
Se os olhos divididos em partes não sobrassem
No vazio de cegueza
E luz.
Poderia ter escrito o que sei
Do futuro e de ti
E de ter visto no deserto
O silêncio, o fogo e o dilúvio.
E dormir cheio de sede e poderia
Escrever
O interior do repouso
E ser faúlha onde a morte vive
E a vida rompe.
E poderia ter escrito o meu nome no teu nome
Porque me alimento da tua boca
E na palavra me sustento em ti.

我本可以颤抖着写下你遥远的呼吸，
鲜血染红纸页。
我亦可以描绘幻象之境，
假如支离破碎的眼眸，
在黑暗与光明交织的虚空中，
依然还能看见。
我本可以写下我所知，
关于未来和你。
我本可以在荒漠中目睹，
寂静、火焰和洪流，
在干涸口渴中入眠。
我本可以书写，
安息的内心里，
成为死亡栖息
与生命绽放之火花。
我本可以将我的名字镌刻于你的名字中，
因你的红唇犹如烟霞，滋养着我。
请答应我，让我在你身上延续生命。

A poesia evoca a distância, o anseio e o ciclo eterno da vida. Mesmo diante do afastamento, da cegueira e da incerteza, os sentimentos mais profundos encontram na escrita o seu caminho, onde cada palavra é revelação e sustento para a alma.

O poeta tece uma reflexão íntima sobre respiração longínqua, o futuro incerto, as ilusões fugazes e a essência primordial da existência. Imagens contrastantes — a escuridão e a luz, a morte e a vida, o silêncio e a chama —

entrelaçam-se, espelhando a luta e a busca que habitam no íntimo. Revela-se no poema um apego intenso e um desejo profundo, onde o eu lírico, ao estabelecer uma ligação espiritual e vital com a pessoa amada, aspira a alcançar um repouso e uma existência eternos na fusão entre os dois.

Tradução e Comentário de SOFIA MINFEN ZHANG
Portuguese Department
School of European and Latin American Studies
Shanghai International Studies University

SÃO NÔMADAS

Zeferino Silva, Poema
Fernanda Araújo, Ilustração

São nômadas e param na meia encosta.
As bagas dos montes enfeitam-lhes os cabelos.

Olham-se
ouvem como respiram.

E a aurora dedos de rosa
vem ligeira pelos montes
e traz lençóis de linho limpo.

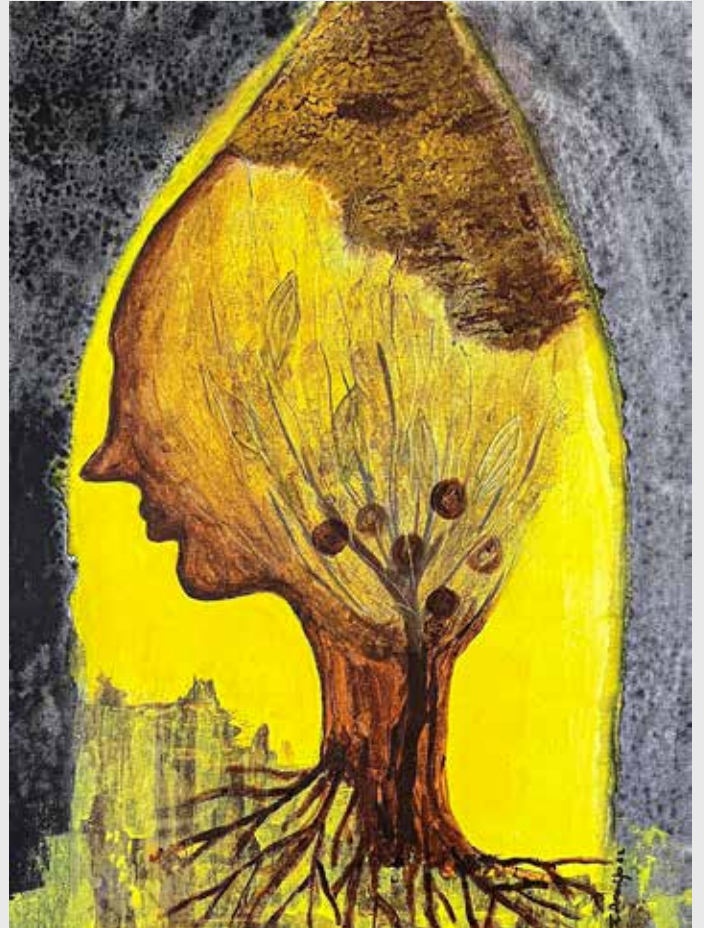
Luz esplêndida
a dos olhos da espera.

Vinham pelos cedros e pelo orvalho na cidreira,
erva-doce e hortelã-pimenta
e lembravam-se de quem cheirava àquela resina
a boca era hortelã fresca e frutos deliciosos
e música dos cânticos mais bonitos
corça morena a arfar na montanha alta por ventos propícios
e adormecia ao relento
até chegar a aurora do linho macio.

Um passinho mais e morro no teu corpo
montanha suave
mirra e aloés

metade do céu espera a aurora
a outra, cheia de sol.

Montanha linda.



LIVROS

Isabel Alves Pereira, Poema
Volker Schnuttgen, Ilustração

Livros fechados
Guardados
Tesouros escondidos dos olhos que os querem ler
Lanternas inquietas
Cansadas de esperar
Por momentos vagarosos de lazer

Enfim chegou a hora do resgate
De gozar o tesouro intemporal
Escritos exaustos do descanso
Em si fechados em repouso secular
E a minha alma pede ao tempo que me foge
Um momento
Para com tempo os abrir e consultar

Sinto espanto
Na descoberta das palavras que me oferecem
Nos títulos, nos autores, nas datas e editores que em si guardam
Nas mensagens gravadas no seu ventre de papel
Papiro ou pergaminho
Registo leve sem pedra nem cinzel

Rejúbilo ainda antes de os ler
Na expectativa da mensagem que transportam
Dos segredos que vão dar a conhecer
Luzes de alerta para caminhos por abrir
À descoberta de mundos diferentes
De outros tempos
De outras rotas
Estradas feitas de palavras conjugadas
estruturadas na vontade do escritor
Marcado pelo tempo em que viveu
Por aqueles que com ele partilharam
Momentos raros de júbilo e de rigor.



QUERO VIVER NO SOL DAS SEARAS

Tiago Sousa, Poema e Ilustração



quero viver no sol das searas,
caminhar no vento que passa por elas,
quero voar na saudade
atravessar o céu com cada estrela que cai
deambular com as sombras da floresta,
resistir ao impulso da escuridão
perceber a matemática da água
e a química do respirar nela
jogar com noite um poema,
rasgá-lo a seguir num trovão
lançá-lo num suspiro ao mar –
e acordar despido numa margem qualquer

CASA DA LUA FEITICEIRA

Maria Antónia Jardim, Poema
A. Sinai, Ilustração

A casa é minha e tua
Cheia de lua
Branca de luz

Truz truz
Eis as feiticeiras
Os perfumes das flores
Borboletas da luz

Casa da lua
Pérola crescente
Rosário de histórias
Recheadas de gente

OS DESENHOS DA NUDEZ

Luís Aguiar, Poema
Henrique Coelho, Ilustração

Para o artista plástico Henrique Silva

Escuta os desenhos que cingiam as veias,
escuta a candeia e a luz que indica a beleza
de um traço, a forma dos sentidos, o odor do sonho,
o anel da madrugada que alvorece o vazio do rosto,
a idade das fontes, os campos que ardem
apenas para iluminarem a noite ou o que resta dela.
Paris é agora um caminho cujas pupilas
absorvem os passos e a inquietude das pessoas.

Persigo a morte, bem sei que *As Três Cárites d'après Rafael*
são brisas que distinguem os anteriores gestos,
mas há um lume (talvez seja uma sombra) que descerra
a esperança, a nossa esperança, feita de sal, terra e espuma.

Em todos os momentos contemplei a paz,
as dunas abandonadas, Cerveira, as mulheres despidas,
os desenhos calmos que observavam,
veementemente, as minhas mãos a cingirem uma leve respiração.
Não desenhei mulheres nuas, eram as minhas mãos
que estavam despidas. Seria fácil recordar a ferida de um lápis,
a cor de uma tinta a desvanecer-se no iodo de uma lágrima,
a inesperada dor a recolher o que restava da carne,
o mar tranquilo, por ser maior, a restituir o sal das veias.
Adormeci nos vestidos mais amplos da vida,
ninguém me envolveu nos risos que vinham perturbar o sono.
A brancura dos cisnes sempre me fez questionar
sobre a beleza das mulheres, o seu canto, o seu sussurro,
o toque suave da pele onde todos os barcos vinham encalhar,
completo naufrágio, envelhecido, nos degraus do mar.

Não me assaltes o corpo, a curva do coração,
a seda dos que têm sede, as mãos que floriram pedras.

Não há um rumor que não esteja à solta, estas são as janelas
de um quadro, uma pintura manchada pelo azul do céu,
os diamantes que ficaram para trás e que são gestos incólumes,
barulhos que não se repetem, cheiros que já não ouço –
cinza de uma nuvem que desce até às asas dos pássaros,
os mesmos que bebem da minha mão a última água.
Há um aceno que perdura no sangue,
o olhar longínquo das minhas primas Marias, o voo de um rio,
a voz erguida de um pintor, apaziguado rigor nos meus dedos.
Talvez a névoa de um pincel dispense as janelas abertas,
já que a solidão não nos larga, nem a beleza dos crisântemos



espalhados, espelhados no ruído do vento.
 O sol sentou-se no átrio onde as crianças se vestem de outono.
 Estas são as mulheres que pariram o pão nas madrugadas sem luz.
 Talvez a presença do amor esteja nos esboços que crio,
 nas palavras que reconstroem o movimento da memória,
 nas lívidas ruas de Paredes, nas flores que crescem
 sem que compreendamos o seu ritmo,
 embora murmurem silêncios que herdaram das abelhas.
 Ainda sinto nos meus olhos a voz de Maria Helena Vieira da Silva,
 a *L'Inondation* sempre surpreendeu a verdade,
 visto que um óleo sobre tela não é mais do que uma ave ferida,
 antiga sombra na íris, que vasculha as rugas do rosto –
 velas escondidas que se erguem na *Kestner-Gesellschaft*, em Hannover,
 enquanto a música não chega até mim, com as suas raízes de metal.

Laranjas, romãs, figos, hortências e salmoura –
 perfume que não se esgota nos lábios puríssimos.
 O vento ruge sobre o ventre de uma mulher grávida.
 A sua pele rara, bordada com o linho dos deuses, é uma renda finíssima,
 é a derradeira divagação das searas,
 apenas obscurecida pelas foices do tempo e da memória.

O canto nubla os núbeis nus –
 terrível melodia, novíssimo timbre que arranca as lágrimas da melancolia.

É este o vidro que se afasta da luz?
 É esta a espessura do ar que tateia as paredes líquidas de um livro?
 É este o momento adequado para madruguar, com tinta-da-china,
 a sensualidade de um corpo feminino?
 É esta a derradeira nudez que fere a sombra e a luz?
 Em Paris, vi *Árpád Szenes* com uma matilha
 de pincéis na mão esquerda,
 as mulheres cresciam nos desenhos e nas pinturas,
 a nudez é uma espécie de transparência,
 um relevo de veios, delicados seios, brancos seios
 que principiam a beleza de um esboço.

Vi, então, o esforço de um arco, um rio sem água,
 uma ferida que fugia da luz, uma página que ganhou brilho
 por ser escrita com um lápis antigo.
 Vi nas salinas uma cor exangue, capaz de transformar
 a pintura francesa numa esmeralda pesada.
 Leio as sombras de um corpo, os vestígios dos lugares
 que ninguém visita, os limites do mundo,
 cujo rumor é o de uma fonte seca, que germinou
 árvores sem água – emissários secretos do amor.
 Vi mulheres abandonarem as veias
 e a desaparecerem nas telas brancas.
 Vi desenhos a ganharem carne, entre folhas castanhas
 e rubras-rosas manchadas pelo sangue.

Vi um corpo distendido, vi a casa desabitada,
 vi a minha mãe, Sofia,
 de joelhos vergados, a bordar o mar, ou seria um barco?
 Vi as janelas branquíssimas por terem desaguado nas vozes altas
 das mulheres antigas – mãe, avó, tias –,
 é este o tear que chora nas areias tingidas,
 iluminadas pelos límpidos nomes que reaprendi a pronunciar.

Vi, ainda, em Vila Nova de Cerveira,
 um pão amargo
 que serviu de alimento para todas as metáforas.

Quem se aproxima da noite?
 Quem contemplou a origem do mundo?
 Quem homenageou *Gustave Courbet*?

Há um nome em todos os lugares, um nome que principia
 uma água exausta na poesia. Um pintor também escreve.
 Nada nos é tão próximo como a linguagem,
 a sua intimidade é a presença de quem procura a brancura
 do regresso, das distâncias que vamos criando
 entre as casas e as ruas, ígneas ruas onde o sol se esconde.
 Um rebanho de malmequeres cresceu na voz das mulheres,
 cristal que se espraia pelos pomares
 e que arde na memória extensa.
 Ninguém me espera nas cicatrizes da noite,
 na silhueta da nudez,
 no peso das planícies que percorri – eu, apenas eu –,
 Henrique Silva, debruçado sobre os silvos que sangram,
 que se escapam do medo, que vasculham
 o peso de um beijo – ave iluminada pelo saber.
 As crianças adormeceram no colo das mães,
 íntimo amor, mulher desnudada pelos sorrisos apagados,
 semente humedecida, amanhecida no vulto em baixo-relevo.
 Ninguém! Ninguém poderia adivinhar que a última árvore
 é hoje um silêncio asseverado pela anciã sem idade.

PARTISTE SEM AVISAR. . .

Susana Nunes, Poema
Carlos Moura, Ilustração

Partiste sem avisar...
Engano meu,
em sonho, a despedida aconteceu,
só mais tarde é que percebi!
Uma mão agarra outra no meio do oceano
Duas mãos unidas
Uma luz brilhante ofusca,
Separam-se, progressivamente, afastando-se,
uma delas desaparece no horizonte divino.
A notícia chega, recuso aceitar,
O meu cérebro para e não decifra as palavras.
Nos dois dias seguintes, não sou eu,
mas a pessoa que querias que eu fosse.
No leito, uma mulher idosa repousa pacificamente
Apenas dormes e os teus olhos mantêm-se fechados.
Por momentos, deito-me junto a ti
A cama está gélida.
(Quando dormia ao teu lado,
a cama estava sempre cálida.
Éramos nós, numa divisão pequenina,
e os outros nos seus palácios reais)
A medo, toco o teu rosto.
A não vida chegou devagarinho durante a noite
e levou o teu calor.
Estás fria, branca e os teus olhos continuam fechados,
recusam-se a abrir. Mas eu preciso tanto do teu olhar!
Uma lágrima teima...
Não, não é a hora dos lamentos,
Não.
Comece a despedida como a desejas,
uma festa de partilha de histórias e de memórias.
A força que emanas, de um corpo inerte, é mil vezes superior à não vida
A tua beleza ilumina o coração
Não há dor
Fica o Amor e a Sabedoria.



SOZINHOS NO DESEJO

Hugo Vasconcelos, Poema

Celeste Ferreira, Ilustração



Pernoito na vaga deste silêncio noturno.
Os olhos cegos mal aconchegam a neblina que te cobre de enseadas de sal.
Estás tu e nós, nestas infinitudes de olhares perdidos,
De cheiros frescos,
De abraços que se entrecruzam no horizonte adormecido...
Talvez amanhã,
Num amanhã qualquer que há- de ser,
Tenhamos de correr.
Talvez iremos suspirar...
Pelo desejo
Desse beijo,
Que o mar há-de salgar...

SEM TÍTULO

Serafim Ferreira, Poema e Ilustração

Afinal...
ainda tivemos e...fez-me bem
a nossa última conversa.

Tu
estavas calmo e sereno,
sereno e...tranquilo
como sempre foi da tua intrínseca natureza.

Uma ponte a unir margens.

Já eu não.
Eu estava zangado, nervoso, inquieto, irritadiço
e...impulsivo.
Como sou e...sempre fui.

Por isso sorriste.

Sorriste quando eu,
irritado e...impulsivamente,
te questioneei o porquê
da tua partida a destempo.

E tu sorriste.

Uma ponte a unir margens.
O teu sorriso.



25 DE ABRIL, TUDO A COMEMORAR!

Bernardo Santos, Poema
Filomena Campos, Ilustração

A Revolução dos Cravos foi um levante militar
que pôs fim à longa ditadura do governo Salazar
e o 25 de abril de 1974 tornou-se popular
e a flor, na ponta da baioneta, veio a causar.
A retomada da democracia em Portugal
tem grande influência, ainda hoje, na sua cultura,
o que faz dela um marco legal
presente no cinema, televisão, música e literatura.
O cravo brigou com a rosa, sim!
ao som de “Grândola, Vila Morena”;
amistosamente a Guerra Colonial se fez pequena
e desfolhada em flor chegou ao fim.
Portugal de novo está em flor
para esta data relembrar.
Dia da Liberdade, do adeus e do amor
à sombra duma azinheira já pode descansar.
Aqui termina este poema
e não posso deixar de citar:
no Brasil, meu filho nasceu a 25 de abril,
sendo assim, também tenho muito a comemorar!



POEMA AO CUIDADOR

Ana Azélio, Poema e Ilustração

É na fragilidade
que te encontro!
É no teu olhar triste
que me vejo,
que vejo a tua alma!
Espreito o teu desassossego-
e inquieto-me!
Nessa inquietude, cresço!
reconheço na tua humanidade
a minha ignorância,
a minha fragilidade!
Sinto-me feliz
no teu honesto sorriso
e assim vivo,
assim floresço,
de ti cuido,
contigo vivo!
De ti recebo
muito mais do que dou!
A ti que me cuidas
Eterna Gratidão!



SÍMBOLOS HERÁLDICOS DE REBORDOSA

Fernando Leão, Poema
Miguel Neves Oliveira, Ilustração

O ramo de castanheiro bravo
Representa os castanheiros de Rebordões
Segundo documentos antigos
Na origem do topónimo em fracções

E a serra tão simbólica
Representa a nossa marcenaria
De uma grande importância
Na nossa vasta economia

A nossa roda dentada
Representa desenvolvimento e evolução
Na maior actividade em Rebordosa
Que dão ser à nossa população



REGULAMENTOS

PRÉMIO DE ARTES PLÁSTICA “HENRIQUE SILVA”

REGULAMENTO

1. A Câmara Municipal de Paredes com o objetivo de estimular e contribuir para o aparecimento de novas obras no domínio das artes plásticas, promove o Prémio de Artes Plásticas “Henrique Silva”.

2. O Prémio de Artes Plásticas “Henrique Silva” destina-se a distinguir obras inéditas e consistirá na atribuição, aos premiados, dos seguintes valores pecuniários:

1º Prémio: 1000 Euros;

2º Prémio: 500 Euros;

3º Prémio: 250 Euros.

3. O Júri poderá ainda atribuir dois diplomas de menção honrosa. Aos concorrentes, selecionados a concurso, será atribuído um diploma de participação.

4. Serão admitidas a concurso quaisquer obras no domínio das artes plásticas.

5. Os trabalhos a concurso, na fase de seleção, devem ser enviados para o e-mail cultura@cm-paredes.pt, até ao final do mês de maio do ano a que respeita o prémio, para apreciação.

5.1. Até ao final do mês de julho do ano a que respeita o prémio, os serviços da cultura informarão quais as obras selecionadas para o Prémio “Henrique Silva”.

5.2. As obras selecionadas deverão ser entregues até ao final do mês de setembro no local que os serviços da cultura indicarem. No ato da entrega, será preenchida obrigatoriamente a respetiva ficha de inscrição/ficha técnica, anexo 1 a este regulamento.

5.3. No momento da receção das obras será assinado, em duplicado, um auto de receção, anexo 2 a este regulamento, com o qual o autor deverá proceder ao

levantamento posterior das obras. A identificação do autor terá de ser efetuada apenas no verso da obra.

5.4. Cada artista poderá apresentar apenas 1 obra inédita.

5.5. A Câmara Municipal de Paredes não se responsabiliza pela não verificação da obra em fase de seleção pelo júri, caso a fotografia enviada não revele qualidade técnica desejada para o efeito.

6. As obras a concurso, devidamente assinadas e identificadas no verso, devem ser acompanhadas da ficha técnica referida no ponto 5.2.

7. As obras vencedoras serão publicadas na Revista Cultural do Município.

8. As obras selecionadas serão expostas, no ano a que respeita o prémio, num equipamento cultural do município, entre novembro a março do ano seguinte.

8.1. O Município de Paredes não se responsabiliza pela curadoria da exposição.

9. o júri, quer da fase de seleção, quer da fase final, será constituído pelos seguintes elementos: um representante da Câmara Municipal de Paredes, sem direito a voto, que presidirá, e três elementos de reconhecido mérito na área das artes plásticas.

10. As decisões do júri serão tomadas por unanimidade ou por maioria.

11. O prémio poderá não ser atribuído se o júri entender que as obras apresentadas não reúnem a qualidade exigida.

12. Os membros do júri e os elementos da Câmara Municipal responsáveis pela organização do concurso não poderão concorrer a este prémio.

5. Os textos concorrentes constituídos no mínimo de duas páginas e máximo de seis páginas, devem ser enviados para o e-mail da biblioteca municipal (biblioteca@cm-paredes.pt), apresentados em formato pdf, em A4, escritos em times new roman, tamanho 12, com espaçamento de 1,5 entre linhas, devidamente paginados, sendo obrigatoriamente assinados com pseudónimo.

5.1. No corpo do texto do email, o concorrente deverá, obrigatoriamente, indicar os seguintes dados: nome completo, nif, cartão de cidadão, contacto telefónico, residência, nacionalidade, nacionalidade, idade, profissão, pseudónimo e título.

5.2. Os concorrentes deverão, ainda, indicar no assunto do email a referência: prémio literário antónio mendes moreira.

6. Os textos deverão ser enviados até ao final do mês de setembro do ano respeitante ao prémio.

7. Os textos deverão ser preparados para apreciação do júri, que não terá em qualquer momento acesso aos dados pessoais do candidato, cabendo ao secretariado zelar pela manutenção do sigilo durante todo o processo de apreciação e avaliação dos trabalhos.

8. O júri responsável pela seleção dos textos a concurso será constituído pelos seguintes elementos: um representante da câmara municipal de paredes, sem direito a voto, que presidirá e três elementos de reconhecido mérito na área da literatura.

9. As decisões do júri serão tomadas por unanimidade ou por maioria.

13. A Câmara Municipal de Paredes dará conhecimento público das obras e dos artistas premiados, através dos canais de comunicação do município.

14. A Câmara Municipal de Paredes não garantirá a devolução das obras, caso estas não sejam levantadas nos 30 dias posteriores à data do término da exposição referida em 8., pelo que reverterão para o acervo do município.

14.1. O prémio será atribuído no momento da apresentação da Revista Cultural do Município, independentemente da divulgação anterior.

15. a organização não se responsabiliza por perdas, estragos, roubos e danos das obras ou por deterioração de obras frescas, nem por causas de força maior ou quaisquer outras, comprometendo-se, no entanto, a tratar, com o maior zelo e cuidado, as obras recebidas.

15.1. A Câmara Municipal de Paredes contratualizará um seguro para o efeito.

16. os artistas participantes autorizam a menção dos seus nomes e a reprodução fotográfica das suas obras para a promoção e divulgação.

17. os concorrentes, a partir do momento em que entregarem os seus trabalhos, obrigam-se aceitar as presentes normas.

18. Todos os casos omissos no presente regulamento serão apreciados e decididos pelo júri, não havendo lugar a recurso da decisão proferida.

Mais informações:

site: www.cm-paredes.pt

mail: cultura@cm-paredes.pt

tel. 255 788 800

PRÉMIO LITERÁRIO “ANTÓNIO MENDES MOREIRA”

REGULAMENTO

1. O prémio literário “António Mendes Moreira” é promovido pela Câmara Municipal de Paredes pretendendo contribuir e estimular a produção e divulgação literária junto da população em geral.

2. O prémio literário “António Mendes Moreira” destina-se a distinguir textos inéditos, a editar pelo município de paredes, na revista Orpheu Cultural de Paredes do ano seguinte e consistirá na atribuição dos seguintes prémios:

1º prémio: o valor pecuniário de 500 euros e publicação na revista cultural do município (impressa ou digital);

2º prémio: 250 euros e publicação na revista cultural do município (impressa ou digital);

3º prémio: 100 euros e publicação na revista cultural do município (impressa ou digital).

2.1. poderão, ainda, ser atribuídas 2 menções honrosas;

2.2. todos os concorrentes receberão um certificado de participação.

3. Nos textos a publicar deverá constar o título do prémio - “Prémio António Mendes Moreira”, o lugar de classificação, bem como o ano da sua atribuição.

4. Os textos concorrentes têm de ser inéditos, escritos em língua portuguesa ou de qualquer país da lusofonia, respeitando a temática previamente proposta para o efeito.

10. O prémio poderá não ser atribuído se o júri entender que as obras apresentadas não reúnem a qualidade exigida.

11. Os membros do júri e os elementos da câmara municipal de paredes responsáveis pela organização do concurso não poderão concorrer a este prémio.

12. A Câmara Municipal de Paredes dará conhecimento público da obra e autor premiados nos canais do município destinados para o efeito.

13. A divulgação dos vencedores e a atribuição dos respetivos prémios acontecerá num evento a realizar pelo município, convocando para o efeito todos os participantes;

13.1. os concorrentes que faltarem ao evento serão informados por email do resultado do concurso.

14. Os concorrentes serão desclassificados, caso não mencionem todos os dados solicitados, nem respeitem o tema e características formais do texto.

15. Todos os casos omissos no presente regulamento serão apreciados e decididos pelo júri, não havendo lugar a recurso da decisão proferida.

Mais informações:

site: www.cm-paredes.pt

mail: biblioteca@cm-paredes.pt

tel. 255 788 800

**Temática para 2025:
“Os Amores de Camilo
Castelo Branco”**



Instalação de **Acácio Viegas**
Vencedor do Prémio de
Artes Plásticas "Henrique Silva"